



Terence
McKenna

ALUCINAÇÕES REAIS

Uma viagem cósmica
inspirada pelo uso
das plantas de poder



NOVA
ERA



ALUCINAÇÕES REAIS

Uma viagem ao universo
xamânico que revela a
sabedoria ancestral das plantas
de poder.

No coração da selva amazônica,
um grupo de cientistas
norte-americanos inicia uma
série de experiências com
vegetais expansores da
consciência. Projetados numa
dimensão paralela, descobrem
um novo paradigma cósmico
capaz de revolucionar a
estrutura do conhecimento
científico contemporâneo e
abrir o portal para o retorno da
humanidade ao paraíso perdido.

Outras obras sobre xamanismo publicadas pela Nova Era/Record:

- O GUIA DA FLORESTA — Alex Polari de Alverga
SONHOS LÚCIDOS — Florinda Donner
A DANÇA CÔSMICA DAS FEITICEIRAS — Starhawk
CONVERSANDO COM CARLOS CASTANEDA — Carmina Fort
A ERVA DO DIABO — Carlos Castaneda
UMA ESTRANHA REALIDADE — Carlos Castaneda
VIAGEM A IXTLAN — Carlos Castaneda
PORTA PARA O INFINITO — Carlos Castaneda
O PODER DO SILÊNCIO — Carlos Castaneda
O FOGO INTERIOR — Carlos Castaneda
O PRESENTE DA ÁGUIA — Carlos Castaneda
O SEGUNDO CÍRCULO DO PODER — Carlos Castaneda
A ARTE DO SONHAR — Carlos Castaneda



NOVA
ERA

Terence McKenna
**ALUCINAÇÕES
REAIS**

Uma viagem cósmica
inspirada pelo uso
das plantas de poder

Tradução de
ALVES CALADO



EDITORA RECORD



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M429a McKenna, Terence
Alucinações reais : uma viagem cósmica inspirada
pelo uso das plantas de poder / Terence McKenna;
tradução Alves Calado. — Rio de Janeiro : Record,
1993.

(Nova Era)

Tradução de: True hallucinations
Bibliografia.

1. McKenna, Terence. 2. Índios da Amazônia —
Colômbia — Religião e mitologia. 3. Alucinógenos e
experiência religiosa. 4. Xamanismo. I. Título.

CDD — 299.8
291.62

93-1364

CDU — 299.8

Título original norte-americano
TRUE HALLUCINATIONS

Copyright © 1993 by Terence McKenna
Publicado mediante acordo com Harper San Francisco, uma divisão de
HarperCollins Publishers, Inc.

Ilustração de capa: Isabela Hartz

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina, 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-04085-1

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

*Para Dennis McKenna, que percebeu que
"um ponto dado na hora certa economiza nove".*



SUMÁRIO

Prefácio	11
Capítulo 1: O Chamado do Segredo	15
<i>Onde nossos personagens, inclusive um cogumelo, são apresentados e são esboçados seus interesses peculiares. A selva amazônica é invocada e empreende-se a descida de um de seus rios.</i>	
Capítulo 2: No Paraíso do Diabo	29
<i>Onde Solo Dark e Ev são apresentados e é delineada a história pregressa de cada um dos integrantes de nosso grupo. Meditações filosóficas durante a lânguida descida do rio Putumayo.</i>	
Capítulo 3: Seguindo uma Trilha Fantasmagórica	45
<i>Onde encontramos um antropólogo excêntrico e sua esposa, separamo-nos de Solo Dark e vamos para nosso destino na Missão de La Chorrera.</i>	

Capítulo 4: Acampados num Portal	57
<i>Onde passamos a conhecer os cogumelos e os xamãs de La Chorrera.</i>	
Capítulo 5: Um Choque com o Outro	66
<i>Onde nos mudamos para uma casa nova e Dennis tem uma estranha experiência que divide nosso grupo.</i>	
Capítulo 6: Interlúdio em Kathmandu	75
<i>Onde um retrospecto aos excessos tântricos no âmago da Ásia hippie ilumina as estranhas experiências com cogumelos em La Chorrera.</i>	
Capítulo 7: Um Psicofluido Violeta	86
<i>Onde Dennis começa a delinear sua abordagem à Obra Alquímica e debatemos sobre um psicofluido que pode ou não ser questão translingüística.</i>	
Capítulo 8: A Obra Clarificada	101
<i>Onde Dennis revela sua estratégia para iniciar a Grande Obra.</i>	
Capítulo 9: Uma Longa Conversa	108
<i>Onde são levantados os detalhes sobre como resgatar o Corpo Ressurreto, e é realizado um teste parcial de nossa teoria.</i>	
Capítulo 10: Mais Coisas a Respeito da Obra	119
<i>Onde refinamos a teoria e iniciamos os preparativos para vôos experimentais do Aexólito Sófico.</i>	

Capítulo 11: A Experiência em La Chorrera	127
<i>Onde a experiência é tentada e os irmãos McKenna ficam loucos com o resultado inesperado.</i>	
Capítulo 12: No Vórtice	142
<i>Onde descobrimos que o Universo é mais estranho do que podemos supor, Dennis realiza uma jornada xamânica e nosso grupo é polarizado e dividido.</i>	
Capítulo 13: Brincando nos Campos do Senhor	151
<i>Onde Dennis e eu exploramos os conteúdos de nossas ilusões e iluminações mútuas.</i>	
Capítulo 14: Olhando para Trás	162
<i>Onde vários milagres são narrados, e o menor deles não é o aparecimento de James e Nora Joyce disfarçados de frangos.</i>	
Capítulo 15: Um Prato Cheio de Segredos	179
<i>Onde planejamos nossa partida, eu encontro um disco voador, e teorias brotam como cogumelos enquanto voltamos a Berkeley.</i>	
Capítulo 16: A Volta	195
<i>Onde Ev e eu retornamos sós a La Chorrera e um novo cometa vem em direção à Terra.</i>	
Capítulo 17: Valsando o Enigma	208
<i>Onde faço um retrospecto do meu quase-recrutamento por um bando de cientistas nazistas renegados enquanto visitava Timor.</i>	

Capítulo 18: Diga o Que Isso Significa?	224
<i>Onde tento ligar nossas experiências à ciência que é qualquer coisa, menos normal.</i>	
Capítulo 19: A Chegada do Strofariada	238
<i>Onde Ev e eu nos separamos e o cogumelo faz um discurso enquanto se transforma numa indústria de crescimento subterrâneo.</i>	
Capítulo 20: A Conexão Havaiana	249
<i>Onde piratas louva-deuses do hiperespaço me atacam e à minha nova amante na aridez vulcânica de Kau, no Havaí, e pronuncio minhas últimas palavras sobre o Indizível.</i>	
Epílogo	259
<i>Onde retorno ao presente, apresento meus companheiros exploradores como são hoje em dia e me ajoelho diante da estranheza de tudo.</i>	
Agradecimentos	264
Outras Leituras	265

PREFÁCIO

EM ALGUM MOMENTO, NO INÍCIO dos anos oitenta, descobri numa visita ao Esalen Institute — onde fora convidado a participar de uma conferência sobre xamanismo — que minha inata habilidade irlandesa de falar aos borbotões havia sido potencializada por anos de uso de cogumelos contendo psilocibina. Além da minha devoção à psilocibina e à experiência em La Chorrera, que é objeto deste livro, eu aparentemente me transformara numa espécie de porta-voz para o Logos encarnado. Podia falar a pequenos grupos de pessoas, com o que parecia ser um efeito eletrizante, sobre as questões peculiarmente transcendentais que você lerá nestas páginas.

Esses desempenhos verbais me pareciam bastante mundanos enquanto ocorriam, mas ouvindo as fitas gravadas pude perceber a fonte do fascínio das outras pessoas. Era como se minha personalidade comum e bastante monótona fosse simplesmente desligada, e falando através de mim houvesse uma voz, firme, sem hesitações e articulada — uma voz buscando informar as pessoas sobre a força e a promessa das dimensões psicodélicas.

Dúzias — agora talvez quase uma centena — de minhas conversas e palestras foram gravadas, distribuídas, algumas vezes pirateadas, passadas entre amigos e transmitidas por pequenas

estações de rádio *underground*. Comecei a ganhar dinheiro como palestrante e professor em vários *spas* e centros de crescimento. Fui descoberto pelo notório Roy of Hollywood, cujo programa de rádio tarde da noite me transformou num míni-astro *underground*, pelo menos entre os insones de Los Angeles. Meramente falando sobre os eventos de La Chorrera eu tinha me tornado uma pequena celebridade.

Finalmente rumores sobre meu *status* de falador e de figura do *underground* da costa oeste chegaram até as grandes caixas de vidro da Quinta Avenida, na própria Gotham. Editores que, eu imaginava, nunca me dariam uma audiência estavam subitamente interessados em meu trabalho. Vamos esperar que, enquanto você lê este texto, meus livros — este e outros que vieram antes — estejam espalhando essas idéias estranhas e tornando minha vida confortável e fazendo ricas outras pessoas.

Há um estranho paradoxo nisso tudo: agora minhas idéias estão na arena pública e acontece um plebiscito informal a respeito delas. Caso se espalhem, se tornem populares e funcionem como um catalisador para a mudança social, talvez seja mantida a esperança de que elas tenham um destino especial. Se, por outro lado, elas tiverem seu momento ao sol e em seguida desaparecerem da vista do público, meu trabalho e meu ponto de vista terão sido julgados como apenas mais uma faceta de nossa cultura surreal e infectada de paranóia. Não tenho idéia de onde tudo isso vai dar. Certamente, com vários livros no mercado, não posso dizer que não tive uma boa audiência, aparentemente é o público que irá decidir se esse fenômeno já deu o que tinha de dar ou se apenas está começando a se fazer sentir.

Menciono tudo isso não para informar ao leitor sobre os detalhes menos do que interessantes de meu esforço pessoal para alimentar uma família, mas porque minha carreira é agora a única e a melhor evidência de que algo extraordinário realmente aconteceu em La Chorrera. Pois os loquazes cogumelos lá encontrados teceram um mito e lançaram uma profecia, com detalhes específi-

cos, sobre uma mudança de consciência global visando a salvação do planeta. Eles prometeram tudo que aconteceu em minha vida nos últimos vinte anos, e prometeram muito mais para o futuro. Se você continuar lendo, irá se tornar parte desta história. *Caveat lector.*



Capítulo 1

O CHAMADO DO SEGREDO

Onde nossos personagens, inclusive um cogumelo, são apresentados e são esboçados seus interesses peculiares. A selva amazônica é invocada e empreende-se a descida de um de seus rios.

DURANTE MILHARES DE ANOS AS visões provocadas pelos cogumelos alucinógenos têm sido buscadas e reverenciadas como um verdadeiro mistério religioso. Boa parte de meus pensamentos, nos últimos vinte anos ou mais, foram dedicados à descrição e à contemplação desse mistério. Muito bem guardado pelos Anjos caoticamente adornados — “Todo anjo é terrível”, escreveu Rilke, e ao mesmo tempo sagrado e profano —, o cogumelo surgiu em minha vida do mesmo modo como poderá surgir em algum ponto futuro na história da humanidade. Escolhi a abordagem literária para contar esta história. Um mistério vivo pode assumir qualquer forma — é senhor do local e do espaço, do tempo e do espírito. No entanto a busca de uma forma simples para transmitir esse mistério

levou-me a seguir a tradição: escrever uma narrativa cronológica de uma história que é ao mesmo tempo verdadeira e extraordinariamente exótica.

No início de fevereiro de 1971 eu atravessava o sul da Colômbia, com meu irmão e alguns amigos, a caminho de uma expedição à Amazônia colombiana. Nossa rota nos fez cruzar Florência, capital do Departamento de Caquetá. Ali paramos alguns dias esperando um avião que nos levasse ao ponto de embarque no Putumayo, um rio cujo enorme curso serve de fronteira entre a Colômbia e seus dois vizinhos ao sul, Equador e Peru.

O dia em que deveríamos partir estava especialmente caloroso, e saímos do ambiente opressivo de nosso hotel junto ao mercado central e à rodoviária. Caminhamos na direção sudoeste, saindo da cidade, por cerca de um quilômetro e meio. Ali estavam as águas quentes do rio Hacha, visíveis além das pastagens de capim alto. Depois de nadar no rio, explorando os poços profundos que a torrente cálida escavara no leito negro de basalto, voltamos pelas mesmas pastagens. Alguém mais familiar do que eu com a aparência do cogumelo *Stropharia cubensis* apontou um espécime grande, erguendo-se alto e solitário num velho bolo de esterco de vaca. Impulsivamente, e seguindo a sugestão de meus companheiros, comi-o inteiro. Isso demorou apenas um instante, e logo pusemos nos a caminho, cansados depois de tanto nadar. Ao mesmo tempo uma tempestade tropical vinha em nossa direção, ao longo da borda oriental da Cordilheira dos Andes, onde está localizada Florencia.

Andamos cerca de quinze minutos, a maior parte do tempo em silêncio. Cansado, deixei a cabeça pender, quase hipnotizado pela visão do movimento regular de minhas botas atravessando o capim. Para ajeitar as costas e afastar a letargia, parei e me espreguicei, percorrendo com os olhos o horizonte. O sentimento de grandeza do céu, que passei a associar à psilocibina, baixou sobre mim pela primeira vez. Pedi que meus amigos fizessem uma pausa e me sentei pesadamente no chão. Um trovão silencioso pareceu sacudir o ar à minha frente. As coisas assumiam uma nova presença e um

novo significado. A sensação veio como uma onda e passou como uma onda, enquanto a primeira fúria da tempestade tropical se precipitava sobre nós, deixando-nos ensopados. O sentimento onírico da interseção do dia tropical com alguma outra dimensão ou escala de ser durou apenas alguns minutos. Indefinível, porém forte, era diferente de qualquer sensação que eu pudesse recordar.

Enquanto fugíamos completamente ensopados, não mencionei o estranho momento de vislumbre que precedeu nosso retorno frenético. Reconheci que a experiência fora induzida pelo cogumelo, mas não quis que os pensamentos sobre ela me distraíssem, já que estávamos à procura de coisa maior. Eu imaginava que estivéssemos empenhados na busca, nas profundezas da selva, de um tipo diferente de alucinógeno: drogas contendo dimetiltriptamina (ou DMT) oralmente ativo, e a mistura psicodélica chamada de *ayahuasca*. Plantas há muito associadas com capacidades telepáticas e feitos paranormais. No entanto seus padrões de uso, que eram exclusivos das selvas amazônicas, ainda não haviam sido totalmente estudados.

Ao me recuperar, descartei a experiência com o cogumelo como coisa para ser examinada em outra ocasião. Moradores antigos da Colômbia me asseguraram que o *Stropharia* de matiz dourado ocorria exclusivamente no esterco de gado zebu, e presumi que nas selvas do interior — onde estaria em breve — não iria encontrar gado ou pastagens. Afastando da mente o pensamento sobre cogumelos, preparei-me para os rigores da descida pelo rio Putumayo em direção ao nosso destino: uma missão distante chamada La Chorrera.

Por que um bando de ciganos como o nosso viria à selva úmida da Amazônia colombiana? Éramos um grupo de cinco, unidos por amizade, imaginação extravagante, ingenuidade e dedicação às viagens e às experiências exóticas. Ev, nossa tradutora e minha amante recente, era o único membro do grupo que não conhecia os outros há muito tempo. Era americana, como o resto de nós. Vivera vários anos na América do Sul e viajara para o oriente (onde

encontrei-a uma vez no aeroporto de Kathmandu num momento de grande dificuldade para nós dois — mas isso é outra história). Tinha acabado de se libertar de um longo relacionamento.

Assim que ficara sozinha, e não tendo nada melhor a fazer, reuniu-se ao nosso grupo. Ela e eu estávamos juntos há menos de três semanas quando chegamos a La Chorrera. Os outros três membros do grupo eram meu irmão Dennis, o mais jovem e menos viajado, estudante de botânica e companheiro de idéias de longa data; Vanessa, uma velha amiga do Experimental College em Berkeley, formada em antropologia e fotografia, e viajando por conta própria; e Dave, outro velho amigo, meditador *gay*, ceramista, bordador de *jeans* e, como Vanessa, nova-iorquino.

Quatro meses antes de nossa descida ao submundo aquático do baixo Putumayo meu irmão e eu tínhamos passado pelo sofrimento da morte de nossa mãe. Antes disso eu estivera viajando durante três anos pela Índia e Indonésia. Trabalhara como professor de inglês em Tóquio e, quando não pude suportar mais, voei para o Canadá. Em Vancouver nosso grupo teve um encontro e planejou essa expedição amazônica para investigar as profundezas da experiência psicodélica.

Deliberadamente não digo muito a respeito de nenhum de nós. Talvez tivéssemos uma formação equivocada, mas éramos certamente bem-informados. Nenhum de nós ainda chegara aos 25 anos. Tínhamos sido reunidos pela agitação política que caracterizara os anos que passamos em Berkeley. Éramos refugiados de uma sociedade envenenada por seu próprio ódio e contradições internas. Havíamos examinado as opções ideológicas, e decidimos apostar todas as fichas na experiência psicodélica como sendo o caminho mais curto para o milênio que nossos políticos tinham-nos convencido a esperar. Não fazíamos idéia do que esperar da Amazônia, mas havíamos coletado o maior número de informações etnobotânicas disponíveis. Esses dados nos mostraram onde poderiam ser encontrados os vários alucinógenos, mas não o que esperar quando os encontrássemos.

Tenho dedicado algum tempo a lembrar o quanto podíamos estar predispostos às experiências pelas quais terminamos por passar. Com frequência nossas interpretações sobre os eventos não concordavam, como é comum entre personalidades fortes ou testemunhas de um evento incomum. Éramos pessoas complexas, ou não estaríamos fazendo o que fazíamos. Até mesmo aos 24 anos eu podia olhar para trás e ver praticamente dez anos de envolvimento com temas que a maioria das pessoas poderia considerar limítrofes ao extremo. Meu interesse em drogas, magia e nas questões mais obscuras da história natural e da teologia deram-me o perfil de um excêntrico príncipe florentino, ao invés do de um garoto crescendo no coração dos Estados Unidos no final dos anos cinqüenta. E Dennis compartilhara todas essas preocupações, para desespero de nossos pais convencionais e labutadores. Por algum motivo éramos esquisitos desde o início, escolhidos pela sorte para um destino estranho demais para ser imaginado.

Descubro numa carta, escrita onze meses antes de nossa expedição, que Dennis era, mesmo àquela época, a pessoa com a concepção mais clara. Em 1970 ele escreveu para mim, em Taiwan, dizendo:

Quanto à busca xamânica fundamental e à idéia de que sua solução pode implicar na morte física — um pensamento capaz de deixar qualquer um sóbrio — fico interessado em saber como você considera essa possibilidade e por quê. Eu não tinha pensado nessa experiência em termos de morte, se bem que tenho considerado que ela pode nos dar, como homens vivos, acesso voluntário à porta pela qual os mortos passam diariamente. Considero isso como uma espécie de projeção astral hiperespacial que permite ao hiperórgão, a consciência, manifestar-se instantaneamente em qualquer ponto da matriz espaço-temporal; ou simultaneamente em todos os pontos.

As cartas que me mandava deixavam claro que sua imaginação não sofrera nenhuma atrofia enquanto ele terminava o ginásio na pequena cidade do Colorado onde ambos crescemos. Uma dieta constante de ficção científica tornara sua imaginação uma coisa

linda de se ver. Mas fiquei pensando: será que ele estava falando sério?

Um OVNI é essencialmente um vórtice psíquico que se move no hiperespaço, e a viagem pode muito bem acarretar contato com alguma raça de habitantes do hiperespaço. Provavelmente será um encontro semelhante a uma "lição de voo": um treinamento no uso da pedra transdimensional, em como navegar no hiperespaço, e talvez num curso introdutório sobre como cuidar da Ecologia Cósmica.

Como eu, ele estava lutando para explicar as paisagens psíquicas assombradas por elfos e reveladas pela dimetiltriptamina, ou DMT. Assim que encontramos a DMT, na atmosfera cerebral e surreal de Berkeley em pleno auge do Verão do Amor, ela tornou-se o mistério primário; e a ferramenta mais eficiente para dar continuidade à busca.

Parece que a retenção da forma física sob tais circunstâncias seria mais uma questão de escolha do que de necessidade; se bem que possa ser questão de indiferença, já que na teia hiperespacial todas as manifestações físicas existentes estariam em aberto. Eu diria que o tempo não faz parte da essência da busca, a não ser no aspecto de que as mortes culturais das tribos que estamos procurando vão ocorrendo num ritmo assustador.

Não apenas nossas fantasias coloridas estavam centradas nos alucinógenos do tipo DMT. Nossa abordagem operacional à descoberta dos segredos da dimensão alucinógena também se centrava neles. Isso porque, dos compostos psicoativos que conhecíamos, a ação dos alucinógenos contendo DMT, apesar de muito breve, parecia a mais intensa. A DMT não é objeto de experiência comum, nem mesmo entre os psiconautas do espaço interior, de modo que devem ser ditas algumas palavras a respeito. Em sua forma sintética pura, ela é uma pasta ou um pó cristalino e deve ser fumada num cachimbo de vidro sem qualquer mistura. Depois de algumas inalações a experiência começa rapidamente, dentro de quinze segundos a um minuto. A experiência alucinógena que ela dispara

dura de três a sete minutos e é, sem qualquer ambigüidade, intensa. É tão exótica e intensa que até mesmo os aficionados mais devotos geralmente a ignoram. Entretanto, dentre os alucinógenos de origem natural, é o mais comum e de ocorrência mais ampla. E é a base, quando não o componente total, da maioria dos alucinógenos usados pelos aborígenes tropicais da América do Sul. Na natureza, como produto do metabolismo de plantas, ela jamais aparece nas concentrações que se consegue em laboratório. Entretanto, os xamãs da América do Sul, predispondo-se quimicamente de vários modos aos seus efeitos, alcançam de fato os mesmos níveis de obliteração da realidade que se consegue com a DMT pura. Sua estranheza e seu poder ultrapassam tanto os outros alucinógenos que a dimetiltriptamina e seus parentes químicos pareciam definir, pelo menos para o nosso pequeno círculo, a esfoliação máxima — o desdobramento mais radical e inflorescente — da dimensão alucinógena que pode ocorrer sem sérios riscos à integridade psíquica e física.

Achávamos, portanto, que nossa descrição fenomenológica da dimensão alucinógena deveria começar com a localização de um forte alucinógeno aborígene contendo DMT, e em seguida explorar de mente aberta os estados xamânicos que ele tornasse acessíveis. Com esse objetivo havíamos vasculhado a literatura sobre drogas triptamínicas na bacia do Alto Amazonas e descoberto que o *ayahuasca* ou *yagé* — infusão do *Banisteriopsis caapi* com misturas contendo DMT — é conhecido numa ampla área,* assim como vários tipos de pós para aspirar contendo DMT, mas havia um

**Ayahuasca* é um termo de uso geral em toda a bacia do Alto Amazonas. Refere-se não somente à bebida alucinógena preparada mas também ao seu ingrediente principal, o cipó *Banisteriopsis caapi*. Esse cipó da selva, freqüentemente gigantesco, é pulverizado e fervido junto com uma planta contendo DMT, geralmente a *Psychotria viridis*, e ocasionalmente a *Diploteris cabrerena*. A infusão resultante é concentrada através de mais fervura. O *ayahuasca*, também chamado de *natema*, *yagé* ou *pildé*, é o mais amplamente distribuído e usado dentre os alucinógenos xamânicos do Novo Mundo equatorial.

alucinógeno à base de DMT que tinha seu uso severamente restringido.

O *oo-koo-hé* é feito da resina de certas árvores de *Virola*, gênero miristicácea, misturada com cinzas de outras plantas e enroladas em bolinhas para serem engolidas. O que chamava a atenção no relato do preparo desta planta visionária era que a tribo witoto do Alto Amazonas, a única a conhecer o segredo da preparação, costumava falar de “homenzinhos”, e de aprender coisas com eles.

Esses pequeninos são uma ponte entre os temas do contato alienígena e os feitos estranhos mais tradicionais dos elfos e fadas das florestas. A tradição dos povos pequeninos, encontrada em todo o mundo, é bem estudada em *The Fairy Faith In Celtic Countries*, de W. E. Evans-Wentz, estudo pioneiro sobre o folclore celta e que teve influência no trabalho do pesquisador de OVNI Jacques Vallee, assim como no nosso. A menção aos homenzinhos chamou nossa atenção, já que durante minhas experiências em Berkeley, fumando DMT sintetizado, eu tinha a impressão de saltar para um espaço habitado por criaturas-máquinas élficas e autotransformadoras. Dúzias dessas amigáveis entidades fractais, parecendo ovos Fabergé que se desdobravam e ricocheteavam, haviam me rodeado, tentando explicar a linguagem perdida da verdadeira poesia. Pareciam tagarelar numa forma visível e pentadimensional de Nostrático Extático, a julgar pelo impacto emocional daquela garrulice de gnomos. Rios de significados derretidos, com suas superfícies espelhadas, fluíam gorgolejando ao meu redor. Isso aconteceu várias vezes.

Foi a transformação da linguagem que tornou essas experiências tão memoráveis e peculiares. Sob a influência da DMT a linguagem era transmutada de uma coisa ouvida para uma coisa vista. A sintaxe tornava-se, sem nenhuma ambigüidade, visível. Na busca de paralelos a esta noção sou forçado a recordar a maravilhosa cena na versão de Disney de *Alice no País das Maravilhas*, quando Alice encontra a lagarta que fuma um narguilé sentada sobre um cogumelo. “Quem É vo C? (Who R U?)”, pergunta a lagarta,

soletrando sua pergunta em fumaça acima da cabeça. Sempre houve uma suspeita de sofisticação psicodélica associada a Lewis Carroll e sua história do século XIX sobre um país das maravilhas autotransformante. Nas mãos dos animadores de Disney a fusão sinestésica da percepção sensorial é exagerada e deixada explícita e literal. O que a lagarta pretende comunicar não é ouvido, e sim visto, flutuando no espaço; uma linguagem visível cujo meio é a fumaça que a lagarta possui em abundância.*

O que não significa dizer que a DMT deva ser vista como um estímulo para meros desenhos animados interiores. Não é. A sensação que irradia do contato com a DMT é estranha a ponto de arrepiar os cabelos. É o máximo que pode ser suportado sem que as categorias da consciência sejam permanentemente reescritas. Ocasionalmente me perguntam se a DMT é perigosa. A resposta adequada é que ela só é perigosa se você se sente ameaçado pela possibilidade de morrer de espanto. É tão grande a onda de assombro que acompanha a dissolução das fronteiras entre nosso mundo e esse outro *continuum* insuspeitado, que ela própria chega a ser uma espécie de êxtase.

O sentimento de entrar literalmente em outra dimensão, que essas experiências indubitavelmente estranhas provocavam, estava no foco de nossa decisão de nos concentrarmos nos alucinógenos triptamínicos. Depois de esquadrihar a literatura sobre triptaminas psicoativas, chegamos finalmente ao trabalho do pioneiro etnobotânico Richard Evans Schultes. A posição destacada de Schultes

*O fato de um filme de Disney ser vitrine desta noção não é tão surpreendente quanto possa parecer à primeira vista. Basta lembrar as danças cuidadosamente coreografadas dos cogumelos orientais em *Fantasia*, para imaginar se parte do grupo de Disney não poderia ter sido xamanicamente inspirado. Afinal de contas, *Fantasia* representou um esforço sério e ambicioso de tornar a sinestesia um motivo de diversão popular. E há rumores de que a mescalina e a experiência psicodélica eram do conhecimento de muitos dos animadores europeus que Disney contratou para seus projetos extravagantes. Entre os animadores tchecos que entraram para o grupo de Disney durante esse período havia alguns que provavelmente sabiam do poder que o *peyote* e seu constituinte químico, a mescalina, têm de produzir visões.

como professor de botânica em Harvard tinha-lhe permitido dedicar a vida a coletar e catalogar as plantas psicoativas de todo o mundo. Seu ensaio "Virola as an Orally Administered Hallucinogen" foi um marco em nossa busca. Ficamos fascinados por sua descrição do uso da resina da *Virola theiodora* como uma droga com DMT oralmente ativo, bem como pelo fato daquele alucinógeno parecer ter seu uso limitado a uma área muito pequena. Schultes foi uma voz inspiradora quando escreveu sobre o alucinógeno *oo-koo-hé*:

Outros trabalhos de campo na região onde vivem esses índios serão necessários para uma compreensão total deste interessante alucinógeno. (...) O interesse neste alucinógeno recém-descoberto não está totalmente restrito às fronteiras da antropologia e da etnobotânica. Ele se relaciona diretamente a certas questões farmacológicas e, quando comparada às outras plantas com propriedades psicomiméticas devidas às triptaminas, esta nova droga oral apresenta problemas que devem ser encarados e, se possível, toxicologicamente explicados.*

Baseados no ensaio de Schultes, decidimos abandonar nossos estudos e carreiras, e viajar por conta própria à Amazônia, para as vizinhanças de La Chorrera, em busca do *oo-koo-hé*. Queríamos ver se as dimensões titanicamente estranhas que havíamos encontrado no transe com DMT seriam ainda mais acessíveis através das combinações de plantas contendo DMT que os xamãs da Amazônia tinham desenvolvido.

Era nesses sacramentos xamânicos que eu estivera pensando quando descartei o cogumelo *Stropharia* encontrado naquela pastagem perto de Florência. Eu estava ansioso para apressar a busca ao exótico e quase desconhecido *oo-koo-hé* dos witoto. Mal podia imaginar que a procura do *oo-koo-hé* seria praticamente esquecida logo depois da chegada a La Chorrera. O alucinógeno dos witoto acabou sendo totalmente eclipsado pela descoberta dos cogumelos contendo psilocibina, que cresciam abundantemente ali, e do estra-

*Schultes, R.E., "Virola as an Orally Administered Hallucinogen" em *The Botanical Leaflets of Harvard University*, vol. 22, nº 6, pp. 229-240.

nho poder que parecia turbilhonar naquelas pastagens de esmeralda envoltas em névoa.

* * *

Tive a primeira sugestão de que La Chorrera era um lugar diferente dos outros quando chegamos a Puerto Leguizamo, nosso suposto ponto de embarque para descer o rio Putumayo. É um lugar aonde só se pode chegar de avião, já que nenhuma estrada atravessa a selva até lá. É uma cidade ribeirinha sul-americana, tão opressiva quanto se possa esperar. William Burroughs passou por ali nos anos cinquenta, em busca de *ayahuasca*. Na época descreveu-a dizendo que "parece um lugar que acabou de sofrer uma enchente". Em 1971 tinha mudado pouco.

Mal havíamos nos instalado no hotel, depois de voltarmos do registro ritual de estrangeiros que acontece nas áreas de fronteira da Colômbia, quando a dona informou que havia um nosso conterrâneo morando nas proximidades. Parecia incrível que um americano vivesse numa cidade colombiana tão fora de mão e tão absolutamente rural. Quando *la señora* observou que esse homem, *El Señor Brown*, era muito velho e negro, a coisa ficou ainda mais enigmática. Minha curiosidade cresceu ao máximo, e saí imediatamente na companhia de um dos rústicos filhos da mulher. Novas dimensões eram acrescentadas enquanto caminhávamos, já que meu guia mal pôde esperar que chegássemos à porta do hotel para informar que o homem que íamos ver era "*mal y bizarro*".

— *El Señor Brown es un sanguinero.*

Um matador? Então eu estava indo visitar um assassino? Parecia improvável. Não acreditei nem um pouco.

— *Un sanguinero, dice?*

O horror que o ciclo da borracha trouxe aos índios da Amazônia nos primeiros anos deste século persistiu, uma lembrança para os índios mais velhos e uma lenda terrível para os mais jovens. Na área ao redor de La Chorrera a população witoto fora sistematicamente

reduzida de quarenta mil pessoas em 1905 para cerca de cinco mil em 1970. Eu não podia imaginar que o homem que eu iria encontrar tivesse qualquer conexão real com aqueles eventos distantes. Supus que a história que eu estava ouvindo significava que iria conhecer o bicho-papão local, a respeito de quem haviam sido criadas lendas extravagantes.

Logo chegamos a uma casa comum, caindo aos pedaços, com um pequeno jardim oculto atrás de uma alta cerca de tábuas. Meu companheiro bateu e gritou. Logo um rapaz, parecido com meu guia, veio abrir o portão. Meu guia desapareceu e o portão fechou-se atrás de mim. Um porco enorme fuçava na parte mais baixa e mais úmida do quintal; três degraus acima havia uma varanda. Na varanda, sorrindo e gesticulando para que eu me aproximasse, estava sentado um negro muito magro, muito velho, muito enrugado: John Brown. Não é sempre que a gente encontra uma lenda viva e, caso eu soubesse mais sobre a pessoa que se encontrava diante de mim, ficaria mais respeitoso e mais espantado.

— É — disse ele. — Sou americano. — E: — É isso mesmo, sou velho, noventa e três anos. Minha história, garoto, é muito comprida. — Deu um riso seco, como o farfalhar de um teto de palha quando as tarântulas se alvoroçam.

Filho de escravo, John Brown deixara a América em 1885 para nunca mais retornar. Fora para Barbados e de lá para a França. Tinha sido marinheiro mercante e estivera em Aden e Bombaim. Por volta de 1910 viera para o Peru, em Iquitos. Ali se empregara como capataz na notória Casa de Arana, a força principal por trás da exploração selvagem e do assassinato em massa dos índios da Amazônia durante o ciclo da borracha.

Passei várias horas com *El Señor Brown*. Era uma pessoa extraordinária, ao mesmo tempo próximo e fantasmagoricamente distante, um pedaço vivo da história. Fora servicial do capitão Thomas Whiffen, do 14º dos Hussardos, um aventureiro inglês que explorou a área de La Chorrera por volta de 1912. John Brown é descrito na obra de Whiffen, hoje rara, *Explorations of the Upper*

Amazon. Brown foi a última pessoa a ver o explorador francês Eugène Robuchon, que desapareceu no rio Caquetá em 1913.

— É, ele tinha uma esposa witoto e um cachorrão preto que nunca o abandonava — devaneou Brown.

John Brown falava witoto e vivera durante muitos anos com uma mulher witoto. Conhecia intimamente a área para onde estávamos indo. Nunca ouvira falar de *oo-koo-hé*, mas em 1915 tomara *ayahuasca* pela primeira vez — em La Chorrera. A descrição que fez de suas experiências foi mais uma inspiração para que continuássemos rumo ao nosso objetivo.

Somente depois de voltar da Amazônia descobri que fora aquele mesmo John Brown quem denunciara as atrocidades dos barões da borracha no Putumayo quando Roger Casement, então cônsul britânico no Rio de Janeiro, foi ao Peru em julho de 1910 investigar as atrocidades*. Poucos se recordam — tamanho é o horror da história do século XX — de que antes de Guernica e Auschwitz o Alto Amazonas foi usado como palco de ensaios para um dos episódios da desumanização mecânica tão típica de nossa era. Os bancos ingleses, em conluio com o clã Arana e outros operadores da livre-empresa financiaram o uso maciço do terror, da intimidação e do assassinato, para forçar os índios da floresta a colher borracha. Foi John Brown quem voltou a Londres com Casement para testemunhar na investigação da Royal High Commission.**

Voltei a conversar com ele nos dois dias seguintes, enquanto eram feitos os preparativos para nossa viagem rio abaixo. Fiquei impressionado com a sinceridade de Brown, com a profundidade

*Para detalhes ver, de W. E. Hardenburg, *The Putumayo: The Devil's Paradise* (Londres, 1912). Excertos do relato de Casement também estão publicados lá. Ver também, de Michael Taussig, *Shamanism, Colonialism and the Wildman* (Chicago: University of Chicago Press, 1987).

**John Estacion Riverá, um historiador colombiano, contou a história de modo diferente, implicando Brown nos assassinatos, proporcionando assim o fundamento para a história do *sanguinero*.

de sua compreensão a meu respeito, pelo modo como Roger Casement e um mundo praticamente esquecido — um mundo que eu conhecia apenas por sua breve menção nas páginas do *Ulisses*, de James Joyce — vivia e se movimentava diante de mim naquelas longas divagações em sua varanda.

Falou longa e eloqüentemente sobre La Chorrera. Não ia lá desde 1935, mas eu encontraria o lugar muito parecido com o que descreveu. A velha cidade assombrada pela febre, nos baixios junto ao lago, não mais existe, mas as masmorras para os escravos índios ainda podem ser vistas — elos de ferro incrustados profundamente na úmida pedra basáltica. A notória Casa de Arana não existe mais, e há muito tempo o Peru abandonou suas reivindicações sobre aquela parte da Colômbia. Mas a velha cidade de La Chorrera continua fantasmagórica, assim como a trilha da borracha, ou *trocha*, que dentro em breve usaríamos para caminhar os 110 quilômetros que separam La Chorrera do rio Putumayo. Em 1911, cerca de vinte mil índios deram suas vidas para abrir aquela trilha através da selva. Os que se recusavam a trabalhar tinham as solas dos pés e as nádegas removidas a facão. E para quê? Para que, num ato surreal de *hubris* típica do tecnocolonialismo, um automóvel pudesse percorrer toda a extensão da trilha em 1915. Foi uma viagem do nada a lugar nenhum.

Caminhando por aquela trilha sombria e deserta eu parecia ouvir freqüentemente o murmúrio das vozes ou o arrastar de pés acorrentados. Os longos monólogos de John Brown não me deixaram preparado para a estranheza. Na manhã em que nosso barco iria nos levar rio abaixo, paramos em sua casa a caminho do embarcadouro. Seus olhos e sua pele brilhavam. Era o porteiro do mundo plutônico abaixo de Puerto Leguizamo, e sabia disso. Eu me sentia como um menino diante dele, e ele também sabia disso.

— Adeus, crianças. Adeus — foi sua despedida seca.



Capítulo 2

NO PARAÍSO DO DIABO

Onde Solo Dark e Ev são apresentados e é delineada a história progressa de cada um dos integrantes de nosso grupo. Meditações filosóficas durante a lânguida descida do rio Putumayo.

EU DISSE QUE FORMÁVAMOS UM grupo de cinco? Seríamos cinco quando chegássemos a La Chorrera, mas éramos seis partindo de Puerto Leguizamo. Ev e eu estávamos vivendo juntos o tanto quanto é possível para um casal, quando se tem de sair com mais quatro pessoas do barco a cada noite para pendurar redes nas árvores. E *ele* também estava conosco. Solo Dark.

Preciso explicar quem era Solo. Fazia parte de uma religião alternativa existente na América do Sul, e que eu não encontrara na Índia, chamada de Nova Jerusalém. Os devotos, que pareciam ser a princípio frutíferos, eram um bando de pessoas, na maior parte americanas, que desde 1962 ou 63 vinha percorrendo a América Latina tapeando uns aos outros, vivendo uns com os outros, odiando-se uns aos outros e tecendo intrigas. Comunicavam-se através de tabuleiros Ouija com entidades que chamavam de "Seres da

Luz". Toda uma mitologia fora construída a partir da reencarnação. De acordo com eles, todo mundo era uma reencarnação.

Um sujeito se assumia como a reencarnação de Rasputin; outro, que era refugiado dos círculos internos do culto Hare Krishna e usava túnicas brancas e botas brancas de borracha, era a reencarnação de Erwin Rommel. O líder de olhos chamejantes de todo esse grupo era Solo. Fora companheiro de Ev durante quatro anos.

Preciso mencionar que Solo era estranho? Com seus profundos olhos azul-bebê e a coroa de cabelo comprido e desarrumado, era uma visão impressionante. Acreditava que tinha encarnado como vários personagens proeminentes da história: Cristo, Hitler, Lúci-fer. Uma lista depressiva e previsível.

Eu estava num dilema peculiar, já que minhas categorias não eram muito rígidas. Tinha passado a maior parte dos últimos três anos vivendo ora como ermitão erudito estudando línguas mortas asiáticas, ora como solitário lepidopterólogo no interior da Indonésia. Não estava familiarizado com os protocolos que se haviam desenvolvido entre os mais exóticos de meus pares na era pós-Charles Manson. Pensava: "Não podemos resolver isso? Não somos todos *hippies* felizes?" Talvez eu tivesse ficado muito tempo na Ásia. De qualquer modo não demoraria a descobrir que entre os entusiastas da Nova Jerusalém havia um bocado de gente esquisita e difícil de ser tolerada.

Caso Solo não aprovasse algo que você estivesse fazendo, ficava com um olhar vazio por instantes e em seguida anunciava que lhe fora revelado naquele momento, pelos Seres da Luz, que você não devia, por exemplo, descascar frutas com uma faca de metal. Cada minuto da existência era controlado por aquelas forças ocultas. Solo viajava com animais: cães, gatos, macacos (tinha um macaco que ele supunha ser Cristo encarnado). Insistia em que todos os animais fossem vegetarianos, de modo que eles acabavam famintos e doentios. Enquanto os olhos dos bichos ficavam girando ele me dizia: "Este é Buda, este é Cristo, este é Hitler." Não era uma coisa tão demente assim — exagero para dar colorido — mas

estava claro que a cabeça de Solo tinha um bocado de parafusos frouxos.

Portanto éramos seis ao sairmos de Puerto Leguizamo: Vanessa, Dave, Ev, Dennis e eu. E Solo. Seis pirados.

Nosso grupo tinha se reunido pela primeira vez na noite de ano-novo, há pouco mais de dois meses, quando conhecemos Solo e Ev, que ainda estavam juntos e não pretendiam se reunir a nós. Nosso encontro acontecera na cidade nevoenta de San Augustine, na Colômbia. Agora aquela noite parecia perdida no passado. Um ou dois dias depois, Vanessa, Dave e eu havíamos partido para Bogotá. Ev e Solo se desentenderam nos dias que se seguiram à nossa partida. No ápice da briga final, Solo jogou-a deliberadamente de cima de um cavalo dentro de uma poça de lama, diante de vários convidados. Ev abandonou-o e veio para Bogotá, para um apartamento que ela e Solo tinham dito que poderíamos usar. Nas duas semanas em que juntávamos o equipamento para a expedição, eu e Ev nos aproximamos e ela juntou-se ao nosso grupo original de quatro pessoas. A luz áspera dos Andes atravessando a clarabóia da pensão transformou-se numa intensidade de luxúria pelos ritos de partida e adiamento que fizeram com que eu e Ev nos aproximássemos. Mas aquilo não foi um idílio para todos. Para Vanessa, que já fora minha amante, foi decerto uma fonte de mal-estar. Portas abrindo-se e fechando no labirinto espelhado dos sentimentos.

Falei para ela:

— Olha, eu gosto dessa mulher, e ela fala espanhol. — Esse foi meu melhor argumento, já que apelava à razão. — Você está realmente sugerindo que devemos andar dias e dias na bacia amazônica falando do jeito que falamos a língua local? A vinda de Ev é questão de bom senso.

Vanessa terminou por concordar. Enquanto isso a situação ficava mais complicada: Dave, não tendo percebido que Ev estava ligada a mim nem que abandonara seus planos anteriores de viajar ao Peru, havia convidado Solo. Ele tinha se impressionado muito com o conhecimento que Solo demonstrara, durante nosso primeiro

encontro em San Augustine, sobre o interior da Colômbia. Mandou um cabograma para Solo e convidou-o a nos encontrar em Florência para vir conosco à Amazônia! Ao sairmos de um antigo avião da Força Aérea Colombiana, depois de pousar em Florência, éramos Dave, Vanessa, Ev, Dennis e eu, o gatinho de Ev, Lhasa, e meia tonelada de equipamento a ser transportada pelo Putumayo. Solo estava no aeroporto esperando, pensando que a mulher com a qual vivera durante quatro anos tinha ido para o Peru com a encarnação de Rommel vestida com túnica e botas brancas de borracha. Quando descobriu a verdade houve uma cena prenhe de emoção e mau humor junto à cerca do aeroporto.

Depois, na cidade, eu e Ev ficamos num quarto do hotel, deixando Solo imaginar o que quisesse. Sem nenhuma possibilidade de cortesia por parte de ninguém, eu esperava que Solo entendesse que a vida de Ev tomara novo rumo e pusesse o pé na estrada. Eu estava desconcertado por encontrar Solo, e como odeio tensões, escolhi não enfrentar diretamente a situação.

Solo veio ao nosso quarto. Falou sobre a necessidade de ver a coisa por todos os ângulos, e em seguida foi direto ao ponto:

— Bom, parece que aqui não há nada para mim. Estou planejando voar de volta a Bogotá.

Graças a Deus, pensei.

Então ele foi para o seu quarto e entrou em comunicação com os Seres da Luz. Voltou duas horas mais tarde para dizer:

— Vocês não vão conseguir encontrar sem minha ajuda.

Estava querendo falar do *oo-koo-hé*.

— Vocês não sabem nada sobre a selva. Eu sou um homem da floresta.

Com grande relutância me adaptei à idéia. A próxima vez em que voamos foi para Puerto Leguizamo. E agora tínhamos Solo, seu cachorro, seu gato e seu macaco. Ele usava túnicas e tinha um bastão adornado com faixas de cores berrantes, artesanato local. Sua aparência era uma combinação do ameaçador com o ridículo.

Eu já descobrira que os barcos deixavam Puerto Leguizamo a intervalos muito irregulares. Pensei que teríamos de esperar, talvez até umas duas semanas. O hotel era minúsculo, a comida terrível. Imaginei que iríamos nos desentender e que Solo iria embora. Ele adorava botar Ev contra a parede em conversas longas e intensas. Aquilo estava se tornando um desgaste para todos.

Mas não aconteceu como previ. Por acaso haveria um barco, o Fabiolita, partindo rio abaixo dentro de dois dias. E assim, no que pareceram horas, os arranjos foram feitos e pagamos seiscentos pesos para garantir nosso embarque. Na madrugada do dia marcado todos os nossos animais, câmeras, o I Ching, redes para borboletas, formaldeído, cadernos, o Finnegans Wake, repelente para insetos, cloroquinona, mosquiteiros, redes de dormir, binóculos, gravadores, granola, pasta de amendoim e bagulho — e todas as outras coisas necessárias quando se vai à bacia amazônica — estavam empilhadas à margem do rio. No minúsculo barco usado para comércio, Ernito, o capitão, indicou que nosso espaço seria a área sobre as caixas com garrafas de refrigerante de cores fluorescentes: amarelo cítrico, limão elétrico e magenta. Fomos informados de que levaríamos entre seis e doze dias até onde queríamos ir “dependendo dos negócios”. John Brown acenou um adeus. Na verdade tirou do bolso um enorme lenço branco e agitou-o. Em seguida reduziu-se a um graveto. Puerto Leguizamo desapareceu. E o rio, a margem verdejante, o ruído de insetos e de papagaios e a água marrom tornaram-se nosso mundo.

Fomos levados lentamente pelo motor até o meio do rio marrom brilhante, sob um céu imenso e um sol imenso. Um instante delicioso — depois de ter sido feito todo o possível para uma viagem que finalmente se inicia — quando não mais se é responsável, já que o fardo está por conta do piloto ou do mecânico, do marinheiro ou do mestre. Já deixamos o mundo de onde viemos e o destino ainda é desconhecido. Um de meus momentos favoritos, mais familiar, ainda que menos estimado, nos ambientes estéreis dos aviões transoceânicos. E quão mais rico aqui, rodeado

pelos caixotes de peixe seco e refrigerantes de cores tóxicas e luminosas!

Abri um pequeno espaço onde dava para sentar de pernas cruzadas e enrolei um baseado — tirado do extraordinário quilo de Santa Marta Gold que conseguimos como parte de nossas provisões durante o mês em Bogotá. A corrente do rio era como a fumaça rica que eu inalava. O fluxo da fumaça, o fluxo da água e do tempo. “Tudo flui”, disse um amado grego. Heráclito foi chamado de filósofo-chorão, como se tivesse falado em desespero. Mas, por que chorão? Adoro o que ele diz — não me faz chorar. Ao invés de interpretar *pante rhea* como “nada perdura”, sempre considerei essas palavras uma expressão ocidental do Tao.

E cá estávamos, descendo com a corrente do Putumayo. Que luxo estar fumando, de novo nos trópicos, de novo na luz, longe do tempo e dos lugares da morte. Longe do estado de emergência no Canadá, à margem da América louca e manchada pela guerra. A morte de minha mãe e, coincidentemente, a perda de todos os meus livros e obras de arte, cuidadosamente colecionados, cuidadosamente mandados de volta de navio e guardados, e em seguida queimados num dos incêndios que dizimam periodicamente os matagais de Berkeley Hills. Câncer e Fogo. Fogo e Câncer. Longe dessas coisas terríveis, onde casas de jogo de Monopólio, de um verde que parece cera, desmoronam em fendas abertas na paisagem psíquica.

E, antes disso, Tóquio; sua atmosfera de outro planeta, a pretensão de me ajustar ao ciclo de trabalho. O quanto será que nos desumanizamos ficando por pouco tempo numa situação desumana? As noites nos trens. As salas abafadas dos cursos Akihabara, de inglês. Tóquio exigia gasto de dinheiro, e a única maneira de fugir de lá era economizando-o.

Pensei nos dez meses de profunda alienação que começaram quando deixei a Ásia tropical e, como um cometa sendo atraído quase ao ponto de colidir com sua estrela, fui arrastado através de Hong Kong, Taipé, Tóquio e Vancouver — antes de ser atirado à

América às voltas com a guerra e de ir para outros países tropicais, novos e desgraçadamente pobres. O voo de Vancouver à Cidade do México passou por sobre minha mãe adormecida em seu primeiro inverno na sepultura. Passou sobre Albuquerque, apenas um padrão de rodovias se interconectando no vazio da noite no deserto. Passou e passou em direção ao que então era apenas uma idéia: a Amazônia.

No rio o passado podia penetrar a quietude e desdobrar-se diante dos olhos da mente, desfraldando um tecido negro de casuísmos entrelaçados. Forças, visíveis e ocultas, estendendo-se em direção ao passado; migrações; conversões religiosas — as descobertas pessoais fazem de cada um de nós um microcosmo do padrão mais amplo da história. A inércia da introspecção leva às lembranças, já que apenas na lembrança o passado é recapturado e compreendido. No fato de viver e criar o presente, somos todos atores. Mas nas lacunas — nos raros momentos de privação sensorial em que a experiência presente é apenas uma coisa mínima, como num longo voo de avião em que somos levados a um indolente auto-exame — a memória é livre para falar e trazer de volta as paisagens de nossas lutas no passado.

Agora — no agora que é um tempo além das fronteiras desta narrativa, um agora em que esta história faz parte do passado — não me preocupo com o passado como acontecia na época. Agora ele está assentado para mim de um modo que, na época, não estava. Não estava porque era muito recente, ainda precisando ser revivido na lembrança para que eu pudesse aprender com ele. Cinco dias de viagem por rio estavam à nossa frente — sem qualquer exigência, liberando a mente para vagabundar e observar.

Duas categorias totalmente inclusivas emergiram para nós no rio largo cujas margens distantes não eram mais do que uma linha verde-escura separando água e céu: o familiar e o não-familiar. O não-familiar estava em toda parte, trazendo analogias fúteis para dentro da conversa comum: o Putumayo é como o Ganges sagrado. A selva evoca Ambon. O céu é semelhante aos céus da planície do Serengeti, e assim por diante. A ilusão de estar compreendendo era

um modo estropiado de tentarmos nos orientar. O não-familiar não desiste de seus segredos neste jogo — o Putumayo não fica parecido com o Ganges. O não-familiar deve ser conhecido como ele próprio antes de ser corretamente reconhecido.

As coisas familiares aqui são as pessoas que vieram comigo. Elas aparecem como quantidades conhecidas porque conheço-as do passado. Enquanto o futuro permanecer igual ao passado elas permanecerão conhecidas. Decerto que isto não é Nova York, Boulder ou Berkeley, e não é fácil destacar-se do ambiente, desenvolver um sentido de ação adequada que nunca prejudique o *savoir faire*. A fria estética do estrangeiro: "Eu, minha senhora? Só estou de passagem." É a familiaridade dessas pessoas que as torna janelas em minha imaginação, abrindo-se para o passado.

Dennis, claro, a linha de tempo dele ainda é a mais longa, numa trilha paralela à minha. Não é necessário mencionar a questão dos genes compartilhados. Nossa conexão recua até perder-se no sentimento primal, não-verbalizado. Crescemos no mesmo lar, compartilhamos as mesmas restrições e as mesmas liberdades até eu sair de casa aos dezesseis anos. Mas me mantive próximo de Dennis.

Dois anos e meio antes, na metade de meu 22º ano, eu estava dentro do navio *Karanja*, da British Steam Navigation Company — fraco e semidelirante, arrasado por urticárias, dor-de-cotovelo e disenteria. Os oito dias de viagem de Port Victoria, nas Seychelles, a Bombaim, custavam na época — em 1968 — 35 dólares. A despeito de estar doente, fui obrigado a viajar na classe mais baixa, caso contrário meu capital não me levaria até em casa. Meu catre era uma chapa de metal que se dobrava presa à parede. Banheiros públicos e o matraquear dos motores. Água infiltrada esparrinhava de um canto ao outro do corredor. Mil e quinhentos refugiados indianos do Quênia, vítimas da africanização, viajavam no navio. Durante toda a noite mulheres indianas entravam e saíam do banheiro, passando pelo meu corredor cheio de água e de barulho do motor. Sem haxixe nem ópio eu teria achado aquilo insuportável.

Para aqueles indianos de classe média eu e meus consolos éramos um exemplo claro da depravação e do fracasso moral, que eles apontavam aos filhos nas longas preleções sobre os males dos *hippies* e da vida em geral.

Depois de muitos dias nesse estado acordei febril no meio de uma noite, o ar recendendo a comida temperada com *curry*, excremento e cheiro de óleo de máquina. Fui até o convés aberto, na proa. A noite estava quente, e nem mesmo ali o cheiro de *curry* desaparecera de todo. Sentei-me encostado numa caixa de metal pintada em cores fortes, do equipamento contra incêndio. Percebi que a febre amainava, e um grande sentimento de alívio me atravessou. O passado recente, meu desapontamento romântico nas Seychelles e em Jerusalém, pareceu afrouxar seu aperto. Eu tinha um espaço livre para me virar em direção ao futuro e discerni-lo. Espontaneamente surgiu o pensamento de que deveria ir com Dennis para a América do Sul. Já naquela época eu tinha certeza disso.

E, com o devido tempo, aconteceu. Não de imediato, não antes de muitas andanças no oriente. Mas em fevereiro de 1971, enfim, a profecia estava se realizando ao nosso redor. Rio, selva e céu nos envolviam, levando-nos para La Chorrera. Aquele barco parecia muito pouco com o *Karanja*, mas seu pequeno motor diesel era um eco dos grandes motores perdidos no tempo.

Sim, Dennis foi o primeiro em que pensei. Junto com as lembranças em tom de sépia de nosso crescimento numa pequena cidade no Colorado. Lá estava ele, sempre junto de mim; éramos duas moscas congeladas num mundo iluminado por trás, feito do âmbar das lembranças dos passeios e das tardes de verão.

* * *

Os outros tinham histórias diferentes.

Vanessa e eu havíamos estado juntos em Berkeley. Ela era de Nova York — do Upper East Side. O pai era um cirurgião proeminente; tinha uma irmã mais velha, psicanalista clínica; a mãe servia

chás para as esposas dos delegados das Nações Unidas. Primeiro Vanessa estudou em escolas particulares. Depois, num gesto de liberalismo chique, foi apoiada pelos pais na escolha de Berkeley, uma universidade estadual. É inteligente, com um desvio ligeiramente feroz de sua sexualidade rústica. Seus grandes olhos castanhos não podem esconder uma crueldade brincalhona e o gosto maligno por trocadilhos. Fizemos parte do Experimental College em Berkeley, mas no outono de 68 fui para Nova York tentar vender o manuscrito torturado que resultou de minha reclusão voluntária nas ilhas Seychelles, de onde eu voltara há poucos meses. Era uma diatribe McLuhanesca, desconexa e imatura que, felizmente, morreria antes de nascer. Mas, no complexo outono de 68, peguei aquele trabalho e voei para Nova York. Lugar onde eu não conhecia ninguém, a não ser Vanessa.

Ela me arrancou de uma casa de cômodos na rua 43 oeste onde eu fizera uma aterrissagem forçada, e me persuadiu a mudar para o Hotel Alden, no Central Park West, que sua mãe escolhera para mim. Nossa viagem fluvial pelo coração da Amazônia aconteceu três anos depois do momento lânguido em que Vanessa e eu nos sentamos no restaurante ao ar livre junto à fonte no Central Park, ela com seu Dubonnet e eu com meu Lowenbrau. Aos olhos do pobre erudito e revolucionário que eu imaginava ser, a cena parecia um teatro, em sua elegância casual. Sem dúvida alguma o valor da produção era mais alto do que eu poderia normalmente bancar. A conversa chegara ao tema do meu irmão, na época com apenas dezoito anos, que Vanessa não conhecia.

— Acho que ele é realmente uma espécie de gênio. De qualquer modo, sou irmão dele e fico espantado, tendo-o visto de perto.

— E seu irmão tem alguma idéia do fato de você achar que ele possui um grande potencial?

— Na verdade, isso é colocar a coisa muito modestamente. Eu acho que ele deve ter agarrado o anjo da gnose pela garganta e posto a fera a nocaute. Essa idéia que ele tem, de que alguns alucinógenos funcionam ligando-se ao DNA, é espantosa. Tem um tom de

verdade que eu simplesmente não posso ignorar. A revolução política tornou-se uma coisa muito obscura para a gente depositar esperanças. Até agora, a improbabilidade mais interessante em nossas vidas é a DMT, certo?

— Concordo com relutância.

— Concordo com relutância apenas porque a conclusão à qual ela leva é extrema demais. Principalmente a de que deveríamos parar de ficar fazendo merda dentro do hospício em chamas que é a América fascista, e sair em busca de compreender o mistério da DMT. Porque, você sabe, todo mundo que já estudou a civilização ocidental por dez minutos consegue ver que os lugares com os quais essa coisa coloca a gente em contato... é uma espécie de violação das normas que, se for bem compreendida, pode... você sabe que eu acho que pode... ter uma importância tremenda para a crise histórica em que todo mundo está metido.

— Certo. Digamos então que eu suspendo meu julgamento. E daí?

— Não tenho certeza. Que tal uma viagem à Amazônia? É o lugar onde essas plantas psicodélicas são endêmicas. E onde existe, Deus sabe, bastante solidão para qualquer um.

— Talvez. Estou tentando fazer parte de uma escavação que vai acontecer ano que vem no deserto de Gibson, na Austrália.

— Compreendo. E eu estou comprometido com esse negócio do haxixe na Ásia, dentro de alguns meses, mas quem sabe por quanto tempo? Não, essa viagem à Amazônia, se acontecer, está bem no futuro. Mas você deveria pensar a respeito, e em outra coisa...

E ele baixou misteriosamente a voz... Vanessa fez uma narração de novela de rádio.

— Certo. A outra coisa são discos voadores. Sei que parece idiotice, mas de algum modo eles estão misturados com isso tudo. Por enquanto está bastante obscuro. Felizmente isso ainda não tem importância, mas a DMT está de algum modo ligada a toda a noção

psíquica... jungiana, você sabe... dos discos. Sei que são águas turvas. É um palpite, mas é bastante forte.

* * *

Dave era outra coisa. Nós o chamávamos de “filho das flores”. Era um amálgama delicioso e paradoxal de ingenuidade e perspicácia voluntariosa. Se vendessem roupas de arlequim nas lojas de departamento ele usaria uma. Um conde polonês, embaixador na corte de Elisabeth, a Grande, e amigo de meu ídolo pessoal, o Dr. John Dee, abrilhantava sua genealogia. Eu tinha conhecido Dave no verão de 1967 em Berkeley. Estávamos viajando de carona, vindo da região de Ashby e Telegraph e, depois de uma alma caridosa nos pegar, ficamos nos conhecendo sobre a ponte para San Francisco. Em Berkeley, Dave se mantinha vendendo o *Berkeley Barb* e qualquer coisa que se vende quando se vagabundeia um bocado. A partir daqueles dias, Dave se formou — tanto pela comuna no Estado de Nova York que ele idealizou quanto pela universidade de Syracuse, em etnobotânica. Nas cartas que trocamos enquanto eu estava em Benares ele decidiu fazer parte da aventura na bacia amazônica. Encontrou nas selvas e montanhas da América do Sul um mundo ainda mais enfeitiçante do que esperava. Até hoje não voltou de nossa viagem.

Conhecemo-nos dois anos antes de podermos realizar nossos planos. Durante esse tempo o destino me transformara de contrabandista de haxixe em fugitivo, quando um de meus carregamentos de Bombaim para Aspen caiu nas mãos da alfândega dos Estados Unidos. Parti para a clandestinidade e viajei pelo sudeste da Ásia e pela Indonésia, vendo ruínas na primeira e colecionando borboletas na segunda. Depois veio minha época no Japão. Parece improvável que isso tenha me deixado com mais experiência do que os outros. Mas nem mesmo meu novo *status* de desesperado diminuiu a paixão pela Amazônia. Ainda sonhava em visitar os recantos verdes do povo das plantas.

Vanessa, Dave e eu terminamos por nos reunir em Victoria, na Colúmbia Britânica. Vivemos lá durante três meses numa casa de madeira que alugamos de uma família de *sikhs* — reviramos textos, escrevemos cartas e mantivemos correspondência constante com Dennis, que estava no Colorado. Esperando o momento propício, juntamos informações sobre um mundo quase mítico que nenhum de nós jamais vira.

Enquanto eu estava no Canadá minha mãe morreu depois de uma longa batalha contra o câncer. Finalmente ela descansou, e a ilha de Vancouver, perdida em redemoinhos de neve, ficou para trás como se tivesse havido uma série de saltos telescópicos. Enfim nossa jornada começava: uma a uma caíram as barreiras que impediam nossa entrada no mundo que prevíamos ser mágico. Até chegarmos a esse momento indolente, nosso primeiro dia no rio. Pego um trecho de meu diário:

6 de fevereiro de 1971

Finalmente nos libertamos de nosso laço umbilical com a civilização. Esta manhã, sob os céus incertos que caracterizam a Amazônia na estação seca, nos pusemos finalmente a caminho. Fazemos parte de uma flotilha de vendedores de gasolina e refrigerantes com sabor de fruta, que vão em direção a La Chorrera e certamente nos levarão até El Encanto, no rio Cara-Paraná. Indo em direção ao centro absoluto da geografia do segredo sou levado a pensar, como sempre, no significado desta busca realmente estranha. Estou tendo dificuldade em processar o conteúdo intenso de minhas expectativas. Agora não pode haver muitas dúvidas de que, desde que continuemos em frente, alcançaremos um estado de satisfação. Estamos há tanto tempo procurando esta coisa, e ela é tão difícil de ser compreendida! As projeções a respeito do que seremos ou do que faremos quando esta excursão terminar são inconscientemente baseadas no pressuposto de que nossa experiência não nos deixará afetados, um pressuposto falso, sem nenhuma dúvida, mas a alternativa mal pode ser imaginada.

Mais tarde: Salmos há duas horas de Puerto Leguizamo. Ventos soprando rio acima obrigaram-nos a atracar no lado peruano para esperar um tempo mais calmo. O padrão da viagem pelo rio se impõe de imediato. Seguir o canal significa ir de um lado para o outro do rio, geralmente perto de uma das margens. A terra é coberta por um espesso dossel de mata que

lembra o Ceilão central ou a costa de Ambon — uma floresta venusiana. A batida monótona do motor, o arrulhar dos pombos (parte de nossa carga), a água lisa e marrom do Putumayo — como a do Ganges sagrado — flui através de nossos sonhos e devaneios.

Solo me encara fixamente.

O que é familiar fica para trás. O rio é largo. O mistério do presente está na estranheza deste lugar. A planura aquática. Quinze dias descendo o rio Putumayo irão nos deixar na foz do rio Cara-Paraná. Ali há uma missão chamada San Raphael. Estamos procurando o Dr. Alfredo Guzmán, mencionado em um dos ensaios que lemos como a fonte de uma amostra autêntica do *oo-koo-hé*, que era o nosso objetivo. Guzmán é um antropólogo que trabalha com os witoto numa pequena aldeia, subindo o rio a partir de San Raphael, com o nome fascinante de San Jose del Encanto. Essa aldeia está situada na velha trilha dos coletores de borracha que atravessa a selva até La Chorrera. Guzmán não somente pode ser de ajuda em nossa busca, mas pode também nos ajudar a contratar carregadores para a viagem por terra. Tínhamos muitos dias para imaginar esse personagem.

Enquanto isso o mundo atulhado do barco mercantil, o *Fabiolita*, é nosso. Sua missão, vender sapatos de plástico, comida enlatada e linha de pesca nos pequenos ajuntamentos de casas sobre palafitas que surgem várias vezes a cada dia de viagem. Chegamos, atracamos e, enquanto o *jefe* de nossa embarcação faz negócios com os colonistas, pego minha rede de borboleta e ando até a selva, desejando escapar dos mosquitos que enxameiam perto dos atracadouros.

Algumas vezes surgem conversas longas e dogmáticas, com todo mundo animado e participando. Algumas vezes baixa sobre nós um silêncio de horas, quando estamos todos confortáveis, olhando a margem deslizar ou balançando a cabeça durante a *siesta*.

7 de fevereiro de 1971

É domingo. Noite passada chegamos a um lugar sem nome, abrimos nossos mosquiteiros e estendemos as redes pela primeira vez na Amazônia.

Às oito da manhã estávamos de volta ao rio, no meio da chuva e sob um céu de chumbo. São muitas as disposições de ânimo com relação ao segredo que se aproxima. O oxigênio do ar é delicioso, e os odores que nos alcançam da floresta de lianas mudam com a frequência e a sutileza de uma sonata. Paradas breves em postos de inspeção policial e vilarejos cada vez mais isolados marcam a passagem deste dia. Hoje, depois de quarenta minutos viajando de manhã cedo, passamos por uma depressão rasa num banco de argila no lado peruano do rio. Ali, centenas de papagaios juntavam-se ao redor de uma fonte salina. O som estridente das vozes saídas de múltiplas gargantas e os corpos de um verde iridescente cortando o ar aumentaram a impressão de estarmos nos movendo num aquático mundo venusiano. Atracamos do lado oposto à jazida de sal e parte de nosso grupo atravessou o rio para capturar alguns papagaios e juntá-los ao já numeroso zoológico do comerciante. Com nosso pequeno macaco, a população não-humana dessa nau dos insensatos soma dois cachorros, três macacos, um gato, uma anta, um galo, um porco e um engradado de pombos. Hoje é dia de lua cheia, e amanhã chegaremos a El Encanto. Lá, se os planos atuais se cumprirem, iremos encontrar o Dr. Guzmán. As tensões que nos dividem também chegaram à superfície. Vanessa e Solo, que têm muito pouco em comum, parecem amigos calorosos. Será que isso é porque ofendi Vanessa? A coisa não vai bem. Dennis está muito quieto. Dave está preocupado com o suprimento de comida; é um preocupado crônico. E ingênuo. Parece ter pensado que basta a gente tirar os sapatos e ir até um irmão índio e dizer que quer aprender os segredos da floresta para que ele diga: "Venha, meu filho, venha conosco e você aprenderá os segredos da floresta." Agora que ele está realmente confrontando a selva amazônica, parece um tanto confuso. Os animais de Solo caem dentro do rio uma vez a cada hora. O capitão do barco nos odeia porque precisamos parar para tirar da água aqueles macacos encharcados.

Naquela noite acampamos no lado peruano do rio. Depois de escurecer, a conversa ao redor do fogo antecipava um eclipse total da lua previsto para aquela noite. Ficamos pensando no destino da tripulação da Apollo 14 voltando daquela mesma lua, na mesma noite. Eram as últimas notícias que havíamos recebido antes de partirmos de Puerto Leguizamo.

Em algum momento acordei em minha rede, e depois de escutar a noite calma e cheia de insetos calcei as botas e me dirigi a um pequeno morro que dominava nosso ponto de atracação. Dali podia

ver o rio e o caminho que havíamos percorrido à luz esmaecida do final da tarde. Agora estava tudo transformado, a selva num silêncio subitamente misterioso, a lua banhada num vermelho-alaranjado, com o eclipse próximo da totalidade.

A cena e o sentimento eram profundamente "Outros". Sozinho numa imensidão de floresta e de rios mais vastos do que qualquer coisa que eu já tinha visto, parecíamos testemunhas do surgimento de dimensões estranhas, do entrecchoque de geometrias não-terrestres, donas de lugares não vistos nem sonhados pelo homem. A alguns quilômetros de distância caía chuva de uma nuvem imóvel no céu; ali perto a folhagem brilhava negra com tons alaranjados.

Naquele momento eu não sabia que o eclipse que me atraía como observador solitário, tirando-me da rede para aquela cena misteriosa, dispararia dentro de poucas horas um tremor de bilhões de toneladas de rochas compactadas ao longo da Falha de San Andreas, no sul da Califórnia. O caos estava em vias de irromper na cidade de Los Angeles. Num desenho animado impiedoso, podemos imaginar mulheres de olhos arregalados e com *bobs* nos cabelos brotando sob luzes incandescentes, tossindo com a poluição, gritando sua histeria para as equipes de jornalistas. Sem saber nada do mundo além da floresta e do rio, voltei à minha rede estranhamente alegre e exaltado — o momento exótico pareceu um presságio de grandes coisas.



Capítulo 3

SEGUINDO UMA TRILHA FANTASMAGÓRICA

Onde encontramos um antropólogo excêntrico e sua esposa, separamo-nos de Solo Dark e vamos para nosso destino na Missão de La Chorrera.

POUCO DEPOIS DO AMANHECER DO DIA seguinte, nosso barco deixou o curso largo do Putumayo e entrou no rio Cara-Paraná para os últimos quilômetros da jornada até San Raphael, onde desembarcaríamos. O Cara-Paraná correspondia mais fielmente à minha concepção de um rio na selva, tendo apenas poucas centenas de metros em seu trecho mais largo, com a vegetação luxuriante crescendo nas margens e sendo arrastada pela água. Sua corrente era tão sinuosa e imprevisível que raramente podíamos ver mais do que um quilômetro adiante. No meio da manhã chegamos a um pequeno morro tendo no topo um mastro branco e algumas cons-

truções de zinco, o que parecia um esbanjamento naquela terra de palafitas cobertas de sapé.

Era a Missão San Raphael. Fomos recebidos de modo apropriado, apesar de sem entusiasmo, pelo padre Miguel. Um homem magro, castelhano, com olhos fundos e uma paralisia mal perceptível, resultado de malária contraída anos antes. Estava na Amazônia há mais de trinta anos. Não era possível ler em seu rosto o que achava de nós. Já tinha visto muitos antropólogos, botânicos e aventureiros, mas senti que nossos cabelos longos e modos descontraídos deixaram-no inquieto. Sua inquietação aumentou quando perguntei pelo Dr. Guzmán. No momento ficou claro, pela contração no rosto do velho sacerdote, que minha pergunta tocara num ponto doloroso. Mesmo assim ofereceu-se para nos levar a um ponto rio acima, próximo à trilha para San Jose del Encanto.

— Sim, sem dúvida o Dr. Guzmán está lá. Ele passou por aqui há apenas três semanas, voltando para seus estudos lingüísticos. E a esposa estava com ele. — O olhar do padre endureceu. — Vocês podem estar certos de que irão encontrá-lo.

A freira encarregada serviu-nos o almoço. *La Madre*, como eram chamadas as freiras superiores naquelas missões. Enquanto comíamos, Ev fez mais perguntas ao padre sobre La Chorrera. Sim, confirmou ele, uma expedição cheia de equipamentos levaria cinco dias para percorrer toda a trilha. Falamos da necessidade de carregadores. O padre Miguel disse que poderíamos conseguir alguma ajuda em San Jose, mas aquela era a temporada de caça, e os homens relutariam em abandonar a caçada para trabalhar numa expedição a La Chorrera. Como estávamos determinados a não nos sobrecarregarmos com o equipamento no último trecho da viagem, depois do almoço voltamos a arrumar tudo o que levávamos. Muitos livros foram relutantemente deixados para trás; nosso arquivo sobre plantas e drogas foi reduzido apenas aos textos essenciais. Algumas máquinas fotográficas e parte do equipamento para coleta de insetos foram guardados. Pusemos tudo num baú para ser deixado sob a guarda do padre até podermos voltar. O gato de Ev, Lhasa, acabou

ficando com *La Madre*, cuja admiração pelo bicho pareceu uma oportunidade boa demais para ser rejeitada.

Terminados os afazeres, pusemos nossos suprimentos reduzidos na potente lancha a motor do padre — um luxo imenso num mundo onde a canoa a remo é o transporte padrão. Dentro de minutos estávamos rasgando a superfície do rio barrento, no centro móvel de uma onda de tremendo ruído mecânico. O padre parecia consideravelmente mais humano e à vontade aqui, com sua batina marrom balançando furiosamente ao vento, a barba comprida tremulando à luz do sol, em meio aos borrifos de água. Depois de quarenta minutos daquela viagem furiosa tínhamos feito o equivalente a um dia de canoa. De súbito, o padre virou o barco num ângulo reto em relação à corrente, dirigindo-se para uma tira comprida e baixa de areia branca. O motor foi cortado no que pareceu o último instante e, no silêncio esmagador, deslizamos com leveza até a faixa de areia. Aparentemente não era um ponto menos desolado do que qualquer outro por onde havíamos passado, mas o padre subiu pela margem e apontou para uma trilha larga, forrada de trepadeiras. Enquanto empilhávamos nossos suprimentos na margem, explicou que eram oitocentos metros até a aldeia.

— Tenho certeza de que serão bem recebidos — gritou o padre enquanto fazia a volta com a pequena lancha. Em seguida sumiu. Muito tempo depois dele ter ultrapassado a curva do rio e do som de sua partida desaparecer, a superfície vítrea da água continuava movimentando-se contra as margens num último reflexo da agitação incomum.

Silêncio. Uma onda de zumbidos de insetos passou como uma cortina através do local. E em seguida, de novo, o silêncio. Era a selva, o rio, o céu, nada mais. Agora estávamos sós, sem alguém experiente no controle. E naquele momento, na faixa de areia à margem de um rio da floresta — apenas um rio entre centenas de outros — todos ficamos cômicos disso.

O sentimento de tempo imobilizado não poderia durar. Tínhamos de encontrar a aldeia e fazer os arranjos possíveis para levar

nossos suprimentos até lá. Precisávamos agir antes do escurecer; mais tarde haveria tempo para avaliar nossa situação. Ninguém queria ficar tomando conta da pilha de suprimentos, de modo que os escondemos no mato e entramos na trilha. Vanessa trouxe sua caixa com as máquinas fotográficas; eu levei minha rede de borboleta com cabo telescópico de fibra de vidro.

A trilha era larga e fácil de seguir, obviamente bem-cuidada. Enquanto nos afastávamos da margem a vegetação ficava menos luxuriante. Estávamos caminhando através de uma terra erodida, coberta de mato raquítico. O solo era de argila laterítica vermelha, e onde era exposto ao sol havia secado e rachado em fragmentos cúbicos com arestas aguçadas. Depois de meia hora de caminhada chegamos ao topo de uma subida longa e lenta, e olhamos para um conjunto de cabanas construídas em solo arenoso, entre palmeiras esparsas. Atraindo de imediato a atenção havia uma casa incomum, próxima ao centro da aldeia, e que não era construída sobre estacas e coberta de palha. Enquanto examinávamos a cena abaixo, também éramos observados, e as pessoas começaram a correr e a gritar. Alguns corriam para um lado, alguns para outro. Perguntamos pelo Dr. Guzmán à primeira pessoa que nos alcançou. Rodeados por gente que ria e sussurrava, chegamos à casa anômala.

A estrutura era feita de folhas tecidas habilidosamente entre longas varas arqueadas. Não tinha janelas, e era pousada no chão, parecendo vagamente um pão preto. Todos a reconhecemos como uma maloca, o tipo tradicional de casa dos witoto.

Dentro, deitado numa rede pendurada em dois postes enegrecidos de fumaça, estava o Dr. Alfredo Guzmán. Seu rosto era de uma magreza anormal, olhos fundos e escuros e mãos esqueléticas, nervosas. Não se levantou, mas fez um gesto indicando para nos sentarmos no chão. Só ao me sentar olhei atrás da rede, para a parte sombreada da maloca, onde uma mulher branca e vestida com calças cáqui catava feijão num pote witoto polido como se fosse de pedra. Depois de estarmos todos sentados ela levantou a cabeça. Era gorducha, tinha olhos azuis e dentes regulares.

Parecendo se dirigir igualmente a todos nós, Guzmán falou:

— Minha esposa compartilha de meus interesses profissionais.

— Que sorte. Deve tornar as coisas muito mais fáceis — disse Vanessa.

— Sim. — A resposta inexpressiva tornou-se uma pausa enervante. Decidi enfrentar diretamente o assunto.

— Doutor, desculpe por estarmos perturbando sua solidão e o ambiente social daqui. Podemos avaliar seu desejo de não ser perturbado no trabalho. Estamos ansiosos para chegar a La Chorrera, e esperamos que o senhor possa nos ajudar a conseguir carregadores para irem conosco. Além disso, estamos aqui com um objetivo especial. Refiro-me aos alucinógenos à base de *Virola*, que o senhor citou para Schultes.

Estou narrando de longa distância, claro; isso tudo demorou mais tempo, e foi menos direto. Conversamos, talvez, durante vinte minutos. Ao fim desse tempo ficamos sabendo que Guzmán nos ajudaria a conseguir carregadores, mas que isso demoraria alguns dias. Também ficamos sabendo que ele era um ardente estruturalista, marxista e machão chauvinista. Que seu envolvimento com os witoto chegara às raias do maníaco, e que era visto por seus colegas em Bogotá como um pirado. Não nos deu nenhum encorajamento de que encontraríamos o *oo-koo-hé*. Disse que era um segredo de homens que estavam morrendo lentamente. No fim dessa discussão voltamos ao rio, nosso pequeno grupo e uma dúzia de aldeões, e trouxemos nossas coisas para uma cabana meio arruinada, na margem da aldeia.

Assim que nos alojamos, Annalisé Guzmán apareceu com vários copos de café fumegante e conversou conosco. Diferentemente do marido, parecia mais aliviada do que incomodada por nossa presença. Enquanto ela falava, foi-se formando um quadro geral. Tinha frequentado a London School of Economics, cursado antropologia, trabalhado na Colômbia, e conhecido o homem mais velho e exaltado, com uma profissão semelhante à sua. E agora

levava uma vida pendular, entre o mundo competitivo da universidade em Bogotá e a minúscula aldeia de San Jose del Encanto. O vício do marido mascar coca deixava-a muito preocupada.

Como os homens do grupo witoto, Guzmán era um entusiasta da coca e tinha se tornado bastante paranóico, de tanto mascar. Quando o víamos de manhã tinha sempre manchas de coca no queixo. Como a tribo é muito dura com as mulheres, Alfredo dissera a Annalisé que, com o objetivo de se integrar àquela sociedade, ela precisaria assumir o papel feminino. Isso se aplicava a amassar com pedras as raízes de iúca e preparar a coca, que as mulheres não têm permissão de mascar. Os homens ficam deitados nas redes ouvindo rádios transistores. As mulheres vivem com os cães e as crianças debaixo das casas, enquanto os homens vivem dentro. Às cinco da tarde todas as mulheres são mandadas para o lugar de dormir, com as crianças e os cães. Os homens retiram-se para a casa comprida para contar histórias e mascar coca até as quatro e meia da manhã. O peido é sua forma de humor mais apreciada. Há dez mil variações do peido, e todas são consideradas hilariantes.

Vivemos lado a lado com aquelas pessoas, ficando naquele local desconfortável até a manhã de 18 de fevereiro. Demorou isso tudo — quase uma semana — para conseguir que dois rapazes deixassem a caçada e nos ajudassem a carregar os suprimentos através da trilha até La Chorrera.

Estávamos agradecidos pela pausa na viagem, já que a jornada no *Fabiolita* tinha-nos desgastado bastante. Eu passava parte do dia coletando insetos, escrevendo ou pensando em minha rede. Naquela semana vimos raramente o Dr. Guzmán. Ele tratou-nos com o mesmo desdém remoto que os outros líderes da tribo demonstravam. Nem todo mundo era tão tímido; sempre havia vários witoto de todas as idades olhando atentamente qualquer de nós que estivesse mais ativo num dado momento. Numa de suas atitudes mais estranhas, o Dr. Guzmán pediu para respondermos às perguntas relativas aos relacionamentos dentro de nosso grupo dizendo que éramos todos irmãos. Essa afirmação provocou a expressão de

espanto que seria de se esperar de qualquer ser racional. De modo que acho que éramos especialmente interessantes para a gente da aldeia porque foram levados a acreditar, por parte da pessoa que os informava a respeito de todas as coisas do mundo exterior, que um grupo tão disparatado quanto o nosso era inteiramente feito de irmãos. Essa foi apenas uma das peculiaridades do bom doutor.

Num dia em que eu estava sozinho no calor da tarde, coletando insetos na floresta, rodeei uma árvore grande e surpreendi Guzmán de pé, absolutamente imóvel acima de um pequeno riacho, com uma vara de pescar na mão. Voltamos juntos para a aldeia e, enquanto caminhávamos, ele me falou sobre sua visão da vida.

— O perigo espreita em toda parte. Nunca nade sozinho no rio. Formas imensas movem-se sob a superfície. Há a sucuri, abundante nos rios. As cobras estão em todos os lugares. Tenha cuidado com elas quando estiver a caminho de La Chorrera. A floresta não perdoa os erros.

Eu tinha passado meses nas selvas da Indonésia e vinha coletando insetos diariamente naquelas florestas amazônicas desde que começara a jornada em direção a San Jose del Encanto. Tinha idéias próprias sobre os riscos que existem nas florestas, e que não eram nem de longe tão tremendos quanto os pensamentos da figura que gesticulava selvagem enquanto andava ao meu lado.

Estava claro que fora azar nosso tropeçar numa cena muito peculiar. Guzmán vinha controlando a vida da esposa com mão de ferro. Ele vivia num mundo de pesadelo e ilusões causados pelo vício da coca. Sua esposa não tivera nenhum *Anglo* para conversar desde que chegara à selva. Naturalmente ela imaginava o que estava acontecendo. Não tinha permissão de mascar coca e ele se comportava como um homem da tribo witoto.

Houve incidentes que deixaram todo mundo nervoso. Uma surucucu, a mais mortal das víboras, foi morta perto da aldeia, trazida e mostrada a todos. Incidentes? Melhor chamar de presságios ou eventos de mau agouro. Uma manhã uma tarântula enorme, a maior que eu já vira, surgiu na aldeia. Pelo menos foi o que

pareceu, já que foi subitamente descoberta bem no meio de nossas coisas. Será que alguém a tinha soltado ali?

Duas noites antes do dia programado para sairmos da aldeia uma árvore irrompeu em chamas junto à nossa cabana. Aquilo pareceu uma coisa obviamente inamistosa, e aceleramos os planos para a partida. Não podíamos prosseguir sem carregadores, e só quando os homens voltassem da expedição de caça poderíamos contratá-los.

Guzmán não nos contava nada. Sobre o *oo-koo-hé* ele disse:

— Ridículo, meu amigo. Você não vai conseguir. Essas pessoas nem mesmo falam espanhol. Só falam witoto. Quarenta mil deles foram mortos aqui há cinquenta anos. Não têm motivos para gostar de vocês, e a droga é supersecreta. O que estão fazendo aqui? Aconselho-os a deixar a selva enquanto ainda é possível.

Mas a seu modo ele foi informativo; aprendemos que o *oo-koo-hé* era sempre feito com a cinza de outras árvores misturada à resina contendo DMT. Achávamos que aqueles ingredientes adicionais poderiam ser a chave para a atividade via oral, já que normalmente a DMT seria destruída pelas enzimas no intestino grosso. Dennis estava determinado a que fizéssemos uma identificação botânica dos “ativadores secretos”. Teoricamente esperávamos ser os primeiros a obter boas coletas dessas plantas. Seria nossa pequena contribuição à etnobotânica da Amazônia.

Finalmente partimos no dia 18, nós seis em companhia de dois adolescentes witoto. O *capitán* da aldeia acabou desejando-nos boa viagem. Até mesmo o Dr. Guzmán estava sorridente, sem dúvida deliciado com a perspectiva da aldeia voltar à normalidade, depois de uma longa semana bancando a anfitriã de uma delegação da tribo da aldeia eletrônica global.

Ninguém estava mais satisfeito do que eu em deixar a aldeia. Enquanto caminhávamos pelo caminho largo, ou *trocha*, senti meu ânimo se levantar. Finalmente tínhamos deixado para trás todos os obstáculos e embaraços. Apenas Solo ficou para me importunar. Decidi que eu teria de acabar com suas fraudes. As relações dentro

de nosso grupo estavam ficando muito estranhas. Solo fazia coisas. Insistia em andar na frente. Adiantava-se bastante, fazia pontas em gravetos e enfiava-os no chão em padrões esquisitos, fetiches.

Durante nossa viagem pelo rio, antes de chegarmos a El Encanto, queimávamos fumo o tempo todo. Solo apenas ficava sentado de olhos fixos, durante horas e horas. Finalmente compreendi que ele decerto iria me matar, e que devia estar completamente ensandecido. Que, por estranho que possa parecer, aquele era meu destino: eu iria ser morto pelo antigo namorado de uma mulher, um psicótico que conseguira se infiltrar naquela expedição à Amazônia.

Contemplei a ironia da situação. Lembrei-me de que o pesquisador de cogumelos Gordon Wasson e sua esposa haviam sido acompanhados por um agente da CIA disfarçado em sua segunda viagem à aldeia de Huatla de Jimenez, nos remotos planaltos de Mazatecan, no México. A história psicodélica teria sido diferente se Wasson tivesse detectado aquele esforço desajeitado de cooptação. Nesse caso a noção absurda que a CIA passou a ter, de que a psilocibina deveria permanecer para sempre uma “prerrogativa interna”, jamais poderia ser admitida. Foi apenas a publicação às pressas da estrutura molecular da psilocibina — feita pelo farmacologista suíço e inventor do LSD, Albert Hofmann — que provocou um curto-circuito naquela fantasia maligna e grandiosa. Eu pensava sobre momentos decisivos. Recordei a observação feita por John Wayne, de que “um homem tem de fazer o que é preciso”.

Com esse pensamento, aproveitei a oportunidade e parei na trilha para dizer que Solo era o babaca mais ultrajante do mundo. Em outras palavras, joguei merda no ventilador. Por um momento parecia que íamos sair no braço ali mesmo. Vanessa começou a gritar, tentando nos impedir. Os carregadores witoto ficaram imóveis, de boca aberta. O incidente parou nisso, mas com o correr do dia Solo decidiu voltar. Ele não tinha dinheiro e sentia dores terríveis por causa de um abcesso num dente. Não havia motivos para ficar ali. O desgaste causado pelo isolamento e pela comida

ruim pode levar uma pessoa saudável aos seus limites, e eu estava convencido de que ele era muito perturbado e seria capaz de qualquer coisa. Ele mastigava coca para cortar a dor de dente, mas isso não ajudava. Precisava de cuidados médicos. Naquela noite ele veio até mim e explicou que não tinha dinheiro suficiente para voltar rio acima. Ofereceu um quilo de sua safra pessoal e aproveitei a chance de pagar-lhe cem dólares. Quando levantamos acampamento no dia seguinte ele já tinha ido embora.

Ao nosso redor, a selva; diante de nós, o Segredo. Depois da partida de Solo, abotoei minha jaqueta, levantei a rede de borboletas e me senti como Van Veen, o herói priápico de *Ada*, surreal história de amor escrita por Nabokov. Afinal de contas, quantas vezes a gente tem a satisfação de suplantar um rival? Especialmente um rival que diz acreditar sinceramente ser Jesus Cristo e Hitler?

Estava me sentindo bem como um Bierstadt enquanto seguíamos nosso caminho em direção a La Chorrera sob o dossel entrelaçado de lianas no clímax da floresta amazônica. As *morphos* de azul iridescente, borboletas do tamanho de pratos, eram ocasionalmente surpreendidas pousando lânguidas em grandes folhas acima da trilha. De repente subiam com uma demonstração espantosa de esplêndida safira aquática que se perdia rapidamente nas alturas sombreadas. Andávamos a passo rápido e, enquanto prosseguíamos, meus pensamentos voltaram a Nabokov e aos versos aparentemente proféticos escritos por um personagem, o apócrifo poeta americano John Shade, em *Pale Fire*:

...aquele raro fenômeno

A iridescência — quando, linda e estranha

Ao sol brilhante sobre uma montanha,

Uma nuvem opalina e oval

Reflete o arco-íris de um temporal

Que num vale distante foi encenado —

E ficamos prisioneiros da arte.

Naquela noite acampamos num abrigo coberto de palha. Ali havia um marco indicando que tínhamos percorrido 25 quilômetros durante o dia. Comemos bem, queijo em lata com minestrone reidratado, e de manhã voltamos à trilha enquanto a névoa se desprendia do solo. Foi um dia de trabalho duro, levando as cargas mais pesadas num método que permitia a cada pessoa duas horas com peso e duas horas sem. Foi uma verdadeira proeza física. Acho que já estávamos sentindo os efeitos do “fenômeno”, uma repercussão às avessas das nossas interferências nas leis da física, que ainda estavam alguns dias no futuro. Mas é impossível dizer. Não comemos. As mulheres anunciaram que iríamos eliminar o desjejum e o almoço para economizar tempo. Foi decisão delas, já que eram as responsáveis por cozinhar, e fazer fogo nas profundezas da selva amazônica era tarefa duríssima.

Acordamos às quatro e meia da manhã, tomamos café, e andamos 25 quilômetros até cerca de três e meia da tarde. Era de arrebentar. A *trocha* subia e descia, subia e descia. Chegamos a um rio e não encontramos nenhuma ponte; tínhamos de imaginar um meio de atravessar. Tínhamos que pensar na possibilidade dos carregadores roubarem alguma coisa ou desertarem. A despeito do cansaço, aqueles foram dias de estranha imersão no sentimento da floresta imensa e vibrante através da qual andávamos. Durante todo o dia nos esforçamos contra nossas energias desgastadas. Finalmente chegamos a um abrigo semelhante ao que havíamos usado na noite anterior. Ficava no topo de um morro baixo, logo depois de uma ponte tosca sobre um riacho. Depois de escurecer, fumamos e conversamos ao redor do fogo até noite alta, antecipando a aventura que aconteceria em breve. Que podíamos sentir, mas ainda não conseguíamos imaginar. Os carregadores witoto desembulharam seus pacotes de comida envolta em folhas e comeram separados de nós. Amigáveis porém distantes.

Na tarde do quarto dia os carregadores estavam visivelmente ansiosos com a chegada a La Chorrera. Durante uma de nossas paradas, Vanessa apontou um arco-íris diretamente acima do cami-

nho que percorríamos. As brincadeiras apropriadas foram feitas. Levantamos nossas cargas e nos apressamos. Em alguns minutos estávamos andando através de floresta secundária, e pouco depois emergimos na borda de uma imensa clareira de pastagens. As construções da missão podiam ser vistas no lado oposto. Assim que começamos a andar no espaço aberto, um índio veio ao nosso encontro. Conversamos hesitantes em espanhol; ele falou rapidamente em witoto com nossos carregadores, e depois seguiu conosco na direção da qual viera.

Atravessamos um portão numa cerca de madeira e chegamos a um pátio semifechado provavelmente um local para festas. Na parede havia pinturas a têmpera, de elfos de desenho animado com orelhas pontudas. Finalmente fomos levados ao portão dos fundos de uma construção mais sólida, de madeira, que era obviamente a casa do padre. Um homem enorme, barbudo e parecendo um urso, apareceu em mangas de camisa. Peter Ustinov poderia tê-lo representado com perfeição. Mesmo sendo uma pessoa basicamente alegre, não pareceu feliz em nos ver. Por que essas pessoas eram sempre tão retraídas? Teria algo a ver com antropólogos? Mas nós éramos basicamente botânicos: como é que poderíamos deixar isso claro? Nossa recepção foi hospitaleira e correta. Não perguntamos mais nada e, enquanto pendurávamos nossas redes na casa de hóspedes para onde fomos levados, sentimos um enorme alívio por termos chegado ao destino.



Capítulo 4

ACAMPADOS NUM PORTAL

*Onde passamos a conhecer os cogumelos e os xamãs de
La Chorrera.*

A MAIOR PARTE DA BACIA AMAZÔNICA é formada por depósito aluvial dos Andes. La Chorrera é diferente. Um rio, o Igara-Paraná, se estreita dirigindo-se a uma fenda. Começa a correr muito rápido e em seguida chega a uma aresta — uma borda — criando não exatamente uma cachoeira, mas um estreito canal de água (*chorro* significa “corredeira”), uma calha cuja corrente violenta criou um lago de tamanho razoável.

La Chorrera é um local paradisíaco. Você se esforça um bocado e, de repente, chega lá. Não há insetos que picam. À tarde a névoa cobre a grande pastagem criando uma linda cena pastoral. Há a missão, o lago borbulhante abaixo, a selva ao redor e, para minha grande surpresa, gado branco.

Na tarde após nossa chegada, à borda da pastagem aberta pelos padres espanhóis que administraram a missão de La Chorrera desde

seu estabelecimento nos anos vinte, segurei e girei na mão espécimes perfeitos do mesmo tipo de cogumelo que eu tinha comido perto de Florência. No pasto diante de mim havia dúzias daqueles cogumelos. Depois de examinar vários, meu irmão afirmou que eram do mesmo *Stropharia cubensis* que havíamos encontrado antes — um dos maiores, mais fortes, e certamente o cogumelo de ocorrência mais ampla dentre os que contêm psilocibina.

O que fazer? Não tínhamos dados sobre a dosagem apropriada de psilocibina. Nosso reduzido arquivo sobre drogas e plantas versava a respeito de plantas com flores, e não de fungos. Coletivamente parecíamos recordar que, nos rituais com cogumelos feitos pelos oaxacan e descritos por Gordon Wasson (dentre todos os lugares possíveis, na revista *Life*), os cogumelos eram comidos aos pares, e vários pares eram consumidos. Decidimos que cada um comeria seis cogumelos naquela mesma tarde. A anotação que fiz em meu diário no dia seguinte dizia claramente:

23 de fevereiro de 1971

Será que estamos mesmo acampados à beira de outra dimensão? Ontem à tarde Dave descobriu Stropharia cubensis nos pastos úmidos atrás da casa onde penduramos nossas redes. Nós dois colhemos trinta espécimes deliciosamente saturados de psilocibina em cerca de meia hora. Cada um de nós comeu uns seis, e passamos a noite numa viagem tremendamente rica e viva, ainda que suave e indefinível. Entre as luzes estranhas no pasto e a discussão de nosso projeto, fiquei com a sensação de que, ao penetrar daquele modo a flora psicodélica local, demos um passo gigantesco no sentido de uma compreensão mais profunda. Multifacetado e benevolente, tão complexo quanto a mescalina, tão intenso quanto o LSD — o cogumelo, assim como se diz a respeito do peyote, ensina o modo certo de viver. Essa espécie de cogumelo em particular não é utilizada, pelo que sei, por nenhum povo aborígine em lugar nenhum, de modo que o que estávamos explorando era um terreno neutro da dimensão triptamínica. Através desse professor vegetal sem dono, podemos entrar no mundo dos químicos élficos. A experiência com o cogumelo é sutil, mas pode alcançar a profundidade e a amplidão de uma experiência psicodélica verdadeiramente intensa. Entretanto é extremamente mercurial e difícil de ser captada em funcionamento. Dennis e eu, através de uma descrição vacilante de

nossas visões, percebemos uma similaridade de conteúdo que parecia sugerir um fenômeno telepático ou alguma espécie de percepção simultânea da mesma paisagem invisível. Uma forte dor de cabeça acompanhou os estágios finais da experiência, mas passou rápido, e não estão presentes a tensão e a exaustão corporal que freqüentemente acompanham as drogas vegetais não-tratadas, como o peyote e a datura.

Esse cogumelo é um portal transdimensional que as fadas travessas deixaram ligeiramente aberto para qualquer um que possa encontrar a chave e que deseje usar o poder — o poder da visão — para explorar esse complexo psicoativo de ocorrência natural.

Estamos diminuindo a distância em relação ao evento mais profundo que uma ecologia planetária pode encontrar.

O surgimento da vida

a partir das escuras clisáridas da matéria.

Essas foram as minhas impressões depois de apenas um contato com o reino de visão sobre o qual o cogumelo tem influência.

A referência a “luzes estranhas no pasto” deve ser explicada, já que tem alguma relação com o que aconteceu mais tarde. Uma hora depois de termos comido os cogumelos, e de estarmos todos confortáveis com o agradável platô de imagens coloridas e mutáveis que surgiam por trás dos olhos, alguém começou uma discussão.

Foi Dave ou meu irmão, Dennis; Dennis, acho. Ele disse que estávamos viajando em pleno território do Segredo, e que portanto não deveríamos ficar no espaço confinado de nossa cabana. Deveríamos sair para a noite e para a névoa cálida que envolvia o pasto. Nem todos deveriam ir, mas sim uma delegação. Quem faria parte dela? Dennis indicou Dave e eu, dizendo que Dave era o menos cético e que eu era o mais. Vanessa objetou a que eu fosse o “mais cético”, sugerindo que Dave e Dennis deveriam ir. Concordei de boa vontade; não estava mesmo a fim de visitar o pasto escuro e orvalhado, e não tinha fé — tão cético eu era — no potencial transcendental da missão.

Eles saíram, primeiro proclamando em voz alta o poder envolvente da névoa junto ao chão, e em seguida, num tempo teatralmen-

te curto, gritaram lá de fora que tinham visto uma luz difusa pairando ali perto, no pasto.

Foram investigar. Os gritos continuaram, mas abafados. A luz persistia. A difusão persistia. Decidi que era hora da intervenção de alguém com cabeça mais fria. Saí para a noite úmida e envolvente. Atravessei com cuidado a cerca de arame farpado que limitava o pasto; ela estava molhada, mas parecia quente mesmo à noite, tão calorenta é a Amazônia. Assim que me uni a Dave e Dennis achei a situação mais próxima ao que haviam descrito do que eu esperava. Havia uma luz fraca no chão, a alguns metros de distância. Parecia recuar enquanto nos dirigíamos a ela.

Fomos em sua direção por cerca de trinta metros, numa série de avanços curtos. Envolvidos na névoa densa e móvel, sentimo-nos longe dos companheiros que tinham ficado na casa.

— Podemos seguir essa luz, mas é melhor não irmos muito longe, ou vamos nos perder, já que não conhecemos direito essa área.

Dave estava implorando por uma retirada, mas prosseguimos. Algumas vezes a luz parecia estar flutuando no ar apenas seis metros à nossa frente, saltando e caindo de novo, e recuava quando nos aproximávamos. Corríamos para não perdê-la, mas ela continuava à nossa frente. Durante dez minutos caçamos aquela luz que recuava, adiante, mas em seguida decidimos não ir mais longe. Enquanto nos virávamos para voltar, pensei ter visto na luz difusa um tremor que, em minha mente, sugeriu alguém dançando diante de uma fogueira.

Abandonei momentaneamente os pensamentos a respeito de OVNI's, e recordei os incidentes agourentos que tinham precedido nossa partida da cena montada por Guzmán em San Jose del Encanto. Seria aquilo um xamã dançando ao redor de uma pequena fogueira? Teria alguma coisa a ver conosco? Não houve nenhum esclarecimento sobre o incidente, mas a sua estranheza antecipou o que viria a seguir.

As palavras em meu diário são reveladoras. Escrevi casualmente

sobre “podemos entrar no mundo dos químicos élficos”; chamei o cogumelo de portal transdimensional e ligo-o a uma transformação na vida no planeta. Um “eu” mais jovem, mais ingênuo, mais poético é revelado — um “eu” mais intuitivo, proclamando tranquilamente loucas improbabilidades como se fosse uma Verdade Gnóstica derivada de um alucinógeno.

E no entanto essas idéias mudaram pouco em vinte anos; naquela época eu estava ansioso pela demonstração, e a demonstração me foi dada. Mudei, e estava obviamente ansioso por mudar. Foi verdade para todos nós e ainda é, já que, desde a chegada do cogumelo tudo é transformação contínua. Agora, anos mais tarde e com duas décadas de reflexão sobre essas coisas, ainda posso discernir naquela primeira experiência muitos dos temas que persistiram através dos anos e que ainda continuam misteriosos. Num momento daquela noite Dennis e eu parecíamos capazes de ver e de descrever as mesmas visões interiores. Durante anos isso aconteceu interminavelmente com a psilocibina. A maravilha não muda.

Naquelas primeiras experiências com cogumelos em La Chorrera havia uma aura de animação e estranheza, a idéia de que o cogumelo era, de algum modo, mais do que um alucinógeno vegetal ou mesmo um aliado xamânico clássico. Começava a surgir em mim a idéia de que o cogumelo era de fato uma espécie de entidade inteligente — não da terra — alienígena e capaz de comunicar sua personalidade durante o transe como uma presença nas percepções interiores de quem o tomava.

Nos dias que se seguiram àquela primeira experiência com cogumelo a vida de meu irmão e a minha passaram por uma transformação tremenda e estranha. Só quando Jacques Vallee escreveu *The Invisible College* (1975), observando que um elemento absurdo invariavelmente faz parte da situação na qual acontece um contato alienígena, encontrei coragem para examinar os eventos de La Chorrera e tentar ajustá-los a um padrão geral. Durante o correr dos anos contei várias partes de nossa história, jamais revelando por inteiro a incrível estrutura a um único ouvinte, porque

sabia muito bem o que eu parecia dar a entender quando falava de nossa condição mental durante as experiências.

Qualquer história de contato alienígena é, em si, bastante incrível, mas no centro de nossa história estão os cogumelos alucinógenos com os quais estávamos fazendo experiências. O próprio fato de estarmos envolvidos com essas plantas faria qualquer história sobre contato alienígena parecer muito duvidosa a alguém que não fosse simpático ao uso de alucinógenos. Quem deixaria de atribuir a “experiência com OVNI” ao fato de que estávamos viajando? Havia outras dificuldades para contar essa história. Os acontecimentos em La Chorrera geraram um monte de controvérsias e subsequente rancor entre os participantes. Foram apresentadas várias idéias a respeito do que estava acontecendo, cada uma se baseando em dados não-disponíveis ou considerados totalmente irrelevantes para as interpretações em disputa. O que alguns de nós vimos como uma metamorfose em direção ao transcendental, outros viram como uma erupção de fantasia obsessiva.

Estávamos malpreparados para os eventos que nos avassalaram. Começamos como observadores ingênuos de alguma coisa — não sabíamos o quê — e como nosso envolvimento com esse fenômeno continuou durante muitos dias, pudemos observar alguns aspectos do mesmo. Sinto-me satisfeito porque o método de abordagem narrado aqui é em geral eficiente para disparar o que estou chamando de experiência de contato alienígena. (Além disso pode ser perigoso. Não experimentem em casa, rapaziada.)

Nossa primeira viagem de *Stropharia* em La Chorrera aconteceu no dia 22 de fevereiro de 1971, pouco mais de 24 horas depois de chegarmos, e depois da caminhada de quatro dias através da selva vindo de San Jose del Encanto, no rio Cara-Paraná. Minha anotação no diário, feita no dia seguinte, deixa claro que eu estava enfeitiçado. Foi a última coisa que consegui escrever em várias semanas. O dia inteiro fiquei inundado de contentamento. Só sabia que o cogumelo era o melhor alucinógeno que já provara e que ele tinha uma intensidade de vida que eu jamais vira antes. Parecia abrir

portais para lugares que eu sempre imaginara estarem fechados para mim, por causa de minha insistência na análise e no realismo.

Eu nunca antes tinha provado psilocibina, e estava espantado com a diferença em relação ao LSD, que parecia mais abrasivamente psicanalítico e pessoal. Em contraste, os cogumelos pareciam tão cheios de uma alegre energia élfica que entrar no transe visionário era muito mais tentador. Eu não sentia nem um pouco a magnitude das forças que já se reuniam em volta de nossa pequena expedição. Estava pensando em termos do tipo “É um barato esses cogumelos estarem aqui. Mesmo que não encontremos *oo-koo-hé* ou *ayahuasca*, sempre poderemos contar com eles” — e sem dúvida eles eram interessantes.

Nosso plano era passar cerca de três meses conhecendo aos poucos a situação botânica e social entre os witoto que viviam de modo tradicional numa aldeia que ficava cerca de quatorze quilômetros, seguindo uma trilha que safa da missão de La Chorrera, junto ao Igara-Paraná. Sabíamos que o *oo-koo-hé* era tabu, e não tínhamos pressa. O dia seguinte à nossa primeira experiência com cogumelos foi passado checando o equipamento depois dos rigores da viagem a pé e relaxando na *casita* que padre José Maria, o capuchinho encarregado, tinha-nos destinado gentilmente. Naquela tarde colhemos mais cogumelos e os secamos junto ao fogão.

Decidimos ingerir mais cogumelos à noite. Fiz com eles um pó para aspirar. Ficou delicioso, uma essência parecida com chocolate. Todos cheiramos e foi considerado um sucesso. Senti-me cheio de entusiasmo, satisfeito com tudo e impressionado com o lugar maravilhoso onde tínhamos ido parar.

Mas foi uma experiência diferente. Sentíamo-nos exaustos da viagem da noite anterior, e enquanto estávamos todos sentados em círculo, esperando a droga bater, Vanessa e Dennis começaram a se criticar mutuamente. Aparentemente, ele ficou farto dela, e disse:

— Sabe de uma coisa, você é muito esquisita. E vou dizer por quê. — E deslanchou um monólogo de queixas acumuladas.

O dia seguinte foi gasto relaxando, coletando insetos e plantas,

lavando roupas e conversando com o padre e o irmão residente. Através deles espalhamos a notícia de que estávamos interessados em pessoas que conhecessem plantas medicinais.

Naquela tarde um jovem witoto chamado Basílio veio à *casita* e, tendo ouvido o padre falar de nosso interesse, ofereceu-se para nos levar ao seu pai, um xamã de reputação local. Basílio presumiu que estávamos interessados em *ayahuasca*. É o alucinógeno mais conhecido na área. E geralmente está disponível para quem quiser.

O *oo-koo-hé* é um tema muito mais sensível. Um ou dois meses antes de chegarmos a La Chorrera havia ocorrido um assassinato — na verdade vários assassinatos — e Guzmán afirmara que todos tinham a ver com o *oo-koo-hé*. Supostamente um xamã assassinara um de dois irmãos, que também eram xamãs, pintando o degrau de cima de uma escada de mão com uma resina contendo DMT. Quando a vítima agarrou o degrau, a resina foi absorvida por seus dedos, ele sentiu vertigem e caiu, quebrando o pescoço. O xamã cujo irmão fora assassinado contra-atacou causando um acidente. A esposa, a filha e o neto do suposto assassino estavam numa canoa acima do *chorro* e parece que não foram capazes de chegar à margem; caíram pela corredeira. Todos presumiram que foram vítimas de magia. Apenas a esposa sobreviveu. Não era o momento de ficar xeretando a respeito do *oo-koo-hé*.

Basílio insitiu em que havia *ayahuasca* na maloca de seu pai, que ficava um dia rio acima. Ele tinha uma pequena canoa, de modo que apenas dois de nós poderíamos ir. Depois de consultas foi decidido que iríamos eu e Ev. Saímos imediatamente para o rio e levei comigo minha latinha de pó para aspirar.

O dia estava calmo, o céu azul. Uma paz extraordinária e uma profunda serenidade parecia tocar todas as coisas. Era como se a terra inteira exalasse sua alegria. Se tivesse ficado nisso, essa sensação seria apenas uma lembrança agradável; à luz dos eventos posteriores, vejo agora aquela tarde de profundo contentamento e de relaxamento quase bucólico como o primeiro tremor da corrente que em breve me varreria em direção a emoções titânicas.

Ao chegarmos à aldeia de Basílio, no fim do dia, achamos nossos novos conhecidos witoto muito gentis, diferentes dos de San Jose del Encanto. Mostraram-nos as plantas de *ayahuasca* que cultivavam, deram-nos mudas e um pouco do cipó, para que pudéssemos preparar nossa própria beberagem. Basílio descreveu sua única experiência com *ayahuasca*, acontecida há vários anos quando, depois de dias com febre de causa desconhecida, tomou-a com o pai. Descreveu a *ayahuasca* como uma infusão com água fria, coisa rara naquela área, onde uma fervura vigorosa geralmente faz parte da preparação. Depois de deixar *ayahuasca* picada na água durante um dia e uma noite, a água não fervida se tornava alucinogenamente potente. Houvera muitas “cercas” a serem transpostas nas visões de Basílio. Uma sensação de voar. O pai vira o “ar ruim” que enfraquecera seu filho como vindo da missão, que foi reconhecida como lugar de mau agouro. Depois dessa experiência, Basílio recuperou a saúde e passou a ir com menos frequência à missão. Nosso primeiro contato com as “condições de campo” foi muito interessante, e estava de acordo com os dados que tínhamos a respeito das crenças e do uso da *ayahuasca* na região.

Naquela noite penduramos nossas redes numa pequena cabana junto à maloca principal. Sonhei com cercas e com a pastagem da missão. Cedo, na manhã seguinte, Basílio levou-nos de volta. Nossas coletas de *Banisteriopsis caapi* foram motivo suficiente para o orgulho, mas outra vez senti uma exaltação cuja profundidade não podia ser medida.

— Estranho — murmurei para mim mesmo enquanto avistávamos a missão junto ao lago plácido, com uma fila de palmeiras que partiam do atracadouro. — Estranho.





Capítulo 5

UM CHOQUE COM O OUTRO

Onde nos mudamos para uma casa nova e Dennis tem uma estranha experiência que divide nosso grupo.

VOLTANDO AO ENCONTRO DE NOSSOS AMIGOS ficamos sabendo que, pouco depois de sairmos, alguns professores que estavam sendo esperados para ensinar na escola da missão tinham finalmente aparecido. Haviam sido transportados por um piloto da selva, o notório George Tsalikas, que servia como elo de emergência entre La Chorrera e o resto do mundo e trazia o correio uma vez por mês. Isso significava que iríamos precisar de novos alojamentos, já que o lugar onde estávamos era destinado aos professores. O padre ofereceu-nos temporariamente uma cabana arruinada, sobre palafitas, que ficava num pequeno morro abaixo da missão, mas bem acima do grande lago criado pelo *chorro*. Foi naquela cabana pequena, imediatamente batizada de “casa da colina”, que nos propusemos a morar enquanto buscávamos um jeito de mudar para a floresta ali perto, fora da atmosfera um tanto confinadora da

missão. Naquela manhã descansamos, circulamos um baseado, e planejamos o próximo movimento.

Nas conversas com o irmão Luís, um ancião de barbas brancas que era o único outro representante da Igreja, além do padre José Maria, Dave e Vanessa ficaram sabendo que havia uma casa witoto em boas condições, na trilha que levava à aldeia onde se centravam nossas esperanças com relação ao *oo-koo-hé*. Normalmente ficava vazia, mas agora estava sendo ocupada por pessoas que tinham trazido os filhos à missão para o início do ano escolar. É prática entre os witoto deixar os filhos sob a guarda dos padres durante seis meses ou mais, a cada ano. Os períodos de reunião, no início e no fim do ano escolar, são pontos altos na vida social dos witoto, e uma desculpa para jogos de futebol e bailes noturnos, já que os witoto são dançarinos inveterados. Estávamos num daqueles períodos de reunião, mas dentro de alguns dias todas as famílias iriam embora, e haveria muitas habitações vazias na mata. Dave, Dennis e Vanessa já tinham inspecionado um lugar e determinado que seria o ideal, próximo a boas áreas de coleta de plantas e insetos e dentro da selva.

Transferimos nosso equipamento para a casa da colina e novamente penduramos as redes. O local ficou atulhado, mas serviria até que pudéssemos ir para a floresta. Depois, num movimento quase coletivo, saímos no início da noite para os pastos atrás da missão. Encontrar os cogumelos. Era o pensamento na mente de todos. À noite voltamos para a casa, cada um com seis ou oito espécimes cuidadosamente escolhidos. Comemos todos, e enquanto a viagem se aprofundava, fumamos baseados feitos com aparas do *Banisteriopsis caapi*. O fumo de *caapi* era delicioso; cheirava como um incenso suave, e cada tragada sinergizava lindas torrentes de alucinações delicadas em câmera lenta, que imediatamente chamamos de “televisão vegetal”.

Cada jorro de imagens durava cerca de quinze minutos e desaparecia; então era hora de dar outra tragada do baseado de *caapi*. O efeito persistiu por umas duas horas. Fizemos aquilo repetidamente e discutimos excitados, dizendo que era um exemplo

do tipo de coisas que os sofisticados técnicos xamânicos vinham criando para espanto uns dos outros desde o final do paleolítico.

Com o correr da noite nossa conversa desviou para as possibilidades de violação da física normal, discutindo-a em termos de uma visão psicológica *versus* uma visão realista/ingênua do fenômeno xamânico. Estávamos especialmente interessados nos líquidos obsidianos que dizem ser produzidos pelos *ayahuasqueros* na superfície da própria pele e com os quais costumam olhar para dentro do tempo.* A idéia de uma espécie de fluido alquímico holográfico, uma bola de cristal líquida autogerada, me pareceu muito estranha e, de certo modo, irresistível. Querer saber se essas coisas são possíveis ou não é na verdade disfarçar uma questão mais profunda: será que falta pouca coisa para nós, homens modernos, aprendermos a respeito da natureza da realidade, e que esse aprendizado irá requerer apenas uma ligeira afinação no modo atual de vermos as coisas? Ou será que compreendemos muito pouco, passando totalmente ao largo da natureza de nossa condição? Peguei-me argumentando que a realidade é feita de linguagem, e que de algum modo temos de sair da prisão cultural da linguagem para confrontar uma realidade além das aparências. "Se você quer botar para quebrar, quebre a máscara!" Esse tipo de coisa.

A discussão esquentou e pesou. Ev, Dennis e eu defendendo apaixonadamente este ponto de vista. Vanessa e Dave insistiam numa abordagem psicológico-reducionista aos eventos incomuns. Argumentavam que tudo poderia ser visto num contexto de fantasia, ilusão e realização de desejo. Para eles, nada do que acontecia durante as alucinações acontecia no mundo real; eram apenas eventos mentais. Depois, esquecida a ideologia, passaram a denunciar como ingênua e obsessiva a paixão com que nos envolvíamos.

*Ver Terence McKenna e Dennis McKenna, *The Invisible Landscape* (Nova York: The Seabury Press, 1975), capítulo seis.

Retrucamos que eles reprimiam o verdadeiro poder do inconsciente e que, se estavam conosco e ao mesmo tempo tentavam defender alguma visão behaviorista/materialista do homem, deveriam se preparar para uma surpresa. E por aí adiante.

A vida de uma expedição é cheia de pressões e diferenças que se agravam, e a tensão estivera sob a superfície durante semanas. Mas acredito que o verdadeiro ponto de tensão, mesmo naqueles momentos, era a sensação de que alguma coisa na experiência com o cogumelo estava nos pressionando a todos, ou pelo menos precipitando uma crise em que teríamos de decidir se iríamos ou não nos aprofundar numa dimensão cuja natureza exata ainda não podia ser vista.

Cada contato com o cogumelo era uma experiência de aprendizado com uma conclusão inesperada. Três de nós estávamos prontos para virar crianças alquímicas, prontos para tirar as roupas, entrar na fonte sófica e avaliar a coisa por dentro. Chamem de faustiana ou de obsessiva, essa era nossa posição. Eu considerava aquilo a continuação do programa de investigações que nos havia trazido a La Chorrera. Para Vanessa e Dave, entretanto, a realidade da dimensão que estávamos explorando, ou melhor, nossa crescente insistência em que aquilo era uma dimensão com elementos mais do que meramente psicológicos, era experimentada como ameaça. Lá estávamos, um grupo de amigos compartilhando um conjunto de símbolos comuns, completamente isolados na selva, lutando com um problema epistemológico do qual nossa sanidade parecia depender.

Assim, em pouco tempo Dave e Vanessa afastaram-se de nós, afastaram-se das excitadas conversas especulativas sugerindo a possibilidade de sermos assolados pelo invisível. Não houve brigas nem cenas, mas uma compreensão tácita e mútua de que havíamos chegado a uma bifurcação na estrada. Alguns de nós estavam comprometidos com o aprofundamento nos sistemas mentais do transe causado pelo cogumelo, e alguns estavam perturbados pela súbita profundidade das coisas, e preferiam simplesmente testemu-

nhar a ocasião. A atulhada casa da colina e a polaridade das duas abordagens com relação a outras experiências combinaram-se, inspirando Vanessa a expandir os contatos que fizera para jogar xadrez com a guarnição policial de três jovens colombianos saudosos de suas casas nos Andes. Depois de várias partidas muito disputadas ela recebeu um convite para deixar nossa cabana e mudar-se com Dave para uma casa vazia junto ao rio, de propriedade da polícia. Mais tarde, essa casa, que ficava junto ao embarcadouro de La Chorrera, seria o local de meu contato com o Outro; Vanessa e Dave pegaram suas redes e mudaram-se em silêncio para a nova "casa do rio". A partida foi amigável. Agora eles passariam mais tempo na água, Vanessa riu.

Era o nosso sexto dia em La Chorrera. Havíamos consumido cogumelos três vezes. Estávamos saudáveis, relaxados e satisfeitos por termos chegado tão longe em tão boa forma. Havia insetos e plantas a serem coletados e o lago abaixo do *chorro* para nadar. Meu novo relacionamento com Ev parecia promissor e bem encaminhado. O sol tropical no céu azul profundo nos acalentava. Essa inconsciência parecia ser quase a precondição para a mudança. Os acontecimentos se agitavam em algum nível profundo e escondido.

Naquela manhã, depois da partida de nossos dois amigos, Dennis, Ev e eu ficamos nas redes, perdidos em pensamentos enquanto o calor e o zumbido dos insetos aumentava perto do meio-dia. Minhas anotações no diário já haviam sido interrompidas, com a escrita cuidadosa sendo substituída por longos vôos de devaneios, atordoantes e belos, traços vagos do aprofundamento no contato com o Outro, se bem que no momento eu não os reconhecesse como tal. Outra noite quente chegou e dormimos bem e por longo tempo. Quando a névoa da manhã desapareceu, o novo dia revelou-se tão puro e perfeito como os dias sempre pareciam naquela maravilhosa aldeia isolada na selva. Cada dia parecia uma pérola alquímica nascida da noite quente e estrelada que o precedera.

Usamos aquele dia para explorar a extraordinária margem do lago na direção do *chorro*. O *chorro* é muito impressionante,

estreitando abruptamente o Igara-Paraná e aumentando de súbito sua força e velocidade. Mas o lago onde ele esvazia suas águas não é uma mera bacia receptora da corredeira; é o local de alguma antiga catástrofe geológica que rompeu a camada basáltica abaixo da superfície, abrindo um buraco e lançando milhares de fragmentos de rocha do tamanho de casas no penhasco ao norte do lago. A missão está empoleirada no topo daquela colina basáltica e é o ponto mais alto das imediações.

Seguimos o rio e caminhamos ao longo das ribanceiras que levavam ao *chorro*, elas ficavam cada vez mais íngremes até que não pudemos prosseguir. Mas àquela distância o chão estremecia com as reverberações pulsantes dos milhares de toneladas de água cascadeando através das paredes de pedra do *chorro*. Plantas incomuns, agarradas ao solo, pareciam endêmicas ali, naquela atmosfera turbulenta de areia varrida pela névoa e ruídos trovejantes. O sentimento de ser muito pequeno era fantasmagórico e perturbador, no meio daquelas pedras partidas em arestas e junto à energia da corredeira. Senti-me consideravelmente aliviado quando subimos o barranco agarrando-nos com mãos e pés e voltamos através das pastagens que a missão abria no correr dos anos com o trabalho livre de seus paroquianos witoto.

De novo ao nível do solo, e ainda envoltos pela aura do *chorro*, descansamos. Ali, no local de onde se podia ver toda a região ao redor, a missão há muito estabelecera um pequeno cemitério. Numa área hexagonal toscamente cercada, havia talvez duas dúzias de túmulos se desfazendo com o tempo, muitos deles obviamente de crianças. Ali o vermelho chocante do solo laterítico estava nu. Era um local tocado por triste solidão, mesmo num perfeito dia ensolarado. Terminado o descanso, afastamo-nos da estranha combinação de vazio, solidão e do rugido distante das águas.

Nossa caminhada e a exposição ao sol e às pedras mandou-nos, como por instinto, na direção da parede verde da mata, no fim do pasto atrás da missão. Largas trilhas arenosas levavam ao sistema de aldeias witoto, bora e muinane, que são o "componente indíge-

na" da Comasaria Amazonas, sendo o resto algumas missões, a polícia, alguns inclassificáveis — na maioria comerciantes — e nós.

Caminhamos pela trilha, verificamos nossa futura casa e descobrimos que ainda estava ocupada. Voltando pelo pasto, sob um crepúsculo espetacular, colhemos mais cogumelos. O bastante para Ev, Dennis e eu ingerirmos mais do que já tínhamos experimentado antes, talvez vinte cogumelos para cada um.

Foi durante aquela caminhada pelo pasto que percebi pela primeira vez — ou pelo menos mencionei pela primeira vez — que tudo era muito belo, e que me sentia tão bem que havia a impressão estranha de estar dentro de um filme, ou de algo maior do que a vida. Até mesmo o céu parecia ter o ligeiro efeito de uma lente olho-de-peixe, como se tudo fosse cinematograficamente exagerado. O que era aquilo? Seria uma leve distorção espacial causada por níveis acumulados de psilocibina? A psilocibina pode induzir essas distorções perceptivas. Eu me sentia com três metros de altura; com um toque do super-humano, ou um pouco como Alice, que ao comer cogumelo crescia e diminuía alternadamente. Era estranho, mas muito agradável.

De volta à casa da colina acendemos o fogo e fizemos arroz para um jantar leve. Chovia intermitentemente. Depois de comer, fumamos e esperamos por longo tempo que Vanessa e Dave viessem nos visitar. Finalmente começou a chover mais forte. Entramos na casa e cada um comeu um monte de cogumelos. O *Stropharia* bateu rápido e as alucinações foram muito vívidas, mas após cerca de uma hora a experiência não pareceu particularmente diferente das viagens anteriores, apesar da dose maior. Saímos dos devaneios e ficamos conversando em voz baixa sobre nossas reações.

Dennis reclamou que tinha se sentido bloqueado pela preocupação com nosso pai no Colorado, sem saber se nossas últimas cartas, mandadas antes de descermos o rio Putumayo, haviam chegado.

Ele parecia melancólico, como se a saudade fosse amplificada pelo alucinógeno. Isso foi o que supus. Tentei tranquilizá-lo e

conversamos durante vários minutos em voz baixa em meio à escuridão. Ele disse que em sua viagem de cogumelo tinha acontecido muita coisa, um calor interno e um estranho zumbido inaudível que lhe provocou deduções sobre fenômenos lingüísticos, como a glossolalia que eu tinha experimentado com a DMT e descrito anteriormente para ele. Pedi que imitasse os sons que estava ouvindo, mas ele parecia achar impossível. Enquanto conversávamos, a chuva havia diminuído e pudemos ouvir o som baixo de um rádio transistor levado por alguém que resolvera sair debaixo do aguaceiro e subir o morro por um pequeno caminho que passava perto de nossa cabana. Nossa conversa foi interrompida e ouvimos o som do pequeno rádio se aproximar e em seguida começar a desaparecer.

O que aconteceu em seguida foi nada menos do que uma virada nos eventos, lançando-nos em outro mundo. Quando o som do rádio sumiu Dennis começou a fazer um zumbido alto e seco, parecido com uma máquina. Seu corpo ficou rígido nos segundos em que aquilo ocorreu. Depois de um momento de silêncio, ele disparou uma série de perguntas excitadas:

— O que aconteceu? — E, mais memorável: — Não quero me transformar num inseto gigante!

Ele estava muito perturbado com o que tinha acontecido, e eu e Ev tentamos acalmá-lo. Era óbvio que o que nos parecera apenas um som estranho tinha efeitos muitos diferentes na pessoa que o emitira. Entendi sua situação difícil porque ela me era familiar — pelas experiências com DMT, em que uma espécie de glossolalia de pensamento, que para mim era a própria corporificação do significado, parecia apenas algaravia quando verbalizada e ouvida por outras pessoas.

Dennis falou de uma tremenda energia no som, e disse que o tinha sentido como uma espécie de força física. Discutimos aquilo durante vários minutos, e finalmente Dennis decidiu que gostaria de tentar o efeito outra vez. E tentou, mas durante um tempo muito mais curto; disse de novo que a experiência subjetiva era a de uma grande energia sendo liberada. Disse que sentia como se fosse sair

do chão caso dirigisse a voz para baixo. Imaginamos se seria possível fazer um som capaz de ter efeito sinérgico sobre as drogas que estavam sendo metabolizadas, enquanto Dennis sugeria que o canto poderia fazer algumas drogas metabolizar mais rapidamente. De acordo com Dennis, ele sentiu por dentro como se estivesse adquirindo algum tipo de poder xamânico.

Começou a andar em círculos, desejando em voz alta que Vanessa aparecesse saindo das sombras de seu ceticismo — que, ele achava, iria desmoronar quando confrontado com seu testemunho da existência de alguma coisa estranha. Eu lhe disse que ela só pensaria naquilo como um som estranho em combinação com um alucinógeno sobre o qual estava ficando cada vez mais insegura.

Num determinado ponto ele ficou tão excitado que nós três saímos da cabana e ficamos do lado de fora, olhando a escuridão de breu. Dennis pretendia ir imediatamente encontrar Vanessa e Dave para discutir com eles o que havia acontecido. Finalmente eu e Ev, que parecia perplexa, o convencemos a voltar para a cabana e deixar aquilo para a manhã seguinte.

De volta à cabana tentamos de novo deduzir o que estava ocorrendo. Achei perfeitamente razoável o espanto de Dennis; meu contato com os poderes visionários e lingüísticos da DMT tinha me levado a procurar os alucinógenos e o seu lugar na natureza. É incrível ver tudo que você acredita a respeito da realidade ser transformado pelo produto do metabolismo daquelas plantas. A excitação é a única resposta razoável a uma experiência tão elevada, e até mesmo aterrorizante.

Meu irmão e eu éramos unidos — e tínhamos ficado ainda mais, desde a morte de nossa mãe — mas havia experiências pelas quais eu passara enquanto viajava pela Ásia e que ainda não havíamos compartilhado. Para acalmar a nós todos e afirmar a universalidade da experiência que Dennis acabara de ter, ocorreu-me contar uma história.



Capítulo 6

INTERLÚDIO EM KATHMANDU

Onde um retrospecto aos excessos tântricos no âmago da Ásia hippie ilumina as estranhas experiências com cogumelos em La Chorrera.

DOIS ANOS ANTES, DURANTE A PRIMAVERA e o verão de 1969, morei no Nepal e estudei a língua tibetana. A onda de interesse por estudos budistas estava apenas começando, de modo que nós, que estávamos no Nepal querendo aprender tibetano, éramos um grupo unido. Meu objetivo ao estudar tibetano era diferente do da maioria dos ocidentais envolvidos com a linguagem no Nepal. Quase todos estavam interessados em algum aspecto do budismo Mahayana, ao passo que eu me sentia atraído pela tradição religiosa que antecedeu, no século XVII, a introdução do budismo no Tibete.

Essa religião pré-budista do Tibete era uma espécie de xamanismo estreitamente relacionado com o xamanismo clássico da Sibéria. O xamanismo do povo tibetano, chamado de Bön, continua a ser praticado hoje em dia na área montanhosa do Nepal que faz fronteira com o Tibete. Seus praticantes são em geral desprezados

pela comunidade budista, vistos como heréticos e, geralmente, como pessoas de baixo nível.

Meu interesse no Bön e em seus praticantes, os Bön-po, surgiu de uma paixão pela pintura tibetana. É comum nessas pinturas que as imagens mais ferozes e extravagantes sejam retiradas do substrato pré-budista do imaginário popular. Os terríveis guardiões do ensinamento budista, chamados de *Dharmapalas*, com seus múltiplos braços e múltiplas cabeças, auras de chamas e luz, são deidades Bön autóctones cuja aliança com a religião budista é mantida apenas por feitiços e rituais poderosos que prendem e seguram a lealdade desses vigorosos demônios.

Eu achava que a tradição xamânica que criara imagens tão exóticas e fantásticas devia, em algum tempo, ter tido o conhecimento de alguma planta alucinógena. Sabia-se que o êxtase xamânico na Sibéria era obtido através do uso do *Amanita muscaria*, e Gordon Wasson fez uma boa análise do uso do mesmo cogumelo na Índia védica. Como o Tibete está situado aproximadamente entre essas duas áreas, não parece impossível que antes da chegada do budismo os alucinógenos fizessem parte da tradição xamânica local.

O *Amanita muscaria* era apenas uma das várias plantas que poderiam ter servido como alucinógeno no Tibete antigo. O *Pegamum harmala*, da família das zigofaláceas é outro suspeito. Como o *Banisteriopsis caapi*, ele contém em quantidades consideráveis o alcalóide alucinógeno harmalina, e é provavelmente um alucinógeno em si. Em combinação com uma planta contendo DMT, das quais a flora da Índia possui várias, ele certamente poderia produzir um forte alucinógeno cuja composição não diferiria quimicamente da *ayahuasca* amazônica.*

*Os juncos ribeirinhos gigantes, o *Arundo donax*, por exemplo, existem na Índia e suas raízes contêm DMT. Ver S. Ghosal, S. K. Dutta, A. K. Sanyal e Bhattacharya, "Arundo donax L. (Graminae). Phytochemical and Pharmacological Evaluation", no *Journal of Medical Chemistry*, vol. 12 (1969), p. 480.

Meu interesse em pintura tibetana e em xamanismo alucinógeno me levou ao Nepal. Eu soubera que havia campos de refugiados no Nepal e perto de Simla, na Índia, cujas populações eram quase inteiramente constituídas por Bön-po, pessoas sem casta que não eram bem-vindas nos campos que abrigavam budistas. Eu queria descobrir dos Bön-po qualquer coisa que lembrassem sobre alucinógenos que um dia pudessem ter conhecido e usado. Desejava, em minha ingenuidade, provar minha hipótese sobre a influência de plantas alucinógenas na pintura tibetana e escrever uma monografia a respeito.

Assim que cheguei à Ásia, a enormidade da tarefa e o esforço que ela exigiria foram vistos em suas proporções reais. Na verdade o projeto a que eu me propusera demandaria uma vida inteira de pesquisa erudita! Naturalmente descobri que nada poderia ser feito até que me tornasse familiarizado com a língua tibetana. Pus de lado todas as idéias de pesquisar e resolvi simplesmente me dedicar a aprender o máximo de tibetano possível nos poucos meses que as circunstâncias tinham me proporcionado no Nepal.

Sai de Kathmandu, para longe dos prazeres dos antros de consumo de haxixe e da agitação social das comunidades de viajantes internacionais, contrabandistas e aventureiros que tornaram sua aquela cidade. Mudei-me para Boudanath, uma pequena aldeia muito antiga, alguns quilômetros a leste de Kathmandu, e que recebera recentemente uma quantidade de tibetanos de Lhasa — pessoas que falavam o dialeto de Lhasa, que é compreendido por todo o Himalaia. O povo da aldeia era budista, e fiz alguns arranjos para estudar com os monges, sem mencionar meu interesse nos Bön-po. Procurei alojamento e acabei me arranjando com o moleiro local, um newari chamado Den Ba-do; os newari formam um dos principais grupos étnicos do Nepal. Ele concordou em me alugar um quarto no terceiro andar de sua próspera casa de adobe em frente à enlameada rua principal de Boudanath. Fiz uma barganha com uma garota que concordou em me trazer água fresca todos os dias, e me estabeleci confortavelmente. Pinteí de branco as paredes de

adobe de meu quarto, mandei vir um enorme mosquito do mercado de Kathmandu e arrumei dentro do quarto meus livros e uma pequena escrivãzinha tibetana. Finalmente me sentindo à vontade, comecei a cultivar minha imagem de jovem viajante e erudito.

Tashi Gyalsen Lama era meu professor. Era um gelugpa muito gentil e compreensível. A despeito da idade avançada, chegava todas as manhãs exatamente às sete para nossas duas horas de aula. Eu parecia uma criança: começamos com caligrafia e com o alfabeto. A cada manhã, depois do lama partir, eu estudava mais algumas horas, e o resto do dia ficava livre. Explorei a reserva de caça do rei do Nepal, a leste de Boudanath, e as escadarias à beira do rio, próximo a Pashupathinath, onde eram feitas as cremações hindus. Também conheci alguns ocidentais que viviam nas imediações.

Entre esses havia um casal inglês da minha idade. Eram fascinantes e sabiam disso. Ele era magro e louro, com nariz aquilino e um jeito malicioso típico do modelo produzido pelas escolas públicas da Inglaterra. Era altivo e educado, mas ao mesmo tempo excêntrico e freqüentemente hilariante. Ela era pequena e de uma magreza doentia — esquelética é a palavra que uso para descrevê-la a mim mesmo. Tinha cabelos ruivos e temperamento selvagem, cínico e, como seu companheiro, possuía uma inteligência cortante como navalha.

Ambos haviam sido deserdados pelas famílias e estavam viajando como *hippies*; como todos nós, na época. Seu relacionamento era estranho — tinham-se juntado na Inglaterra, mas o relaxamento da tensão produzido pela chegada ao bucólico Nepal fora demais para sua ligação frágil. Agora viviam separados, ele num extremo de Boudanath e ela no outro. Encontravam-se apenas com o objetivo combinado de “se visitar” ou de dilacerar os nervos um do outro.

Por algum motivo, naquele cenário exótico, eles conseguiram me encantar por completo. Estivessem juntos ou separados, eu me

sentia sempre disposto a interromper meus estudos e passar um tempo com eles. Num instante ficamos *íntimos*. Naturalmente discutíamos meu trabalho, já que ele envolvia alucinógenos. Eles ficaram muito interessados, tendo se familiarizado com o LSD no tempo em que viviam em Londres. Descobrimos que tínhamos amigos comuns na Índia e que todos adorávamos os romances de Thomas Hardy. Foi um idílio muito agradável.

Nessa época, o método que eu tinha desenvolvido para sondar a dimensão xamânica era fumar DMT no pico de uma experiência com LSD. Fazia isso sempre que tomava LSD, o que era bastante freqüente. Isso me permitia entrar na dimensão triptamínica por um período de tempo ligeiramente expandido. À medida que se aproximava o solstício de verão de 1969, fiz planos para uma experiência daquelas.

Iria tomar LSD na noite do solstício e ficar a noite inteira sentado no telhado, fumando haxixe e olhando as estrelas. Mencionei o plano aos meus dois amigos ingleses, e eles disseram que queriam me acompanhar. Por mim, tudo bem, mas havia um problema: não havia LSD confiável em quantidade suficiente. Meu minúsculo suprimento chegara a Kathmandu profeticamente escondido dentro de um pequeno cogumelo de cerâmica mandado de Aspen pelo correio.

Quase como uma piada, sugeri que eles substituíssem o LSD pela semente da *datura* do himalaia, *Datura metel*. As *daturas* são arbustos anuais, fonte de uma quantidade de alcalóides — escopolamina, hilosciamina etc. — compostos que produzem efeito semi-alucinógeno. Dão a impressão de vôo ou de visões deformadas, mas tudo num âmbito difícil de ser mantido sob controle e de ser recordado depois. As sementes da *Datura metel* são usadas no Nepal pelos *saddhus* (eremitas andarilhos e homens santos) de modo que seu uso era conhecido na área. Mesmo assim, minha sugestão fora feita de brincadeira, já que é legendária a dificuldade de controlar a *datura*. Para minha surpresa, meus amigos disseram

que gostariam de tentar. Acertamos que eles chegariam em minha casa às seis horas do dia combinado para fazer a experiência.

Quando finalmente chegou aquela noite, levei meus lençóis e cachimbos para o teto do prédio. Dali podia ter uma excelente vista da aldeia ao redor, com sua *Stupa* — um enorme templo cônico com olhos de Buda pintados na parte mais alta, folheada a ouro. A parte dourada da *Stupa* estava na época envolvida por andaimes, para os consertos necessários depois da queda de um raio alguns meses antes. O domo branco da *Stupa* dava à aldeia de adobe caiado de Boudanath uma característica extraterrestre, como se fosse um disco voador. Mais ao longe, centenas de metros acima, eu podia ver a região de Annapurna; na distância intermediária a terra era uma colcha de retalhos de plantações cor de esmeralda.

Já passara das seis horas e meus amigos não tinham chegado. Às sete ainda não podiam ser vistos, de modo que tomei meu precioso tablete de Orange Sunshine e me acomodei para esperar. Dez minutos depois eles apareceram. Eu já podia me sentir decolando, e fiz um gesto em direção às duas pilhas de sementes de *datura* que eu tinha preparado. Eles levaram-nas para baixo e as socaram num almofariz antes de beber com um pouco de chá. Quando voltaram ao telhado e se acomodaram eu estava entrando no espaço mental.

Ficamos ali pelo que pareceram horas. Ao se sentarem eu me encontrava muito distante para tomar consciência dos dois. Ela estava de frente para mim, e ele mais atrás e virado para o lado, na sombra. Ele tocava flauta. Passei o cachimbo, e as horas escoaram. A lua surgiu cheia e subiu no céu. Caf em longos devaneios alucinógenos, cada um durando vários minutos, mas parecendo vidas inteiras. Quando emergi de um encantamento particularmente longo e cheio de visões, descobri que meu amigo havia parado de tocar e fora embora, deixando-me com sua mulher.

Eu tinha prometido a ambos que iria deixá-los experimentar um pouco de DMT durante a noite. O cachimbo de vidro e a minúscula provisão da DMT alaranjada e pastosa estavam na minha

frente. Devagar, e com os movimentos fluidos de um sonho, enchi o cachimbo e ofereci a ela. As estrelas, duras e brilhantes, olhavam tudo aquilo de uma distância gigantesca. Ela pegou o cachimbo e inalou profundamente duas vezes, o bastante para uma pessoa tão frágil. Em seguida o cachimbo voltou para mim e acompanhei-a com quatro enormes inalações. Segurei a quarta até não agüentar mais. Para mim era uma quantidade enorme de DMT, e de imediato tive a sensação de penetrar num vácuo. Houve um zumbido agudo e o som de celofane amassando enquanto eu me transformava no duende orgástico de frequência ultra-alta que é o ser humano no êxtase da DMT. Fui rodeado pelo matraquear de máquinas élficas e pelos espaços abobadados mais-do-que-árabes, capazes de envergonhar uma Bibiena. Manifestações de um poder alienígena e exoticamente maravilhoso rugiram ao meu redor.

No ponto em que eu normalmente esperaria que as visões desaparecessem, o pré-tratamento com LSD sinergizou a situação para um nível mais alto. As cabriolas das hordas de máquinas élficas da DMT diminuíram para um mero zumbir enquanto a multidão de elfos se afastava. E subitamente me vi voando centenas de quilômetros acima da terra, na companhia de discos prateados. Não poderia dizer quantos. Estava fixo no espetáculo da terra abaixo e percebi que me movimentava para o sul, aparentemente em órbita, sobre a Sibéria soviética. Na minha frente podia ver a Grande Planície de Shang e a massa dos Himalaias erguendo-se diante da vastidão amarelo-avermelhada da Índia. O sol nasceria dentro de cerca de duas horas. Numa série de saltos telescópicos, descí da órbita até um ponto onde podia ver especificamente a depressão circular do vale de Kathmandu. Então, no salto seguinte, o vale preencheu todo o meu campo de visão. Eu parecia estar me aproximando paralelo ao solo e em grande velocidade. Podia ver o templo hindu e as casas de Kathmandu, o templo de Swawymbhuanath a oeste da cidade e a *Stupa* em Boudanath, reluzindo branca alguns quilômetros ao leste. Em seguida Boudanath era uma mandala de casas e de ruas circulares preenchendo minha visão. Entre

as várias centenas de telhados descobri o meu. No momento seguinte bati contra meu corpo e refocalizei o telhado e a mulher diante de mim.

De um modo incongruente, ela viera com um vestido longo de cetim prateado — uma herança —, o tipo de coisa que se podia encontrar num antiquário em Notting Hill Gate. Caf para a frente e pensei que minha mão estava coberta por algum líquido frio e branco. Era o tecido do vestido. Até aquele momento nenhum de nós dois tinha considerado o outro como amante em potencial. Nosso relacionamento funcionava num nível bastante diverso. De súbito, todos os tipos de relacionamentos normais se tornaram óbvios. Fomos um em direção ao outro e a impressão que eu tinha era a de estar passando através dela, de estar fisicamente chegando além dela. Ela tirou o vestido pela cabeça num único gesto. Fiz o mesmo com minha camisa, que se rasgou em pedaços quando passei-a sobre a cabeça. Ouvi botões voando e ouvi meus óculos caindo em algum lugar e se despedaçando.

Então nos amamos. Ou melhor, tivemos uma experiência que vagamente se relacionava a fazer amor, mas que era outra coisa. Estávamos ambos uivando e cantando na glossolalia da DMT, rolando pelo chão enquanto tudo flutuava em alucinações rastejantes, geométricas. Ela estava transformada; existem palavras para descrever no que ela se tornou — pura âni^{ma}, Kali, Leucothea, alguma coisa erótica mas não-humana, algo que dizia respeito à espécie, mas não ao indivíduo, brilhando com a possibilidade do canibalismo, da loucura, do espaço e da extinção. Ela parecia em vias de me devorar.

A realidade se despedaçou. Aquela trepada deve ter continuado até o limite do possível. Tudo tinha se transformado em orgasmo e em oceanos murmurantes de linguagem élfica. Então vi que de onde nossos corpos estavam grudados fluía, saindo dela, sobre mim, sobre o telhado, fluindo para todo canto, uma espécie de líquido obsidiano, uma coisa escura e reluzente, cheia de cores e brilhos. Depois do relâmpago da DMT, depois da prisão dos orgasmos,

depois de tudo aquilo, essa coisa nova me chocou profundamente. Que fluido era aquele, e o que estava acontecendo? Olhei para aquilo. Olhei direto e vi que era a superfície de minha mente refletida diante de mim. Seria matéria translingüística, a secreção viva e opalina do abismo alquímico do hiperespaço, uma coisa gerada pelo ato sexual realizado sob condições tão loucas? Olhei para aquilo de novo e vi o Lama que me ensinava tibetano, e que deveria estar dormindo a mais de um quilômetro de distância. Enxerguei-o no fluido, em companhia de um monge que eu nunca vira; estavam olhando para um prato espelhado. Então percebi que eles estavam me olhando! Não pude compreender. Virei o rosto para longe do fluido, para longe de minha companheira, tão intensa era a aura de estranheza que a envolvia.

Então percebi que, talvez durante vários minutos, tínhamos cantado, gritado em falsete e emitido selvagens uivos orgâsmicos no telhado da minha casa! Isso significava que todo mundo em Boudanath já devia ter acordado e iria abrir portas e janelas para saber o que estava acontecendo. E o que estava acontecendo? A advertência favorita de meu avô pareceu apropriada: "Santo Deus!, disse a galinhola ao ser atacada pelo gavião." Essa lembrança provocou em mim um riso incontrolável.

Então o pensamento de sermos descobertos me deixou suficientemente sóbrio para perceber que deveríamos sair daquele lugar exposto. Estávamos completamente nus e a cena ao nosso redor era de um caos total e inexplicável. Ela estava caída, incapaz de se levantar, de modo que peguei-a no colo e desci a escada estreita, passei junto aos depósitos de grãos e entrei no meu quarto. Lembrou-me de durante todo o tempo ficar repetindo para ela e para mim: "Sou um ser humano. Sou um ser humano." Precisava me certificar, naquele momento não tinha certeza alguma.

Esperamos durante vários minutos em meu quarto. Lentamente ficou claro que, por um milagre que não era menos estranho do que todo o resto, ninguém estava acordado, exigindo saber o que acontecia. Parece que ninguém tinha ouvido! Para nos acalmar, fiz

chá, e enquanto isso pude avaliar o estado mental de minha companheira. Ela parecia delirante, incapaz de conversar comigo sobre o que acontecera há apenas alguns momentos, no telhado. É típica da *datura* a dificuldade, e até mesmo a impossibilidade, de recordar as experiências ocorridas sob o seu efeito. Parecia que, apesar daquilo ter envolvido o ato mais íntimo entre duas pessoas, eu era a única testemunha que podia lembrar qualquer coisa do que sucedera.

Pensando nisso tudo, voltei ao telhado e peguei meus óculos. Por incrível que pareça estavam inteiros, apesar de eu claramente tê-los ouvido se quebrando. Os líquidos obsidianos, as secreções ectoplásmicas da trepada tântrica, não podiam ser vistos em lugar algum. Com meus óculos e nossas roupas voltei para o quarto onde ela estava dormindo. Fumei um pouquinho de haxixe, entrei debaixo do mosquitoireiro e deitei ao lado dela. A despeito da excitação e da estimulação do meu sistema nervoso, adormeci imediatamente.

Não tenho idéia de quanto tempo dormi. Acordei de supetão, saindo direto de um sono profundo. Ainda estava escuro. E não havia qualquer sinal de minha amiga. Senti uma pontada de alarme; se ela estivesse delirando, seria ruim andar sozinha à noite pela aldeia. Saltei, vesti minha *jalaba* e comecei a procurar. Ela não estava no telhado, nem junto aos depósitos de grãos.

Encontrei-a no térreo do prédio. Estava sentada no chão de terra e olhando o próprio reflexo no tanque de gasolina da motocicleta que pertencia ao genro do moleiro. Ainda estava desorientada, efeito típico da *datura*; tinha alucinações com pessoas que não estavam presentes, e confundia tudo.

— Você é o meu alfaiate? — perguntou várias vezes enquanto eu a levava de volta ao quarto. — Você é o meu alfaiate?

Quando estávamos de novo nos meus aposentos, tirei minha *jalaba* e ambos descobrimos que eu estivera usando o que ela delicadamente descreveu como suas “calças”. Eram pequenas demais para mim e nenhum de nós sabia como couberam. Esse pequeno incidente de troca de roupas foi o clímax de uma noite

espantosa, e eu gargalhei. Devolvi suas calças e fomos para a cama, confusos, tranquilizados, exaustos e divertidos.

Depois que essa experiência passou, a garota e eu nos tornamos mais amigos ainda. Nunca mais fizemos amor; não era realmente o tipo de relacionamento que nos convinha. Ela não recordava nada do que acontecera no telhado. Cerca de uma semana depois, contei-lhe minha impressão sobre a experiência. Ela ficou espantada, mas aceitou. Eu não sabia o que tinha acontecido. Batizei de “luv” o fluido obsidiano que tínhamos gerado, algo mais do que amor (*love*), algo menos do que amor, talvez nem mesmo fosse amor, mas uma espécie de experiência humana potencial que ainda não foi medida, e da qual muito pouco se sabe.

* * *

Esta foi a história que contei a Dennis e Ev naquela noite em La Chorrera, enquanto nossas redes balançavam à luz do lampião e a chuva intermitente batia no teto de palha da casa da colina. Foi esse incidente que despertou meu interesse nos fluidos violetas que dizem ser gerados na superfície da pele pelos xamãs do *ayahuasca*, e que eles usam para adivinhar e curar. Sempre que conto essa história, é ao fenômeno do líquido que dou importância. Foi ele que acentuei para tranquilizar Dennis naquela noite de névoas. Não contei a parte absurda sobre acordar com as calcinhas de outra pessoa. Era uma coisa embaraçosa demais e não contribuía em nada para a história. Naquela época eu não tinha contado essa parte a ninguém; era uma recordação pessoal. Menciono aqui porque aquele incidente absurdo se tornaria mais tarde o foco da situação de telepatia mais convincente que já testemunhei.





Capítulo 7

UM PSICOFLUIDO VIOLETA

Onde Dennis começa a delinear sua abordagem à Obra Alquímica e debatemos sobre um psicofluido que pode ou não ser questão translingüística.

AO FINAL DE MINHA HISTÓRIA FOMOS TODOS dormir por algumas merecidas horas. À luz suave do alvorecer Ev e eu fomos até um ajuntamento de cabanas cerca de um quilômetro de distância, na margem do Igara-Paraná acima do *chorro*. Sabíamos que alguns witoto, que tinham descido o rio até a missão para entregar seus filhos à escola, estariam naquelas casas normalmente vazias. Nossa esperança era comprar alguns ovos, mamões ou abóboras para suplementar a dieta de arroz escuro, iuca e bananas-da-terra.

Só encontramos um pequeno grupo de pessoas, e a única coisa que tinham para vender era uma fruta verde, do tamanho de uma laranja e em forma de coração. Por dentro era cheia de sementes pegajosas, vagamente doces e envoltas num xarope vermelho-ar-

roxeadado. Até então esse fruto era desconhecido da ciência; alguns anos mais tarde Schultes iria descrevê-lo e dar-lhe o nome de *Macoubea witotorum*. Quero encontrar de novo aquelas frutas. Eram muito baratas, e como viéramos esperando comprar alguma coisa, gastamos quinze pesos e levamos quase vinte quilos daquele alimento curioso. Mesmo tendo passado a maior parte da noite navegando os oceanos alucinógenos da mente, eu me sentia em forma e cheio de vitalidade. Levantei um *costal* bojudo — com tudo que tínhamos comprado — e voltamos para a missão a passo rápido.

Gostei da tarefa. O *costal* parecia leve, quase um prazer de se carregar. Sem parar nem mesmo para um momento de descanso, eu e Ev voltamos à missão e fomos à casa de Vanessa e Dave na beira do rio, para tomarmos juntos o desjejum. Quando tínhamos saído de nossa cabana à procura de comida, Dennis dormia profundamente, mas agora estava acordado, e aparentemente fora de imediato acordar Vanessa e descrever sua experiência de há algumas horas. O zumbido interior, a sensação de estar possuído — tudo estava sendo contado com excitação quando chegamos à casa e eu pousei minha carga. Enquanto preparávamos o desjejum, eram discutidos e dissecados os eventos da noite anterior. Vanessa e Dave não se abalaram com a afirmação excitada de Dennis, de que algum campo de energia extremamente peculiar havia sido aberto e verificado. No fim do desjejum sugeri a Dennis que, ao invés de discutir com as pessoas sobre a natureza da experiência, ele deveria ficar sozinho e escrever tudo que pensava a respeito do som estranho que havia produzido. Ele aceitou a idéia e voltou à casa da colina para ficar só e escrever:

28 de fevereiro de 1971

Começo essas páginas com uma estranha sensação de urgência, como alguém que confrontou um fenômeno tão inexplicável quanto alguma criação impossível dos sonhos ou um princípio natural enigmático. A tarefa que se impõe a uma pessoa assim é muito sutil: descrever o fenômeno o mais precisamente possível. Minha tarefa é acrescida do fato de que o

fenômeno que devo tentar descrever se relaciona com as próprias ferramentas da descrição; isto é, com a linguagem. Essa afirmação peculiar fará mais sentido à medida que explorarmos mais profundamente o conceito.

Antes de prosseguir, algo me diz que é necessário considerar quem sou. Até 24 horas atrás eu pensava que sabia — agora esta se tornou a pergunta mais perturbadora com a qual já me deparei. As questões que partem da mesma irão proporcionar as respostas que nos permitirão compreender e usar esse fenômeno tão difícil de ser descrito. Essas podem ser as últimas palavras de uma linguagem crua que eu jamais usarei para descrever qualquer coisa; como o fenômeno se inicia no extremo da linguagem, onde as faculdades de criar conceitos buscam palavras sem encontrar, devo ter cuidado para distinguir entre a simples linguagem simbólico-metafórica e a realidade à qual estou tentando aplicá-la.

Mais tarde, quando o li, este prólogo me pareceu ao mesmo tempo grandioso e alarmante. Mas Dennis tinha uma aura de calma certeza que parecia exigir respeito. Senti que o *Logos* estava lutando com o vocabulário de seu mais novo receptáculo. Ele parecia estar fazendo cada vez mais sentido, parecia em vias de conseguir alguma coisa. Continuei a leitura.

Assim como qualquer fenômeno é até certo ponto descritível em termos empíricos, este também o é. Tem a ver com o controle da química de nosso corpo de modo a produzir fenômenos vocais e auditivos muito específicos. Esse estado torna-se possível quando vegetais alcalóides altamente biodinâmicos, especialmente as triptaminas e os inibidores de OMA, são introduzidos no corpo sob parâmetros cuidadosamente regulados. Aparentemente esse fenômeno é possível na presença apenas das triptaminas, se bem que a inibição de OMA ajuda definitivamente a dispará-lo, facilitando a absorção da triptamina. O fenômeno, até agora, já foi conseguido por*

*Os inibidores de OMA são compostos químicos cuja atividade no corpo ralenta ou interfere na oxidase de monoamina, um sistema de enzimas que oxida muitos compostos nos alimentos e nas drogas, transformando-os em subprodutos inofensivos. Na presença de inibidores de OMA, compostos que normalmente seriam metabolizados em subprodutos inativos têm, ao contrário, ampliada a duração de sua atividade fisiológica e psicoativa.

*duas pessoas em nosso grupo: Terence já vem experimentando fenômenos vocais sob influência da DMT durante alguns anos.**

Até a noite passada, quando iniciei o processo e experimentei essa onda de som por alguns breves segundos sob a influência de dezenove cogumelos Stropharia, Terence era a única pessoa que eu conhecia e que dizia ser capaz de produzir aquele som. Mas a noite passada, depois de ingerir os cogumelos, ficamos esperando em nossas redes. A sensação extremamente desagradável que em geral percorre os membros por um curto período de tempo no início das visões provocadas pelo Stropharia já passara por completo. Ela tinha dado lugar, pelo menos em mim, a um contentamento cálido e uma sensação gostosa que parecia queimar em algum ponto por dentro. Eu já tivera essas sensações antes, tanto com cogumelos quanto depois dos relâmpagos da DMT. Então começamos a discutir a respeito de pessoas que estavam longe, e sobre como deveríamos tentar contactá-las na quarta dimensão. Como a conexão mágica a grandes distâncias é um conceito do xamanismo, essa não era uma conversa estranha para nós. Mas foi em algum momento da conversa que ouvi pela primeira vez o som, incomensuravelmente distante e fraco, na região entre os ouvidos. Não do lado de fora mas, definitivamente, incrivelmente, ali dentro, perceptível com clareza no limite da audição. Um som quase como um sinal ou como transmissões radiofônicas muito fracas, zumbindo em algum lugar, algo a princípio como carrilhões, mas sendo amplificado pouco a pouco até tornar-se um ruído elétrico estalante, gorgolejante e pulsante. Tentei imitar aqueles ruídos com minhas cordas vocais, experimentando uma espécie de som vocal, um murmúrio, um zumbido feito no fundo da garganta. De súbito era como se o som e minha voz se unissem, e o som era a minha voz — mas vinda de fora de mim, de um modo que nenhuma voz humana poderia ser distorcida. De repente a energia do som tinha se intensificado muito, e era como o ruído de um inseto gigante.

Enquanto Dennis escrevia, o resto de nós nadava indolente no rio e lavava roupas sob um claro céu amazônico, infinitamente azul. De vez em quando o zumbido das cigarras crescia numa onda

*Minhas experiências consistiram em observar que a glossolalia espontânea, causada em mim algumas vezes pela DMT, disparava uma espécie de prisão sinestésica onde estruturas sintáticas — a linguagem falada — tornava-se visível. Algum efeito desse tipo pode ter estado por trás de minha experiência no telhado, no Nepal. Estranhas representações lingüísticas e vocais parecem tipificar a intoxicação pela DMT.

coerente e varria a superfície cálida e luminosa do Igara-Paraná que corria suave, caindo sobre a terra como eletricidade, no calor do dia equatorial.

Naquela tarde Dennis voltou à beira do rio, procurando por mim. Encontrou-me lavando meus tênis numa grande pedra chata que o nível rebaixado do rio expusera uns trinta centímetros acima da linha-d'água. Sem dúvida, sempre que ficava exposta, ela servia como o local favorito para lavar roupas. Era um lugar mágico, mas sua magia ainda estava quatorze dias no futuro. Ali nos sentamos e conversamos. Fazia dezesseis horas desde o episódio com o som estranho durante a viagem da noite anterior. Dennis disse que o exercício de escrever havia sido muito útil.

— Ótimo! E o que foi que você conseguiu?

— Não tenho certeza. Estou muito agitado, mas o que quer que cause essa agitação também desenvolve idéias na minha mente quase mais rápido do que eu consigo escrever.

— Idéias? Que tipo de idéias?

— Idéias engraçadas. Idéias sobre como podemos usar esse efeito, ou essa coisa, ou o que quer que seja. Minha intuição é de que isso está relacionado com os psicofluidos que Michael Harner relatou no exemplar de julho de 1969 da *Natural History*, e com o que aconteceu a você em Boudanath. Lembra de como Harner deu a entender que os *ayahuasqueros* vomitavam uma substância mágica que era a base de sua capacidade de contatar a divindade? É assim, uma espécie de coisa translingüística feita com a voz.

Conversamos longo tempo à beira do rio, avaliando as opções e as possibilidades. Ele insistia em ligar minha experiência no Nepal com um fenômeno muito estranho que ocorria no xamanismo jívaro no Equador. As pessoas tomam *ayahuasca* e depois, juntamente com todos que também tomaram, são capazes de ver uma substância violeta ou azul profundo, que borbulha e parece um líquido. Quando alguém vomita em resultado de tomar *ayahuasca*, esse fluido violeta sai do corpo; também se forma na superfície da pele, como suor. Os jívaro fazem grande parte de sua magia com

essa substância estranha. Esses são assuntos extremamente secretos. Os informantes insistem em que os xamãs espalham a substância no chão diante deles, e que podem olhar aquele material e ver outros tempos e outros lugares. Pelos relatórios, a substância é feita de algo completamente fora da experiência cotidiana; é feita a partir do espaço/tempo ou da mente, ou é pura alucinação expressa em termos objetivos, mas sempre se mantendo dentro das características de um líquido.

E o trabalho de Harner entre os jívaro não é o único. Desde o início dos relatos etnográficos sobre a Amazônia tem havido rumores e narrativas não-confirmadas sobre excrementos mágicos e objetos psicofísicos com poderes mágicos, gerados pelo corpo humano com o uso de alucinógenos e canções. Lembrei-me da observação alquímica de que o segredo está escondido atrás de cercas.

— Uma matéria hiperdimensional e portanto translingüística? É isso que você quer dizer? — perguntei a Dennis.

— É. O que quer que isso signifique, mas acho que seja algo do tipo. Meu Deus, por que não? Quero dizer, isso é piração, mas é também o sistema simbólico que trouxemos conosco indo em direção à magia xamânica que viemos procurar. “Foi para isso que você embarcou, rapaz, para caçar a Baleia Branca por todos os oceanos e dos dois lados da terra, até ela jorrar sangue negro e rolar sobre a barbatana.” Não é assim que você fala?

O uso da retórica melvilleana foi inesperado, não parecia coisa dele. De onde tinha tirado aquilo?

— É, acho que sim.

— Mas o negócio é o seguinte: se há alguma coisa estranha acontecendo, devemos observá-la, ver o que é e tentar ajustá-la a alguma estrutura coerente. Devemos assumir que não sabemos com o que estamos lidando mas que, por outro lado, sabemos que viemos aqui investigar a magia xamânica em termos gerais, de modo que temos de trabalhar a partir desse efeito, ou do que quer que ele seja, e esperar que saibamos o que estamos fazendo e que tenhamos

dados suficientes para compreendê-lo. Estamos isolados demais para fazer qualquer outra coisa, e ignorar esse negócio pode ser deixar de lado uma oportunidade de ouro.

— É, você está certo — falei. — E cá estamos nós, à beira de águas profundas. Estamos tendo alguma sorte de principiante, você sabe, encontrando o “Outro” tão acessível. O cogumelo está fazendo isso, ou o cogumelo junto com o fumo de *ayahuasca*... é difícil ter certeza. Há muitas variáveis. E há também um monte de atividade sincrônica.

— Certo. Eu me sinto à borda de alguma coisa tremenda. Devemos observar atentamente nossa fantasia ativa e tentar disciplinar o que está se desenvolvendo. O bom e velho método jungiano, é isso aí.

— É. Em termos ideais tudo isso pode ser destilado até um ponto em que possa ser feito algum tipo de teste de validade.

Recordei que há uma cena no livro *A Erva do Diabo** em que a entidade do *peyote*, Mescalito, levanta a mão e Carlos Castaneda vê na palma um acontecimento de seu passado.

Se esse fenômeno tem alguma validade empírica, talvez o que esteja acontecendo seja a presença de uma película muito fina dessa gosma transdimensional sensível à projeção. E quando você olha para ela, é como um retrospecto perfeito. É um espelho — não com seu reflexo físico, mas com o reflexo de quem você é. Tudo isso está no âmbito da especulação, claro. Será que essa substância existe? Ou será apenas alucinação? Quem pode acreditar numa coisa dessas?

Dennis achava que tinha a ver com o som. Poderíamos estabilizar a substância ou provocar seu aparecimento ao fazer algo com a voz. Era uma idéia estranha e escorregadia, porque poderia ser infinitamente extrapolada, já que a substância, fosse o que fosse.

*Publicado no Brasil pela Record/Nova Era.

era feita da própria essência da imaginação. Se pudéssemos moldá-la em três dimensões, ela poderia ser qualquer coisa; entretanto aquele líquido ectoplásmico mental só poderia existir na quarta dimensão. Parecia possível supor que poderíamos entrar na outra dimensão e fazer esse fluido brotar. Piração de intelectual, massa de calafetagem mental. Ele falou muito sobre aquilo. Eu estava em êxtase; achava seus pensamentos maravilhosos. Sentia que era outra idéia que fluía do oceano triptamínico até nós. A questão era: o que poderíamos fazer com ela?

Lembrando agora, depois de ter aprendido tanta coisa nesses vinte anos, é difícil ter certeza no que acreditávamos em La Chorrera, qual era o nível de sofisticação que possuíamos. Estávamos nos sentindo leves e deliciados, as várias experiências com cogumelos naquele lugar distante e belo levavam-nos a uma euforia levemente exagerada. Foi uma época feliz. Estávamos excitados com a perspectiva de abordarmos sob condições quase perfeitas “o Segredo”, como o chamávamos, ou o espectro de efeitos encontrados no êxtase induzido pela triptamina. Esta era a bússola de nossa busca: as topologias em rosáceas das colméias galácticas trazidas pelo relâmpago da dimetilriptamina. Aquele nexos entre papo furado e matemática formal onde os desejos se tornam cavalos e todo mundo pode galopar. A idéia do Outro não nos era desconhecida, mas a tínhamos apenas vislumbrado em breves relâmpagos e em sua manifestação como a *lux natura*, a radiância espiritual por trás da natureza orgânica. Naquele momento éramos fãs da Deusa, ainda não éramos seus amantes.

Acho que todos os participantes de nossa pequena expedição compartilhavam a sensação de que algo se abria ao nosso redor, de que o tempo estava suspenso, de girarmos e girarmos num mundo verde, estranho e quase que eroticamente vivo rodeando-nos por milhares de quilômetros. A selva como uma mente, o mundo pairando no espaço como uma mente — imagens de ordem e de organização consciente vindo de todos os lados. Como éramos pequenos, sabendo pouco, e mesmo assim com um orgulho feroz

do que sabíamos, e sentindo-nos de algum modo representantes da humanidade encontrando algo estranho e Outro, algo no limite da experiência humana desde o princípio! Uma grandeza orgulhosa e cheia de mistério parecia misturar-se ao nosso empreendimento naqueles primeiros dias em La Chorrera.

O dia seguinte, 1º de março, passou sem incidentes. Dennis trabalhou em seu diário. Eu coletei insetos, e Vanessa fotografou a missão. À tarde estávamos todos reunidos no topo do morro onde ficava nossa pequena cabana. Ev e eu ficamos sentados, em comunhão silenciosa um com o outro e com o rio, olhando o lago.

Foi Ev quem percebeu primeiro. O lago abaixo do *chorro* estava salpicado de espuma gerada pela água que corria através do canal estreito. A espuma flutuando sobre a água marrom marcava as correntes do rio que se alargava virando o lago e continuava do outro lado. Foi por causa disso que Ev tinha exclamado. Depois de minutos olhando a água, subitamente uma mudança aconteceu com a superfície móvel e marmórea na parte mais distante do rio. A água parecia ter parado. Só isso: parecia ter simplesmente parado de correr. A superfície estava aparentemente congelada, apesar de quase metade do rio continuar como antes.

Dennis e Vanessa foram chamados da cabana, e concordaram em que o efeito era notável. Afastei-me enquanto eles começavam a especular sobre as causas: a hora do dia, as condições de iluminação, ilusões de ótica e tudo o mais. Não tinha paciência; a cada vez que eles brigavam eu me descobria com uma convicção interna de que a situação ia em frente exatamente como deveria, e que todo mundo estava representando seu papel, e fazendo isso muito bem.

Esse clima de resignação calma e perceptiva era uma coisa nova para mim, talvez aumentada pelo consumo dos cogumelos, mas fora desenvolvida durante o mês em que estivemos na Colômbia, antes de entrarmos na selva. Algumas semanas antes eu teria participado daquelas discussões, agora deixava que seguissem seu curso. Enquanto andava, procurei um lugar para me sentar — Dennis tinha me dado para ler sua anotação daquele dia no diário:

1º de março de 1971

Na noite passada provoquei outra vez o fenômeno depois de comer um cogumelo e queimar fumo. Foi quase idêntico à primeira experiência — uma onda pulsante e crescente de zumbido vocal crescendo rapidamente de volume e ao mesmo tempo captando energia de choque. Ainda que eu pudesse ter prolongado o som após um breve jorro, não o fiz por causa da energia. Estou certo de que logo será possível provocar o som sem usar triptaminas ou outras drogas. Está ficando cada vez mais fácil me ligar, e sinto que agora a coisa está acessível a qualquer momento. É claramente uma atividade de aprendizado que as triptaminas podem iniciar e provocar, mas pode acontecer sem triptaminas assim que for compreendida e dominada. Até agora pudemos estabelecer a existência de fenômenos vocais peculiares em dois indivíduos sujeitos a controles experimentais semelhantes. Agora devemos tentar compreender o que pode ser esse fenômeno. Devemos realizar experiências com o som e, a partir dos resultados, desenvolver teorias para entender os processos que ocorrem. Terence fez muito mais experiências com esses sons do que qualquer pessoa (e eu sou a única outra de que tenho notícia), e ele descobriu algumas coisas interessantes.

Tais como a idéia de que a teia sintática normalmente invisível que segura tanto a linguagem quanto o mundo pode se condensar ou mudar seu *status* ontológico e tornar-se visível. Realmente parece haver uma dimensão mental paralela na qual tudo é feito do material da linguagem visível, um tipo de universo que existe junto ao nosso, habitado por elfos que cantam para existir, e que convidam aqueles que os encontram a fazer o mesmo.

Ele descreve o estado inicial da DMT, que permite jorros prolongados dessa energia vocal, como sendo o de ver os níveis de som se tornarem mais densos até que finalmente se materializam em pequenas criaturas como gnomos, como máquinas, feitas de um material parecido com espuma obsidiana que brota do corpo, da boca e dos órgãos sexuais enquanto o som continua. É uma coisa efervescente, fosforescente e indescritível. Aqui é onde as metáforas lingüísticas se tornam inúteis pois, na verdade, essa espuma é material supralingüístico; é uma linguagem, mas não feita de palavras — uma linguagem que se torna, e que é, a coisa que ela descreve. É um Logos arquetípico mais perfeito. Estamos convictos de que através

de experiências com esses fenômenos vocais, com ou sem drogas, será possível entender e usar a matéria translingüística para obter qualquer realidade, já que dizer qualquer coisa nessa voz é fazer com que a coisa aconteça!

Mesmo não sendo alquimistas naquela época, tínhamos sido capazes de fazer a transferência do espírito para a idéia da matéria translingüística. Palavra, objeto e cognição haviam sido focalizados, na melhor tradição dos mais altos Tantra-yogas. Meu irmão estava captando a revelação do mistério alquímico no sentido mais tradicional.

Uma afirmação tão temerária seria esquisita caso não tivessem havido nossas longas e tediosas especulações sobre o tema. Nossos estudos sobre química da mente, metabolismo da triptamina, natureza do pensamento, consciência, história, magia, xamanismo, física quântica e relativística, metamorfoses em insetos, processos alquímicos etc., junto com a compreensão intuitiva de eventos não-causais e sincronísticos que estávamos obtendo a partir do Stropharia, nos permitem propor um pensamento não de todo exótico sobre o que pode ser esse som que assume forma. Os alucinógenos, ao afetarem a matriz neural, podem produzir mudanças de consciência na dimensão temporal. Está claro que a consciência pode perceber mudanças em três dimensões. Com as triptaminas é possível, sob condições especiais, ouvir e vocalizar um som que atravessa um interligamento de dimensões mais elevadas e se condensa como matéria translingüística, isto é, matéria reduplicada sobre si própria através do tempo, assim como um holograma é reduplicado através do espaço. A substância cujo surgimento é provocado pelo som é a triptamina metabolizada pela mente através de uma dimensão espacial mais elevada. É uma molécula hiperdimensional fazendo uma viagem fora de si própria "neste" mundo. A natureza hiperdimensional dessa substância é tal que tudo nela é material; conceitos, eventos, palavras, pessoas e idéias são homogeneizadas numa coisa só, através da mais alta alquimia dimensional da mente.

Essa é a idéia da misteriosa secreção mágica, uma lenda que sobrevive nos afluentes menos conhecidos do Amazonas. Ali circulam rumores persistentes de um material mágico, gerado pelos grandes xamãs em seus próprios corpos, e que lhes permite curar.

realizar magia e obter informações indisponíveis por meios normais. Como os espelhos mágicos dos contos de fadas, os fluidos mágicos dos quais se ouve falar na floresta úmida são janelas para tempos e locais distantes. Nossa tarefa era criar um modelo crível sobre como tal fenômeno poderia operar, sem deixar para trás as leis conhecidas ou suspeitadas da física e da química. Era um verdadeiro desafio. Dennis especulou em seu diário:

Muitas perguntas surgem a respeito da fenomenologia desse holograma temporal como uma matriz fluida. Especulamos que seja triptamina hiperdimensionalmente metabolizada — fenômeno alquímico que é uma união correta da triptamina (um composto quase ubíquo na natureza orgânica) com um som vocal intermediado pela mente. É a mente que direciona esse processo, e essa direção consiste numa afinação harmônica com um fenômeno audiolingüístico interiorizado que pode ser o "som" da ressonância do spin dos elétrons na molécula da psilocibina. Quando esse som é obtido — num processo que consiste em imitar vocalmente com perfeição o som interior, a triptamina hiperdimensional é produzida. Será essa substância uma coisa mental assim como uma idéia é mental? Será real como um líquido comum, como a água? Harner insistia em que os xamãs jívaro sob influência de triptaminas inibidoras de OMA junto com infusões de Banisteriopsis caapi (ayahuasca), produzem um líquido fluorescente com o qual realizam sua magia. Apesar de invisível à percepção comum, diz-se que esse fluido é visível a qualquer um que tenha ingerido a mistura. A ayahuasca é frequentemente associada às auras violetas e a profundas alucinações azuladas. Isso pode indicar um plasma térmico, talvez visível apenas no espectro ultravioleta. Ainda que se descubra que esse fenômeno pertence à categoria "mental" indicada acima — funcionando como foi descrito, mas com a limitação de não ser tangencial ao espaço/tempo comum — mesmo assim ele representa uma compreensão perfeita da hiperdimensão que Jung chamou de inconsciente coletivo.

Olhando agora, vinte anos depois, essas notas parecem ingênuas. A idéia de uma possível metamorfose unitária dos mundos mental e físico é contra-intuitiva e conceitualmente difícil, se bem que a crença em que havia algo real por trás desse fenômeno, ou da idéia do mesmo, era um fator central levando-nos a explorar o xamanismo na bacia amazônica. Ao ver pela primeira vez essas

anotações duvidei do que tinha lido. Parecia ir contra o senso comum; eu realmente não podia compreendê-las. Hoje, depois de anos de estudos para entender os fenômenos ocorridos em La Chorrera, essas idéias parecem tão magicamente próximas e ao mesmo tempo distantes quanto o eram na época. Nós tínhamos uma teoria e uma experiência, e as ligamos através de um experimento que poderia ter sido absurdo, a não ser que houvesse alguma semente de verdade operacional nas idéias exóticas nascidas naquele período.

Mais tarde, naquela mesma noite, Ev, Dennis e eu fumamos um baseado de Santa Marta Gold. Era uma noite calma, perfeitamente clara, quando nos sentamos e começamos nosso ritual. Ev comentou a claridade da noite e todos ficamos um momento olhando a galáxia. A noite tinha milhões de estrelas. Fumamos em silêncio respeitoso. Talvez tenham se passado uns cinco minutos, cada um de nós perdido em suas próprias idéias. O devaneio terminou com a exclamação de Dennis:

— Olhem como as condições do ar mudaram rápido. Agora há uma névoa subindo do chão.

Era verdade. Num raio de cinco metros ao nosso redor havia uma névoa densa junto ao chão, com cerca de um metro de espessura. Enquanto olhávamos, ela ficou mais densa e se espalhou, tornando-se finalmente uma neblina que ocupava toda a área. Em alguns minutos tínhamos passado de uma noite clara para uma neblina densa. Eu estava francamente espantado. Dennis foi o primeiro a oferecer uma explicação, com uma certeza que parecia tão perturbadora quanto o que tinha ocorrido:

— É uma espécie de instabilidade barométrica que nosso baseado aceso fez ultrapassar algum limiar crítico.

— Você está me gozando! — falei. — Está dizendo que o calor do nosso baseado fez a água começar a se condensar em névoa visível ao nosso redor e que isso provocou uma espécie de reação em cadeia em todo o ar supersaturado das proximidades? Você não pode estar falando sério!

— Não, não. É isso mesmo! E mais, isso está acontecendo por algum motivo, ou talvez alguma coisa, talvez o cogumelo, esteja usando-o como um exemplo. É um modo de mostrar a gente que pequenas instabilidades em um sistema podem disparar amplas flutuações gerais.

— Cara!...

Aquele papo de Dennis me deixou inquieto. Eu não podia imaginar que sua explicação fosse correta, nem por que, exatamente, ele pensava que ela fazia sentido.* Então, pela primeira vez, passou por minha mente a idéia de que ele podia estar com problemas mentais. Não usei nenhum jargão psicanalítico ao pensar nisso, mas notei em mim uma reação ao que ele disse, uma reação que incluía a idéia de que ele podia estar entrando numa realidade mitopoética ou, como pensei no momento, "pirando geral".

Nessa hora a névoa já estava impenetrável, e todos nos recolhemos, mas não antes de Ev relatar que, no silêncio anterior ao aparecimento da névoa ela tivera uma alucinação. Com os olhos fechados, vira uma estranha criatura élfica rolando pelo chão um poliedro complicado. Disse que cada faceta daquele poliedro parecia uma janela para outro lugar no tempo ou para outro mundo.

— É a pedra! — sussurrei. Eu quase podia ver seu vislumbre do *lapis philosophorum*, o objetivo brilhante de séculos de especulações alquímicas e herméticas vislumbrado na noite amazônica, parecendo uma grande jóia multidimensional: a pedra filosofal sob a guarda de um gnomo telúrico. A força da imagem era profunda e tocante. Eu parecia sentir os sonhos espirituais dos antigos alquimistas, grandes e pequenos, que buscaram o *lapis* entre os redemoinhos de fumaça dos seus alambiques. Podia sentir a corrente dourada de adeptos voltando até o passado helenístico, à Obra

*Claro que nenhum de nós poderia ter sabido que boa parte da pesquisa matemática nas décadas posteriores exploraria justamente essas idéias sob o nome de teoria e dinâmica do caos.

Hermética, um projeto mais vasto do que os impérios e os séculos; nada menos do que a redenção, através da reespiritualização da matéria, da humanidade decaída. Eu nunca tinha visto ou imaginado desse modo o mistério da pedra, mas ao ouvir a descrição do que Ev tinha visto, formou-se em minha mente uma imagem que permanece comigo até hoje. É a imagem da pedra filosofal como um OVNI transformado em jóia hiperdimensional — a alma humana como uma nave estelar. É a panacéia universal no fim dos tempos; toda a história sendo a onda de choque dessa última atualização do potencial da psique humana. Esses pensamentos, esses devaneios, me pareciam na época o estremecer de algo vasto, algo fracamente percebido, e que se expandia por milhões de anos, algo a respeito do destino da humanidade e do retorno da alma à sua fonte espantosa e oculta. O que estava acontecendo conosco?

O sentimento de estranheza era quase palpável. Escuros oceanos de tempo e espaço pareciam ondear e fluir sob nossos pés. A imagem da Terra pendendo no espaço se superpunha emocionalmente à situação ao nosso redor. E qual era na verdade aquela situação? Fiquei deitado na rede, emocionado e inquieto no limiar do sono; depois caí no sono profundo e nos sonhos profundos, dos quais nada restou de manhã, a não ser o sentimento de um bocejante espaço interestelar.



Capítulo 8

A OBRA CLARIFICADA

Onde Dennis revela sua estratégia para iniciar a Grande Obra.

O DIA 2 DE MARÇO DE 1971 AMANHECEU cristalino e quente em La Chorrera. Era o dia, sonhado com antecipação, em que Ev, Dennis e eu finalmente poderíamos tomar posse da casa na floresta. Naquela manhã havia mais do que a excitação usual de nossas mudanças frequentes. Durante três dias, desde o episódio da glosolalia do dia 27, Dennis estivera dizendo que a energia do fenômeno era tão grande que não poderíamos prosseguir até que tivéssemos o isolamento proporcionado pela casa na floresta.

Começamos a mudança pouco depois da alvorada, para evitar o calor do dia. O caminho que teríamos de percorrer com o equipamento até a casa nova passava pelas pastagens que não víamos desde nossa experiência com os cogumelos, três dias atrás. Os *Stropharia* estavam em toda parte. Não parecia haver um bolo de bosta de vaca sem seu tufo dourado de cogumelos perfeitos. Prometi a mim mesmo que assim que tivéssemos arrumado a cabana e nos instalado, iríamos tomar cogumelo de novo.

Entretanto, durante todo aquele surto recente de especulação, nossa intenção etnobotânica original, a busca do esquivo *oo-koo-hé*, não havia sido esquecida. Longe disso. Nossa intenção imediata era usar *ayahuasca* como um inibidor de OMA e como uma droga capaz de resolver problemas, e preparar uma infusão com o *Banisteriopsis caapi* que Ev e eu tínhamos recebido de Basílio alguns dias antes.

O que aconteceu foi que eu e Ev passamos o resto da tarde, depois da mudança, limpando o terreno ao redor da cabana e arrancando grandes raízes do solo arenoso e empilhando-as ao sol para secar e servir como combustível para a fogueira que queríamos fazer para preparar nossa *ayahuasca*. Parecíamos nos glorificar com o trabalho físico. A energia e a luz pareciam preencher tudo. Dennis, que desde sua experiência com o som interior tinha ficado arredio e irritado por causa dos vários modos como ela fora recebida pelos outros, tinha ido com seu caderno pela trilha da floresta na direção da aldeia witoto a treze quilômetros de distância.

Voltou no meio da tarde, muito excitado. Acabara de escrever as notas preliminares para o que se tornou “a experiência em La Chorrera”. É o único relatório escrito na época sobre suas idéias e, como tal, é a única peça escrita de evidência primária que temos a respeito de como víamos o que estávamos fazendo naquele momento.

Claro que essas anotações não representam a forma final de nossas teorizações a respeito desses assuntos e não devem ser tomadas por seu valor nominal. Essas idéias vêm sofrendo um refinamento constante desde que foram criadas.* Mas como era completa e bem detalhada aquela visão! A teoria representada nas

*A base científica de nosso trabalho é elaboradamente descrita em *The Invisible Landscape*. Esse trabalho representou a opinião que nós dois tínhamos em 1975. Desde então estas idéias têm sido muito revisadas, à medida que os mitos e as falácias entremeados no tecido de sua primeira concepção vêm sendo postos à parte.

notas de meu irmão é a base operacional para compreender o efeito que foi provocado no dia cinco de março, na conclusão da experiência. Suas anotações representaram o projeto de nosso trabalho, e tiveram grande eficácia. Mas não são destinadas a leitores medrosos, já que parecem palavras de um texto de alquimia. A alquimia é um teste tanto dos limites da linguagem quanto dos limites da matéria. A maquinaria alquímica funciona melhor na imaginação. O magos gostarão de se curvar sobre esses murmúrios alquímicos, que ajudarei a decifrar no próximo capítulo. O resto de meus leitores pode querer pular as folhas e ir direto para o que é, mesmo sem os vislumbres de uma teoria arcana, uma história boa e emocionante.

2 de março de 1971

Outras experiências feitas ontem com o fenômeno de campo psicoaudível levantam algumas questões novas e interessantes, e aumentam a nossa compreensão. Escolhi o termo “campo audível” porque minhas experiências até aqui, unidas ao que ouvi contar, levam-me a crer que tudo isso tem a ver com gerar vocalmente um tipo específico de campo energético que pode romper o espaço tridimensional. Não sei se o campo é eletromagnético, mas ele parece dobrar o espaço até superpô-lo sobre si próprio através de uma dimensão mais alta. Eis como isso é feito:

É preciso tomar bastante psilocibina para que o som seja audível. Acharmos que esse som seja a Ressonância do Spin dos Elétrons (RSE) nos alcalóides psilocibínicos do cogumelo. A presença, dentro da ayahuasca, de triptaminas de alta energia e de metabolização rápida age como uma antena que sensibiliza a matriz neural para a energia de ressonância do spin na psilocibina do Stropharia. É esse princípio que permite o sinal ser ouvido. Ele então deve ser amplificado pela antena criada pela mistura de triptamina, para ser sentido em sua amplitude total. Então, através do som vocal, essa energia é posta no complexo harmônico dentro do corpo e dentro do cogumelo que foi, em alguma pequena parte, resfriado ao zero absoluto — temperatura em que cessam as vibrações moleculares — através da absorção dos pulsos de RSE da psilocibina.

Assim que essa onda de RSE é detectada, é possível amplificá-la dentro dos circuitos neurais canalizando-a através do complexo harmônico; isto é, imitando com a voz a RSE da psilocibina, fazendo com que o som amplificado provoque um harmônico na harmina que está sendo metabolizada no cérebro e com isso excitando a RSE da harmina. Como os complexos harmônicos são

meramente o prosseguimento do mesmo caminho biossintético que converte triptófano em psilocibina, é possível considerar o som de RSE da psilocibina como um sobretom harmônico da harmina, e vice-versa.

Usando sobretoms harmônicos é possível emitir uma nota que cancele uma ou mais de suas oitavas refletidas nas escalas harmônicas acima e abaixo. Isso é facilmente demonstrado num violoncelo: vamos supor uma nota, digamos a corda Lá solta. O som é uma vibração ondulatória de moléculas de ar causada pela corda, que age como ressoador. O som é ouvido mais alto na nota em que foi tocado, mas também soa em todos os "Lás" das oitavas superiores e inferiores. É possível cancelar as notas originais encostando-se muito de leve em certos pontos harmônicos da corda. Quando isso é feito, os sobretoms nos registros mais altos e mais baixos tornam-se audíveis. Se compreendermos bem a teoria das ressonâncias harmônicas, podemos determinar quais sobretoms serão ressoados caso encostemos em determinados pontos da corda.

Quando essa compreensão é aplicada à ressonância do spin do elétron de uma determinada molécula, o princípio permanece essencialmente o mesmo. Quando a nota da RSE da psilocibina for ouvida através da antena da triptamina, ela irá tocar um harmônico nos complexos harmônicos que estão sendo metabolizados no sistema, fazendo com que sua RSE comece a ressoar num nível mais alto. De acordo com os princípios da física tonal, isso irá automaticamente cancelar o tom original, isto é, a RSE da psilocibina, e fazer com que a molécula pare de vibrar; entretanto, a nota da RSE que sustenta a coerência molecular é levada por um microssegundo para a RSE supratonal do complexo harmônico. Isso deixa a psilocibina, momentaneamente cancelada em termos elétricos e supercondutiva, num campo eletromagnético de baixa energia gerado pela RSE da harmina. Fazendo isso, ela irá reaver seu sinal de RSE original, mas agora supercondutivamente amplificado, que irá ficar permanentemente travado num estado supercondutivo.

Enquanto acontecer, esse fenômeno irá automaticamente disparar o inverso do processo inicial. A psilocibina, supercondutivamente carregada pela mente, irá cancelar harmonicamente a RSE da harmina dentro do cérebro. A energia de RSE do complexo harmina-psilocibina irá ser absorvida instantaneamente na matriz do cogumelo. Isso irá fazer com que as moléculas que estão sendo metabolizadas dentro do corpo e ligadas ao DNA neural caiam para o zero absoluto. Obviamente esse complexo harmina-psilocibina-DNA deve separar-se imediatamente da matriz celular. Há grande perigo nesse momento, mas existem caminhos para enfrentá-lo. Descobrimos que essas moléculas se condensam fora de nosso corpo acompanhadas por um som. Esse som será o harmônico da RSE desse

complexo, amplificado supercondutivamente, transmitido e congelado na matriz supercondutiva do cogumelo. A psilocibina supercondutivamente carregada age como uma antena, captando os sinais amplificados de RSE do complexo e condensando sinais vibratórios numa matriz supercondutiva.

Agora a Obra pode ser brevemente resumida:

- O cogumelo deve ser tomado e ouvido.
- A ayahuasca deve ser tomada e carregada com a RSE sobretonal da psilocibina através de um som vocal amplificado.
- A RSE da psilocibina nos cogumelos será cancelada e irá cair para um estado supercondutivo; uma pequena porção da matéria física do cogumelo será obliterada.
- A psilocibina supercondutivamente carregada irá captar o harmônico da RSE do complexo da ayahuasca; essa energia será instantânea e completamente absorvida pelo padrão da triptamina numa dimensão mais elevada. Ele será transferido para o cogumelo como som vocal e condensado na psilocibina como um complexo resultante de harmina-psilocibina-DNA supercondutivos.
- O resultado será um agregado molecular de matéria hiperdimensional e supercondutora que recebe e emite mensagens transmitidas pelo pensamento, que armazena e recupera holograficamente a informação no DNA neural, e isso depende da harmina supercondutiva como uma fonte transdutora de energia e do RNA supercondutivo como uma matriz temporal. Esse agregado será uma parte viva e ativa do cérebro do "cantor" molecular que o cria. Será composto de matéria de uma dimensão mais elevada, isto é, matéria que atravessou a dimensão mais elevada através do processo de cancelar sua carga elétrica com uma vibração harmônica, transmitindo essa vibração através do espaço (do transmissor supercondutivo ao receptor supercondutivo), e então recondensando essa vibração num padrão supercondutivo (a psilocibina energizada no cogumelo), até que o complexo harmina-psilocibina-DNA se condense numa molécula supercondutiva. Nesta teoria uma molécula que é matéria hiperdimensional será estável enquanto permanecer numa configuração supercondutiva, provavelmente para sempre, já que é alimentada pela energia de sua própria RSE. Ela então poderá responder ao comando através da RSE da triptamina endógena (pensamentos), será afinada com o nosso DNA coletivo, e irá conter harmina como um transceptor supercondutivo e fonte de energia.

Isso é que é uma curva íngreme de aprendizado! Eu nunca tinha ouvido meu irmãozinho ir tão fundo. Até o ponto em que entendi o

que Dennis estava dizendo, ele achava — e esse me pareceu um pensamento magnífico — que o corpo é como um instrumento musical e científico não-descoberto, cujo potencial está ao nosso redor e dentro de nós, mas não temos consciência disso. Ele dizia que a mente, através de um ato de vontade, poderia usar a voz para interagir com o cérebro como se ele fosse ao mesmo tempo um órgão de cores e uma biblioteca holográfica.

Dennis apontava o caminho para o tipo de ciência órfica onde grandes avanços seriam obtidos usando apenas a interação entre voz cantora, mente, cérebro e imaginação. Entretanto era prometida mais do que uma sinestesia coletiva induzida pelo canto. Ele dizia que as leis da acústica e dos fenômenos bioelétricos de baixa amperagem poderiam ser manipuladas para dar ao experimentador um portal levando à exploração de estados da matéria e à física de alta energia e baixa temperatura que supomos ser, pelo menos atualmente, província exclusiva de pesquisadores totalmente dependentes de instrumentos técnicos muito sofisticados e poderosos. Por um momento tornou-se possível sonhar que os poderes do xamanismo, decorrentes de um conhecimento milenar sobre microfísica e bioeletricidade, eram muito mais avançados do que os nossos. A porta que parecia estar sendo aberta era uma porta fora do tempo histórico, levando de volta a uma espécie de compreensão arcaica praticamente esquecida.

Talvez as tradições xamânicas deste planeta sejam guardiãs de um conhecimento que usa o corpo humano/cérebro/mente como seu veículo, deixando num pobre segundo lugar o estado atual alcançado pelo nosso “método científico”. Essa é na verdade uma idéia muito antiga — o canto da sereia de Pitágoras, dizendo que a mente é mais poderosa do que qualquer acelerador de partículas imaginável, mais sensível do que o mais poderoso radiotelescópio ou telescópio ótico, mais poderosa em sua capacidade de processar informações do que qualquer computador. De que o corpo humano — seus órgãos, sua voz, seu poder de locomoção e sua imaginação — é um meio mais do que suficiente para a exploração de qualquer

lugar, tempo ou nível de energia do universo. Era essa idéia que Dennis se propunha a provar, a realizar com o veículo lenticular capaz de atravessar dimensões, que ele estava convicto de poder ser gerado a partir de seu próprio DNA e de organismos vivos existentes no meio ambiente amazônico — o cogumelo e a *ayahuasca*.





Capítulo 9

UMA LONGA CONVERSA

Onde são levantados os detalhes sobre como resgatar o Corpo Ressurreto, e é realizado um teste parcial de nossa teoria.

ENQUANTO LIA AS ANOTAÇÕES DE DENNIS senti que se cristalizavam os temas sobre o lugar estranho ao qual tínhamos vindo. Senti outra vez que havia alguma coisa no céu, com uma calma onisciente, observando-nos com atenção. Voltei ao início e li tudo de novo, mas não tinha qualquer base para julgar. As especulações científicas de meu irmão haviam adquirido vida própria. Ele era como um grande computador científico que sabia tudo.

Ao redor da fogueira ouvimos enquanto ele explicava sua idéia para a experiência. Ele estava profundamente envolvido. As idéias brotavam como cogumelos, centenas de palavras a respeito daquelas coisas estranhas. Falou:

— Sabe o que nós poderíamos fazer?

E desfiou o discurso que agora faz parte da doutrina central da Obra. Chamou-a de hipercarboração. De acordo com sua teoria,

— você pode usar o canto e a supercondutividade (ou o desaparecimento completo da resistência elétrica, geralmente apenas possível em temperaturas próximas do zero absoluto) para levar as moléculas dos compostos psicodélicos a estados de associação permanente — ou de ligação — com o DNA humano vivo.

Se você tocar a corda de um instrumento, ela irá soar na oitava em que foi tocada, mas também soará nas oitavas acima e abaixo de sua nota. Ela tem o que chamamos de sobretons harmônicos. Se você tocar a corda e em seguida abafá-la, ainda poderá ouvir os sobretons harmônicos, um fenômeno que fascinava Pitágoras. Dennis afirmou que podemos usar dois sons para se cancelarem mutuamente, caso sejam exatamente iguais.

O mesmo fenômeno que produz sobretons harmônicos pode ser usado para interromper o movimento molecular. Em áreas muito localizadas, talvez de apenas alguns milhares de ângstrons, podemos produzir baixas temperaturas com cancelamento de áudio. O movimento molecular é um tipo de vibração, e na presença da emissão de áudio exata esse movimento irá se interromper. Falando em termos operacionais, quando o movimento molecular cessa a molécula alcançou uma temperatura de zero absoluto, e a supercondutividade torna-se possível.

Dennis achava ter deduzido um modo de arrancar das dobradiças as portas trancadas do paraíso, usando compostos psicoativos, psilocibina, o complexo triptamínico e as betacarbolinas existentes na *ayahuasca*. Ele dizia que, se você olhar a vibração das moléculas da família das betacarbolinas, irá descobrir que a ressonância do *spin* dos elétrons dessas moléculas, movendo-se de uma para outra é, de fato, um sobreton harmônico. É interessante, porque o psiquiatra Claudio Naranjo havia relatado em *The Healing Journey* que 50% das pessoas, estudadas por ele, que tomavam harmina — uma betacarbolina existente na *ayahuasca* — falavam de um zumbido na cabeça. Isso não foi associado a outros tipos de psicodélicos; parecia estar unicamente naqueles compostos harmônicos. Os xamãs jívaro do Equador também falam de um zumbido na cabeça.

Dennis achava que quando a *ayahuasca* é metabolizada através de nossa matriz neural no cérebro ouvimos um som.

Explicar exatamente como tudo isso acontece está longe de ser simples. A ressonância do *spin* do elétron é um fenômeno da estrutura molecular, em que energia de alta frequência é posta no sistema molecular e sinais de ressonância do *spin* dos elétrons emergem dele. Mas nem todos os compostos apresentam ressonância do *spin* dos elétrons; para exibir atividade de RSE uma molécula deve ter um anel livre de estorvos moleculares. Todos os compostos com um anel livre irão ressoar sob certas condições. Os alucinógenos nos quais estávamos interessados têm anéis livres, assim como o DNA, a molécula central na maquinaria genética de toda a vida. Quando o corpo está metabolizando os alcalóides existentes na *ayahuasca*, forma-se uma relação entre os metabólitos de triptamina no cérebro. Ouve-se um som característico dessa interação. Assim que o som é ouvido, ele pode ser imitado. O que se tem, então, é um som vocal.

Ordinariamente não ocorreria a ninguém estabelecer uma conexão desse som com os sinais produzidos pela RSE, que ocorrem no âmbito microfísico. Foi aqui que Dennis deu um salto para o delírio ou para a iluminação, já que começou a insistir em que conseguia realizar coisas com esse som. Vocalizando, Dennis achava que, na verdade, estaria emitindo um sinal amplificado de ressonância do *spin*, um som amplificado modulado pela RSE que vinha da psilocibina sendo metabolizada em seu cérebro.

Bom, a partir dessa base teórica, vamos levantar vôo. Se Dennis estiver na orientação espacial correta com relação à molécula para a qual está direcionando o som, quando ele parar de emití-lo a molécula ficará supercondutiva, porque sua vibração será cancelada. Dos muitos milhões de moléculas tocadas por esse som, algumas dúzias ou algumas centenas estarão na orientação geométrica correta, e irão parar quase que de imediato. Bom, uma propriedade particular das baixas temperaturas é que surgem energias de ligamento muito altas. Uma molécula próxima do zero absoluto irá se

ligar a quase qualquer coisa. Ela simplesmente abre caminho para dentro da estrutura.

Dennis tentou explicar:

— A molécula de harmina, que é estruturada como um pequeno sino, gera um som de sino e de zumbido. Se chegarmos exatamente a esse som e o cancelarmos, e se houver DNA neural ativo no cérebro, a harmina — cuja configuração elétrica se parece bastante com a configuração molecular da adenina, uma das bases no DNA — irá substituí-la. E quando ela estiver ligada, seu anel será ativado. Ela é do mesmo tamanho da adenina, mas é um pouco mais complicada. Tem um anel de ressonância livre. — Dennis parou e em seguida reuniu os pensamentos para continuar.

“Agora, o sinal normal de RSE da harmina é um sinal simples, mas a configuração de *spin* dos elétrons no DNA é muito, muito complicada. É uma faixa ampla. Ao penetrar nele, a harmina deixa de irradiar sua própria ressonância, porque terá ficado presa à estrutura da macromolécula. Ao invés disso irá irradiar a RSE do DNA. É isso. Se você entendeu até aqui o resto é fácil. O DNA é você. A forma física é apenas um monte de cristais macrofísicos gerados pela expressão genética, vocês sabem, o resultado de enzimas postas em movimento e codificadas pelo DNA. Sabe-se que o DNA neural não é metabolizável. Ele não desaparece. A carne de seu corpo vem e vai a cada ano. Seu esqueleto não é o mesmo que você tinha há cinco anos, mas o DNA neural é uma exceção. Ele está ali o tempo inteiro. Você veio ao mundo com ele. Ele grava e é uma antena para a memória. Não apenas nossa memória pessoal, mas a de cada entidade ou organismo que tenha DNA; há um modo de encontrar uma conexão com ele. É assim que abrimos uma passagem para a Imaginação Divina, era assim que William Blake compreendia a Redenção. Agora está ao nosso alcance.

“É assim que se faz. Você põe um rádio no DNA e essa RSE irá começar a inundar seu sistema porque a ligação será permanente; não haverá como desfazê-la. Ela vai contar tudo a você... tudo que pode ser conhecido no mundo do espaço e do tempo, porque

ela contém os seus relatos e os de todo mundo. Estamos todos conectados através dessa substância mágica que torna a vida possível e faz com que ela tome seus milhares de formas. Todo DNA é o mesmo. Os posicionamentos é que são diferentes; dependendo dos posicionamentos, você tem borboletas, mastodontes ou seres humanos.

— Ou pelo menos é o que você diz — foi minha resposta descomprometida. Mas eu tinha a sensação clara de que tinha captado o sentido. Os organismos são estruturas complexas que surgiram e estabilizaram suas formas durante milhões de anos. São literalmente moldados pelo fluxo e refluxo do tempo numa escala mais vasta do que qualquer vida individual pode experimentar ou à qual pode se comparar. Os organismos guardaram em sua embriologia, em sua morfologia, uma mensagem sobre a estrutura mais ampla do universo. O misticismo sempre insistiu nisso. A biologia molecular, como herdeira da teoria da evolução, parece confirmá-lo. Será que a vida é uma estratégia para ampliar a indeterminação da mecânica quântica até um nível em que um sistema químico macrofísico — na verdade os seres humanos — possa experimentá-la e entendê-la? Se alguém de nós puder reprojeter farmacologicamente nossa química neurocelular, poderá realmente haver novos e estranhos reinos de percepção e de compreensão a serem explorados, admiráveis mundos novos da imaginação baseada em novos tipos de neurotransmissores nos cérebros humanos ainda em evolução. “Quem sou eu para julgar?”, pensei.

Eu estava intrigado com sua precisão ao invocar essas idéias, mas no momento simplesmente não sabia o que dizer. Ele me olhava, claramente esperando mais. Eu acreditava no poder infinito e autotransformador da mente e da espécie humana, e podia supor que havia mundos paralelos e dimensões alternativas. Podia imaginar qualquer número de ficções científicas possíveis desde que não me pedissem para acreditar que eu estava em vias de presenciar sua descoberta e seu desencadeamento. Mas era isso que ele estava dizendo; que de alguma forma havíamos tropeçado ou estávamos

sendo guiados para disparar a experiência que transformaria a base ontológica da realidade para toda a espécie humana, de modo que mente e matéria iriam tornar-se em toda parte a mesma coisa, e refletiriam perfeitamente a vontade humana.

Como é que alguém poderia conceber uma coisa dessas? Tínhamos vindo a La Chorrera achando que, se a vida e a mente são possíveis, os mistérios do universo podem muito bem ser inexauríveis. Alguma coisa muito tranqüila, ainda que sempre presente, estava ali elaborando aquelas idéias em nossas cabeças — algo no qual, durante alguns dias, havíamos pensado como “O Cogumelo”.

Conversamos durante mais de uma hora, e o que finalmente emergiu foi a idéia de que precisávamos de um teste, ou pelo menos Dennis afirmou que poderia ser feito um teste parcial, para me convencer e aos nossos companheiros. Ele achava que quando o estado supercondutivo se tornasse estabilizado deveria haver uma visível redução de temperatura nas imediações. Enquanto conversávamos havíamos nos afastado da cabana e entrado no caminho da floresta. Seria possível tentar gerar o efeito de resfriamento ali mesmo, ele supunha.

Sentamo-nos um diante do outro no caminho arenoso, com o sol da tarde sobre nossas cabeças. Depois de alguns zumbidos preliminares, baixos e mecânicos, Dennis fez um som muito parecido com o que produzira na casa da colina três dias antes. Aquele som tinha uma qualidade muito peculiar e, enquanto ele subia de intensidade, eu olhava os pêlos de meus braços e via-os se erguerem enquanto a pele se arrepiava, e uma onda de tremor intenso me varreu. Gritei para que Dennis desistisse. Ele parou instantaneamente e pareceu desgastado pelo esforço. Eu estava bastante desorientado. Francamente não podia dizer se uma onda de ar muito frio me havia varrido ou se aquele som em particular fizera meu corpo reagir como se tivesse sido exposto ao ar frio. Não deixei de pensar que, se o efeito tinha realmente gerado um sopro de ar frio, ele havia violado as leis conhecidas da física. Mas não desejei continuar a experiência — a coisa toda tinha uma aura misteriosa e, se o efeito

era real, quem sabia o que poderia resultar de levá-lo muito longe? Eu estava mais confuso do que nunca com o meu enigmático irmão e suas idéias e habilidades borbulhantes. A coisa toda parecia absurda e ainda assim muito motivadora, como um jogo hipnótico no qual nos absorvemos mesmo sem querer.

— E agora podemos convocar uma entrevista coletiva? — Dennis perguntava insistentemente enquanto voltávamos pela tri-lha. Mas eu mal podia ouvi-lo, tão perdido estava em antecipações deliciosas de futuros anteriormente inimagináveis.

Voltamos à cabana e mencionamos a todos os presentes que Dennis havia gerado a onda de ar frio que ele havia previsto com a teoria. Mas era tudo tão ambíguo que ninguém se sentiu tentado a comentar. Depois do jantar Vanessa e Dave voltaram à casa do rio e Ev, Dennis e eu nos acomodamos para a primeira noite na floresta desde que havíamos chegado a La Chorrera.

Dennis se encontrava num estado de agitação contínua, ampliando suas idéias e colocando mais rugas em nossa testa. Naquela noite e no dia seguinte ele se retirou para um mundo de atividade muito intensa. Escrevia e reescrevia suas idéias, os passos para realizá-las e a teoria de por que deveriam funcionar. Passava um tempo enorme sozinho, escrevendo, e depois voltava para conversar conosco. Estava à beira de algo muito estranho; suas imagens do mundo faziam a realidade tremular e rachar nas bordas. Ele realmente fizera contato com esse fluido obsidiano que borbulhava da quarta dimensão, e que iríamos transformar numa ferramenta utilizável. E fim da história. E vamos para as estrelas.

Minha atitude era de “bom, vamos tentar”. A atmosfera estava inundada de estranheza. Havíamos chegado ao centro da Amazônia e podíamos sentir alguma coisa no céu, olhando. A princípio tínhamos sido cabeças felizes tentando explorar um último conto de fadas para que pudéssemos ser racionalistas para sempre, e ao invés disso encontramos algo enorme. Uma coisa viva, muito antiga e muito estranha. Alguma coisa extremamente peculiar.

Estive muito pouco criativo naquele período. Comia cogumelo e

ficava em êxtase o tempo inteiro. Foi a única época em minha vida em que simplesmente estive contente em ser. Sem qualquer esforço havia formado o pressuposto, que eu achava ser compartilhado por todos, de que jamais deixaríamos La Chorrera. Ir embora parecia inimaginável desde que todas as coisas pareciam perfeitamente presentes. O sentimento de regresso ao lar, de finalmente ter chegado aonde deveria, era às vezes avassalador. Quanto ao futuro, eu imaginava que simplesmente ficaria ouvindo Dennis falar aos borbotões. Sua visão, na qual minha credibilidade estava se dissolvendo, ia além de qualquer coisa que eu sabia ter sido sonhada por qualquer pessoa.

Tínhamos marcado a noite de 4 de março para testarmos toda a teoria do ligamento harmina-DNA. Observei com satisfação incomum que esse dia correspondia a um trocadilho idiota que tinha ficado na minha cabeça desde que era bem pequeno: “Que dia do ano é uma ordem? Resposta: quatro de março”*.

— Que conveniente! — rugia eu em tom bombástico. — Que conveniente nós tentarmos concretizar a alma nesse dia.

De um modo absurdo, a coincidência da data com o trocadilho parecia fazer parte de um plano universal secreto, destinado a levar-nos ao momento culminante da história, quando a humanidade marcharia para uma dimensão mais elevada. Para mim meus pensamentos não se pareciam nem um pouco com a formação teórica supercientífica com a qual meu irmão estava envolvido. Eu estava atarantado com boa parte do que acontecia. Naquele dia, 3 de março, me distraí construindo um narguilé com as estranhas frutas *Macoubea*, em formato de coração, das quais tínhamos desistido por acharmos incomedíveis. Com uma dessas frutas, um pedaço de junco e um pouco de argila do rio, fiz um narguilé que me deu grande satisfação.

**March fourth* — Em inglês soa exatamente como “Em frente, marche!” (N. do T.)

Enquanto o jargão da biofísica redemoinhava ao meu redor, eu contemplava o que havia conseguido com duas plantas e um pouquinho de lama. Para mim pareceu uma maravilha de engenhosidade e, como a fruta era tão estranha, a coisa ficou vagamente extraterrena. Aquele cachimbo poderia ter sido feito de uma das frutas que a gentil Weena ofereceu ao Viajante do Tempo no épico de H. G. Wells. Meu narguilé era um objeto esquisito e assombroso e, ao ser fumado, o borbulhar da água debaixo da casca grossa parecia o bater do coração de um grande mamífero. Até mesmo Dennis parou para admirá-lo, e nós determinamos que ele seria usado na experiência, quando chegasse a hora de fumar parte da *ayahuasca* para aumentar os níveis de harmina em nosso sangue. Estávamos operando num mundo onde o método científico, o ritual e o misticismo estavam inseparavelmente entrelaçados. Nossas mentes e nossos corpos seriam as retortas da transformação psico-alquímica com a qual experimentávamos.

À tarde arrancamos raízes e as deixamos ao sol. Parecia a atividade mais satisfatória que se poderia imaginar. Nada poderia parecer mais correto. Naquela noite gravamos uma fita com nossas intenções, mas infelizmente o gravador não estava bom, e foi impossível resgatar o que havia na fita. É uma perda digna de ser lamentada, já que o conteúdo emocional do que estávamos experimentando surgiria mais claramente através de nossas palavras. A sessão de gravação incluiu uma variedade de temas:

Hipercarbolização: esse era o nome que havíamos dado ao processo de alterar o DNA neural e transformar o homem num eterno ser hiperdimensional. Era um processo que imaginávamos estar intimamente associado à geração sexual. Falávamos dele como “o nascimento de uma idéia” num sentido cuja literalidade não é fácil de transmitir a mentes que não tiveram contato com a esquizofrenia. Esperávamos que a mente, dirigida pela vontade no sentido do bem, pudesse penetrar no processo de geração e guiá-lo para a produção do corpo ressurreto modulado pela imaginação, tão caro aos Padres Patrísticos, alquimistas do século XVI, e aos modernos entusiastas

dos OVNI. Nessa noção seguíamos Jung, que muito cedo percebeu que o disco voador é uma imagem do *self*, a totalidade psíquica que espreita por trás do aparente dualismo entre mente e natureza. Achávamos que o campo mental e sua tendência para o bem podiam ser amoldados aos motores genéticos da vida. A esperança era de que, através da biologia, o Tantra poderia invocar a realidade da pedra viva, fazendo enfim o unicórnio quimérico da busca alquímica pousar a cabeça no colo da virgem. Para encurtar, sonhávamos com a união do Espírito com a Matéria.

Os mortos: acreditávamos que a hipercarbolização seria a derrota xamânica da morte, que os portões através dos quais os mortos entram diariamente seriam enfim escancarados para uma humanidade hipercarbólica que teria liberdade de movimento para entrar e sair de uma eternidade na qual todos os membros da espécie existiam como uma realidade viva. A presença de gigantes do passado humano — Carl Jung, Newton, Nabokov, Bruno, Pitágoras e Heráclito — era uma intuição avassaladora e totalmente inclusiva que compartilhávamos e não poderíamos ignorar.

Parecia haver uma linhagem ideológica, a corrente dourada, cuja tarefa era despedaçar o contínuo histórico através da geração da pedra filosofal viva que era a humanidade hipercarbólica. Todos aqueles pensadores visionários haviam feito sua parte nesse projeto. Agora, enquanto o trabalho secreto da história humana — a geração do corpo do Adão cósmico perdido desde o paraíso — estava perto de ser completado, esses fantasmas estremeciam e se aproximavam de nosso acampamento amazônico. Nosso destino, aparentemente, era nos tornarmos os átomos humanos fundamentais para dar início à transformação do *Homo sapiens* num *bodhi-sattva* galáctico, na culminância e na quintessência das maiores aspirações da humanidade que ambiciona as estrelas.

As pessoas voltadas para a psicologia irão reconhecer isso como a descrição de uma inflação messiânica do ego. É mesmo, mas nós sentíamos essas coisas como qualquer um sentiria, se

realmente acreditasse estar na posição em que nós nos acreditávamos. Ficávamos nos perguntando: "Por quê? Por que nós?"

A essas perguntas o cogumelo respondia em minha mente sem hesitação: "Porque vocês buscaram o bem com diligência, e porque não confiam em nenhum ser humano mais do que em vocês mesmos."

O impacto emocional dessas trocas de idéias era mais intenso do que qualquer coisa que eu já tinha experimentado. Eu me sentia humildemente agradecido, a ponto de chorar. Sentia-me exaltado. Queríamos resgatar o paraíso para a humanidade e agradecíamos a todos os deuses e à natureza o fato de nossa busca excêntrica, dentre todas as vidas e todos os caminhos que eram vividos na terra, ter sido posta pelo destino tão perto do ponto crucial. Onde o antigo xamanismo falhara, nós teríamos sucesso. A pérola eterna da imortalidade humana seria resgatada do poço da morte, tornando-se — através da hipercarbolação — uma realidade viva para cada pessoa que já vivera. Toda dor, todo sofrimento, guerra e desespero seriam de alguma forma pagos e consertados pela intercessão do mistério das dimensões mais elevadas e por uma lógica invertida do tempo, que de alguma forma desfaz o que já aconteceu. A onda de compreensão que vinha ganhando força desde o dia 27 de fevereiro era tão forte a ponto de quase se tornar visível em tudo ao meu redor. A forma lenticular da pedra filosofal que estava chegando parecia se encontrar em todo lugar para onde eu olhava. Cada forma ao meu redor estava grávida de profundidades opalinas sobrenaturais.



Capítulo 10

MAIS COISAS A RESPEITO DA OBRA

Onde refinamos a teoria e iniciamos os preparativos para vôos experimentais do Aerólito Séfico.

O DIA SEGUINTE ERA O ESPERADO 4 DE MARÇO. Depois do desjejum não apagamos o fogo, como acontecia normalmente. Em vez disso, começamos a preparar em vários galões de água cristalina a infusão com os cipós *Banisteriopsis caapi* que havíamos cuidadosamente cortado em pedaços. O fogo fez as raízes secas ao sol queimarem furiosamente. A panela respondeu com uma fervura uniforme, que é a condição correta para o preparo da infusão.

Durante toda a tarde cuidamos do cozimento e falamos pouco. Dave e Vanessa usaram esse tempo para visitar e fotografar a antiga vila de La Chorrera, do outro lado do lago. No início da noite viriam juntar-se a nós para uma refeição leve, e tinham decidido se afastar depois e deixar que tomássemos a *ayahuasca* e fizéssemos sem eles o teste experimental de hipercarbolação. Tenho certeza de que a mente de Dennis, muito mais do que a minha, estava preocupada

com os detalhes do teste. Durante os dias anteriores ele se mostrara freqüentemente irritadiço, o que tomei como parte do espectro de efeitos que acompanhavam o estranho desdobramento mental pelo qual ele estava passando. Enquanto ele se preocupava com questões interiores e pontos de vista, eu era o guardião atento dos fogos e dos procedimentos xamânicos.

Recentemente tinha havido muita discussão sobre o fogo e o papel que ele deveria ter representado na formação do mundo mental dos seres humanos arcaicos. Uma vez, enquanto estávamos sentados junto à fogueira, Dennis observara que "as pessoas vêm olhando assim para o fogo há milhares e milhares de anos. O chiado desses carvões é a liberação do plasma ionizado, e nas ondas tremulantes dos elétrons livres assim criados podemos ver o passado e o futuro. O fogo é o lugar de onde vêm as idéias".

Fiquei em silêncio. Então senti a presença de nossos ancestrais, que aparentemente estavam do outro lado da interface representada pelas chamas. "O que está acontecendo conosco?", perguntei-me de novo, mas não disse nada, já que o silêncio parecia mais eloqüente.

Dennis, completamente ocupado na criação de um teste que revelasse o fenômeno e superasse nosso ceticismo, passou parte do dia escrevendo furiosamente o que se segue:

4 de março de 1971

Agora é possível reconstruir a idéia físico-química que se desenvolveu com o processo de compreender este fenômeno; isto é, a rotação da matéria na quarta dimensão. Entendo, a partir do exame do modelo lingüístico que nós construímos, que o formato da onda de interferência de RSE que resultará na Obra opera de modo um tanto diferente do que eu pensava. Pode ser explicado assim: a psilocibina contida no cogumelo age como uma antena para captar e amplificar os tons harmônicos de RSE de todos os compostos derivados de triptófanos em todos os organismos vivos que estão em sua área de alcance. Como a psilocibina que está sendo metabolizada é supercondutiva, isso significa que seu raio de recepção é teoricamente infinito. De certo modo a antena capta um sinal cuja origem

definitiva é a totalidade das criaturas vivas; mas como o metabolismo da psilocibina acontece no cérebro (ou no cogumelo) num nível muito baixo de voltagem, a antena se comporta como se seu alcance fosse limitado, ainda que ela seja supercondutiva.

Vejo esta noção como um esforço de explicar o sentimento muito real de interconexão de informações permeando nossa experiência, que ocorreu numa das florestas tropicais mais densas do planeta. Nós realmente parecíamos em contato com a mente viva da floresta tropical. Talvez os compostos de triptamina sejam mediadores dos mecanismos de sinalização emitidos pela estrutura de comando e controle que regula e integra ecossistemas inteiros. Realmente parecíamos estar em contato com a mente viva da floresta tropical.

Ainda Dennis:

Portanto parece claro que o sinal, que pode ser discernido tão claramente quando estamos intoxicados com o cogumelo naquela área ecologicamente densa, origina-se na RSE da planta ayahuasca, se bem que talvez toda a biosfera seja captada e transmitida, amplificada através do transdutor supercondutivo da ayahuasca. Essa compreensão irá clarear precisamente o que ocorrerá no momento da dobra quadridimensional. A ingestão da harmina da ayahuasca irá acelerar o processo metabólico o bastante para amplificar o som de sua RSE até um nível audível; esse som de RSE irá cancelar harmonicamente o som de RSE da psilocibina contida no cogumelo, fazendo com que ela perca seu campo elétrico e passe para uma condição supercondutiva. O sinal de RSE da ayahuasca terá transformado a psilocibina do cogumelo numa antena supercondutora; tudo estará pronto para que o composto psilocibina-harmina-DNA, que está sendo metabolizado dentro do corpo, se condense em sua estrutura modificada. Um microssegundo depois da psilocibina do cogumelo ter sido supercondutivamente carregada, sua onda amplificada de RSE irá cancelar os sinais de RSE das triptaminas e da harmina que está sendo metabolizada no corpo. Isso irá fazer com que esses compostos passem para uma configuração supercondutiva e se liguem, ao mesmo tempo em que se ligam ao molde do cogumelo.

Essa transferência de compostos supercondutivos dentro do corpo para um molde supercondutivo preparado dentro do cogumelo não ocorrerá no espaço tridimensional; não será visível nenhuma transferência física en-

quanto o material supercondutivo processado organicamente se liga ao molde do cogumelo através de uma dimensão espacial mais elevada.

É nesse ponto que um racionalista se desespera; que abismos de suposições teóricas não-testadas, e talvez fantasiosas, escondem-se atrás da frase “através de uma dimensão espacial mais elevada”? Não obstante, e como os antigos alquimistas, Dennis parecia agir baseado no pressuposto de que a experiência, caso bem-sucedida, iria sancionar a teoria. Como o vocabulário da alquimia, suas palavras são uma mistura de formalismos científicos modernos e aspirações herméticas. Ele tinha criado um novo ordenamento alquímico, e elevou o espectro das esperanças alquímicas, como uma fênix, a partir das cinzas da modernidade.

O resultado será a Obra das Obras — essa maravilha que não pode ser dita —, quatro dimensões capturadas e delineadas em três. A pedra será todas as coisas; mas os elementos que se juntam no hiperespaço para criá-la estão entre os produtos naturais mais comuns; e a função e o local de cada um na pedra pode ser compreendido. A pedra é um circuito hiperdimensional de estado sólido, quadripartido em sua estrutura:

Primeiro, a psilocibina, energizada no cogumelo para agir como molde no qual o resto do circuito é condensado. No estado final, a psilocibina age como uma antena supercondutora para captar informações difusas através do espaço e do tempo.

Segundo, o complexo harmônico supercondutivamente carregado dentro da pedra irá agir como seu transmissor e fonte de energia. É interessante observar que a mesma energia que sustenta os circuitos da antena em supercondutividade irão sustentar todo o dispositivo.

O terceiro componente da pedra é o DNA ligado à harmina e ressoando através dela. Ele irá constituir a memória holográfica hiperdimensional do dispositivo, e irá conter e explicar a história genética de todas as espécies. Será a memória coletiva do dispositivo, e todos os tempos, lugares e formas concebíveis estarão acessíveis em sua matriz.

A quarta parte do circuito será o RNA, que também estará carregado supercondutivamente. Através de sua função auto-replicante passada para o hiperespaço, o RNA poderá projetar uma forma de onda, uma imagem holográfica tridimensional, dando forma instantaneamente a qualquer idéia. Ele irá cumprir a mesma função que sempre teve: o processo de

replicação através do tempo. Mas daqui para a frente a replicação estará sujeita, em parte, aos caprichos da consciência.

A cada momento fica mais claro para mim por que eu e meus companheiros fomos selecionados para disparar a onda gestáltica de compreensão que estará iniciando o zeitgeist hiperespacial, apesar de saber que não entenderei totalmente nossa missão até que o trabalho se complete. Seremos instruídos no uso da pedra por algum membro infinitamente sábio, infinitamente adepto da comunidade hiperespacial; disso tenho certeza. Será o recebimento das chaves da cidadania galáctica. Especulo que seremos os primeiros seres humanos instruídos no seu uso — nossa missão será disseminá-lo seletivamente para o resto da humanidade, mas isso acontecerá aos poucos, e de modo a minimizar o choque cultural. De certo modo também é apropriado que pelo menos algum segmento da espécie tenha uma intimidade com as implicações e possibilidades do último artefato cultural.

E agora, contra todas as probabilidades, contra o acaso e as circunstâncias, meus companheiros e eu recebemos o privilégio especial de saber como terminará a história. Seria uma posição estranha, se com ela não viesse uma compreensão total das forças que nos levaram até lá. Felizmente, como o fenômeno é uma aceleração da compreensão, percebemos mais claramente as forças que dobraram o espaço e o tempo, o pensamento e a cultura sobre si próprios, para focalizá-los neste ponto.

Como insinua essa afirmação monumentalmente inescrutável, Dennis estava no processo de dobrar algum tipo de esquina. Sob a influência de suas idéias e imagens nossas vidas tinham-se tornado pura ficção científica. Toda essa transformação fora alcançada através da abertura de nossa imaginação coletiva. Mas o que tinha mudado de verdade? Estávamos em vias de pegar com as mãos o broto da história, ou seria aquilo mais uma busca tristemente desorientada de um arquétipo que deve sempre escorrer através de nossos dedos?

Agora posso olhar para minha vida espalhada diante da memória e compreender todos os momentos que prefiguravam este. É fácil olhar além da história pessoal, para os eventos da história humana, e discernir neles a prefiguração deste último instante. Como fenômeno, ele sempre existiu e irá continuar, já que é o limite móvel da compreensão dos fenômenos gerada na época anterior à física, e que ganhou ímpeto — uma aceleração

constante desde então. Nas três dimensões estamos nos dirigindo para a passagem desta onda de compreensão para uma dimensão mais elevada, reino do atemporal. Do jeito que está, essa transição será feita através de um de nós. Mas não haverá mudança nesta ordem cósmica, nem mesmo um tremor nos circuitos cósmicos, porque o fenômeno adquiriu ímpeto constante desde o início, e irá fluir através e para além de todas as dimensões com a mesma suavidade com que entrou, até que finalmente tenha atravessado todos os seres em todas as dimensões. Então sua alegria será completa quando, numa imensidade de tempo, tiver espalhado a compreensão total por toda a criação.

Se dermos início à escatologia, parecerá que estamos atuando no papel do Anticristo, mas o Anticristo verdadeiro é o reflexo, distorcido pela história, do Cristo no fim dos tempos — o Adão-antropocômico. O Cristo escatológico é Anticristo apenas quando visto de uma perspectiva histórica. É interessante que entre os mazatecas e outros grupos tribais dos altiplanos do México central a idéia do Cristo esteja ligada aos cogumelos — será sincretismo ou profecia?

A refeição coletiva daquela noite, com Dave e Vanessa em nosso acampamento, e com a infusão de *ayahuasca* esfriando atrás de nós, não foi um sucesso. Agora as posições relativas ao “fenômeno” tinham-se polarizado ao ponto de não serem mais reconciliáveis. Dave e Vanessa só chegaram no fim do dia, mas juntaram-se a nós na cabana para queimar um fumo. A discussão levou a uma atualização e a uma nova apresentação da experiência proposta para a noite. Dennis falou:

— Vamos pegar um cogumelo vivo, metabolizante. Cavar a bosta ao redor e trazer a coisa toda para a cabana. Queremos fazer a união dentro do cogumelo porque não sabemos o que acontecerá se a fizermos em nossos corpos. Ele é completamente aberto. Com a voz, a mente e um cogumelo, essas coisas podem ser feitas. É só disso que precisamos. Nada de aceleradores de partículas, nada disso! Com uma energia centenas de vezes menor do que a de uma pilha de lanterna, podemos provavelmente separar espaço e tempo.

O ar estava pesado com fons carregados. Dave se mostrava cheio de dúvidas. Enquanto ele falava, havia o rugir de trovões distantes sobre a selva. As objeções de Dave ao que estávamos

fazendo eram emocionais e amedrontadas, na linha de “o homem não foi feito para saber dessas coisas”. Dificilmente o que esperaríamos de um colega. Tentamos tranquilizá-lo, mas ele ficou agitado e saiu correndo da cabana; talvez, pensamos, querendo voltar para a casa do rio.

Ao invés disso ouvimos uma exclamação de medo e uma espécie de gemido, um grito de espanto. Saímos todos da cabana e encontramos Dave, o rosto pálido, olhando para o céu e apontando. A luz de uma lua em quarto crescente revelava o céu esfarrapado, e diretamente acima do caminho que voltava ao rio havia uma enorme nuvem negra de trovoadas, erguendo sua forma redemoinhante através de quilômetros de ar úmido e saturado de eletricidade. Parecia uma enorme centopéia com grandes relâmpagos saltando de suas partes inferiores, golpeando o topo do dossel da floresta com um rugido tão ensurdecedor quanto uma artilharia. Acima do uivo do vento que chicoteava freneticamente a selva ao nosso redor, ouvi Dennis gritar:

— É uma onda retroprojetada da ruptura que se aproxima. Ela me diz que sem dúvida teremos sucesso!

Dave soltou um gemido ao se deixar tombar no solo arenoso, sem poder acreditar, enquanto as primeiras gotas enormes começavam cair. Pensei em Ahab dizendo: “Eu esmurraria o sol se ele me insultasse. Porque, se ele pudesse fazer uma coisa, eu poderia fazer a outra; já que há sempre algum tipo de justiça.” Depois de um trovão de arreentar os tímpanos voltamos todos correndo para a cabana e Vanessa torceu o tornozelo escorregando no tronco chanfrado que servia de escada. Dentro de poucos minutos a tempestade gigantesca se afastou, deixando apenas um pôr-de-sol caótico e agitado.

A súbita tempestade elétrica e seu impacto sobre nós foi tomada como um agouro pelos dois pontos de vista. Dennis, Ev e eu presumimos que ela estava associada a uma retroalimentação de efeitos da experiência cuja realização estava apenas algumas horas adiante. Dave e Vanessa achavam que era uma pequena dose da ira

divina por termos aquelas aspirações prometidas. A possibilidade de que não tivesse nada a ver conosco não foi sequer examinada.

— É essa a cura do meu tendão rompido, que meu astrólogo previu para acontecer nessa época? — A Vanessa de escorpião perguntou a ninguém em particular.

Dennis não comeu nada enquanto Ev e eu compartilhávamos uma refeição ligeira com nossos convidados. Dave e Vanessa nos desejaram boa-noite e boa sorte, e saíram mancando em direção ao rio. Nós três fomos deixados a sós e não restou nada a fazer, a não ser o teste que Dave havia programado e cuja expectativa causara tantas tensões no grupo.

A *ayahuasca* havia sido preparada. Tendo depois disso visto xamãs no Peru preparando *ayahuasca* profissionalmente, estou certo de que nossa infusão era fraca demais para ter representado um papel importante no que aconteceu em seguida. O cogumelo foi o agente causal, se é que um agente causal pode ser isolado. E tínhamos cogumelos, tanto os que havíamos colhido quanto os espécimes trazidos para a cabana, *in situ* em suas bases de bosta. Dennis afirmou que a psilocibina viva e metabolizante deveria estar presente. Tínhamos pendurado uma crisálida de *Morpho* junto ao cogumelo, de modo que o tecido animal passando pela metamorfose também pudesse estar representado na área-alvo. O que era ciência e o que era ritual? Não sabíamos e não poderíamos dizer. Todas as apostas haviam sido feitas. Inspiração poética e dedução científica haviam-se fundido.



Capítulo 11

A EXPERIÊNCIA EM LA CHORRERA

Onde a experiência é tentada e os irmãos McKenna ficam loucos com o resultado inesperado.

A NOITE DE 4 DE MARÇO ESTAVA absolutamente negra. Uma nuvem baixa tinha aparecido, abafando o pequeno mundo de La Chorrera e embrulhando-o numa tigela de escuridão aveludada que absorvia tudo. Depois da tempestade havíamos reacendido a fogueira e evaporado vários litros de água da nossa infusão de *Banisteriopsis caapi*, de modo que ela ficou muito mais forte do que estava antes. Então acrescentamos folhas esmagadas que Dennis colheira naquele dia junto ao *chorro* e que estávamos usando como parte da mistura de planta contendo DMT. Eram as plantas que, esperávamos, proporcionariam a DMT necessária para provocar as alucinações intensas pelas quais a bebida é famosa. Tínhamos identificado experimentalmente essas plantas como *Justicia pectoralis* var. *stenophylla* — um vegetal que se pensava ser usado na preparação da *ayahuasca* na região dos Vaupes, ao norte de onde

estávamos. Agora, anos depois daquela noite, questiono tanto a concentração na qual preparamos o Banisteriopsis quanto nossa identificação da planta a ser misturada. Não há dúvida de que havia uma quantidade considerável de alcalóide harmínico na infusão, mas não tanto quanto descobri mais tarde ser necessário para provocar uma intoxicação inambígua. Na minha opinião, os alcalóides harmínicos presentes foram reforçados pela psilocibina acumulada em nossos sistemas, ou talvez o efeito inibidor de OMA das betacarbolinas tenham feito a psilocibina residual vir à tona como uma profunda experiência alucinógena.

Enquanto eu completava a fervura, Ev e Dennis foram para suas redes e deitaram-se esperando o término dos preparativos. Rimos juntos e conversamos em voz baixa. Mas a despeito disso havia uma tensão subjacente, à medida que chegava a hora da experiência à qual havíamos dedicado tanta energia. Enquanto nos aproximávamos do momento crítico Ev e Dennis ficaram inexplicavelmente desajeitados, e pareciam achar difícil controlar seus corpos; fora isso que os mandara para a rede. Eu não parecia afetado, e estava em condições de cuidar de tudo que requeria atenção. Deitado em sua rede, Dennis comeu dois cogumelos para dar início à experiência; eu e Ev fizemos o mesmo.

À luz da fogueira, nossa cabana sobre palafitas parecia uma pequena espaçonave pousada nas selvas gigantescas de um mundo alienígena. Todos sentíamos como se estivéssemos nos aproximando de um impulso hiperespacial. Havia a sensação de energias imensas se acumulando. O efeito era reforçado pelas redes penduradas, parecendo protetores contra a aceleração prontos para receber a tripulação da nave. Dennis estava deitado praticamente incapaz de segurar um lápis, mas escrevia furiosamente, em termos operacionais, sobre a experiência que viria:

No momento o cogumelo está sendo metabolizado em nossos corpos; foi ajustado ao molde de triptamina no cogumelo vivo, e sensibilizado para a condensação da molécula de harmina-psilocibina-DNA. Quando a ayahuasca for sintetizada, o análogo da harmina irá começar a ser metaboli-

zado dentro do corpo. A RSE do circuito de psilocibina pré-sensibilizada irá imediatamente cancelar a RSE da harmina e fazer com que ela se ligue supercondutivamente ao complexo DNA-RNA tanto em nossos corpos quanto, simultaneamente, no cogumelo, numa dimensão mais elevada. Assim que a ligação for completada, o banco de memória e a unidade de impulsão da harmina-DNA irão se condensar no circuito carregado de psilocibina que está no cogumelo. Veremos essa condensação quando ela aparecer no cogumelo no mesmo instante em que a ligação se completar numa dimensão mais elevada.

Eu não tinha noção do que aquilo significava, ou do lugar aonde levaria. Parti do princípio de que deveria simplesmente ser uma boa testemunha. Na certa nada aconteceria, ou então alguma coisa maravilhosa estava guardada.

Dennis explicou que se sentia incapaz de se mexer muito bem por causa de algo que tinha a ver com o fluxo de tempo às avessas. A restrição cada vez maior dos futuros possíveis tinha-o deixado quase imóvel; apenas a mente, planejando e computando, estava livre.

Terminamos de ferver a *ayahuasca*. Peguei as plantas a serem misturadas e as acrescentei à infusão que estava esfriando. Levei a *ayahuasca* para a cabana, e depois o cogumelo. Com essas coisas no devido lugar, estávamos prontos para dar início à experiência.

Dennis começou narrando nossa contagem regressiva para um ômega que nenhum de nós podia realmente entender; estávamos completamente transformados pela expectativa de que talvez fôssemos testemunhar o fim do milênio. Ele disse que o tempo parecia ralentar enquanto nos aproximávamos do ponto. Nós não tomávamos cogumelo há vários dias, de modo que os efeitos da experiência não vinham dessa fonte. Alguma coisa estava acontecendo. Como prova dessa afirmação espantosa, ele chamou nossa atenção para a vela que eu tinha posto numa pequena prateleira presa na parede da cabana. Sem que tivéssemos notado, sua ligeira inclinação havia-se tornado ligeiramente exagerada, de modo que agora ela se encontrava num ângulo maluco, desafiando a gravidade porque, ele disse,

o tempo passava tão devagar que não podíamos ver que ela de fato estava em plena queda.

Cheguei perto daquela aparição e me curvei na direção da chama. Parecia imóvel, absolutamente congelada. Minha mente voltou ao momento em que estávamos acima do rio e ele também parecera imobilizado para sempre. A chama era estranha. Por mais que olhasse, eu não podia ver qualquer movimento ou partícula de gás. Eu parecia ter minha liberdade de movimentos de sempre, mas o mundo ao redor estava chegando a uma imobilidade cristalina e misteriosa.

Foi Dennis quem finalmente falou:

— Uma série de pequenos níveis de energia devem ser rompidos para que essa coisa aconteça. É parte mitologia, parte psicologia, parte física aplicada. Quem sabe? Faremos três tentativas antes de começar o modo experimental.

Todos bebemos a *ayahuasca*. O gosto era picante e adstringente, como um molho de couro e molé, mas sumiu depressa enquanto o líquido borbulhava até a barriga. Dennis comeu só mais um cogumelo para ajudá-lo a ouvir o som. A escuridão do lado de fora era absoluta, e não tínhamos relógio. Pareciam ter-se passado horas desde que Dave e Vanessa haviam saído. Finalmente tudo estava pronto: o cogumelo vivo, a infusão de harmina e a mistura de harmina para fumar, “só para garantir”. Depois de cada um de nós ter tomado cerca de meio copo da infusão de *ayahuasca*, acomodamo-nos para esperar.

Nos últimos dias Dennis vinha ouvindo o som de RSE que ele dizia ser a condição *sine qua non* para o que estávamos tentando. Depois de cerca de quinze minutos anunciou que podia ouvi-lo mais claramente, que estava ficando mais forte. Disse que se sentia preparado para tentar a experiência a qualquer momento.

Concordamos em que durante a emissão do som iríamos apagar a vela, de modo que não tivéssemos as mentes ocupadas com nenhuma distorção facial, induzida pela triptamina, que o grito estranho pudesse causar. Anos antes havia acontecido alguns epi-

sódios, no nosso antigo grupo de Berkeley, envolvendo DMT e espasmos de musculatura facial que eram completamente arrepiantes para o observador, já que invocavam as entidades do budismo tântrico — olhos arregalados, a língua impossivelmente comprida que se enrolava, coisas do tipo.

Então Dennis sentou-se na rede. Apaguei a vela e ele emitiu seu primeiro uivo de hipercarbolção. Foi um som mecânico e alto, como de um berrante, e terminou num espasmo convulsivo que atravessou seu corpo e atirou-o no chão.

Acendemos a vela somente pelo tempo necessário para determinar se todos queriam ir em frente, e concordamos em que a próxima tentativa de Dennis deveria ser feita com ele sentado no chão da cabana. Isso foi feito. E de novo houve um grito em falsete, longo e cheio de zumbidos, estranho e inesperadamente mecânico.

Sugeri uma parada antes da terceira tentativa, mas Dennis estava bastante agitado e ansioso para “fazer a coisa acontecer”, como ele disse. Acomodamo-nos para o terceiro grito, e quando veio foi como os outros, mas durou muito mais tempo e soou mais alto. Era como uma sirene elétrica anunciando um ataque nuclear sobre a noite calma da selva. Continuou e continuou, e quando finalmente se extinguiu, foi também como uma sirene morrendo. Então, ali na escuridão absoluta de nossa cabana amazônica, houve o silêncio, o silêncio da transição de um mundo para outro; o silêncio da fenda de Ginnunga, aquela hesitação momentânea entre duas eras do mundo, na mitologia nórdica.

E naquele hiato veio o som do galo cantando na missão. Três vezes veio seu canto, claro porém muito distante, parecendo confirmar-nos como atores num palco, fazendo parte de um artifício dramático. Dennis tinha dito que, se a experiência fosse bem-sucedida, o cogumelo seria obliterado. Os fenômenos de baixa temperatura explodiriam o material celular, e o que restaria seria uma onda imóvel, um anel de luz violeta do tamanho do chapéu do cogumelo. Esse seria o modo estável da lente, ou da pedra filosofal, ou o que fosse. Então alguém iria assumir o comando dela — a

pessoa de quem tivesse sido retirado o DNA. Seria como ter dado à luz a própria alma, nosso próprio DNA exteriorizado como uma espécie de fluido mágico transformado em linguagem. Seria uma mente visível e possível de ser segurada com as mãos. Indestrutível. Seria um universo em miniatura; uma mônada, uma parte do espaço e do tempo que, magicamente, tem em si todo o espaço e o tempo condensados, inclusive nossa mente, um mapa tão real do cosmo que, de certa forma, é o cosmo. Esse era o coelho que ele esperava tirar da cartola naquela manhã.

Dennis curvou-se em direção ao cogumelo que estava de pé na área de experimentação.

— Olhem!

Enquanto eu seguia seu olhar, ele levantou o braço, e a sombra de seu poncho caiu sobre o chapéu totalmente aberto do cogumelo. Claramente, mas só por um momento, enquanto a sombra dividia o chapéu reluzente do cogumelo, eu vi não um cogumelo maduro, mas um planeta, a terra, lustrosa e viva, azul, castanha e de um branco ofuscante.

— É o nosso mundo. — A voz de Dennis estava cheia de emoções imensuráveis. Eu só podia assentir. Não entendia, mas tinha visto claramente, se bem que minha visão fosse apenas uma coisa momentânea.

— Conseguimos — Dennis proclamou.

— Não entendo — e eu não entendia mesmo. — Vamos até o pasto. Preciso pensar.

Eu estava exausta pelas atividades da noite e provavelmente satisfeita por ficar sozinha na cabana, com a manhã que se aproximava prometendo algum tipo de novo dia. Enquanto descíamos a escada feita de tronco, fui golpeado pela cena de absoluta confusão que nossas atividades tinham deixado para trás durante as últimas horas frenéticas de preparar a fervura. Nossa imensa fogueira agora se compunha apenas de cinzas brancas. As sobras da feitura da *ayahuasca* estavam empilhadas ao lado, parecendo um monte de algas lançadas na praia. Tudo parecia jogado de qualquer modo.

Andamos através da bagunça, desenrijecendo os corpos e parando para molhar o rosto no pequeno córrego que atravessava o caminho.

Não tínhamos falado. Foi Dennis quem rompeu o silêncio.

— Você está se perguntando se deu certo?

— É. O que aconteceu? Você é que está no comando, então o que é que está havendo?

— Bom, não tenho certeza de como, mas sei que conseguimos. Deixe-me tentar entender isso.

Apesar do efeito dos cogumelos e da *ayahuasca* da noite parecer ter acabado, minha mente estava cheia de perguntas. Enquanto andávamos, Dennis fazia comentários ocasionais que eram (fiquei chocado ao perceber) respostas a perguntas que eu estava pensando, mas não articulando.

Parei de andar. Formei claramente uma pergunta em pensamento; Dennis, de cabeça baixa à minha frente, começou a responder sem esperar que eu falasse em voz alta o que tinha pensado. Fiquei perplexo. Era isso, então? Será que ele tinha adquirido poderes telepáticos? Não, era mais do que isso.

De acordo com Dennis, a ligação da harmina ao seu DNA tinha-lhe dado acesso imediato a um banco de informações enorme e ciberneticamente acumulado. E essas informações estavam disponíveis a todas as pessoas no mundo que olhassem em suas mentes e iniciassem a pergunta com a palavra "Dennis". O absurdo da segunda metade de sua proposição foi demais para mim. Mas, naturalmente, sob sua insistência, fiz o teste. Peguei uma pequena planta que crescia aos meus pés, fechei os olhos e perguntei:

— Dennis, qual é o nome dessa planta?

Imediatamente, e sem qualquer esforço que eu percebesse, um nome científico — que já esqueci — saltou em minha cabeça. Tentei a mesma coisa com uma planta diferente e, para meu espanto, recebi uma resposta diferente. A experiência parecia assegurar que alguma coisa estava pondo as respostas em minha cabeça, mas eu não podia dizer se elas eram corretas ou não. Fiquei abalado. Ao sairmos da cabana para caminhar eu tinha certeza de que havíamos fracassado.

e de que tínhamos de falar sobre uma revisão de nossa abordagem. Até mesmo me sentira aliviado, já que a natureza obsessiva da experiência fora muito desgastante. Mas agora — enquanto caminhávamos e eu podia ouvir uma voz respondendo em minha cabeça, ainda que fútil ou incorretamente, a cada pergunta feita — eu estava menos seguro.

Dennis parecia estranhamente preocupado, e mesmo assim me assegurou que seu esforço fora bem-sucedido, e que a onda de hipercarbolção estava atravessando o mundo inteiro, varrendo a raça humana, eliminando a distinção entre indivíduo e comunidade, enquanto todas as pessoas se descobriam espontaneamente penetrando num oceano telepático cujo nome era o de seu descobridor: Dennis McKenna.

Enquanto eu observava minha mente e ouvia meu irmão falando sem parar, comecei a perceber que a experiência de fato provocara algum tipo de efeito estranho. Agora me pergunto por que era tão fácil para mim saltar da suposição de que estávamos tendo uma experiência peculiar localizada para a idéia de que éramos partes fundamentais de um fenômeno planetário? É uma questão importante, não respondida, e que mostra minha suscetibilidade à sugestão e à inflação do ego. Eu simplesmente estava sendo vítima de uma alucinação cognitiva; isto é, ao invés de uma experiência visual de algo que não está presente, uma alucinação cognitiva é uma alteração total dos níveis mais altos de nosso relacionamento intelectual com o mundo. A alucinação cognitiva induzida pela psilocibina fez com que o impossível e inverossímil parecesse provável e razoável. Eu estava sendo inundado de êxtase enquanto percebia que havíamos ultrapassado o ponto ômega e agora agíamos nos primeiros momentos do novo milênio. Ambos podíamos sentir a excitação crescer até percebermos que o mundo estava, de algum modo, radicalmente diferente num ponto fundamental.

— Deve ter acontecido o seguinte — Dennis falou. — Nós não condensamos a pedra no espaço visível, mas a geramos em nossas cabeças. Ela não aparece imediatamente como um veículo visível,

mas surge primeiro como ensino, o ensino que estamos ouvindo agora mesmo em nossas cabeças. Mais tarde, as palavras se tornam carne.

Eu só podia ficar olhando para o meu irmão. Quem é ele, e como pode saber e fazer essas coisas? Eu só podia me assombrar.

— Agora nossa mãe, e possivelmente montes de pessoas mortas, logo estarão se mostrando. Jung sem dúvida virá e, por Deus, quero ouvir o que ele tem a dizer. — Falando isso, Dennis olhou por sobre meu ombro, como se torcesse o pescoço para ver quem se aproximava de nossa cabana. — Será Nabokov, Sunny Jim, aquele garoto simpático de Joyce, ou o chato do Nick Cusa?

Abraçamo-nos, rindo. Eu me sentia como um menininho sendo guiado. Sem nenhum motivo, parara de questionar; em vez disso sentia uma urgência de ver outras pessoas e sentir sua imersão no novo céu e na nova terra. Concordamos em que eu iria ao rio, pegaria Dave e Vanessa e viria com eles para a floresta. Dennis voltaria ao acampamento e explicaria a Ev o que estava acontecendo.

Enquanto me dirigia ao rio, eu me sentia quase sem peso. Renascido, cheio de energia e explodindo de saúde e vitalidade. Num período de alguns minutos havia passado do cético cansado e entediado para o crente em êxtase. Olhando para trás, creio que, para mim, este foi o ponto crítico. Por que não questionei Dennis com mais força? Será que, de algum modo, eu estava auto-hipnotizado? Será que o cenário estranho, a dieta restringida, a tensão e as expectativas tinham me levado a um lugar onde fui incapaz de resistir a participar do mundo criado pela imaginação exótica de meu irmão? Por que fui incapaz de manter meu ponto de vista apartado e cético? De certa forma essa suspensão da descrença é o ponto crucial da questão — e, acredito, de muitas situações de "contato imediato".

O Outro brinca conosco e se aproxima de nós através da imaginação, e então chegamos a um ponto crítico. Passar desse ponto requer o abandono de hábitos antigos e arraigados de pensar

e de ver. Nesse momento o mundo vira preguiçosamente pelo avesso e o que estava oculto se revela: uma modalidade mágica, uma paisagem mental diferente da que conhecíamos, uma paisagem tornada real. Esse é o reino do riso cósmico. OVNI's, elfos e os prolíficos panteões de todas as religiões habitam essa paisagem anteriormente invisível. Chegamos aos continentes e aos oceanos da imaginação, mundos capazes de sustentar qualquer um que queira apenas jogar e deixar o jogo ir cada vez mais fundo, até transformar-se numa realidade que poucos ousam até mesmo imaginar.

Enquanto eu caminhava naquela manhã perfeita, não me veio nenhum desses pensamentos confortavelmente objetivos. Em vez disso, assumi que meu corpo estava metabolizando seu caminho em direção ao corpo ressurreto, a "alma tornada visível" da hermenêutica cristã que, esperávamos, faria parte do resultado de nossa experiência. Eu não sabia o que estava acontecendo no resto do mundo, mas sabia que desde o momento em que Dennis havia dito que a experiência terminara, tinha sentido uma onda cada vez maior de energia e compreensão desdobrar-se através do meu ser. Enquanto eu caminhava, me veio o que parecia uma percepção profunda. Brotou em minha mente a compreensão de que somos todos seres iluminados, e que apenas a incapacidade de ver e sentir a nós mesmos e aos outros como realmente somos nos impede de largar as culpas e nos enxergarmos como verdadeiramente iluminados. Nunca fui um carola psicodélico, e no entanto me encontrava ali, suspenso entre o clichê e o arquétipo.

Estava me sentindo beatífico, e no entanto não podia acreditar no que parecia estar acontecendo. A caminhada até a casa de Dave e Vanessa levava uns dez ou quinze minutos. Agora eram cerca de sete da manhã. O sol estava alto no céu e fazia um dia lindo. Enquanto atravessava o pasto eu parava e dizia "Dennis", e a resposta era instantânea, como o pensamento. Aquilo me confundia. Eu parava a toda hora e fazia isso. Sentado no capim. "Está

tudo certo? O que é isso? Não sei. É seguro? Não consigo entender o que significa."

Fui na direção do rio. Enquanto andava, fiz algumas experiências. Disse "Terence. Terence". Era como conversar comigo mesmo. Então disse "Dennis", e a coisa estava instantaneamente ali, pronta para funcionar. Em seguida disse "McKeena, McKeena" e a coisa continuava ali. Percebi que não podia alcançá-la com meu primeiro nome, mas que conseguia com o sobrenome. Senti-me simultaneamente iluminado e aturdido, *não* podia compreender o que estava acontecendo.

Pensava nessas coisas quando cheguei à casa de Vanessa e Dave. Eles ainda estavam dormindo em suas redes, mas havia um grupo de crianças witoto arregaladas, apinhadas ao redor da porta mesmo àquela hora da manhã. Enquanto passava entre elas, meu olhar pousou sobre cada uma, e pensei: "Você é iluminado, e você... e você..."

Minha chegada foi para Dave e Vanessa o primeiro acontecimento do dia. Disse a eles que havíamos tido sucesso e que o fruto de nosso sucesso não era um hiperobjeto condensado, mas um ensinamento. Pedi que se vestissem e viessem comigo. Enquanto desmontavam as redes, eles me disseram que durante a parte mais escura da noite Dave tinha acordado histérico, num estado não muito diferente do que lhe fora induzido pela tempestade elétrica da noite anterior. Ficaram muito agitados durante a noite e só puderam atribuí-lo ao que estávamos fazendo.

Eu sentia interesse naquilo tudo, mas parecia estar ouvindo de uma longa distância. Queria voltar à floresta e ver o que aconteceria lá. Lembrava algo que Dennis dissera alguns minutos antes, no pasto. Ele havia dito que a demarcação entre dia e noite, a linha do alvorecer, estava agora fazendo uma varredura de 24 horas ao redor do mundo, uma varredura que começara no momento da alvorada, quando a experiência em La Chorrera tinha terminado. Por todo o mundo o tráfego e as fábricas estavam parando. As pessoas deixavam suas casas e escolas para olhar o céu, percebendo que alguma

coisa acontecera, que aquele não era um dia como qualquer outro. Dave e Vanessa me seguiram de volta à floresta. O tornozelo de Vanessa tinha melhorado pouco durante a noite, e eles foram resmungando boa parte do caminho.

Pouco depois de passarmos do lugar onde eu me separara de Dennis, encontramos uma coisa que a princípio não podia se encaixar em qualquer expectativa. O poncho e a camisa de Dennis estavam largados no meio do caminho. Em seguida foram as calças, e pouco depois um par de meias. E, se bem que eu só sabia disso mais tarde, seus óculos e suas botas também haviam sido jogados fora. Seguimos aquela trilha de roupas descartadas até chegarmos à cabana na floresta. Lá encontramos Ev e Dennis, ambos nus e sentados no chão, discutindo e fazendo a meditação “pergunte ao Dennis”.

Dizendo que não se pode receber uma iniciação apropriada a não ser que se esteja nu, Dennis insistiu em que tirássemos as roupas. Vanessa despiu-se, e Dave e eu seguimos seu exemplo. Até mesmo o ceticismo deles parecia ter sido posto de lado. A presença do cogumelo era palpável, e ele parecia estar dizendo: “Tirem suas roupas. Joguem tudo fora. Tudo está se rompendo. Os objetos não são bons para vocês. Joguem tudo fora. Vocês não precisam mais deles.”

Olhamos uns para os outros, lustrosos pêlos púbicos e genitálias resplandecendo ao sol. Enrolei um baseado e sentamo-nos em círculo para fumar. Contamos a Dave e Vanessa sobre o ensinamento, e eles tentaram — com variados graus de sucesso. Dave parecia achar que tinha funcionado, mas Vanessa, cética, não tinha certeza. Não fiquei surpreso com esse resultado, já que uma voz na cabeça é algo muito escorregadio e subjetivo. Se você a tem, não há dúvida, se não tem, parece uma questão muito obscura.

Todos estavam muito amáveis, só que Dennis mostrava uma tendência a falar no meio dos comentários dos outros, como se eles não estivessem presentes. Parecia se encontrar numa faixa de tempo

diferente da nossa, já que realmente aparentava ser incapaz de perceber que outra pessoa estava falando.

Achamos que seria lógico irmos nus para a selva, levando apenas as redes, pendurá-las numa árvore e nos deitarmos. Então iríamos explorar a situação, porque estava claro que podíamos fazer mais coisas do que perguntar e responder. A porta estava aberta. Apenas a experiência mostraria o que seríamos capazes de fazer. Perguntei à coisa em minha cabeça o que poderia ser feito, e recebi instruções de que deveríamos visualizar nossas vidas a partir do presente, e então recuar através de toda a vida, encontrando e ajeitando as coisas com cada criatura pensante a quem tivéssemos feito mal. Quando chegássemos ao fim do processo, deixaríamos nossos corpos e estaríamos soltos na dimensão de absoluta liberdade, que parecia tão próxima. Concebi aquilo como se fosse um rebobinamento da gravação da atividade kármica. Assim que nosso karma tivesse sido rebobinado, floresceria um estado de inocência original.

Deitados em nossas redes, nos dispusemos a meditar nosso caminho para o hiperespaço. Nos olhos da mente eu podia me ver em La Chorrera, e em seguida seguindo a trilha até El Encanto, subindo o rio para Leguizamo e voltando a Bogotá, e depois ao Canadá. Em cada ponto encontrava as pessoas com as quais vivera e dizia: “Nós conseguimos! Desculpe; espero não tê-lo ofendido muito quando estávamos vivendo em três dimensões. Agora isso tudo acabou.” Simplesmente acabou.

Podia ver pessoas. Imediatamente ia na direção delas. “Estamos na Amazônia”, explicava a cada uma. “E agora estamos voltando para casa. Ou para algum lugar.” A visão tinha uma qualidade absolutamente bizarra. Lágrimas se acumulavam por trás de minhas pálpebras fechadas. Era uma coisa muito especial.

A voz do professor falou em minha mente: “Você encontrou. É isso aí. Agora acabou. Não há mais nada. Dentro de algumas horas a superestrutura da civilização humana na Terra vai-se desmoronar, e sua espécie irá partir. Primeiro vocês irão para Júpiter e depois à

Alfa de Sagitário. Um dia de grandes aventuras amanhece, ao menos para os seres humanos.”

A princípio as imagens que surgiam por trás de meus olhos fechados pareciam se aprofundar e ficar mais intensas, mas depois de uma hora estava claro que se dissipavam. Um a um saímos do estupor em que o calor da manhã e as redes nos haviam posto. Começamos a falar aos borbotões, analisando e analisando. Dennis estava fora de si. Dave e Vanessa não tinham certeza de que alguma coisa tivesse “realmente” acontecido. Ev estava distante e eu me sentia definitivamente doidão e imerso na percepção surreal que estivera comigo desde o início caótico do dia.

Então percebi que algo estava errado. A imaginação suplantava a realidade, como sempre. Para todas as outras pessoas nada tinha acontecido. Ficou claro que ninguém, a não ser eu, podia ouvir Dennis dentro da mente. Na verdade todos se perguntavam o que estava acontecendo, alarmados com a conclusão de que eu estava ficando louco. Havíamos entrado no que mais tarde passei a ver como a fase seguinte, que foi para todos um período de confusão. Dennis se encontrava definitivamente desligado da realidade. Eu falava com ele, e ele não percebia. Entrava no meio das conversas porque não sabia que havia outra pessoa falando. Enquanto o golfo entre nossas percepções se tornava evidente, sentimos todos a necessidade de voltar ao normal, ao básico; foi sugerida uma visita ao chuveiro do lado de fora da casa do padre, já que estávamos todos imundos com a fuligem da fogueira noturna.

Juntamos nossas roupas, e ao fazê-lo ficamos sabendo que Dennis tinha jogado fora seus óculos junto com as botas e o resto. Desgrenhados e desorientados, saímos procurando os óculos sem sucesso, enquanto refazíamos o caminho até a missão.

Um grupo witoto olhou-nos enquanto passávamos, e em seguida eles irromperam numa gargalhada compreensiva. “Eles sabem. Eles sabem o que foi feito”, assegurava a voz em minha cabeça. Certamente estavam rindo e zombando de alguma coisa. Seguimos, à luz do sol, para a missão e seu chuveiro.

Dennis não parava de falar, e não era mais possível a comunicação com ele. Entre os outros crescia o consenso de que enfrentávamos uma crise, mas que ela ainda não estava fora de controle. Concordamos em que a *ayahuasca* era muito peculiar, e que dentro de algumas horas tudo entraria nos eixos. Minha conclusão era de que acontecera algo real e imprevisto, que Dennis fizera alguma coisa, e que algum tipo de estranho efeito farmacológico fora involuntariamente manipulado. Mas o efeito acontecera em parte como esperávamos, de modo que não sabíamos em que pé a coisa estava. Eu me sentia calmo, e pelo menos participava da situação social. Apesar de ser varrido por emoções que faziam lágrimas correr por meu rosto, não perdera o contato com a realidade.

— Vamos esperar até amanhã. Dennis vai voltar a si — tentei tranquilizar o resto do grupo.

Todo mundo parecia estar encontrando o caminho de volta ao equilíbrio físico normal, menos Dennis e eu. Eu estava cheio de percepções estranhas, maravilhosamente expandidas, enquanto os olhos dele e suas idéias alucinadas indicavam uma dificuldade verdadeira de pôr os pés no chão. Depois do nosso banho, voltando para a floresta, mencionei tudo isso. Mas, zombeteiro como Hamlet em sua loucura, Dennis respondia em charadas e imitando parentes mortos. Eu não conseguia nada com ele. Continuei presumindo que uma noite de sono iria endireitá-lo. Quando voltamos ao acampamento insisti em que ele descansasse, o que fez.

— Agora podemos convocar a entrevista coletiva? — perguntou da rede, enquanto tentávamos restabelecer a ordem.





Capítulo 12

NO VÓRTICE

Onde descobrimos que o Universo é mais estranho do que podemos supor, Dennis realiza uma jornada xamânica e nosso grupo é polarizado e dividido.

PARA POUPAR VANESSA DA CAMINHADA DE VOLTA até o rio, decidimos que ela e Dave passariam a noite em nossa cabana. Suas redes foram penduradas junto com as nossas. O local ficou apinhado, mas jantamos bem naquela noite e, a não ser pelos comentários direta ou indiretamente incompreensíveis de Dennis, a superfície das coisas parecia estar restaurada. O tornozelo de Vanessa continuou mal, e grande parte de nossa atenção foi dirigida para essa dificuldade — talvez devido à sua natureza palpável, em contraste com a maior parte do que estava acontecendo. Eu me sentia absolutamente modificado e renovado, distante de todo mundo e contente por deixar que os acontecimentos se desdobrassem como quisessem. A coisa nova dentro de mim havia me assegurado de que, independente das aparências, tudo estava muito, muito bem.

O último desvario daquele dia longo e espantoso veio depois do jantar à luz da fogueira. De sua rede Dennis rompeu o silêncio

para explicar que, naquela noite, aprenderíamos em sonhos uma série de coisas que culminariam com o corte das conexões com os nossos corpos, bem antes do amanhecer. Iríamos nos reintegrar em nossos corpos virtuais aperfeiçoados, na ponte de comando de uma nave espacial em órbita geossíncrona a vinte e duas milhas acima da bacia amazônica.

Era a segunda profecia autolimitadora feita desde a experiência. A primeira fora o esforço daquela manhã para meditarmos de volta até o nascimento. Em retrospecto vejo essa “histeria escatológica” como um dos principais pontos em que meu pensamento parecia radicalmente mudado. Nas próximas semanas e nos próximos anos haveria muitas outras dessas profecias autotestadoras, muitos cenários possíveis através dos quais o mundo passaria por uma transformação escatológica final e completa. Como os profetas do Velho Testamento ou os alquimistas helênicos, sentíamos-nos apanhados num drama cósmico de queda e redenção.

Quatro dias desde a experiência. Cinco, sete, dez, dezesseis, vinte e um, quarenta, setenta e quatro dias — momentos aguardados com esperança e suspensão voluntária da descrença, eles vieram e se foram, com o clima escatológico permeando tudo, ainda que muito impalpável. Depois de articulada, a idéia de um veículo lenticular capaz de atravessar dimensões nunca se afastou muito. Ela assombrava nossos devaneios, nossas esperanças secretas e nossos sonhos noturnos.

A afirmação de Dennis sobre a nave estelar que nos esperava foi também a primeira vez em que a imagem do OVNI surgiu em seu pensamento desde a experiência, um tema que seria articulado de mil modos nos dias seguintes. A equação *lapis = self = OVNI* era a suposição operacional da longa viagem, proposta por Dennis, de ida e volta para a autodescoberta. Com essas imagens de morte e de renascimento dentro de uma nave estelar ressoando em nossas mentes, dormimos exaustos.

Quero enfatizar que a cabana estava apinhada com redes suspensas em cada trave disponível. Era difícil se mexer sem comuni-

car o movimento a um dos vizinhos através de puxões e empurrões nas muitas cordas. Devemos ter nos recolhido às dez. Eu dormi um sono pesado até o que imaginei serem umas duas horas. Levantei para dar a tradicional mijada de meio da noite, que o uso de leite condensado induz nos exploradores. Sentado em minha rede, lutei para encontrar fósforos e acender uma vela. Na noite silenciosa ouvi o ar entrando em meus pulmões numa exclamação de espanto. Uma intensa coroa de três camadas reluzia ao redor da chama da vela, chegando a mais de um metro de distância. Era de um intenso azul iridescente alternado com laranja igualmente puro. De imediato me lembrei da aura de luz que rodeia o corpo do Cristo ressuscitado na pintura de Matthias Grünewald. Achei que Grünewald devia ter visto a mesma coisa que eu estava vendo, e que mais tarde a incorporou em sua "ressurreição".

Simultaneamente, como num pensamento ainda mais profundo, "compreendi" de algum modo intuitivo que a distorção ou a polarização da luz que eu via era um efeito causado pela distorção do espaço-tempo psíquico induzida por nossa experiência e pela presença do *lapis* nas proximidades. Esse pensamento foi acompanhado por outro: talvez a distância temporal e espacial da pedra pudesse ser medida pela intensidade das cores na aura da luz ao redor de uma simples vela. A distorção da luz de uma vela poderia agir como detector da pedra filosofal. Lembrei-me de Diógenes procurando o bem com uma lanterna. O que ele estava fazendo? Pensei na frase "É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão", e ri.

Acordei Ev, e ela confirmou, sonolenta, as cores ao redor da vela, mas aquilo não lhe comunicou nada do que havia comunicado a mim. Virou-se para o outro lado e, quando voltei à cabana, ela estava ressonando. Ao retornar à minha rede contei as cabeças e notei que estavam todos presentes e dormindo. Fiquei acordado por longo tempo. Tudo parecia calmo.

Quando o jejum deu início à manhã seguinte, 6 de março, tornou-se claro que o sono reparador, que eu imaginava termos

todos compartilhado, fora tudo menos isso. Dennis, ainda desorganizado mas expansivo, comentou que tivera, ou imaginou que tivera, uma noite muito ativa. Depois de várias perguntas, ficamos sabendo que ele estava completamente convicto de ter se levantado em algum momento da noite, vestido as roupas e passado por uma série de aventuras noturnas. Que incluíam ir sozinho no escuro até a imensidão trovejante do *chorro*, a um quilômetro e meio de distância, em seguida caminhar até perto da missão, subir numa grande árvore e passar algum tempo lá, antes de atravessar o pasto e voltar à sua rede, pendurada entre as outras. O pensamento dele andando naquelas trilhas durante a noite, sem os óculos, entrando e saindo no êxtase xamânico, talvez uivando e se comportando de um modo paleolítico, era demais para mim. Foi uma quebra na tranquilidade coletiva. Mesmo tendo noventa por cento de certeza de que aquilo jamais acontecera, decidi eliminar qualquer possibilidade de tais passeios no futuro.

A história de Dennis era a descrição clássica de uma jornada xamânica noturna. Disse que tinha ido ao *chorro* e meditado no cemitério da missão, que havíamos visitado antes. Começara a voltar ao acampamento quando encontrou um ingazeiro particularmente grande, no ponto em que o caminho chegava perto da missão. Num impulso, tinha subido nele, consciente de que subir na árvore do mundo é um motivo central da jornada xamânica na Sibéria. Enquanto subia, senti as polaridades vibrantes de muitos arquétipos e, quando chegou ao ponto mais alto, algo que ele chamou de "o vórtice" abriu-se à sua frente — uma enorme porta temporal em forma de redemoinho. Ele podia ver os megálitos ciclóticos de Stonehenge, e por trás, revolteando num plano mais elevado, as silhuetas das pirâmides, brilhantes e recobertas de mármore como eram no Egito do tempo dos faraós. E mais longe ainda, nas entranhas do vórtice, viu mistérios muito anteriores ao advento do homem — titânicas formas arquetípicas em mundos não imaginados por nós, mecanismos arcanos de consciências que atravessaram esta parte da galáxia quando nosso planeta era jovem e sua super-

ficie mal se resfriara. Essas máquinas, esses abismos mecânicos, tocados pelo frio do espaço interestelar e pelo tempo que consome eras, vieram até ele. Dennis perdeu os sentidos, e o tempo — quem sabe quanto tempo? — passou.

Em seguida encontrou-se no pasto, a algumas dezenas de metros de seu recém-descoberto *axis mundi*. Se caiu da árvore, isso não pareceu machucá-lo. Espanto, exaltação, medo e perplexidade estavam presentes em seus pensamentos. O *continuum* parecia estar-se rompendo e fragmentando-se diante dos seus olhos, tempo e espaço girando num vórtice de contradições apocalípticas. Nesse estado de medo e exaltação, nas profundezas da revelação do destino da humanidade entre as estrelas, Dennis voltou ao nosso acampamento e sem qualquer ruído deitou-se em sua rede, ou acordou ali depois de sonhar com isso tudo.

Vinte e quatro horas haviam-se passado desde a tentativa de hipercarbolar o DNA humano. Era evidente que Dennis não estava saindo tão rápido quanto esperávamos do estado de excitação xamânica induzida. Era tempo demais para ser considerada uma reação normal aos cogumelos ou à *ayahuasca*. Duas opções se apresentaram para explicar a situação:

A primeira era a posição para a qual Vanessa e Dave se inclinavam: o cansaço da jornada e a recente viagem de psilocibina teriam contribuído para ativar um arquétipo xamânico em Dennis, um arquétipo que devia estar latente o tempo todo. Agora esse arquétipo estaria liberado, e com um forte potencial de transferência ao qual eu estava sucumbindo ao ser incapaz de reconhecer a condição de meu irmão como um estado potencialmente patológico. Essa era a fonte da maioria de nossas diferenças de opinião sobre como agir.

Uma segunda explicação, à qual Ev e eu nos sentíamos inclinados, partia de uma abordagem bioquímica, ao invés de psicológica. Dennis teria, através de sua dieta incomum de alcalóides e da experiência que realizara, inibido algum sistema de enzimas que normalmente faria com que voltasse das alturas de uma viagem

alucinógena — mas que, neste caso, se tornara inoperante. O candidato mais provável para isso seria o sistema de OMA (oxidase de monoamina), responsável por transformar muitos alucinógenos em subprodutos inoperantes. Sabe-se que o fenômeno irreversível de inibição de OMA ocorre com algumas drogas, e essa é uma condição que demora cerca de duas semanas para se corrigir. Entretanto, sabe-se que os compostos contidos no *Banisteriopsis caapi* geralmente revertem sua inibição de OMA dentro de quatro a seis horas. Sem dúvida, como mostraram os acontecimentos subsequentes, essa explicação fazia parte da história, já que Dennis ficaria preso aos delírios xamânicos por quase duas semanas.

Depois de anos pensando, minha explicação continua muito mais voltada para a segunda idéia. Não creio que Dennis estivesse predisposto a um mergulho arquetípico. Acho que de alguma forma ele, num único instante, restringiu toda a OMA em seu corpo, e que sua longa desordem mental deveu-se ao tempo necessário para recompor o nível de OMA a partir de uma inibição súbita e completa. Creio que esse esgotamento súbito foi causado pelo experimento, e que a ressonância vocalmente induzida, cancelando as forças que normalmente atuam nessas moléculas, provocou grandes mudanças na química de seu corpo. Resumindo: creio que ele induziu uma inibição irreversível de OMA em seu corpo, usando psilocibina, sua voz e sua vontade.

Se isso for verdadeiro, a implicação para a humanidade pode ser tão grande quanto nós, em nosso estado mental inflado, supusemos — já que sugere uma tecnologia farmacológica através da qual a humanidade pode explorar o *continuum* paralelo cuja interação com nossa própria existência é expressa pela experiência visionária. Havíamos feito contato com um efeito que algum dia pode abrir uma porta para todos os mundos que se aninham em nossos sonhos e imaginações. Sem dúvida é um efeito a ser estudado. Hoje, anos após a experiência, ela ainda parece prometer muito. Meu interesse contínuo nessas questões é baseado na crença pessoal de que algum efeito incomum e ainda não confirmado

ocorreu em nossa experiência, algo como o princípio de cancelamento de ressonância, com o qual Dennis ficou tão intrigado.

O jejum no segundo dia após a experiência encerrou-se com uma discussão acalorada sobre se Dennis tinha ou não ido mesmo ao *chorro*, ou se apenas sonhara. Quando a retórica se exauriu, Vanessa me chamou para fora da cabana e fomos os dois até a fonte pegar água. Precisávamos ter uma conversa. Como havia grandes diferenças no diagnóstico do que estava acontecendo, também havia grandes diferenças quanto ao que deveria ser feito.

— Mas já que Dennis é seu irmão e você tem opiniões formadas com relação ao assunto, vou concordar com o que você achar que deva ser feito aqui. Pelo menos por enquanto.

Senti-me grato pela margem de tempo contida na atitude de Vanessa. Toda a questão relativa ao estado mental de Dennis se prendia a como, e especialmente *quando*, ele sairia daquilo. Qualquer diagnóstico tinha de implicar numa previsão quanto a esse ponto vital. A voz interior me tranqüilizou, dizendo que estava tudo bem, mas eu queria que Vanessa compreendesse que eu tinha gostado de sua postura, mesmo não concordando com ela.

Entendi, pela conduta de Vanessa, que seríamos deixados a sós na casa da floresta. Poderíamos esperar Dave e ela apenas como visitantes, e a possibilidade de ir embora do isolamento da selva já se anunciava como um tema sutil, mas que crescia de importância.

Com isso o cenário ficou pronto para os próximos cinco dias de caos em La Chorrera, de 7 a 12 de março. Ev tornou-se uma espécie de ligação com o resto do mundo da Missão. Chegava no final da tarde e partia a cada manhã, cozinhando uma refeição para a noite e para a manhã e mantendo-se muito bem-disposta, considerando-se que só estava com nosso pequeno grupo há três semanas.

Durante esse tempo Dennis melhorava muito aos poucos. Sua mente parecia ter sido literalmente virada pelo avesso. Em alguns momentos do dia, quando se tornava mais coerente, dizia que a experiência o havia catapultado à beira da pseudosfera riemanniana

que é o universo, onde até mesmo as linhas paralelas se interceptam. Afirmava que tinha de retornar ao espaço comum, e que estava voltando para dentro, nível após nível após nível. Coisas muito estranhas aconteceram durante esse período. Ele podia ouvir minha mente funcionando. Era um telepata, não havia dúvida. Podia fazer imitações perfeitas das vozes de nossa mãe e nosso pai. Tornou-se muitas pessoas, imitando-as perfeitamente. Via-me como uma espécie de xamã ou de messias. Referia-se a mim como "O Ensino". Não como professor, como aquele que ensina, mas como O Ensino, uma espécie de embaixador alienígena personificado, com o poder de negociar a entrada da espécie humana nas assembléias de inteligência superior.

E havia muito mais; uma visão da história do século XX, da construção da lente, e do fim do tempo. Disse que a descoberta de uma dimensão física mais elevada estava a poucos anos no nosso futuro, mas, de algum modo, ligava-nos ao Egito, aos cultos de triptamina da *Acacia*, ao Tibete de oito mil anos atrás, à magia xamânica dos *Bön-po* e ao *I Ching*. Todas essas idéias estavam em circulação constante enquanto ele falava e agia sem parar.

Não existem anotações desse período. Eu me sentia tão convicto de que estávamos diante da eternidade que não sentia qualquer necessidade de escrever. Enquanto o mundo me parecia ficar cada vez mais perfeito, decidi que em algum momento escreveria um poema, mas esse momento nunca veio. Naqueles cinco dias nada era coerente e nada se ligava a nada. Lembro-me de que foi o tempo mais intenso pelo qual já passei. Não havia um acorde emocional ou intelectual no registro humano que não tenha sido tocado e repetido em mil variações.

Nas anotações feitas semanas depois eu só podia resumir aqueles cinco dias rotulando-os, absurdamente de: fogo, água, terra, homem, paz. Eu ficava sentado e Dennis desvairava. Sem os óculos, seus olhos eram selvagens, penetrantes e perturbadores. Desde a noite de sua caminhada xamânica eu tinha decidido não dormir, e ficava vigiando-o constantemente, noite e dia. Nos nove dias se-

guintes não dormi nem senti necessidade. Apesar de saber que existem relatos de casos semelhantes, durante anos minha falta de necessidade de dormir durante nove dias pareceu o argumento mais sólido para a realidade das forças com as quais havíamos experimentado. Não só eu não precisava dormir, mas estava constantemente pensando de um modo rico, calmo e cheio de imagens, que fazia meu processo normal de pensamento parecer uma sombra pálida e grotescamente animada. Esse poder mental prosseguiu durante o período sem sono e por muito tempo depois.

O tempo através do qual nos movimentávamos parecia feito de reflexos do tempo precedente e do que viria em seguida. A primeira noite após minha decisão de não dormir, a de 6 de março, foi passada num devaneio profundo e num espanto crescente com o fato de estar me saindo bem sem nenhuma necessidade aparente de sono. No último período de escuridão antes da alvorada, aparentemente na mesma hora em que havíamos feito a experiência há dois dias, ouvi Dennis estremecer em sua rede dentro da cabana. Então ouvi, baixo porém forte e claro, o mesmo uivo ondulante que nos havia lançado num mundo novo há 48 horas. Soou três vezes, exatamente como algo em minha mente disse que aconteceria.

O último uivo foi alongado como da outra vez; subiu e durou talvez um minuto. Então, enquanto se esvaía, ouvi de novo o canto do galo vindo da Missão, deslizando pelo ar que clareava. Por que as coisas aconteciam com tal simetria, como se uma gigantesca forma ordenada estivesse tentando emergir na própria organização da realidade ao nosso redor? O sol nascente flamejou pelo céu e teve início outro daqueles dias titânicos. A coisa em minha mente moveu-se para enfrentar os desafios à razão que permeavam cada novo instante. Tudo que restou daquele tempo são imagens e incidentes, apenas metáforas agindo como temas contínuos. Tudo fazia criar mitos e imagens, tudo era mercurial, metanivelado, sempre fluorescente.



Capítulo 13

BRINCANDO NOS CAMPOS DO SENHOR

Onde Dennis e eu exploramos os conteúdos de nossas ilusões e iluminações mútuas.

NA MANHÃ DO DIA 7, EV RETORNOU AO RIO com Dave e Vanessa e pela primeira vez em dois dias Dennis e eu estávamos sós. A atmosfera era de calma. Eu me ocupei separando e arrumando o equipamento. Nosso acampamento estava organizado. Dennis se alternava entre a calma e longas arengas em escala supracósmica como em *The Starmaker*, de Olaf Stapleton. Imitava, personificava, descrevia e invocava imensas entidades gnósticas e maniqueísticas que lutavam numa escala cósmica. A luta eterna entre bem e mal estava sendo travada como numa revista em quadrinhos quadridimensional no labirinto de sua mente. Mas ele não carecia de humor, ocasionalmente dizendo num gemido que se sentia “como um velho *Mandaeen*”, e em seguida morrendo de rir da própria inteligência.

Eu me sentava na rede e participava verbalmente o máximo que podia, mesmo estando claro que Dennis não tinha dificuldade em

manter sozinho a conversa. Na verdade ele parecia ter acertado o veio principal na fonte da verborragia.

Fechei meus olhos por um instante. E ali, totalmente formado por trás de minhas pálpebras, estava o primeiro do que considerei serem ensinamentos ou mensagens. Era uma linda forma geométrica recorrente, com quatro "pétalas". A voz em minha cabeça informou que aquela era a "curva de Valentine". Obviamente as quatro pétalas da curva pareciam um cartão de Dia dos Namorados*, ou um coração sangrando. Pensei por um instante na fruta em forma de coração, que eu havia transformado em narguilé. Não havia conexão óbvia... a imagem desapareceu. Fui pegar meu caderno e desenhei a curva, a princípio de modo tosco, e depois melhorando bastante. Isso fez com que eu pensasse em Basil Valentine, um alquimista do século XV, autor de *The Triumphal Chariot of Antimony*. Eu tinha lido o livro, mas não lembrava praticamente de nada. Pensei também em Valentinus, um gnóstico de Alexandria, do século II, e em sua doutrina de que o mundo material era a emoção condensada da Sofia errante, que egoisticamente criara um universo sem realizar qualquer união, a não ser consigo própria. A concretude da angústia da Sofia — a mais inferior dos arcontes — no mundo físico era uma idéia que se relacionava intimamente com nossos esforços alquímicos. A condensação de emoção em matéria era um tema de arrepiar. Era o tema que nos havia trazido à Amazônia. A alquimia era a gnose da transformação material. As pistas pareciam estar em toda parte, tudo se encadeava num tecido mágico de significado, afirmação e mistério.

Durante aquele dia e os que se seguiram, todos os tipos de idéias se formavam espontaneamente em meu pensamento, e inevitavelmente levariam a alguma expansão dos temas ao redor dos quais

*Valentine's day, em inglês. (N. do T.)

havíamos organizado nossas vidas. Um desses temas que era apanhado e ampliado, a princípio devagar e em seguida mais rápida, radical e inclusivamente, era o conjunto de idéias e relacionamentos contidos no texto de oráculo chinês chamado *I Ching*. Há muito me interessavam, como parte de meu interesse geral em lógicas não-causais, esses comentários antigos e fragmentados sobre um conjunto ainda mais antigo de 64 ideogramas oraculares chamados de hexagramas. Na verdade eu ouvira falar pela primeira vez do *I Ching* ao ler Jung. Ele sugerira que a justaposição significativa de um hexagrama a uma situação do mundo externo, que permite que o *I Ching* seja usado como um dispositivo de leitura da sorte, sugeria uma conexão não-causal entre o mundo mental e a realidade exterior. Jung chamara esse fenômeno de sincronicidade.

Há vários anos era meu hábito jogar o *I Ching* — jogo que consiste em manipular 49 varetas de milefólio ou, no meu caso, palitos de bambu, cuja configuração forma os hexagramas — a cada lua nova e cada lua cheia, e anotar os resultados num pedaço de papel que eu guardava dentro da capa do meu exemplar do livro. No primeiro dia depois da experiência a voz dentro de minha cabeça sugeriu que eu pegasse as anotações dos hexagramas que eu obtivera até então. Eu mal podia imaginar as deduções e as conclusões a que essa sugestão simples levaria. Peguei essas anotações e procurei uma situação em que houvesse tirado o primeiro hexagrama; depois de achar, voltei ao início da lista e procurei por uma anotação do segundo hexagrama, e assim por diante. Minha lista cobria um período de três anos e continha cerca de oitenta jogadas e suas mutações.

Depois de meia hora determinei que, de acordo com minha listagem, eu tinha tirado cada um dos 64 hexagramas pelo menos uma vez nos três anos. Esse fato bastante improvável me pareceu carregado de significação. A probabilidade de ocorrência não é igual, e as chances de tirar todos os hexagramas em tão poucas jogadas parecia incomum. Pareceu-me que eu tinha uma espécie de identidade secreta e que estava no processo de descobri-la. Aquilo

provava que eu era um reflexo do microcosmo, e que de algum modo fora escolhido para estar na situação em que me encontrava. Lágrimas rolaram facilmente com essa verificação pessoal do padrão ordenado, cujos desígnios eu estava encontrando em todos os pontos de minha vida. Recompus-me e em seguida, sob a forte sugestão daquela onda interna de compreensão, queimei a lista de minhas jogadas do *I Ching*. Foi uma coisa muito pouco característica de meu modo de agir.

Dennis olhou tudo aquilo e soltou uma das muitas charadas que vinha propondo naqueles dias:

— O que é que você pode fazer com um buraco num graveto e que não pode fazer com um graveto num buraco? — gritou do outro lado do quintal arenoso para mim, que estava junto à fogueira. Supus que a resposta envolvesse um mergulho nos pressupostos alegres e quentes do Tantra, a favor da idéia de que o cachimbo era um veículo superior para a viagem interdimensional, e que isso era o que se podia fazer.

Mais ou menos uma hora depois, e após um longo silêncio pouco característico de sua nova condição, Dennis levantou os olhos de suas meditações e anunciou que tinha acabado de perceber que podia fazer qualquer telefone tocar simplesmente concentrando-se numa imagem que ele se recusou a dizer qual era. Foi mais longe ainda e afirmou que podia fazer telefones tocarem em qualquer momento do passado desde quando existiam os telefones. Para demonstrar essa habilidade ligou para nossa mãe em algum momento no outono de 1953. Pegou-a no ato de ouvir Dizzy Dean narrar um jogo de beisebol. E de acordo com Dennis ela se recusou a acreditar que ele estava ao telefone, já que podia vê-lo em sua forma de três anos de idade dormindo diante dela. Ele disse que iria ligar para ela mais cedo, e então passou o resto da tarde ligando para todo mundo em quem podia pensar e em vários momentos do passado, conversando animadamente e rindo consigo mesmo das mentes que ele estava fundindo e das maravilhas do que chamava

de "Ma Bell", a companhia telefônica. E assim passou-se a tarde de 6 de março.

Uma conclusão razoável seria supor que Dennis estava toxicamente esquizofrênico, e que deveríamos deixar a Amazônia. O que complicava era eu. Eu parecia comparativamente normal, exceto por uma coisa: insistia em que tudo estava certo, e que Dennis sabia exatamente o que estava fazendo.

— Está tudo bem — tentei tranquilizar os outros. — Ele fez aquilo a que se propôs, e agora as pessoas devem tentar relaxar até que tudo se resolva.

Sentia isso apesar de não saber como ele realizara a experiência ou como descobrira a teoria. Só sabia que, depois daquele momento no alvorecer, quando tínhamos saído de nossas redes para olhar o cogumelo depois da experiência, algo muito esquisito acontecera comigo.

Eu estava num lugar muito estranho. Sentia como se houvesse me transformado em mim mesmo. Meu contato com a voz era o de um aluno com o professor. Ela me ensinava. Além de qualquer possibilidade de argumentação, eu ficava sabendo coisas que não poderia saber normalmente. Ev passara pela experiência, mas nada acontecera com ela. Meus outros amigos pareciam muito distantes. Não podiam compreender o que sucedia e preferiam nos rejeitar. Cada um achava que os outros estavam loucos. De fato, com relação aos seus comportamentos normais, todo mundo agia de modo muito estranho.

A coisa principal que o professor invisível me disse foi: "Não se preocupe. Não se preocupe porque há algo pelo qual você tem de passar. Seu irmão vai ficar bom. Seus companheiros vão cuidar dele. Não se preocupe, mas ouça. Você precisa passar por isso." Horas depois da experiência isso começou a martelar dentro de mim — uma coisa que eu precisava descobrir o que era.

Naquela manhã, dia 7, Dennis me pareceu mais perto do chão, mas a diferença parecia tão pequena que era questão de opinião saber se ele tinha feito qualquer melhora. Observei com interesse

que, apesar dele parecer desorientado, e de seu raciocínio continuar estruturalmente tão agitado e confuso como sempre, no conteúdo houvera uma melhora definida. No dia anterior ele parecera estar abarcando uma quantidade tão grande de tempo e espaço que brotava pouca coisa identificável da agitação pela qual ele passava. Naquele dia teria sido impossível encontrar até mesmo nossa galáxia em sua mente. No segundo dia ele acordou no interior da galáxia, e suas visões e fantasias permaneceram dentro dela. Se aquele tivesse sido o único passo em seu retorno telescópico para si mesmo, não seria desprovido de valor, mas o fato era que cada passo de sua volta à normalidade era dado desse jeito. No dia seguinte ele chegou aos confins da galáxia, entrou no sistema solar, condensando-se através de seus planetas durante vários dias até identificar-se apenas com a Terra.

Aglutinando-se e condensando-se através da ecologia de seu mundo natal, ele veio a pensar em si próprio como se abarcasse toda a humanidade, e podia reviver nitidamente toda a história. Mais tarde tornou-se a corporificação de todos os membros de nossa grande e peculiar família irlandesa, recuando até antes dos juízes nos terem dado números ou de Levítico entregar o Deuteronômio, como disse James Joyce. Eram pessoas de todos os tipos, e ele representava o papel de todas; mineiros trabalhando a rocha dura, um clérigo do século XVII suando sob um fardo de luxúria. Patriarcas bombásticos e mulheres de rosto fino numa geração e mulheres com ombros de agricultores e línguas como tesouras de podar na geração seguinte. Depois de vaguear um bocado naqueles ambientes ele finalmente resolveu chegar aos membros mais próximos da família, e partiu daí para enfrentar e resolver a questão de saber se ele era Dennis ou Terence. Finalmente, graças a Deus, chegou à percepção de que era Dennis, voltando restaurado e renascido da borda do universo mental, um xamã no sentido mais completo do termo.

Mas na manhã de 7 de março, enquanto andávamos pelo pasto como havíamos feito na manhã após a experiência, aquela reinte-

gração e recuperação ainda estava vinte dias no futuro. Andamos até o topo de uma pequena elevação onde crescia uma árvore nova. Ama, a palavra witoto para "irmão", havia-se tornado uma das muitas novas formas que Dennis criara para se dirigir a mim. Enquanto andávamos mantínhamos os olhos abertos à procura de cogumelos, como se tornara nosso hábito, ainda que qualquer pensamento de comê-los tivesse ficado para trás.

Dennis foi na minha frente e dirigiu-se à árvore. Curvando-se e separando o capim na base do tronco, apontou para as letras AMA entalhadas na casca. Era um entalhe feito há pelo menos vários anos. O incidente foi perturbador. Como Dennis soubera que o entalhe estava ali, e o que significava? Ele respondeu minhas perguntas estendendo a mão na direção do horizonte e anunciando que este era o planeta Vênus, ou o mundo arquétipo de Vênus, não tenho idéia de qual dos dois. Essas afirmações que voavam para longe da razão eram muito difíceis de serem recebidas, e me provocavam breves choques de desespero por seu estado mental, se bem que na maior parte do tempo eu pudesse me convencer de que ele estava melhorando e voltando dos mundos invisíveis, que eram tão vívidos a ponto dele não enxergar nada além.

Tentei dirigir a fantasia de meu irmão. Usei a idéia da recriação do Eu fragmentado como um ato alquímico com imenso significado pessoal e histórico. A cada manhã, durante vários dias depois de 5 de março, andávamos pelo pasto e eu exigia dele "a pedra". Nenhum de nós via essas caminhadas à luz da consciência normal. O mundo parecia cheio de uma maravilha e de um poder quase esmagadores que me asseguravam que todas as coisas eram possíveis, e que as coisas, *sob esta luz*, rumavam na direção certa.

"Não se espante com nada, você vai receber o reino do pai", falava a voz silenciosa do hiperespaço. "O Mistério da fonte e da palmeira vai se aclarar."

Eu observava minha compreensão das conexões entre o que estávamos fazendo e a alquimia clássica mover-se em vastos saltos intuitivos para abarcar Gerhard Dorn, Robert Fludd e o Conde

Michael Maier, nomes associados com a melhor produção literária da mente alquímica. E igualmente associados com uma visão do homem e da natureza que desapareceu com o nascimento da química moderna.

■ E me sentia assombrado por suas imagens alquímicas. O 36º emblema da *Atlanta Fugiens* de Maier é um maravilhoso trocadilho visual que conecta o cubo da *Stropharia cubensis* com o OVNI, o hiperobjeto visto no céu. Era uma imagem estranha que estava constantemente diante de meus olhos naquele tempo. John Dee, com sua pedra misteriosa, assombrada por anjos, e a geometria oculta de sua obra críptica *The Hieroglyphic Monad*, liga-se ao mesmo conjunto de imagens. Por quê? Será que este círculo de adeptos da alquimia penetrou o mistério de um segredo não sonhado por seus contemporâneos e rivais?

■ Imagens faiscavam em minha mente: Nicholas Flamel e sua esposa, Pernelle, seu caso de amor lendário e seu fim desconhecido. *Mutus Liber* (“o livro silencioso”) mostra um casal trabalhando numa fornalha, quase parece que estão secando cogumelos. Que nível de sofisticação a alquimia alcançou antes da Ciência Iluminista espalhar seus adeptos e tornar inoperável sua linguagem de controle?

■ Quando, a cada manhã brumosa no pasto, eu exigia que Dennis me desse a pedra filosofal, isso era ao mesmo tempo uma pressão para que ele reformulasse sua consciência numa unidade e algo que servia como foco para o potencial de transferência que era tão intenso a ponto de repetidamente ameaçar nos engolfar. Sem dormir, constantemente acordado, eu estava ao mesmo tempo em La Chorrera e em outro mundo no qual meu irmão se tornara psicologicamente enredado — um vórtice dimensional depois do qual parecia ficar a eternidade, a terra dos mortos, toda a história humana, e os OVNI. Um mundo cujos invisíveis cronistas cibernéticos falavam telepaticamente em nossas cabeças e revelavam que nós, e toda a humanidade, estávamos no ato de começar de novo a ser capazes de atravessar aquelas dimensões alienígenas e de

restabelecer as características perdidas que o xamanismo escatológico possuía há milênios.

Num determinado ponto peguei um graveto e rabisquei no solo arenoso de nosso quintal o sinal de abreviatura para “e”. Chamei-o de *ampersand**. Achei sua forma de nó muito satisfatória, posta num canto de uma estrutura quaternária. Comecei a imaginar esse sinal como símbolo da condensação da pedra alquímica. Para mim parecia ser o símbolo natural para um universo em quatro dimensões preso a uma matriz em terceira dimensão. Durante dias falei dele como o *ampersand*, depois chamei-o de “*eschaton*”. Imaginei-o como uma unidade básica de tempo; a combinação e a ressonância entre o conjunto dos *eschatons* no universo determinavam qual dos mundos possíveis, permitidos pela física, passaria pela formalidade de existir. “A formalidade de existir” era uma frase de Whitehead que ficava ecoando em meus pensamentos como o refrão de uma música esquecida. Imaginei que no fim dos tempos todos os *eschatons* ressoariam juntos como um só, e com isso criariam uma transformação ontológica da realidade; o fim do tempo como uma espécie de jardim das delícias terrenas.**

Ocasionalmente eu parecia captar, no momento da ação, a mecânica do que nos acontecia. Falas de filmes meio esquecidos e fragmentos de ficção científica antiga, que um dia fora consumida

**ampersand* é o nome do sinal &, usado em inglês como abreviatura de “e” (N. do T.)

**Foi nessa época que começaram a nascer em mim os primeiros pensamentos, ainda débeis, que finalmente levariam a anos de teorização sobre o tempo e ao desenvolvimento de minha teoria descrita em *The Invisible Landscape*. Aquelas primeiras intuições não tinham qualquer semelhança com a teoria final; e era justo que não tivessem, pois na época eu teria sido completamente incapaz de compreender a teoria que eu terminaria por desenvolver. Custou anos de leituras e auto-aprendizado entender as coisas que a voz interna estava dizendo. Naquele dia em La Chorrera ela tinha um modo holístico e sistemático de abordar as coisas que pareciam pertencer ligeiramente a outra ordem — não o bastante para alarmar, mas o bastante para lembrar-me repetidamente que as idéias que eu estava produzindo vinham totalmente organizadas de outro lugar — e eu nada mais era do que um decifrador de mensagens, pressionado para me adaptar a um código difícil.

como pipoca, reapareciam em colagens de associações entendidas pela metade. Desfechos de piadas velhas e sonhos vagamente recordados espiralavam numa vagarosa galáxia de memórias e antecipações entrelaçadas. A partir dessas experiências concluí que parte daquilo que acontecia envolvia toda a informação que já havíamos acumulado, até os detalhes mais triviais. A impressão avassaladora era de que algo que parecia vir do espaço exterior ou de outra dimensão estava fazendo contato conosco. Usava o método peculiar de pegar cada pensamento em nossa cabeça para colocarmos em cenários, telepaticamente induzidos, de imaginações extravagantes ou de profunda compreensão teórica das coisas, ou numa varredura em profundidade de tempos, lugares e mundos estranhos. A fonte daquele contato não-terrestre era o *Stropharia cubensis* e a nossa experiência.

Nossa inteligência coletiva não estava comprometida, o que estava comprometido era a capacidade da razão dar uma resposta coerente ao que acontecia, enquanto os paradoxos, as coincidências e uma estranheza sincrônica generalizada começavam a crescer exponencialmente. E no vácuo deixado pelo colapso da razão irrompeu um espantoso conjunto de intuições sobre o motivo das coisas serem o que são.

Na manhã do terceiro dia após a experiência, pouco depois do desjejum, Dennis anunciou um novo ensinamento. Dizia que podíamos ver qualquer ponto do tempo fechando os olhos, visualizando um oito, virando-o de lado de modo que ficasse parecido com o sinal de infinito, e em seguida deslizando mentalmente os dois anéis fechados um sobre o outro para formar um círculo, encolhendo o círculo até virar um ponto e pensando na expressão “por favor” e no ponto-alvo no espaço-tempo. Geralmente eu não sabia de onde vinham essas imagens, e dessa vez fiquei espantado. Lembrei com perfeita clareza que há seis semanas, pouco antes de sair de Van-

couver, Colúmbia Britânica, onde estava morando, eu tinha ido a um dentista como parte da preparação normal antes de viajar. Na sala de espera li um jornal, velho de vários meses, de alguma associação educacional canadense. Naquele jornal, do qual não falei com ninguém, havia um curto artigo sobre máquinas de ensinar e crianças muito pequenas. A proposta de visualização com que o artigo abria era a de uma criança olhando um número oito numa tela de TV, virando-o de lado, juntando as duas partes etc. etc. Era um destroço flutuante de mídia que meu irmão, ou alguma coisa atuando através dele, fora capaz de recolher de minha mente semanas depois de eu ter esquecido. Alguma coisa era capaz de remodelar e usar nossas lembranças de qualquer modo que quisesse, por mais absurdo que fosse.

— Agora podemos convocar a entrevista coletiva, mano? — Dennis perguntou de sua rede que balançava hipnoticamente nas sombras.





Capítulo 14

OLHANDO PARA TRÁS

Onde vários milagres são narrados, e o menor deles não é o aparecimento de James e Nora Joyce disfarçados de frangos.

DOIS MESES DEPOIS DE TODAS ESSAS EXPERIÊNCIAS, em meados de maio de 1971, senti-me tentado a resumir os incidentes particularmente estranhos, e possivelmente comprometedores com relação à física, que eu podia recordar. Eis aqui o que escrevi naquela época — quando estava preocupado em refutar a idéia de que a esquizofrenia era uma palavra mágica explicando tudo pelo que havíamos passado:

12 de maio de 1971

Tenho quase dois meses de perspectiva a partir dos eventos ocorridos em nossa experiência em La Chorrera, e posso reconhecer claramente que tanto meu irmão quanto eu manifestamos os sintomas clássicos de duas categorias geralmente distintas do processo de esquizofrenia. Ele parecia manifestar as características de recolhimento típicas da esquizofrenia essencial, enquanto meu comportamento era de um tipo mais exteriorizado e paranóico. Mesmo assim, sou incapaz de presumir que nossa experiência fosse "apenas" dois casos simultâneos de esquizofrenia. Sabendo perfei-

tamente que essa posição indica que ainda posso estar experimentando sintomas residuais da doença, afirmo que estávamos de fato lidando com um fenômeno objetivo que, apesar de natureza altamente peculiar ligada inexoravelmente aos processos psíquicos, tem suas bases nas idéias sobre moléculas, que estávamos no processo de investigar. Como evidência empírica menciono os seguintes pontos que me parecem colocar nossa experiência fora do âmbito da doença mental:

A subitaneidade com a qual os sintomas se desenvolveram logo após a experiência: alguns minutos depois de completarmos nossos procedimentos experimentais pré-planejados, meu irmão começou a desligar-se do continuum de percepções compartilhadas, e ao mesmo tempo passei por uma suspensão voluntária da descrença e comeci a experimentar a unidade cibernética que, segundo havíamos previsto, seria parte do efeito que causaríamos caso tivéssemos sucesso em tentar gerar uma matriz genética e uma ligação de harmina supercondutivas.

O aspecto integrado, ou concatenado, da disassociação que compartilhávamos: significando que, apesar de ambos estarmos exibindo sintomas de tipos de esquizofrenia, a fantasia, as idéias, e a compreensão que estávamos experimentando era compartilhada. Enquanto meu irmão pensava em mim como o messias xamã em todas as manifestações, eu o percebia como a lente mental condensada fazendo uma viagem de volta através do universo, coisa que poderia ter sido um resultado lógico de nossa experiência. Cada um de nós sozinho aparentaria claramente ter sido iludido; entretanto cada um de nós parecia oferecer uma prova, difícil de ser compreendida, de que a posição do outro estava correta. Eu poderia acrescentar que, apesar de ninguém mais compreender os peculiares processos mentais de meu irmão, eu acreditava que podia discernir a profundidade e a compreensão integrada que pareciam estar por trás deles — mas ao mesmo tempo percebia que sua aparente falta de integração devia-se ao fato de que seu pensamento estava andando para trás de algum modo fundamental. Do mesmo modo que um filme sendo passado ao contrário parece apresentar ao espectador um espetáculo de confusão louca e irracional — e afinal de contas as coisas estão em seus lugares apropriados —, as idéias de meu irmão e seus movimentos físicos me pareciam simplesmente o reverso das expectativas lógicas.

Dennis achava que o cérebro opera com o princípio de um holograma. Essa era uma idéia originada por Karl Pribram, um neurofisiologista de Stanford, que na época estava muito em moda nos nossos círculos. Essa idéia explica bastante bem o fato de que uma grande porcentagem do cérebro físico pode ser danificada ou removida sem prejuízo para a memória, já que uma parte de um holograma contém todas as informações

guardadas no todo do qual ela foi retirada. Antes de nossa experiência Dennis havia especulado que poderia receber uma imagem reversa de minha organização mental/cerebral durante o experimento. Ouvindo suas livres associações depois da reversão, tive certeza de que isso de fato ocorreria — mas por um tempo muito mais longo do que havíamos previsto. De fato, ainda acredito que nosso único erro em toda a experiência e nos eventos que se seguiram foi a incapacidade de prever corretamente a duração do processo. Acredito que nossa compreensão da mecânica do processo, afora sua duração, foi correta, ainda que incompleta. Em outras palavras, o tempo ainda é o ponto crucial da questão. Algumas vezes as livres associações de meu irmão consistiam em incidentes que eu havia experimentado mais de um ano antes, e a mais de quinze mil quilômetros de onde Dennis estava morando — incidentes dos quais não falara a ninguém.

Durante o tempo que se seguiu à experiência Dennis parecia possuir a capacidade de ouvir minha mente funcionando. Ilustro isso lembrando um incidente. Eu estava do lado de fora de nossa cabana na floresta, ouvindo suas livres associações; alguns momentos antes tinha percebido que seus músculos estavam quase rígidos devido à enorme energia física associada a alguns tipos de esquizofrenia. Fiquei preocupado, pensando que a qualquer hora ele poderia resistir aos meus esforços de impedi-lo de sair nas jornadas arquetípicas que constantemente o motivavam a abandonar as mediações da cabana. Ocorreu-me que, com aquela força, ele poderia facilmente me machucar, ou talvez fugir. Enquanto pensava nessa possibilidade perturbadora, percebi pela primeira vez que Dennis tinha saído de sua rede e estava de pé na porta da cabana. Numa imitação perfeita da voz de nosso pai, ele me consolou dizendo que “Dennis é um bom garoto e nunca faria uma coisa dessas”.

Outro incidente aconteceu sete dias depois de começar a reversão, no dia 12 de março. Dennis anunciou que às onze horas daquela noite o “bagulho bom” iria aparecer. Essa era a referência a uma espécie de haxixe enriquecido com psilocibina que Dennis afirmava ter encontrado alguns meses antes de sair dos Estados Unidos.

mas que seria impossível de se encontrar na Amazônia. Essa previsão de uma transmutação material não é tão estranha quando são lembradas as preocupações e as idéias alquímicas que nos levaram àquela experiência. Afinal de contas, desde que eu descobrira o *Psicologia e Alquimia* de Jung, aos quatorze anos, vínhamos lendo e discutindo idéias sobre alquimia. Pareceu-nos na época que, com a projeção dos fantasmas do inconsciente na matéria, os alquimistas estavam alcançando uma espécie de estado de compreensão psicodélico. E, afinal de contas, a fé alquímica não é na realidade uma crença de que o mundo é feito de linguagem? De que a poesia pode, de algum modo, ser o árbitro final do Ser Autêntico?

Depois dessa conversa, Ev e eu voltamos através da escuridão chuvosa para a casa na floresta e Dennis ficou na casa do rio. Como era nosso costume, fumamos um pouquinho de Santa Marta Gold antes de dormir. Durante esse processo, um pequeno fragmento caiu do cachimbo, ainda queimando. Quando o peguei para pô-lo de volta, o cheiro característico do haxixe asiático ficou claramente perceptível. Examinei cuidadosamente o forninho do cachimbo e, apesar de não ter havido qualquer mudança na aparência física da mistura do bagulho, ela se comportava claramente, para minha satisfação e da cética Ev, exatamente como haxixe — um luxo absolutamente desconhecido na Amazônia em 1971.

Esse fenômeno persistiu por cerca de cinco minutos e em seguida desapareceu lentamente, trazendo-nos de volta ao *continuum* racional onde a matéria se comportava normalmente. É de lamentar que essa transmutação tenha ocorrido com uma substância que qualquer cético estará à vontade para escarnecer. Estamos todos familiarizados com o fácil ponto de vista de que “os maconheiros não conseguem pensar direito”, mas para qualquer um que tenha um envolvimento profundo com as duas substâncias, a diferença é inconfundível. Essa experiência tinha vários paralelos com o movimento *Nijuli* — ocorrido entre o povo lawangan, de Bornéu — que, no início da década de 20, promulgou idéias afirmando que um pedaço de resina havia subitamente crescido de tamanho através

da influência do som de uma flauta, e que o alongamento da resina prefigurava a imortalidade humana.

Igualmente absurdo e ainda mais inexplicável foi um incidente que ocorreu na manhã do quinto dia. Dennis estava sentado e falando para ninguém em particular enquanto a vida normal do acampamento seguia ao seu redor. Eu me encontrava sentado junto ao fogo de cozinhar, amolando um facão. Estava ouvindo o desvario de Dennis, observando sua fala desconexa e procurando alguma mensagem. De súbito, parei o que estava fazendo.

— Você é meu alfaiate? — perguntou com um forte sotaque inglês.

Aquilo me pareceu familiar.

— Todos esses reflexos. Olhe, sou eu. É, mas onde está meu alfaiate, seu bobo? Ei, olha só pra você, cara, você está vestindo minhas calças!

Fiquei vermelho. Olhei para o chão e não disse nada. Sentia-me encurralado. Dennis estava imitando a conversa que eu tivera com minha amiga inglesa depois de eu tê-la procurado e voltado com ela delirante para o meu quarto no Nepal, durante nossa viagem de LSD e DMT mais de um ano antes! A conversa doida sobre a qual eu nunca tinha discutido com ninguém a não ser ela, estava agora ressoando em nossa clareira amazônica na voz enlouquecida de meu irmão.

Difícilmente aquele seria o tipo de situação que eu desejaria para exaltar a capacidade telepática de Dennis. Não disse nada, e esperei, embaraçado, que seu discurso voltasse à incoerência. Mas fiquei impressionado e convicto de que ele, de algum modo, penetrara não apenas em meus pensamentos imediatos, mas também nas minhas memórias pessoais.

O fator mais importante para argumentar que aquele era mais do que um simples caso de esquizofrenia simultânea é a surpreendente durabilidade do modelo ideal que criamos a partir da observação cautelosa das coisas que aconteceram conosco. Ninguém pode negar que a teoria da natureza hiperespacial das drogas

alucinógenas, e da experiência que meu irmão imaginara para testar essa teoria, geraria resultados espetaculares. Mas peguei os frutos da revelação visionária e realizei uma desconstrução deles, ficando com uma teoria ondulatória/corpuscular muito elegante sobre a natureza do tempo. De um modo um tanto inesperado, o que agora proponho — baseado naquelas primeiras experiências — é uma revisão da descrição matemática do tempo usada na física. De acordo com essa teoria, a velha noção de tempo como pura duração, visualizada como um plano contínuo ou uma linha reta, deve ser substituída pela idéia de que o tempo é um fenômeno fractal muito complexo, com muitas subidas e descidas de tamanhos variados, sobre o qual o universo probabilístico do devir flui como água correndo através de um leito de rio pedregoso. Eu tinha descoberto a dimensão fractal do próprio tempo, uma constante matemática que substitui a teoria da probabilidade por um conjunto complexo e elegante — na verdade quase mágico — de restrições na expressão da novidade.

* * *

Depois da primeira experiência com cogumelos em La Chorrera, Dennis e eu nos envolvemos com duas idéias em particular. O tema do “professor” e o tema do “inseto”. Podíamos sentir a presença avassaladora de alguma entidade inteligente e invisível que parecia estar observando e algumas vezes exercendo influência para nos dirigir gentilmente a uma ruptura. Por causa da natureza exótica do barato da DMT, com sua ênfase aparente em temas alienígenas, interestelares e relativos a insetos, fomos levados a especular que a natureza do professor era mais ou menos a de um diplomata-antropólogo, vindo para nos dar as chaves da cidadania galáctica. Discutimos essa entidade como sendo um inseto gigante, e através do ruído dos insetos na selva amazônica ao meio-dia parecíamos ser capazes de discernir um zumbido profundo que era o sinal ligando-nos à entidade no hiperespaço.

Essa sensação da presença de um alienígena era algumas vezes muito forte, mais forte entre 5 e 10 de março, e a partir daí esvaindo-se gradualmente. A imagem do professor inseto deu origem a numerosas especulações entomológicas:

Pensávamos, na época, que o processo com o qual estávamos envolvidos era parecido ao de dar à luz uma criança, mas também se parecia com a metamorfose que ocorre no ciclo vital dos insetos, especialmente besouros, mariposas e borboletas. “Sabíamos” que a triptamina era importante para a solução dos mistérios enzimáticos que envolvem a metamorfose. Lembramo-nos de alguns relatos não-confirmados sobre a larva de um besouro que seria comida por índios do leste do Brasil pelo seu efeito alucinógeno.

A difração da luz que ocorre em fenômenos naturais como o arco-íris, penas de pavão, certos insetos, e as cores que aparecem na superfície de certos metais durante o aquecimento são temas persistentes num estágio particular da obra alquímica. A *cauda pavonis* (a cauda do pavão) é o estágio breve que anuncia o branqueamento final. Por uma intuição exótica eu “sabia” que a ocorrência dessa iridescência na natureza indicava a presença de compostos relacionados à triptamina. Indo mais longe, eu “sabia” que a borboleta novo mundo, do gênero *Morpho*, caracterizada por uma grande área da asa expressa em brilhante iridescência azul, seria um grupo ideal para se conduzir uma pesquisa que iluminasse esse campo não-estudado.

Eu “sabia” que as enzimas ativas na metamorfose dos insetos recebia um controle molecular através de ressonância induzida pelo zumbido harmônico dos insetos da floresta que tinham triptamina psicoativa em seus corpos. A triptamina atuava para eles como uma antena para o sinal de ressonância do *spin* dos elétrons do DNA coletivo, do mesmo modo que aconteceu conosco durante a experiência. Esse sinal mantém, de algum modo, toda a classe dos insetos ajustada num ponto de equilíbrio estável na corrente evolucionária. Essa noção estranha explicava a notável durabilidade da adaptação dos insetos que, é verdade, estabilizaram sua estratégia

evolucionária básica há algumas centenas de milhões de anos. Essas noções sobre a natureza eram dadas em tom de conversa pela voz em minha mente.

Durante esse tempo, um brilho negro iridescente nos cogumelos atraiu particularmente meu olhar. Esse efeito ocorria quando os *Stropharia cubensis* nasciam em grupos e cogumelos maiores soltavam esporos nos chapéus dos menores. De modo interessante, esse mesmo brilho metálico negro azulado estava presente na carapaça de um besouro grande e barulhento, membro do gênero *Buprestidae*, que eu havia capturado na floresta no meio da tarde. Sabe-se que o material quitinoso que forma a cobertura externa dos insetos e dos esporos é uma das substâncias com maior densidade de elétrons na natureza, sendo, nessa propriedade, semelhante aos metais. O professor interno insistiu em que aquele espécime fosse analisado em busca de triptaminas psicoativas. Caso fossem encontradas, isso tenderia a confirmar a idéia de que algumas espécies responsáveis pelo zumbido na floresta conteriam triptaminas. As triptaminas são a antena de um sistema bioeletrônico que permite aos insetos se afinarem com a harmina presente nos cipós *Banisteriopsis* existentes no local e, através deles, com a rede coletiva de DNA. Eu supunha que, se algumas dessas espécies ressoassem, outras espécies zumbidoras poderiam se afinar ao sinal molecular — amplificando-o e sustentando-o durante horas todos os dias. As reações químicas impulsionadas acusticamente são bem conhecidas; eu tinha certeza de que, desse modo, vários processos vitais dos insetos podiam ser acusticamente regulados por algumas espécies.

Essas idéias improváveis e exóticas se desdobraram durante aqueles dias longos e calorentos, enquanto Dennis se confinava à sua rede e eu ficava acocorado na terra ali perto. No terceiro ou no quarto dia eu tinha aprendido bastante da linguagem nova e pecu-

liarmente simbólica que ele falava e estava cada vez mais convencido de que através dela podia observá-lo fazendo uma integração gradual, porém progressiva. Frequentemente surgiam longos silêncios entre seus falatórios, e cada um de nós entrava num mundo de devaneios pessoais. Várias vezes, nessas ocasiões, eu baixava os olhos e percebia com uma emoção esquisita que meus dedos estavam inconscientemente juntando pequenos gravetos e arrumando-os como se fossem fogueiras em miniatura. Essa montagem inconsciente de pequenas fogueiras me parecia extraordinária — interpretei-as como um jorro literal das energias organizadoras que estavam entrando em mim, vindo de fonte desconhecida, a mesma fonte que me supria de energia para que eu pudesse continuar sem dormir.

Ocasionalmente Dennis me interrompia para perguntar se eu ou Ev poderíamos fumar um cigarro para ele. Questionando-o, ficamos sabendo de sua crença de que, no hiperespaço, a topologia de todos os corpos humanos é contínua, e com isso ele podia sem qualquer esforço absorver o que precisava diretamente de nossos corpos. Durante cinco dias a vida prosseguiu assim, um devaneio de resolver tudo com palíndromos e trocadilhos. Emitíamos pouquíssimas ondas de interação com o “mundo real” ao redor. Ninguém parava para nos olhar, ou ao nosso acampamento. Parecíamos ter ficado invisíveis. A manhã do dia 10 de março mudou isso.

Durante cinco dias eu praticamente não tinha me afastado da cabana e do pequeno trecho de caminho que a separava da borda do pasto; assim, depois do desjejum naquela manhã particularmente clara, conversei com Dennis e vi que ele estava mais calmo e mais lúcido do que em qualquer outro momento após a experiência. Parecia tão tranqüilo e relaxado que cometi o equívoco inevitável de achar que tudo estava resolvido. Saí com Ev, levando a rede de pegar borboletas, para fazer um passeio pela trilha, entrando mais fundo na floresta.

O caminho era de areia branca, macia e convidativa, com vários centímetros de profundidade em alguns lugares. Mal tínhamos

andado uns quatrocentos metros quando a luxúria suplantou nosso interesse nos lepidópteros. Para aumentar a emoção havia o risco de sermos descobertos por algum witoto que estivesse usando a trilha. Mandamos a precaução para o espaço e logo nos perdemos um no outro. Naquele cenário verdejante era gostoso abrir e profanar as riquezas felpudas e escorregadias do sexo de Ev. Pensei naquilo como “dar umazinha pelo Vladimir”. A luxúria verdejante e as borboletas estavam sempre entrelaçadas na mente invejável de Nabokov.

Ficamos fora por meros quarenta minutos, mas na volta encontramos a cabana e a clareira zumbindo com um ar de vazio que cortava o coração. Eu não estava mais com medo de que Dennis entrasse na floresta e se perdesse. Estava convicto de que seu estado mental, qualquer que fosse, não incluía esse tipo de coisa. O que realmente temia era que ele pudesse atrair a atenção dos outros para nós e para a área duvidosa que estávamos investigando.

Deixando Ev no acampamento, para o caso de Dennis aparecer, corri para o pasto e atravessei-o até a missão. Enquanto corria dizia a mim mesmo que ele provavelmente fora procurar Dave e Vanessa, e que eu iria encontrá-lo com eles. Estava preocupado demais para perceber que os sinos da missão, normalmente silenciosos a não ser nos domingos, estavam tocando há algum tempo. Ao chegar no topo do morro que dava uma visão clara da casa do rio e do lago abaixo do *chorro*, vi Vanessa levando Dennis para sua casa. Podia sentir, enquanto chegava, que a situação era mais difícil do que eu tinha esperado.

Vanessa estava com raiva, e aproveitou a situação para enfatizar seu ponto de vista. Parecia que Dennis tinha saltado de sua rede no momento em que Ev e eu sumimos de vista. Fora direto à missão, achou a corda do sino que era usado para chamar as pessoas à missa, e ficou tocando-o furiosamente até que o padre encontrou Vanessa e Dave, e eles, não tão gentilmente, persuadiram-no a desistir da brincadeira. E o rumor que já circulava, de que um dos participantes de nossa expedição estava meio pancada, não melhorou nem um

pouco com esse ultraje súbito e totalmente público. O delicado equilíbrio político que eu estabelecera, e que me permitira cuidar de Dennis ao meu modo, estava destruído. A idéia de Vanessa, de que ele deveria ser levado para a casa do rio, foi trazida à tona e endossada pelos padres e, disseram-me, pela polícia. Com a certeza íntima de que seria absurdo me preocupar, e admitindo que eu perdera completamente o controle da situação, concordei com as sugestões.

Vanessa tinha mais notícias. Um avião estava chegando. Não para levar-nos, mas ele permitiria que começássemos nossa retirada, já que deixaria um de nós pegar uma carona atravessando os cem quilômetros de selva até San Raphael, onde havíamos deixado parte do equipamento antes de fazer a caminhada para La Chorrera. Essa era a única oportunidade de voar, em vez de caminhar de volta, até aquele material, e Vanessa insistiu em que deveríamos aproveitá-la. Concordei com tudo. Presumia que a erupção do milênio logo superaria essas preocupações mundanas, mas esse era um fato que eu deixaria os outros descobrirem sozinhos enquanto seguiam para a dimensão cada vez mais profunda do futuro.

Dave apresentou-se como voluntário para ir no avião — a decisão foi tomada quase que de imediato. Ele alcançaria nosso equipamento e tomaria providências para subir o rio Putumayo e voltar a Bogotá. Iríamos encontrá-lo lá quando, e se, saíssemos da floresta por algum meio ainda não muito claro. Arrumamos depressa uma mala. O avião veio deslizando e pouco depois subiu de novo, e agora éramos quatro.

Dennis foi levado para a casa do rio; Vanessa e Ev tornaram-se suas enfermeiras. Eu preferi continuar morando na casa da floresta, para que não ficássemos apinhados. Continuamos debatendo se a direção de seus desvios era no sentido da melhora ou se ele estava apenas afundando cada vez mais no mundo em que se perdera. Como moradores de Berkeley todos já havíamos encontrado vítimas de ácido, e a comparação do estado de Dennis com aquelas almas perdidas não era tranquilizadora. A mudança de Dennis para

o rio foi um ponto vital, já que a partir daí os efeitos que os fenômenos haviam provocado estavam menos em nossas mentes e mais no mundo.

Durante todo esse tempo continuávamos atrás do objeto lenticiforme. O que o professor me dizia nos primeiros dias após a experiência era: "Vocês quase conseguiram; não conseguiram de verdade." Ou então usava a metáfora da condensação: "Ela está se condensando." Era como uma perfeita metáfora alquímica. A pedra está em todos os lugares. Está aqui.

Dennis dizia:

— Eu consigo ver a pedra. Está a setenta metros à esquerda; perto do poço, pairando acima da água. — A cada dia eu continuava perguntando a ele sobre a pedra, e a cada dia o hidrólito sófico, a panacéia universal, ficava mais perto. Surgiam tempestades elétricas esparsas. Aos poucos percebi que os fenômenos meteorológicos tendiam a se concentrar no sudeste. Comecei a olhar para lá, e sempre que o fazia, via arco-íris.

Nossas intuições sobre o que estava acontecendo iam do religiosamente profundo ao completamente absurdo. Na tarde de 12 de março Dennis ficou por algumas horas capaz de responder, ainda que em código, às perguntas que fazíamos sobre como as coisas lhe pareciam. Essa conversa aconteceu na casa do rio, debaixo da qual viviam um galo bonito e sua companheira. Talvez fosse o mesmo galo que eu ouvira cantar na madrugada depois da experiência e, de novo, alguns dias mais tarde. Aquele galo e a galinha possuíam uma aparência alerta que já tinha atraído nossos comentários. Naquela tarde Dennis chamou nossa atenção para a pequena galinha, dizendo que se pensássemos nela como arte, a realização que ela representava era imensa. Quem poderia criar uma galinha daquelas? Apenas o ser que teria dado forma ao mundo peculiar no qual havíamos caído. E quem era ele? Dennis olhou ao redor, expectante, mas como não recebeu nenhuma resposta, deu ele mesmo o desfecho:

— James Joyce.

Nos minutos seguintes ele defendeu sua causa. Disse que o *Finnegans Wake* representava a compreensão mais completa da relação já encontrada entre a mente humana e o tempo e o espaço ao redor, e que portanto Joyce, na hora da morte, recebera o encargo de cuidar dessa parte do Universo de Deus. Nesse ponto Dennis apenas seguia Whyndham Lewis, que fez Joyce ascender à proeminência no mundo após a morte, em seu romance *The Human Age*.

“Jim e Nora”, como Dennis chamou a recém-revelada deidade e sua consorte, estavam ao mesmo tempo dentro e agindo através de tudo em La Chorrera, particularmente nas coisas que Joyce havia amado. A pequena galinha como símbolo de Anna Livia Plurabelle, personagem do *Wake*, era uma dessas coisas. Era o humor joyceano que irradiava a partir de tudo em nosso Éden selvagem. Essas idéias eram absurdas porém deliciosas, e terminaram por fazer com que eu relesse Joyce e o aceitasse como um dos verdadeiros pioneiros no mapeamento do hiperespaço. Naquela época, entretanto, elas não clarearam muito nossa situação difícil.

A partir dessa visão da vida como literatura, Dennis foi em frente. Ele me lembrou de que uma das analogias para a pedra filosofal, que compartilhávamos em nosso código particular de associações quando éramos crianças, era a pequena chave prateada de uma caixa de madeira marchetada, com um compartimento secreto, que pertencera ao nosso avô. Lembrei a ele que a chave estava perdida desde nossa infância. Eu disse que a capacidade de produzir aquela chave agora mesmo provaria a realidade dos poderes xamânicos de Dennis, o poder de transcender o tempo e o espaço normal. A conversa assumiu a forma de uma sessão de perguntas e respostas que terminou com Dennis exigindo que eu estendesse minha mão aberta e em seguida batendo sua mão fechada sobre a minha, emitindo um guincho alto e ridículo e depositando em minha palma uma pequena chave prateada.

Na hora parecia que um raio tinha caído em minha cabeça. Estávamos a centenas de quilômetros de qualquer lugar. Ele estava praticamente nu, e mesmo assim a chave diante de mim era indis-

tinguível da que ficara em minhas memórias de infância. Será que ele tinha guardado a chave durante todos aqueles anos só para apresentá-la agora, no meio da Amazônia, e distorcer completamente minha noção de realidade? Ou seria apenas uma chave semelhante, que Dennis levava quando chegamos à América do Sul, mas que eu ainda não tinha percebido até ele apresentá-la? Parecia improvável. Ele estava confinado a um quarto longe de nosso equipamento, e era difícil imaginá-lo suficientemente calmo e organizado para ir até a bagagem e cuidadosamente pegar a chave escondida. E, de qualquer modo, fui eu quem havia pensado em pedir a chave; será que Dennis tinha de algum modo me induzido a pedir o único objeto que ele trouxera, só para me enganar? Essa questão da chave prateada, fosse ela a original ou não, nunca teve uma explicação satisfatória. A caixa original estava perdida há muito tempo, de modo que a chave jamais foi testada. Uma última nota irônica acrescenta-se ao episódio pelo fato de que Dennis e eu éramos fãs das histórias de H. P. Lovecraft, e conhecíamos seu conto “Through the Gates of the Silver Key” (Através dos Portões da Chave Prateada), uma história que fervilhava com muitas dimensões, seres estranhos, uma escala de tempo cósmica e aventureiros empedernidos e excêntricos como nós.

Depois de Dennis ser levado para a casa do rio não houve mais necessidade de eu ficar de vigília à noite. Mas continuei sem precisar dormir. Na verdade eu ficava todos os dias esperando o momento em que todo mundo iria embora e eu teria longas horas de pensamentos deliciosos e em silêncio. Como o espírito da raposa no *I Ching*, que anda eternamente sobre a grama brilhante da noite, eu vagueava nos pastos e nas trilhas ao redor de La Chorrera. Algumas vezes me sentava durante horas diante da árvore marcada com as iniciais A M A, olhando vastas mandalas de tempo e espaço girando e brilhando em volta de mim. Às vezes percorria longas distâncias com a cabeça inclinada para trás, olhando as estrelas coloridas. Sem qualquer esforço a coisa profunda que compartilhava minha mente acendia para mim as constelações e me mostrava

a enorme máquina zodiacal do destino estelar, que devia ter chegado aos antigos com a mesma força sugestiva.

Mergulhei em milhões de imagens da humanidade em todos os tempos e lugares, compreendendo e — ainda assim — lutando com os enigmas insolúveis do Ser e do destino humano. Foi durante aquelas noites aveludadas, coalhadas de estrelas, que me senti mais próximo de entender o mistério tripartite da pedra filosofal, do Outro Alienígena e da alma humana. Há alguma coisa humana que transcende a vida e a morte. Algo que tem vontade, motivação e um poder enorme. E que está conosco agora.

Sob certas condições o poder manipulativo da consciência sai do corpo e entra no mundo. Então o mundo obedece à vontade da consciência até o ponto em que a inércia das leis preexistentes da física podem ser superadas. A inércia é superada pela consciência determinando o surgimento de fenômenos microfísicos normalmente aleatórios. Com o tempo a deflexão dos microeventos, tirando-os de sua característica aleatória, é cumulativa, de modo que, eventualmente, o efeito dessas deflexões é a mudança do curso dos eventos também em fenômenos físicos mais amplos. Aparentemente, quando o desejo quer se tornar realidade, a paciência é tudo.

Será apenas fantasia um homem adulto tentando explicar a si próprio como os desejos podem se realizar? Creio que não. Eu passei por isso, e sei que, quanto maior o tempo que a consciência tem para fazer sentir seus efeitos, maior se torna a possibilidade de que tal evento venha a acontecer. É como se uma pressão sutil em direção a um objetivo dado provocasse uma série de microdesvios levando a uma situação não-aleatória e antientrópica: um desejo tornado realidade. E confesso que o desejo de realizar desejos foi sempre como um vento soprando às minhas costas. Lembro-me de ser tão pequeno que minha mãe ainda me fazia dormir no colo, e ela se curvava sobre mim sussurrando a velha cantiga de ninar “Se os desejos fossem cavalos, os mendigos iriam galopar”. Eu podia cantá-la antes de entendê-la. De fato ainda estou tentando entender.

Agora acho que deve ser assim que a consciência age dentro do cérebro, onde matéria e energia estão num estado mais solto e dinâmico do que no resto da natureza. É fácil para a consciência dirigir o fluxo elétrico no sistema nervoso central (se bem que não temos idéia de como isso é feito); menos fácil para ela é mover não elétrons, mas todo o sistema atômico que se espalha no tempo e no espaço. Isso pode explicar porque é fácil formar um pensamento, mas realizar desejos demora mais tempo.

Eu pensava nessas coisas durante as longas noites estreladas em La Chorrera, quando o âmago do mistério do Ser parecia a ponto de entregar-se a mim. O ouro alquímico sempre escorria por entre meus dedos. Eu tinha certeza de que, se pudesse fazer uma liga de ouro alquímico, esperança e imaginação, ele não desapareceria.

Vi que há uma interfase entre a consciência ativa no mundo e a consciência ativa no sistema nervoso central, agindo através da intermediação do corpo. Essa interfase é a linguagem. Para usar a linguagem, a consciência informa ao cérebro para que ele informe ao corpo para que este coloque coerência no movimento aleatório das moléculas de ar ao redor. Essa coerência é dada pela consciência, na forma de uma palavra. Nenhuma das leis físicas atuando nas moléculas de ar foi violada, porque o padrão coerente de comportamento das moléculas se deve a uma aplicação de energia — uma aplicação de energia que foi iniciada por um ato da vontade consciente. A vontade não é um item no conjunto de ferramentas da explicação científica.

Assim a linguagem é vista como uma espécie de habilidade parapsicológica, já que envolve ação a distância e telecinese, ainda que transduzida pela voz. Talvez sob a influência da psilocibina uma energização enorme da vontade possa ser vocalmente transduzida para o mundo, onde ela pode fazer mais do que imprimir um sinal no movimento aleatório das moléculas de ar. Talvez, ao invés disso, um sinal visível possa ser transduzido e aparecer, através de mudanças apropriadas de refração nas moléculas de ar nas proximidades.

A própria linguagem normal algumas vezes é vista afetando o índice de refração do ar diante da boca de quem fala. De perfil, uma pessoa que fala é vista algumas vezes gerando uma ondulação no ar diante da boca, parecido com o tremular de uma miragem sobre uma estrada quente. Talvez essa seja uma indicação do potencial oculto que a linguagem tem para ir além de sua função de simbolizar a realidade, passando a significá-la. O resultado seria um *Logos* mais perfeito — um *Logos* capaz de regular a atividade do ego como ele existe na soma total dos indivíduos que vivem num determinado momento. É como um deus; é o deus humano. É uma coisa que irá acontecer ao destino humano no futuro e, porque vai acontecer, está acontecendo. Nada vem sem ser anunciado. O modelo ontológico das dimensões mais elevadas para as quais a humanidade é empurrada está sendo antecipado pela singularidade que chamamos de “o totalmente Outro”, ou o alienígena. O alienígena está ensinando uma coisa através de seu programa de consolidação: está nos preparando para enfrentarmos a faceta divina que está em nós mesmos, que nossas explorações da natureza da vida e da matéria estão em vias de revelar.

Esse era o tipo de conversa de nosso esgotado grupo de aventureiros. Há quanto tempo parecíamos ter chegado a La Chorrera!



Capítulo 15

UM PRATO CHEIO DE SEGREDOS

Onde planejamos nossa partida, eu encontro um disco voador, e teorias brotam como cogumelos enquanto voltamos a Berkeley.

ONZE DE MARÇO FOI DIA DE LUA CHEIA. Passou sem grandes novidades depois da aventura de Dennis com o sino da missão, o que significa que agora recordo pouca coisa do que aconteceu. Fiquei em êxtase, certo de que ia tudo bem, de qual mão da coisa com que lidávamos estava para nos dar um toque definitivo.

No final da tarde do dia seguinte Ev saiu da casa do rio, veio me ver. Pediu que eu fosse com ela, para jantarmos todos juntos. Demonstrava a tensão pela qual estávamos passando. Não havia dúvida de que o que vinha acontecendo conosco, fosse o que fosse, nos empurrava até o limite daquilo que podíamos assimilar sem querer reagir contra. Enquanto voltávamos pelo pasto a atmosfera parecia ainda mais viva e agitada do que o normal, com nuvens se multiplicando e névoa em movimento. Ev apontou para o sudeste,

onde uma massa de estratos-cúmulos negros se agitava e borbulhava em grande altitude. Olhamos por alguns instantes, e aquilo se tornou uma vasta nuvem em forma de cogumelo — como o resultado de uma explosão termonuclear. A impressão era espantosa, e Ev me lembrou das palavras de Dennis com relação à *Stropharia cubensis*; ele dizia que era o cogumelo do fim da história. Para ele a forma da nuvem atômica era um trocadilho, feito pela física e pela biofísica, sobre os poderes transformadores dos *Stropharia* e de sua erupção na história da humanidade.

Enquanto olhávamos, subitamente Ev ficou sem fôlego. Da base fervilhante da nuvem saiu o que parecia uma coluna de luz que se manteve por algum tempo, e não era meramente um relâmpago. Achamos difícil ver aquilo como um raio de luz do sol, já que era fim de tarde e o sol se encontrava no oeste. A nuvem estava no sudeste. Nós a observamos por cerca de um minuto. Então aquilo parou de súbito. Ev ficou abalada. Muito mais do que com a aparência congelada do rio; aquilo era de uma ordem empírica diferente de qualquer coisa que ela experimentara em La Chorrera.

Chegando à fogueira junto à casa do rio, ficamos sabendo que Vanessa estivera na missão com o Padre José María, falando pelo rádio com o piloto que levava Dave para longe do grupo. O piloto estava disposto a seguir o objetivo de Vanessa e a pensar em nós como uma emergência não muito drástica. Prometeu voltar dentro de alguns dias e levar-nos. Fiquei infeliz com esses arranjos. Sabia que nós, os gringos, ficaríamos desacreditados perante as pessoas do local quando elas soubessem de nossa necessidade dessa carona aérea. Além disso eu não compartilhava a fé de Vanessa, achando que Dennis precisava, para voltar ao normal, entrar no mundo da psiquiatria moderna. Mas não havia nada a fazer, e assim jantamos em silêncio, cada um perdido em pensamentos particulares.

No dia seguinte deveríamos empacotar todo o equipamento e levá-lo para a casa do rio, ficando a postos para um vôo que podia chegar, sem ser anunciado, a qualquer momento. Já estávamos nos preparando para sair do vórtice em La Chorrera.

O único momento de humor da noite foi dado pela animada descrição que Ev fez de Dennis fugindo da guarda de Vanessa, e saindo escondido na noite anterior para entrar em silêncio na casa de alguns colonistas colombianos, que acordaram para encontrá-lo sentado tão despreziosamente como se fosse uma peça de mobília. Quando a história terminou, suas dimensões não-expressas voltaram a se revolver em cada uma de nossas mentes.

O dia seguinte foi 13 de março. O acampamento na floresta, o lugar aparentemente abençoado onde ocorrera a experiência transformadora, estava desmantelado. Todos os artefatos que o diferenciavam de dúzias de outras cabanas witoto haviam sido retirados, e o lugar voltara a seu anonimato nativo. Do lado de fora, numa pilha, deixamos para trás um monte de coisas, já que nossa evacuação forçada no avião contaria com muito pouco espaço; alguns espécimes de plantas e insetos iriam conosco, as máquinas fotográficas, os cadernos com anotações sobre a experiência, e só. As coisas que deixamos foram rapidamente assimiladas pelos tolerantes witoto, donos do local onde fora realizada nossa tentativa de sondagem no hiperespaço.

Estávamos todos instalados na casa do rio, prontos para ir assim que o avião aparecesse. Tudo parecia estar seguindo espontaneamente seu curso. Nadávamos no rio e sentávamos nas pedras, examinando o céu e tentando ouvir o ruído do pequeno hidroplano. Assim passou-se a tarde. Até mesmo Dennis estava quieto, depois de um episódio no início da manhã em que metodicamente jogara pela janela tudo que havia dentro do quarto, a ponto de arrancar a própria janela e atirá-la por cima do resto.

Por volta das quatro da tarde eu estava deitado a uns seis metros da margem do rio. Pensava numa caminhada feita dois dias antes, quando cada passo que me aproximava da água parecia trazer mais rimas e ritmo ao meu pensamento. Vindo de lugar nenhum eu parecia lembrar um velho ditado celta comentado por Robert Graves: "A poesia é feita à beira de água corrente." Achei que tinha algo a ver com isso, e estava pensando a respeito. Vanessa e Ev

tomavam banho na minha frente, à beira d'água. Diretamente acima do rio estava o céu do sudeste, no qual apenas vinte e quatro horas antes Ev e eu tínhamos visto a nuvem com o raio de luz.

Eu olhava naquela direção quando percebi o que pensei ser o débil início de um arco-íris; um lugar baixo no céu, junto ao horizonte, onde parecia haver o leve toque de um espectro luminoso. Depois de alguns segundos chamei as duas mulheres e perguntei se elas estavam vendo um arco-íris do outro lado do rio. Elas olharam por um momento e ambas disseram que não viam nada. Não insisti. Ao invés disso, fiquei olhando aquele ponto do céu. Nessa época eu tinha parado de tentar forçar minha opinião sobre as pessoas. Já estava sendo visto como pirado, não propriamente incoerente, mas indigno de confiança porque acreditava nessas coisas esquisitas. Esse era o meu defeito.

Fiquei olhando para o outro lado do rio e vi a coisa se intensificar. Estava extraordinariamente interessado em tudo que se passava. Naquele cenário pastoral parecia haver uma grande revelação sendo fermentada. Olhei e vi as cores se aprofundarem; o arco não chegou a se formar, mas o aprofundamento das cores era bastante definido. De novo perguntei se as mulheres viam o arco-íris do outro lado do rio. De novo a olhada rápida. E? Maravilha!

— É, estamos vendo. Não é grande coisa, é?

A parte de minha imaginação hiperativa que ficava buscando pistas saltou num instante para esse detalhe. Sim, primeiro uma nuvem com um fecho de luz; agora um trecho de luz desmembrada em espectro no mesmo ponto do céu. Eu tinha a forte sensação do olho-no-céu aproximando-se de meus pensamentos e observando satisfeito enquanto eu compreendia a importância do sudeste e de vigiar, de focalizar minha atenção naquele ponto. Em minha mente, o professor disse: "Esse é o lugar. Esse é o sinal. Vigie aqui."

Não falei nada a ninguém, mas resolvi não passar aquela noite insone do mesmo modo que passara as outras; andando nos campos como o espírito-raposa ou meditando no *chorro*. Em vez disso iria sentar-me ali onde o lago se esvaziava e o Igara-Paraná reassumia

seu curso lânguido. Aqui, no atracadouro vinte metros abaixo da casa do rio, descendo um barranco enlameado, eu me sentaria para passar a noite e vigiar.

* * *

Fiquei toda a noite sentado, revendo as coisas que haviam acontecido, parecendo dividir minha consciência e mandá-la ao mesmo tempo para trás, através de minha árvore genealógica, e para o futuro. Parecia ver todos os anos que ainda viriam; vi que desse contato surgia uma tecnologia, nossas carreiras sendo realizadas através do espaço e do tempo, e a justificação final quando o mundo percebesse a verdade da natureza transdimensional das visões provocadas pelo *Stropharia* e a verdadeira proximidade dos mundos que elas abriam. Eu passara a acreditar que o contato com uma espécie inteligente e absolutamente alienígena estava-se iniciando para a humanidade. Surgindo da longa noite do tempo cósmico parecia que a novidade das novidades, o momento do contato de mentes vindas de planos absolutamente diversos, estava começando.

Éramos os primeiros a fazer contato com essa outra espécie. Era a coisa de fato. Tínhamos vindo à selva equatorial para explorar as dimensões vislumbradas no êxtase da triptamina, e lá, no escuro do coração da Amazônia, fomos encontrados e tocados por aquela forma de vida exótica e antiqüíssima, que agora acordava para a potencialidade global de um relacionamento simbiótico com a humanidade tecnológica. Durante toda a noite longas visões de paisagens estranhas e deduções brotavam em mim. Via máquinas gigantes e mundos de formas vegetais e mecânicas em escalas inconceivelmente vastas. O tempo, parecendo ágata brilhante, parecia jorrar em mim como superfluidos vivos que habitavam regiões oníricas de pressões terríveis e frio absoluto. E vi o plano, o plano majestoso. Enfim. Foi um êxtase, um *êxtase* que durou horas e pôs o selo da completude em toda a minha vida anterior. No final me senti renascido; mas não sabia como o quê.

No cinza de um falso alvorecer a onda de imagens internas se dissipou. Levantei-me de onde estivera sentado durante horas e me espreguicei. O céu estava claro, mas era muito cedo e as estrelas ainda brilhavam fracas no oeste. No sudeste — a direção em que minha atenção fora focalizada —, o céu estava claro a não ser por uma linha de neblina ou névoa rasteira, paralela ao horizonte logo acima das árvores do outro lado do rio. Talvez a uns oitocentos metros de distância. Enquanto me espreguicava, ficando de pé sobre a pedra chata onde estivera sentado, percebi que a linha de névoa parecia ter ficado mais escura, e agora parecia estar se agitando, ou girando no mesmo lugar. Olhei atentamente enquanto a névoa que se enrolava partiu-se em dois pedaços e cada uma dessas nuvens menores também se dividiu. Demorou apenas cerca de um minuto para acontecer essas mudanças, e agora eu estava olhando para quatro nuvens em forma de lente, do mesmo tamanho, pairando enfileiradas ligeiramente acima do horizonte a uns oitocentos metros de distância. Uma onda de excitação me varreu, seguida por outra de puro medo. Eu estava colado naquele lugar, incapaz de me mexer, como se fosse um sonho.

Enquanto olhava, as nuvens voltaram a se juntar nos próximos dois minutos, do mesmo modo como haviam se separado. A simetria dessa divisão e reaglutinação, e o fato das nuvens menores serem todas do mesmo tamanho, deu àquilo um ar misterioso, como se a própria natureza se tornasse de súbito a ferramenta de uma entidade organizadora invisível. Enquanto as nuvens se reaglutinavam, pareceram ficar ainda mais escuras e opacas. Quando se tornou uma só, aquela nuvem pareceu girar para dentro como um tornado ou uma tromba-d'água. Pensei de súbito que talvez fosse uma tromba-d'água, algo que eu nunca vira. Mas ao mesmo tempo em que o pensamento se formava, ouvi um zumbido ululante e muito agudo, vindo do topo das árvores, obviamente da direção da coisa que eu estava observando.

Virei-me e olhei rapidamente para a casa do rio, vinte metros atrás de mim, acima do barranco. Avaliei se teria tempo de correr

e acordar alguém e obter a confirmação do que estava acontecendo. Para acordar alguém eu teria de subir o barranco usando mãos e pés e, conseqüentemente, tirar meus olhos da coisa. No espaço de um instante decidi que não podia parar de observar. Tentei dar um grito, mas não saiu nenhum som de minha garganta apertada pelo medo.

O som de sirene ficou rapidamente mais agudo e, de fato, tudo parecia estar acelerando. Sem dúvida a nuvem móvel estava ficando rapidamente maior, vindo direto para o lugar onde eu me encontrava. Senti as pernas amolecerem e me sentei, tremendo terrivelmente. Pela primeira vez acreditava em tudo que acontecera conosco e sabia que a concrecência estava em vias de me arrebatar. Os detalhes pareciam se solidificar enquanto aquilo se aproximava. Passou direto acima de minha cabeça, a uns sessenta metros de altitude, fez uma subida inclinada e perdeu-se de vista sobre a borda do barranco atrás de mim.

No último momento antes daquilo desaparecer, abri completamente os sentidos e vi com clareza. Era uma máquina em forma de prato que girava lentamente, com luzes suaves e discretas, azuis e laranja. Enquanto passava por cima de mim vi chanfros simétricos na parte de baixo. O som que fazia era o úf, úf, úf, dos discos voadores de ficção científica.

Minhas emoções estavam confusas. A princípio fiquei atterrado, mas quando soube que aquilo que estava no céu, fosse o que fosse, não iria me levar, me desapontei. Estava espantado e tentando lembrar o mais claramente possível o que vira. Seria real, no sentido em que essa pergunta é feita a respeito de OVNI's, mesas e cadeiras? Pelo que sei, ninguém viu aquela coisa. Acho que se tivesse havido outros observadores eles teriam informado exatamente o que informei, mas quanto a ser "real", o que se pode dizer? Vi essa coisa transformando-se a partir de um pedaço de nuvem, até virar uma espécie de aeronave cheia de rebites. Aquela coisa era mais verdadeira em forma de nuvem ou de aeronave? Seria uma alucinação? Contra meu testemunho pode ser colocado minha admitida falta de

sono e nosso envolvimento com plantas psicodélicas. Se bem que, curiosamente, esse último ponto possa ser interpretado a meu favor. Sou familiarizado, através de experiência direta, com todas as classes conhecidas de alucinógenos. O que vi naquela manhã não se encaixa em nenhuma das categorias de imagens alucinatórias com as quais sou familiarizado.

É também é contrário ao meu testemunho o inevitável detalhe desconexo que parece tornar absurdo todo o incidente. É que, quando o disco passou acima de minha cabeça, eu o vi com clareza suficiente para julgar que fosse idêntico ao OVNI com três semiesferas na parte inferior que aparece numa foto famosa de George Adamsky, e que é tida amplamente como fraude. Eu não tinha acompanhado de perto a notícia, mas aceitei a opinião de um especialista dizendo que o que Adamsky fotografara era a cobertura de um aspirador de pó Hoover. Mas vi o mesmo objeto no céu acima de La Chorrera. Seria um fato retirado de minha infância de entusiasta por OVNI? Algo tão facilmente retirado de minha mente como pareceu acontecer com outras lembranças? Minha noção estereotipada de um OVNI, apesar de desmascarada, apareceu no céu. Ao surgir numa forma que lança dúvidas sobre o que parece ser, aquilo alcança uma dissonância cognitiva mais completa do que se sua aparente estranheza fosse totalmente convincente.

Aquilo era, caso você me pergunte — e na verdade não há mais ninguém a quem perguntar —, uma imagem holográfica de uma perfeição técnica impossível hoje em dia na terra ou a manifestação de algo que, naquela ocasião, escolheu começar como névoa e terminar como máquina, mas que poderia ter aparecido sob qualquer forma, uma manifestação do controle onisciente que algo bem-humorado tem sobre o mundo da forma e da matéria.

Não era uma miragem convencional. Anos mais tarde me ocorre que talvez fosse um tipo de miragem ainda desconhecida para nós — uma miragem temporal. A miragem comum é a imagem invertida da água ou de um lugar distante. A causa é a distorção da luz

através de níveis alternados de ar quente e frio. Em Benares, na Índia, vi uma imagem tripla da cidade suspensa sobre a superfície do rio Ganges. Mas uma miragem temporal é coisa diferente; é a imagem lenticular de um tempo e de um lugar distantes. Sua causa é desconhecida. O que faz a miragem comum e a temporal membros da mesma classe de eventos é que ambos os tipos exigem a intercessão da mente humana para existir. Certas áreas do mundo possuem condições locais que as tornam propícias a miragens; será que acontece o mesmo com miragens temporais? Ou será que talvez a miragem temporal seja um fenômeno natural, e que o OVNI seja um artefato resultante da miragem temporal sendo usada ou experimentada através de alguma tecnologia futura?

Creio que esta última afirmação está perto do alvo. O OVNI é um reflexo de um acontecimento futuro que promete o eventual domínio do tempo, do espaço e da matéria por parte da humanidade. Nós, em nossa tentativa desajeitada de sondar esses mistérios, podemos induzir a natureza a emitir essa grante centelha de pura contradição a partir da retorta negra onde ela elabora a química do milênio. É extremamente importante que tenhamos sido capazes de fazer isso. Para mim significa que estávamos na pista certa; o cogumelo *Stropharia cubensis* é um banco de memória da história galáctica. Alienígena, mas cheio de promessas, ele escancara um potencial de compreensão que irá varrer as preocupações mesquinhas da terra e da humanidade presa à história.

Em La Chorrera eu só tinha a convicção pessoal e isolada de que nossa abordagem daria resultados; agora, enquanto nossas idéias encontram uma pequena comunidade que compartilha essas intuições, estou ainda mais seguro de que a resposta a todos os mistérios que nós proclamamos para desequilibrar nossa visão de mundo serão compreendidas quando olharmos dentro de nós mesmos. Quando olhamos para dentro de nós mesmos usando psilocibina, descobrimos que não precisamos olhar para fora, em direção à fútil promessa de uma vida que gira ao redor de estrelas distantes para mitigar nossa solidão cósmica. Devemos olhar para dentro; os

caminhos do coração levam a universos próximos, cheios de vida e de afeição pela humanidade.

* * *

O contato com o OVNI marcou, para mim, a culminância de nosso trabalho em La Chorrera. Meu contato com o disco aconteceu na alvorada de 14 de março. Às onze da manhã seguinte o avião chegou, sem ser anunciado, mas não sem ser esperado. Vanessa vinha antecipando aquilo há três dias. Foi questão de momentos subir a bordo depois de dizer adeus aos padres e à polícia: todos haviam sido muito pacientes com nosso grupo colorido e com suas preocupações incomuns. Apenas em visões meus olhos haviam pousado, nos tempos recentes, em coisas como o material de que era feito o pequeno avião — superfícies de acrílico altamente polido que cobriam máquinas e coisas impermeáveis à radiação ultravioleta; aquilo que o povo da Amazônia chama de “pele-de-facão”. Era um lembrete das coisas para as quais estávamos voltando.

Dennis estava no seu melhor comportamento. Afora o comentário, enquanto subíamos a bordo, de que um aeroplano era a condensação parcial de um disco voador, ele falou pouco. Um rugido do motor, uma puxada firme do manche, e nós e nosso legendário piloto da selva estávamos no ar. Circulamos ao redor da missão antes de seguirmos o Igara-Paraná de volta ao Putumayo e à versão de civilização que a cidade de Leticia podia se dar ao luxo de ter. Que mundo pequeno é La Chorrera, deixado para trás na selva sem marcas depois de apenas um vislumbre de construções e gado zebu descansando em pastos verdes, como bolas de sorvete de baunilha derretendo. Imaginei que aquilo que havíamos tocado e que nos havia tocado, o que quer que fosse, estava ficando para trás.

Ficamos dois dias em Leticia, dias em que Dennis mostrou uma melhora nítida enquanto o resto de nós se desgarrava para distâncias variadas uns com relação aos outros. Era quase um esforço para

compensar a intimidade excessiva que o isolamento da expedição tornara necessária. A coisa mais estranha com relação a Leticia é que mal saímos do avião encontramos Jack e Ruby, um casal americano que acabara de alugar por algumas semanas o apartamento de Ev em Bogotá. Eu tinha achado estranha a combinação de nomes quando os conheci seis semanas antes, e agora o fato de que estavam praticamente nos esperando em Leticia fez aumentar a estranheza. Era uma coisa que eu não conseguia entender muito bem.

Ao chegarmos a Bogotá, Dennis estava quase completamente de volta ao normal, dando peso à idéia de que alguma forma de desequilíbrio químico temporário havia sido responsável por sua reação, ao invés do surgimento de um estrutura de personalidade cronicamente desequilibrada. Ele ficava muito abalado e irritado com qualquer menção a ligações supercondutivas quadridimensionais, *ayahuasca* ou xamanismo. Dizia:

— Olha, eu já tive o suficiente disso. — E era verdade.

Ele estava praticamente normal, mas eu me encontrava apenas no início de um período, que duraria anos, de pensamentos incomuns — o estado de suspensão da descrença que deu origem às idéias relativas ao tempo que estão em *The Invisible Landscape*.

No dia 20 de março houve um consenso geral de que Dennis estava totalmente de volta conosco. Foi uma ocasião de grande felicidade e celebramos num dos melhores restaurantes de Bogotá. Foi um feito gigantesco poder permitir que a reversão se fizesse sozinha, sem a influência agravante das técnicas modernas de restabelecimento da saúde mental. A provação que todo xamã deve enfrentar em lugares ermos fora vencida. Fora dado um passo no caminho do conhecimento.

No dia 21 de março fiz uma anotação no diário — a primeira em semanas e a única que eu teria condições de fazer em mais vários meses. Escrevi isso:

21 de março de 1971

Faz dezessete dias desde 4 de março e da concretização do ampersand. Se entendi mais ou menos corretamente esse fenômeno, então amanhã, o décimo oitavo dia, irá marcar algum tipo de meio caminho nessa experiência. Prevejo que amanhã Dennis irá voltar ao cenário psicológico em que estava antes de 1º de março, se bem que é possível que, ao invés de uma amnésia residual com relação aos eventos em La Chorrera, ele tenha uma compreensão cada vez maior do experimento que criou. As últimas semanas foram angustiantes, e aparentemente eram compostas de tantos tempos, lugares e mentes que foi impossível fazer um relato racional. Apenas o Finnegans Wake dá alguma idéia da realidade do paradoxo que experimentamos em virtude de atravessarmos a face dupla do tempo. A despeito de mal-entendidos anteriores e de projeções errôneas relativas aos ciclos de tempo e de números atuando dentro do fenômeno, agora acredito que nesses dezessete dias experimentamos — ainda que algumas vezes correndo para trás e decerto enormemente condensado — boa parte de um ciclo total, e podemos começar a prever de um modo vago os eventos dos próximos vinte dias, mais ou menos, e ter alguma idéia da natureza aproximada e da direção da Obra.

Essa anotação no diário deixa claro que, enquanto Dennis estava se recuperando de sua submersão na luta titânica, eu estava no meio de uma luta pessoal. Fora apanhado num mergulho obsessivo, quase uma meditação forçada, sobre a natureza do tempo. As preocupações comuns da vida cotidiana deixaram de ter importância. Minha atenção era inteiramente exigida por meus esforços de construir um novo modelo do que é na verdade o tempo. Chamavam minha atenção ressonâncias, recorrências e a idéia de que os conjuntos de eventos eram resultado de padrões de interferência cujas fontes estavam temporal e causalmente distantes. Naquelas primeiras especulações imaginei um ciclo mítico precisando de 40 dias para se completar. Foi só mais tarde, quando comecei a me impressionar com a natureza dos ciclos temporais — natureza calêndrica e relacionada ao DNA — que dirigi minha atenção aos ciclos de 64 dias. Foi isso que eventualmente me levou a me voltar para o *I Ching*. Naquelas primeiras idéias só há uma vaguíssima sugestão

da teoria eventual em seus detalhes operacionais; mas ainda assim o objetivo é claramente o mesmo. Ressonâncias, padrões de interferência e retornos fractais de tempos dentro de tempos — esses eram os materiais com os quais comecei a construir. Eventualmente, depois de alguns anos de trabalho, o resultado chegaria a uma certa elegância. Entretanto essa elegância estava reservada ao futuro; a primeira concepção era crua, auto-referente e idiossincrática. Foi apenas a minha fé de que ela poderia ser racionalmente compreensível aos outros que me segurou durante os vários anos necessários para transformar a intuição original num conjunto de proposições formais.

O resto daquele mês de março foi na maior parte passado em Bogotá. Um tempo aterrorizante. O frenesi urbano de uma cidade moderna e apinhada não era leve sobre nossas percepções sensibilizadas pela selva. Dennis parecia bastante normal, ainda que enfraquecido e sóbrio. Não havia qualquer mensagem de Dave, e Vanessa tinha voltado aos Estados Unidos. No dia 29 Dennis seguiu o exemplo dela e voou para o Colorado. Eu insisti com Ev para irmos ao sul da Colômbia, de modo a simplesmente ter tempo de refletir. Fizemos isso. Revi todo o incidente em La Chorrera sem nenhuma idéia nova, e concluí que algum tipo de gravidade psíquica estava nos empurrando para casa. No dia 13 de abril, na véspera de completar um mês de meu contato com o OVNI, chegamos em Berkeley.

Foi uma visita curta e difícil. Eu estava começando a enxergar o vago perfil do que se tornaria a teoria de Onda Temporal do *I Ching*. Nessa época foram feitos os primeiros mapas da hierarquia dos hexagramas do *I Ching*, que eventualmente deram origem ao programa de computador que chamei de *Timewave Zero*. Ficava longe das pessoas. Estava totalmente imerso em meu trabalho; não tinha interesse nem paciência para nada mais. Estava preso a uma mania criativa mais extrema do que eu imaginava possível. Cada conversa sobre esse assunto parecia abrir vastos golfos de mal-entendidos.

O mais grotesco desses incidentes envolveu meu esforço de obter *feedback* de nossas idéias com o que eu achava serem os

“verdadeiros especialistas”. Essa noção equivocada me levou, num dia perfeito de maio, a ir ao Laboratório Donnor de Virologia e Bacteriologia no *campus* da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Antes eu marcara um encontro com o Dr. Gunther Stent, geneticista molecular de reconhecimento mundial e autor de *The Molecular Chemistry of the Gene*. Na época eu não sabia que Stent era uma lenda por sua retidão escandinava, nem que ele se via como homem e filósofo social da Renascença. Um ou dois anos mais tarde ele publicaria um livro advogando a reforma da sociedade global tendo como objetivo os modelos tradicionais de Samoa.

Encontrei o grande homem vestido em seu jaleco branco, numa sala cheia de vidros borbulhantes e alunos em plena adoração. Fui levado para fora do laboratório e um bedel guiou-me ao escritório particular do professor, com janelas viradas para o oeste, dando para o *campus* e a ponte Golden Gate a muitos quilômetros de distância. Vistos ali do nono andar os estudantes eram reduzidos a formigas correndo pelo gramado lá embaixo. Gunther Stent juntou-se a mim alguns minutos mais tarde.

Austero e ficando calvo, recostou-se em sua poltrona enquanto eu deslanchava as idéias surgidas com a experiência em La Chorrera. Tentei começar com calma, mas estava cheio de temor reverente e muito nervoso. Depois de alguns minutos senti que ele devia estar calculando as chances de eu atacá-lo fisicamente. Mas, para seu crédito, ele pareceu lutar contra esses pensamentos alarmantes e permitiu que eu continuasse falando e falando. Seu rosto tornou-se absolutamente impassível enquanto eu ficava cada vez mais inseguro sobre a direção para a qual nossa conversa seguia. Finalmente, depois de um jorro particularmente longo e exótico de especulação, durante o qual seu rosto permanceceu totalmente ilegível, tentei concluir o assunto.

— Dr. Stent, minha preocupação ao vir aqui discutir isso com o senhor deve-se simplesmente ao fato de que desejo saber se essa teoria tem alguma validade ou se é simplesmente falaciosa.

Ele pareceu relaxar ligeiramente, deixou seu lugar atrás da mesa e veio junto comigo olhar para o oeste, através do vidro fumê grosso. Com um suspiro de resignação capaz de partir o coração, ele virou-se para mim e falou:

— Meu jovem amigo, essas idéias não são nem mesmo falaciosas.

Meu vexame não tinha limites e eu saí correndo, atordoado de vergonha. Pararam aí meus esforços de estabelecer uma ponte para a ciência normal.

Encontros desse tipo me convenceram de que precisava reaprender epistemologia, genética, filosofia da ciência — toda a gama de assuntos necessários para discutir as áreas às quais eu agora me sentia compelido. Enquanto avançavam meus estudos sobre o *I Ching*, ou *O Livro das Mutações*, aprimorei a idéia de que sua estrutura era a base de uma ou de várias ondas temporais. Essas ondas são pequenos períodos de mudança que se seguem e se interpenetram. Vim a perceber que a lógica interna das ondas temporais implicava fortemente no término do tempo normal e num fim para a história comum. Nesse ponto a idéia da psicomatéria tornada concreta identificou-se em minha mente com o OVNI que eu encontrara em La Chorrera e ambos, por sua vez, com os cenários de fim dos tempos das tradições religiosas ocidentais.

O primeiro gráfico de tempo não-quantificado era cheio de coincidências com minha vida pessoal. Em particular, os pontos terminais de cada seção componente da onda pareciam ter um significado especial para mim. O posicionamento em um daqueles pontos na experiência de La Chorrera parecia tornar especialmente importantes outros pontos no passado (a morte de minha mãe e meu encontro com Ev) e pontos que, na época, estavam no futuro (meu 25º aniversário). Vi que eventos importantes em minha vida pareciam estar ocorrendo a cada 64 dias, com uma regularidade misteriosa. Era necessário trabalhar sozinho nessas idéias, já que a intensidade de meu envolvimento com elas e sua natureza paradoxal parecia absurda aos olhos das outras pessoas. Compreendi que

para mim, pessoalmente, era de importância vital deixar as forças com as quais me envolvera se desenvolverem por si próprias até o fim — quer o efeito que estávamos explorando fosse um fenômeno geral da natureza ou uma idiosincrasia única.

Por mais esdrúxulo que o plano parecesse aos outros, resolvi voltar a La Chorrera, à sua solidão e sua estranheza, e passar um tempo ali simplesmente observando com calma a coisa que tinha me acontecido. Ev e eu havíamos comprado esmeraldas logo antes de sairmos da Colômbia, e a venda das mesmas foi mais do que suficiente para financiar nossa volta ao reino surreal da luz do sol, das florestas e dos rios que haviam abarcado minha obsessão. Assim que voltasse a La Chorrera eu estava determinado a escrever tudo que nos havia acontecido; isso foi o que resolvi, e os resultados seriam boa parte dos primeiros rascunhos de *The Invisible Landscape*. A decisão de partir da Califórnia foi saudada por meu círculo em Berkeley. Entre meus amigos era grande a preocupação com minha saúde mental, e chegou a nós o rumor de que o FBI sabia que eu estava de volta ao país, e tinha começado a me procurar. A cantiga do haxixe de Bombaim para Aspen estava me perseguindo. Era, como se diz, hora de circular.



Capítulo 16

A VOLTA

Onde Ev e eu retornamos sós a La Chorrera e um novo cometa vem em direção à Terra.

NO DIA 15 DE JULHO EU E EV ESTÁVAMOS de novo chegando ao interior da Amazônia. Minha intenção de voltar a La Chorrera se tornava rapidamente um fato. As anotações no diário ressurgem enquanto descemos o rio Putumayo, um nome que nessa época passou a me sugerir uma etimologia como “a puta da ilusão”:

15 de julho de 1971

Tendo deixado há algumas horas as vizinhanças de Puerto Leguizamo, com nossa carga de cerveja e gado, Ev e eu estamos de novo envolvidos pelo sonho — e viajando através do sonho — que são a floresta e os rios da bacia amazônica. Esta volta para continuar a contemplação do fenômeno no ambiente puro da natureza tropical onde o descobrimos marca uma dedicação e uma imersão no fenômeno que, imagino, qualquer pessoa familiarizada com os eventos que nos aconteceram em março acham incrível e talvez até mesmo com algum elemento de risco.

Não me refiro a algum perigo inerente à selva ou à inevitável dureza de viajar em áreas remotas, mas à tensão psicológica de confrontar o fenômeno — que, de modo estranho, é parte de nós e ao mesmo tempo vasto e

Outro — longe dos amigos e de um mundo que não percebe ou que é cético com relação ao nosso contato com o fenômeno e as subsequentes deduções que retiramos do mesmo. Minha primeira decisão nessa área é a de fazer todo o possível para eliminar o inesperado. Nesse sentido a reversão criptoescizofrênica de meu irmão está sempre em meu pensamento. Acredito que estamos lidando com algo que não admite qualquer indecisão ou incerteza de dinâmicas interiores. O pensamento cauteloso e o estudo podem eliminar a possibilidade do fenômeno de contato nos abalar ou se comportar de modo inesperado.

A abordagem correta continua indefinível. Repetidamente a "voz interior" do fenômeno insistiu que, desde a obra de hipercarboração de meu irmão, nada resta a ser feito, e que se é necessário alguma atividade, em virtude da própria natureza do contato, ela será exatamente o que estamos fazendo.

Ev e eu vivemos calmamente em La Chorrera de agosto a meados de novembro de 1971. Houve momentos de muita alegria. E durante aquele tempo pude me deixar submergir completamente nos processos interiores que eu estava experimentando. Meus dias eram preenchidos com caminhadas longas e pensativas pelas trilhas ao redor de La Chorrera e por horas curvado sobre os blocos de papel milimetrado que eu trouxera. Ali, no centro verde da Amazônia, elaborei minhas teorias sobre o tempo e preenchi folha após folha com minhas fantasias de mecânica ondulatória. Quando não estava lendo ou devaneando, conversava longamente com Ev e, nessas conversas, o novo modo de se enxergar no mundo parecia praticamente ao nosso alcance.

Durante esse segundo período em La Chorrera voltou a surgir o tema do *oo-koo-hé*. Havíamos travado conhecimento com vários *witoto* que regularmente usavam o caminho junto à nossa cabana — que ficava a algumas centenas de metros seguindo pela mesma trilha onde acontecera a experiência original. Entre os *witoto* que paravam para trocar uma palavra ou me ver coletando insetos, havia um, velho e rijo, chamado Demetrius. Era um velho astuto, de olhos nublados, que positivamente exalava o cheiro do porteiro cósmico. Em meu estado de excitação mental, as letras D, M e T pareciam

saltar em seu nome como um farol. Assim que pude ficar a sós com ele fiz a pergunta:

— *Oo-koo-hé?*

— *Oo-koo-hé!* — Ele mal parecia acreditar nos próprios ouvidos. Era incrível aquela criatura estranha, fraca, parecendo uma coisa do outro mundo, perguntar diretamente sobre uma tradição secreta de seu povo. Não tenho idéia de quantas convenções culturais foram desconsideradas, mas depois de mais um pouco de conversa, ou do que passa por conversa entre pessoas que não compartilham uma língua comum, tive certeza de que ele tentaria me ajudar. Dias mais tarde, no meu vigésimo quinto aniversário, recebi uma gosma parecendo alcatrão, enrolada em trouxinhas de folhas. Nunca consegui qualquer experiência alucinógena com aquele material, mas uma análise posterior feita pelos químicos do Instituto Karolinska, em Estocolmo, confirmou a presença de dimetiltriptamina. Demetrius fora tão bom quanto seu nome.

A coisa importante com relação à segunda viagem a La Chorrera é que o ensinamento dado pelo *Logos* foi mais ou menos contínuo. E o que foi ensinado depois de meses e meses foi uma idéia a respeito do tempo. É uma idéia muito concreta; com rigor matemático. O *Logos* ensinou como fazer com o *I Ching* uma coisa que talvez ninguém antes soubesse fazer. Talvez os chineses tenham sabido algum dia, e perderam o conhecimento há milhares de anos. Ele me ensinou um modo hipertemporal de ver. Meus livros, minha vida pública, meus sonhos particulares, são tudo parte do esforço de sentir e entender o novo tempo que foi revelado. Uma revolução no entendimento humano não é algo que possa ser encurralado nos limites de uma conversa.

Esse novo modelo do tempo nos permite uma boa certeza sobre o futuro, o máximo que é possível de se ter. O futuro não é absolutamente determinado; não há, em outras palavras, um futuro para se "ver", no qual todos os eventos já estejam determinados. Não é assim que o universo é feito. O futuro está para ser completado, mas é condicionado. Misteriosamente, dentre o conjunto de

todos os eventos possíveis, alguns são selecionados para passar pela formalidade de ocorrer. Era a mecânica desse processo que o *Logos* estava querendo revelar, e realmente revelou, com a idéia da Onda Temporal.

O que me levou originalmente a olhar o *I Ching* foi o modo estranho como a noção simplista de ciclos de 64 dias de influências funcionou bem em minha própria vida naquela época. A morte de minha mãe foi o primeiro desses pontos temporais que isolei. Em seguida percebi que meu relacionamento com Ev, formado pelo acaso, começara 64 dias depois disso, e que a culminação da experiência em La Chorrera ocorrera outros 64 dias depois. A noção do ano lunar baseado no hexagrama surgiu da idéia de seis ciclos de 64 dias, um ano de seis partes, assim como um hexagrama do *I Ching* tem seis linhas.

A validade pessoal da idéia me foi confirmada quando percebi que esse ano de trezentos e oitenta e quatro dias, caso iniciado com a morte de minha mãe, terminaria em meu 25º aniversário, em 16 de novembro de 1971. Então vi que havia ciclos, e ciclos de ciclos; imaginei um ano lunar de 384 dias e em seguida a coisa da qual ele era apenas uma parte: um ciclo de 64 vezes 384 dias; e daí por diante. Os mapas que construí e a eventual classificação a que cheguei estão contados em *The Invisible Landscape*. Mas o que não foi dito lá é o modo como essas coincidências e minha mente inconsciente — ou algo dentro de minha mente — me guiaram para descobrir essas propriedades há muito ocultas no *I Ching*.

O que fazer do oceano de ressonâncias que a Onda Temporal parecia mostrar, ligando cada momento do tempo a cada outro momento através de um esquema de conexão que nada tinha de aleatório ou de causalidade? E o que fazer do fato de que certos detalhes na matemática da onda pareciam implicar que o tempo em que vivemos era o foco de um esforço de eras, e terrivelmente importante? Essas eram imagens que inflavam meu ego, e as reconheci como tal, mas a força e o fascínio delas como forma de diversão particular eram francamente irresistíveis.

A Onda Temporal parecia ser uma imagem do inconsciente coletivo que buscava provar, pelo menos em seus próprios termos, que a culminância de todos os processos no universo ocorreriam durante nosso tempo de vida. Para cada um de nós isso é obviamente verdadeiro, nossas vidas nos parecem, a nós que estamos engastados em nossos corpos e em nossas épocas, ser de algum modo a expressão do objetivo final de todas as coisas.

A Onda Temporal previa seu fim dentro de nossos períodos de vida; na verdade, apenas uma década após a virada do século, um período de tamanha novidade que além dele poderia estar nada menos do que o fim do próprio tempo. Isso era o mais atordoante de tudo, mais atordoante do que seu lado idiossincrático pessoal, esse “fim do tempo” implícito; um período em que aconteceria uma transição de regime que transformaria completamente as modalidades do real.

Eu estava familiarizado com a idéia da escatologia — o fim dos tempos — num contexto religioso, mas nunca antes me ocorrera que regimes da natureza poderiam passar por mudanças súbitas que reembaralhariam as leis naturais. Na verdade não há nada contra isso. Simplesmente a ciência, para poder funcionar, precisa presumir que as leis físicas não são dependentes do tempo e do contexto em que são testadas. Se não fosse assim, a idéia de experimentos não faria sentido, já que experimentos realizados em tempos diferentes poderiam dar resultados diferentes.

Durante anos continuei a elaborar essa teoria e a clarear minha compreensão do empreendimento que é formar uma teoria em termos gerais. Em 1974 consegui finalmente alcançar uma quantificação matemática completamente formal da estrutura fractal que eu desencavara da estrutura do *I Ching*. Durante a década de 80 trabalhei, primeiro com Peter Broadwell e depois com Peter Meyer, para criar um programa de computador, que chamei de *Timewave Zero*, que permite o estudo cuidadoso dessa onda. O computador é uma ferramenta poderosa que tornou possível aprimorar grandemente minhas noções do que constituía prova ou negação da teoria.

Hoje minha conclusão sobre esses assuntos é que a teoria sobre a natureza fractal e cíclica do ingresso de novidades no mundo é uma teoria autoconsistente e completamente matemática. Tem coerência interna. E traz o drama humano e as nossas vidas de volta ao próprio centro do palco universal.

É possível que, em certo sentido, todos os estados de libertação nada mais sejam do que um conhecimento perfeito do conteúdo da eternidade. Se sabemos o que está contido no tempo desde seu início até o seu fim, ficamos de algum modo fora do tempo. Mesmo que ainda tenha um corpo, ainda coma e faça o que faz, você descobriu algo que o liberta para uma situação satisfatória de tudo-ao-mesmo-tempo. Há outras satisfações que surgem da teoria, e que não são citadas em sua formulação. Os tempos se relacionam uns com os outros — as coisas acontecem por um motivo, e o motivo não é casual. A ressonância, aquele fenômeno misterioso no qual uma corda que vibra parece invocar magicamente uma vibração semelhante em outra corda ou em outro objeto que não está fisicamente conectado ao original, sugere-se como um modelo para a propriedade misteriosa que relaciona um tempo a outro, ainda que possam estar separados por dias, anos ou mesmo milênios. Convenci-me de que há uma onda, ou um sistema de ressonâncias, que condiciona eventos em todos os níveis. Essa onda é fractal e auto-referencial, parecida com muitos dos mais interessantes objetos e curvas que vêm sendo descritos nas fronteiras da pesquisa matemática. Essa onda temporal exprime-se através do universo numa variedade de níveis extremamente pequenos. Ela faz com que os átomos sejam átomos, células sejam células, mentes sejam mentes e estrelas sejam estrelas. O que estou sugerindo é uma nova metafísica, uma metafísica com rigor matemático; algo que não é simplesmente uma nova crença ou uma nova convicção religiosa. Ao contrário, essa percepção assumiu a forma de uma proposição formal.

Eu sou o primeiro a admitir que não foi possível encontrar uma ponte entre essa teoria e a física normal. Uma ponte dessas pode

não ser possível nem necessária. Podemos descobrir que a ciência normal indica o que é possível, enquanto a teoria temporal que proponho oferece uma explicação para o que é. É uma teoria que parece explicar como, dentre todas as classes de coisas possíveis, alguns eventos e coisas passam pela formalidade de ocorrer. Para mim é claro que a teoria não pode ser negada de fora, só pode ser negada caso seja vista como inconsistente dentro de si mesma.

* * *

Por volta de 16 de novembro de 1971 eu tinha começado a perceber que a tabela tinha muitas variáveis para funcionar como um mapa previsível do futuro. Seria necessário, percebi então, quantificar de algum modo os vários parâmetros da onda, de modo que os julgamentos pudessem ficar menos sujeitos a interferências pessoais. A última coisa que produzi em La Chorrera foi escrito na manhã do dia 16, meu 25 aniversário. Era uma espécie de fábula:

16 de novembro de 1971

Dois velhos amigos, digamos que árabes, e velhíssimos, estão num palácio muito mais velho do que eles próprios, construído numa montanha rodeada por vinhedos, tamareiras e pomares de frutas cítricas. Sem sono e sociáveis, passam as longas horas estreladas antes do amanhecer fumando haxixe e propondo charadas.

— Compartilhe meu prazer com este quebra-cabeça e sua solução — disse o mais moreno para o mais velho, e passou a mão sobre os olhos do companheiro. O mais velho entrou no sonho e olhou o quebra-cabeça aberto — um mundo de formas e leis, engrenagens encaixadas, paixão e intelecto. Viu suas espécies e seus impérios, famílias dinásticas e indivíduos geniais, tornou-se seus filósofos e suportou suas catástrofes. Sentiu a textura e o caráter de todos os seres do mundo que seu amigo havia criado. Buscou o padrão secreto que o amigo, ele sabia, certamente escondera em sua criação, já que esse era um jogo que disputavam com frequência.

Finalmente, num momento de grande despotismo, numa era de ciência impetuosa e decadência brilhante, ele se viu dividido nas pessoas de dois irmãos — e através deles, através de suas viagens e de suas vidas que passaram num instante diante de seus olhos, ele percebeu a natureza

intrincada e agradável da charada. Compreendendo, enfim, e rindo — um riso que os dois compartilharam — ele dissolveu a névoa e as engrenagens da fábula de sonho. E mais uma vez eles passaram o cachimbo antes de sair pelo jardim azulado, onde a alvorada os encontraria conversando entre os pavões, entre as romãzeiras e as acácias.

E então será que vamos ficar apenas com uma fábula? Ou há mais alguma coisa aqui? Alguns jardins tropicais que eu plantei têm pequenas acácias se desenvolvendo. Talvez ainda haja tempo para que elas cresçam até fazer sombra para discursos filosóficos. A vida é mais estranha do que até mesmo o mais estranho de nós pode supor.

Parecia que o trabalho em La Chorrera estava terminado. Desarmamos nosso acampamento e voltamos pelas trilhas e pelos rios. Demorou, havia livros a serem escritos, pontas soltas de uma vida levada muito frouxamente precisavam ser arrumadas e amarradas. Ficamos um tempo em Florência, na *finca* de um amigo, onde escrevi os primeiros capítulos de *The Invisible Landscape*. Passamos lá os feriados de Natal de 1971, mas a escrita era demorada, era frustrante a falta de obras de referência. Voltamos aos Estados Unidos e moramos com Dennis, em Boulder, durante alguns meses, tempo em que trabalhei nas estufas de rosas que existem no local. Aventuras americanas. Mas terminamos voltando para Berkeley.

* * *

Até que a Onda Temporal do *I Ching* fosse quantificada com mais dados, seu modo de integrar fatores aparentemente sem sentido e não-relacionados tornava muito fácil que ela fosse vista em termos psicológicos. Parecia operar como uma espécie de teste de manchas de Rorschach; podíamos ver nela o que quiséssemos. Mesmo depois de meu vigésimo quinto aniversário, em 16 de novembro de 1971, ter-se passado com muito pouca novidade seja em minha vida ou no mundo, continuei a propagar para o futuro os ciclos da tabela. Sentia que a idéia de uma estrutura oculta do tempo

estava correta, mas isso não podia ser afirmado até que o alinhamento correto entre a estrutura e a história humana fosse encontrado e confirmado. Eu estava procurando uma data com características especiais relacionadas à tabela, uma data que fosse um bom candidato para o surgimento de um evento especial.

Aqui vem uma parte de minha história que achei muito perturbadora. Depois da desconfirmação de novembro de 1971, procurei no futuro outras datas em que terminariam os ciclos de 384 dias, caso eu continuasse a assumir que 16 de novembro de 1971 fosse o fim de um desses ciclos. Isso significava que a próxima data no fim do ciclo de 384 dias seria quatro de dezembro de 1972. Consultei várias tabelas astronômicas, mas a data parecia nada prometer. A data final do ciclo seguinte de 384 dias era muito mais interessante, já que caía em 22 de dezembro de 1973.

Percebi que era o solstício de inverno. Ali estava uma pista. O solstício de inverno é tradicionalmente a época do nascimento do messias salvador. É um tempo de pausa, quando há uma mudança no mecanismo cósmico. É também o momento de transição do sol de Sagitário para Capricórnio. Não dou muita importância à astrologia, mas notei que Dennis é Sagitário e Ev é Capricórnio. Consultei meus mapas astronômicos e acrescentei outra coincidência; vi que onde a eclíptica cruza a cúspide de Sagitário e Capricórnio, a 23 graus de Sagitário, era o ponto, com um ou dois graus de variação, em que o centro da galáxia estava localizado naquele momento. Durante 26 mil anos o centro da galáxia, como todos os pontos na eclíptica, move-se devagar entre os signos, mas ele estaria na cúspide de Sagitário e Capricórnio no dia de solstício de inverno.

Parecia um número incomum de coincidências, de modo que continuei minha busca. Consultas no almanaque do Observatório Naval trouxeram uma verdadeira surpresa. Exatamente naquele dia que eu estava pesquisando, 22 de dezembro de 1973, haveria um eclipse anular total do sol, e o caminho de totalidade passaria diretamente sobre La Chorrera e a bacia amazônica. Fiquei pasmo. Sentia-me como um personagem de romance; aquela fiada de

indícios era verdadeira! Pesquisei o eclipse para determinar exatamente onde ele alcançaria a totalidade. Descobri que ela ocorreria diretamente sobre a cidade de Belém, no Brasil, no delta do rio Amazonas. O vertiginoso matraquear élfico do hiperespaço aumentou de volume até um guincho agudo em meus ouvidos. Estaria zombando de mim ou me instigando?

A meditação sobre a data desse eclipse tirou minha mente do âmbito das coincidências astronômicas, trazendo-a de volta para os temas dos transe em La Chorrera. A cidade se chama Belém. Minhas percepções, sensíveis a qualquer possibilidade messiânica, ligaram-se a isso. Belém, a cidade de nascimento do Messias; e está no delta do Amazonas. Delta é o símbolo para a mudança no tempo; delta, em Joyce e para os grafiteiros através de toda a história, representa a vagina. Dennis nasceu em Delta, Colorado. Seria possível que todas as nossas experiências fossem uma premonição de um evento que ocorreria dali a dois anos no Brasil? Seria essa, absurdamente, a conclusão da experiência em La Chorrera, os acordes do hino "Oh, Cidadezinha de Belém" ecoando em minha mente? No final da primavera de 1972 eu sabia de tudo que acabo de mencionar. Por que a onda apontava para 22 de dezembro de 1973? E por que havia tamanha coincidência apontando para aquele momento? Será que eu já sabia do eclipse em algum nível inconsciente? Será que eu sabia que ele alcançaria a totalidade em Belém? Por que as datas importantes em minha vida se alinhavam com aquela data, de acordo com a onda que eu aprendera a construir após o contato com o OVNI em La Chorrera? Parecia-me impossível que eu, de algum modo, já soubesse dessas coisas e tivesse manipulado minha consciência para imaginar que ela estivesse "descobrimo" essas coisas. Eu era como um viajante cego pela neve, apanhado por uma nevasca de coincidências.

Por fim, no início da primavera de 1973, ocorreu um evento que oferecia uma prova perfeita de que algo maior do que meu inconsciente, aparentemente maior ainda do que a consciência coletiva de toda a raça humana, estava posto em funcionamento.

Foi a descoberta do cometa Kohotek, anunciado como o maior cometa da história humana, deixando até mesmo o Halley como um anão.

"O Cometa Mais Brilhante Que Já Se Dirigiu à Terra", era a manchete do *San Francisco Chronicle*. Enquanto lia o artigo, deixei sair um grito de espanto. O cometa faria sua aproximação máxima no dia 23 de dezembro! Um cometa não-periódico, desconhecido de todos na terra antes de março de 1973, se aproximava para um encontro com o sol a poucas horas do solstício e do eclipse sobre a Amazônia. Era uma enorme coincidência, se definirmos coincidência como uma improbabilidade que impressiona profundamente seu observador. Ela não foi diminuída pelo fato do Kohotek não ter correspondido às expectativas, porque apenas as expectativas já se transformariam numa onda de milenarismo e inquietude apocalíptica que só morreria com a volta do cometa à escuridão da qual havia emergido. Será que aconteceu alguma coisa em Belém no dia do eclipse? Não sei; eu não estava lá. Na época era um prisioneiro de obrigações mundanas. Mas realmente sei que a compressão de eventos que ocorreu naquela data, e o modo como as tabelas a previam, era espantosa.

Somente com o desenvolvimento do programa para computadores pessoais pude entender o modo como a Onda Temporal descreve o fluxo e refluxo de novidades no tempo em muitos períodos temporais diferentes: alguns durando apenas minutos, outros durando séculos. Agora qualquer um que se familiarize com a teoria pode juntar-se a mim nessa aventura intelectual e ver por si próprio o imenso desafio envolvido em prever uma concretude. Não me contentei em meramente compreender a teoria, mas continuei os esforços para aplicá-la especificamente a predizer o curso dos eventos futuros. Se, durante anos de estudos, uma pessoa torna-se convencida de que a onda realmente mostra o curso futuro de novidades, a antecipação comum do futuro é gradualmente substituída por uma apreciação e uma compreensão quase zen do padrão total.

Teria sido a série de eventos apresentada acima a primeira sugestão de que algo importante estava conectado a uma data específica no tempo e à cidade de Belém? Não, não foi. Devo mencionar o seguinte incidente, para conectar a história de meus processos inconscientes com a informação específica e enigmática que estava tentando emergir de dentro de mim.

Na primavera de 1970 eu estive em Taipai, Taiwan, me reajustando à vida urbana depois de uma grande viagem coletando borboletas no interior da Indonésia. Estava matando o tempo, esperando uma companheira de viagem que eu vira pela primeira vez em Bali há vários meses. Uma noite tive um sonho muito estranho. Aconteceu, apesar de eu não saber, no mesmo dia em que meu pai e Dennis ficaram sabendo que nossa mãe estava morrendo de câncer, coisa da qual eu só tomaria conhecimento quase uma semana mais tarde. Em meu diário está relatado o seguinte sonho:

24 de maio de 1970

Dhyanna e eu subíamos uma encosta suave e gramada. Abaixo de nós, por todos os lados, os vales estavam cheios de nuvens brancas correndo rápidas, seus topos brilhantes refletindo o sol de volta para o azul sem fim. À nossa frente os morros subiam cada vez mais inclinados — por muitos quilômetros, até o núcleo principal das Rochosas. Estávamos numa geografia onírica, em algum lugar no oeste do Colorado [onde nasci e vivi até os dezesseis anos]. Enquanto continuávamos subindo, Herr B. [um conhecido indonésio] veio encontrar-nos usando bermudas brancas de jogar tênis, e chamou nossa atenção para vários pequenos balões meteorológicos cujas cordas de náilon penduradas haviam-se prendido em algumas árvores curvadas pelo vento ali perto. Sobre uma crista à nossa esquerda estava um grande balão, cheio de ondulações, de um branco ofuscante e talvez a dez metros de altura, com uns três quartos inflados pelo gás. As cordas que envolviam o saco de gás penetravam fundo, seccionando-o como se fosse uma grande laranja descorada. Enquanto olhávamos, Herr B. apertou uma alavanca que tinha surgido de lugar nenhum e o aparato subiu ao mesmo tempo que eu me perguntava: será que o vento que varria o morro não faria com que ele tombasse? Seu bojo branco passou por cima de nós, talvez apenas seis metros acima de nossas cabeças, e então, subindo, ele encontrou o vento e o destino que eu antecipara. Virando de lado, veio gentilmente à terra. Corremos em sua direção e outras pessoas (a impressão era

de serem crianças) apareceram da direção oposta, também correndo para o branco da máquina agora desinflada.

Enquanto ríamos examinando o balão, fomos convidados à casa de B., visível agora como uma construção espalhada, "estilo rancho", ali perto. (Não era uma casa muito diferente daquela em que passei a infância.) Quando entramos na casa eu parei para examinar um grande mapa do delta do Amazonas pendurado na parede — publicado, pelo que informava a legenda, para comemorar a convenção que uma sociedade francesa de arqueologia tinha realizado lá, numa pequena ilha, em 1948. Quando voltei a me juntar a Dhyanna, ela me informou que os filhos de B. tinham-lhe dito que uma das florestas mais densas do mundo ficava ali perto. Familiarizado como apenas um nativo poderia ser com a geografia do Colorado, fiquei incrédulo. Voltei à estante sob o mapa e, pegando um grande atlas, procurei o mapa de chuvas e florestas do Colorado; abri — em vez disso — em Assam. Enquanto rejeitava uma representação topológica de Bengala, ouvi-me dizer que Shalimar era logicamente o que havia saltado fora de seu lugar... e tudo se dissipou.

Na época o significado desse sonho não ficou nem um pouco claro, e até mesmo agora continua obscuro. O evidente é que numa data determinada seria de se esperar um evento de importância no delta do Amazonas. Tive esperanças, então, de que o eclipse total do sol fosse o evento há tanto previsto, e que sua totalidade sobre a vagina da mãe do mundo antecipasse um evento de grande importância para todas as pessoas.





Capítulo 17

VALSANDO O ENIGMA

Onde faço um retrospecto do meu quase-recrutamento por um bando de cientistas nazistas renegados enquanto visitava Timor.

ALGUNS MESES ANTES DESSE SONHO PREMONITÓRIO houve um incidente estranho que agora vejo como outra prova de que, de algum modo, eu havia caído no feitiço do Riso Cósmico:

Em fevereiro de 1970, um ano antes de chegar a La Chorrera, as viagens de fugitivo me haviam levado à ilha de Timor, no leste da Indonésia. Eu estava sendo indiciado nos Estados Unidos pelo crime hediondo de importar haxixe, e devido a isso viajava e vivia com a suposição dramática de que uma combinação de serviços internacionais de polícia estava passando pente-fino no globo, procurando por mim. Meu disfarce de graduado em entomologia fazendo trabalho de campo para um mestrado — disfarce de colecionador de borboletas — havia funcionado bem durante os seis meses anteriores enquanto eu seguia lentamente através da Malásia, de Sumatra, Java e um bocado de outras ilhas distantes, menos familiares mas igualmente exóticas.

Numa tarde particularmente abafada e chuvosa eu me encontrava fumando ganja em meu quarto no Rama, o melhor hotel em Kupang, Timor. Era o único hóspede durante os últimos dez dias, e me sentia praticamente o dono do lugar. Não que ali fosse um palácio. O Rama era construído com blocos de concreto de cinzas, e as paredes de seus oito quartos idênticos paravam bem antes do teto. Com as paredes de concreto e com os drenos instalados onde as inclinações do chão se encontravam, ele tinha a aparência agradável de um matadouro não-utilizado. Mas era limpo, como o gerente afirmava às pressas.

Enquanto fumava de pernas cruzadas sobre minha cama de ferro, revendo a coleta da manhã na selva, percebi que chegavam outros hóspedes. Eu podia ouvir o que parecia meia dúzia de pessoas falando alemão e mexendo com bagagem na recepção, um espaço central com quatro poltronas de *rattan* postas frente a frente sobre um tapete esgarçado. Presumi que fossem viajantes chegados no avião da tarde, vindo de Darwin, e que presumivelmente voariam para Bali no vôo regular do meio-dia, no dia seguinte. O que era obviamente um casal, a julgar pelas vozes, havia ocupado o quarto vizinho ao meu. Reconheci palavras em alemão, e as mulheres pareciam falar outra língua, que não consegui situar.

Quando saí para jantar, os recém-chegados não estavam à vista. Na manhã seguinte acordei de madrugada para pegar um avião da Força Aérea da Indonésia, que me levou a Flores, a ilha seguinte em meu itinerário de borboletas. Não pensei mais nos convidados não-vistos num hotel agora distante, e que eu esperava nunca ver de novo. Passei uma semana nas florestas nubladas de Flores, hospedado com o padre alemão alcoólatra que tinha uma perna de pau e que dirigia uma missão no interior. Então voltei para a capital calorenta da ilha, Maumere, uma pequena cidade que tinha no centro de sua rua principal pilhas de nozes de macadâmia secando ao sol e esperando ser empacotadas para exportação. Havia um hotel chinês de dois quartos onde eu esperava passar uma noite antes de voltar a Bali.

Então a neblina baixou. Era uma névoa tropical, baixa e pegajosa. O hospedeiro chinês me assegurou que duraria semanas naquela época do ano. No dia seguinte, depois de ir até o aeroporto, ficou claro que aquele era um ato fútil. O avião de Bali circulou o campo quatro vezes, procurando um buraco na cobertura de nuvens antes de desistir e ir embora. Os adiantamentos não me eram estranhos. As viagens na Ásia são feitas de adiantamentos. Voltei ao hotel para outra rodada de xadrez com os jogadores locais e presumi que o dia seguinte estaria claro.

Cinco dias depois eu ainda me encontrava em Flores. Tinha jogado xadrez com todas as pessoas que apareceram, o bagulho estava acabando, e o espectro de ficar para sempre em Maumere parecia real demais para ser uma piada. Pensei muito, decidi esquecer Bali, e espalhei a notícia de que pegaria o próximo avião para qualquer lugar.

Essa decisão pareceu ser a única coisa necessária para que o tempo clareasse o bastante para um avião descer abaixo das nuvens. Era o voo semanal, de Garuda para Kupang. Antes de ter tempo de reconsiderar minha decisão, eu estava no avião voltando a Timor.

A cidade continuava igual, e minha visita anterior me deixara íntimo dos rapazes dos riquixás. Quase me sentia em casa. "Rama Hotel", falei ao meu puxador favorito. Antes de perceber, eu estava de volta ao meu quarto de número um, e a prisão de neblina e os torneios de xadrez de Flores pareciam apenas um sonho mal recordado.

Enquanto estava na cama olhando o ventilador de teto girar lento contra um fundo de metal corrugado cheio de teias de aranha, me conscientizei de vozes no quarto ao lado. Alemão e outra coisa mais exótica, suavizada por uma voz de mulher; não era indonésio. Talvez pashtun, pensei. Aparentemente os viajantes que haviam chegado na noite anterior à minha partida, há cerca de duas semanas, ainda estavam ali. O que significava que certamente não eram turistas, ninguém sem um bom motivo ficava por muito tempo em Kupang.

Não sou muito de encontros casuais. Naqueles dias eu sempre evitava ter qualquer relação com o que eu considerava "caretas". Entretanto, naquela noite, quando saí do quarto para jantar, a porta do quarto ao lado se abriu e me vi cara a cara com seus ocupantes.

— Herr McKenna, não?

A inquietação que senti ao ser chamado pelo nome deve ter aparecido em meu rosto enquanto eu me virava para o homem.

— O gerente daqui me falou de suas pesquisas biológicas em Timor. Permita que me apresente. Sou o Dr. Karl Heintz, da Far Eastern Mining and Minerals, Inc.

Meu alívio foi imediato. Obviamente aquele cara não era um fuçador da Interpol vindo atrás de mim. Mas parecia. Era de compleição robusta, com o cabelo cinza-metálico penteado para trás e olhos espantosamente intensos, de um azul glacial. Tinha uma *schmiss* na bochecha esquerda, uma cicatriz longa e fina. Eu nunca vira uma *schmiss* antes, mas o termo de palavras cruzadas saltou em minha mente. Fiquei me perguntando se ele a havia recebido do modo tradicional, num duelo de espadas que faz parte dos trotes que costumavam acontecer nas fraternidades universitárias da Prússia.

— Como somos os únicos hóspedes aqui no Rama Hotel, será que posso convidá-lo a tomar um *schnapps* comigo e minha esposa? Estou ansioso para ouvir suas impressões sobre Timor.

A cidade era muito pequena para que eu recusasse gentilmente. Caso dissesse não, terminaríamos em mesas diferentes no mesmo restaurante de cinco mesas. Odiei a idéia de perder tempo com gente careta, mas parecia não haver um modo decente de escapar.

O som de sua voz trouxe a esposa para o pequeno *foyer*. Ela tornou a decisão mais fácil, se bem que tive o cuidado de guardar minha reação espantada. Devia ser apenas um ou dois anos mais velha do que eu, talvez com 25. Era de uma beleza estonteante, morena, vestida num sári, e com imensos olhos de fauno, argola de ouro no nariz e muitas pulseiras. Naquele atrasado lugar tropical seu surgimento era tão improvável quanto o de um disco voador;

era a visão da perfeição bramânica vestida demais. Seu nome era Rani, e quando falava sua voz era cultivada e musical. Apesar de falar raramente, seu inglês era melhor do que o dele. Não era uma garota de aldeia. Confesso que fiquei intrigado. O que poderia fazer, senão acompanhar aquele casal? Não parecia que eu tivesse coisa melhor a fazer.

Assim que nos sentamos no restaurante, com as garrafas de cerveja Bintang à nossa frente, a conversa começou a fluir e comecei a formar uma impressão sobre meus companheiros.

O Dr. Heintz era, pelo que disse, um geólogo baseado em Cingapura. No ano anterior uma equipe de pesquisa encontrara evidências de um grande depósito de níquel seguindo a fronteira entre a Indonésia e o Timor português. Ele estava ali para confirmar o achado e avaliar a viabilidade de um projeto de mineração. Isso era uma coisa fácil de entender, apesar de haver referências a instrumentos que podiam determinar o verdadeiro tamanho do depósito. Eu sabia muito pouco sobre tecnologia de prospecção, mas um equipamento que pudesse ver dezenas de metros abaixo do solo me pareceu incrível.

Perguntei gentilmente pela língua em que tinha ouvido os dois conversando, pensando que isso iria levá-lo a falar sobre a esposa. Pareceu ser um de seus assuntos prediletos. Ela era, ele contou enquanto a mulher meramente ficava sentada olhando-nos, uma neta da marani de Maharashtra. Parecia que Heintz estivera procurando algumas terras cultiváveis em Maharashtra, e a velha marani tinha um pedaço de terra de que poderia dispor. Isso levou Heintz a encontrar Rani, e antes do acordo ser fechado ficou claro que logo se seguiria um casamento. Falou eloqüentemente sobre as alegrias da agricultura mecanizada na Índia, de como no fundo ele era um homem simples, da alegria de ver uma nova plantação crescer etc. etc. Era um grande falador, e fiquei contente em deixá-lo desfiar o assunto. Parecia ser uma espécie de vice-presidente encarregado de operações para a mineradora, uma espécie de solucionador de problemas. Pediu outra cerveja enquanto começava a contar uma

história sobre ter sido acuado por guerrilheiros no início de uma grande operação para extrair estanho no norte da Tailândia. No clímax da história ficou de pé e levantou a camisa para mostrar, para minha edificação, três cicatrizes nítidas no peito. De metralhadora, explicou.

— Qualquer um dos três tiros poderia ter me matado. Mas não! Fui preservado e o triunfo do projeto de nossas empresas foi total. — Descrever como triunfo o início de uma mineração de estanho me pareceu um tanto exagerado, mas estava claro que eu me encontrava na presença de um tremendo fanfarrão.

Praticamente sem parar, ele passou para a Tanzânia quando, sozinho, de peito nu e sem armas a não ser um machado, atravessou uma multidão de seiscentos trabalhadores irados durante uma greve numa mineração de bauxita. Modesto ele não era, mas as histórias eram bem-contadas e irresistíveis. E nos quentes trópicos o padrão das conversas ao jantar deixa espaço para as histórias dos viajantes que se acham o máximo.

Finalmente voltou sua atenção à companhia para a qual trabalhava.

— A FEMMI não é uma empresa comum, *Herr McKenna*, por favor, fique sabendo. Não. Nós somos como uma família. Essa é a fonte de nossa força. E temos planos para o futuro. Planos muito grandes.

Assenti. Eu considerava as grandes mineradoras o flagelo da terra, entretanto era melhor deixá-lo sem saber disso. Mas sua devoção à empresa não era um tema casual, ele parecia incapaz de deixar de lado o assunto.

— Em nenhum lugar na terra há um grupo mais unido e dedicado do que nós. Somos unidos como irmãos em armas. Cada membro do grupo de administração é um gênio em sua área. — Ele pronunciava gênio como tchêniu. — E por que o senhor deve se espantar? *Ach*, vou dizer por quê. Porque nós, cada um de nós, conhece o horror da privação, as profundezas do desespero e o sentimento glorioso que vem de superar essas coisas. Somos unidos

em nosso triunfo, *Herr McKeena*, e o sentimento da conquista inevitável nos tornou invencíveis! — Nesse ponto sua voz subiu de volume e seu punho desceu sobre a mesa frágil com tamanha força que nossas garrafas de Bintang saltaram em resposta.

Vendo minha reação duvidosa, ele continuou:

— Vejo que o senhor está espantado de ouvir isso. Talvez esteja perguntando quais foram nossas privações, quais as dificuldades? É o seguinte: todos nós vivemos os tempos de Hitler e da guerra. A Alemanha não era nada depois da guerra. Não restou pedra sobre pedra em Berlim. Nas ruínas da Europa éramos como baratas. Devo dizer que todas as contas bancárias das famílias dos SS foram congeladas. Minha mãe, minha pobre aristocrática mãe, viu-se reduzida a vender pinturas de nosso patrimônio para comprar batatas e se alimentar e à minha jovem irmã. Imagine isso!

“Ah, não”, pensei. “Nazistas não. Esse cara está me dizendo que foi um nazista?” Lutei para colocar sob controle minha aparência horrorizada, mas agora ele estava a toda, e pareceu não me perceber.

— Meu pai foi capturado pelos russos durante a batalha de Berlim. Foi enforcado como um cão em Moscou, por crimes de guerra. Dá para imaginar? *Verdammen Russian schweinen* falando de crimes de guerra? Para toda a SS foi assim.

Aquela conversa era como um pesadelo ou um filme B. Olhei para a companheira dele, que devolveu impassível o meu olhar. Parecia importante desviar o rumo da conversa, ainda que ligeiramente.

— E o senhor, *Herr Heintz*, qual o seu papel em tudo isso?

Ele encolheu os ombros.

— Eu era um nada. Um piloto de Messerschmidt, na Luftwaffe. Apenas um bom alemão. — Isso foi dito sem qualquer traço de ironia. — Antes da guerra eu era um jovem estudante de engenharia. A guerra mudou tudo. Depois da guerra alguns de nós, meus amigos do Instituto Max Planck, juntamo-nos nas ruínas de Berlim. Estávamos fartos de ideologia, dos grandes sonhos políticos.

Essa foi a primeira boa notícia. Agradecido, sinalizei para o garçom indonésio trazer outra rodada de cerveja enquanto Heintz continuava:

— Éramos um grupo pequeno, digno de pena, mas unidos por nossa reação contra o horror ao redor. Determinamo-nos a construir um novo mundo para nós, um mundo baseado em dois princípios, dois grandes poderes, o poder do capital e o poder da ciência. Começamos devagar, com patentes, processos que haviam sido descobertos no Instituto Planck durante a guerra, coisas secretas. Cuidadosamente expandimos a partir daquilo, nos estabelecemos em Cingapura. Não havia nenhum pé-rapado entre nós. Cada membro do grupo era um gênio. Nosso *fürher* era um professor que nos havia treinado, um verdadeiro gênio. Seu nome é Max Bockermann, foi ele quem nos manteve unidos, foi sua fé e sua força que tornou tudo possível.

Nesse ponto a *schmiss* em seu rosto tinha assumido um vermelho brilhante. Eu tinha esperado que não houvesse maiores fracassos a serem postos na conversa, mas estava errado, pois agora via que ele passava, talvez sob a influência da terceira Bintang, de uma intensidade passional para um sentimentalismo totalmente piegas.

— Nenhum homem jamais amou outro como Bockermann nos amou. Nós somos seus *kinder*, seus filhotes, *Ja*. Quando parecia não haver esperança ele nos inspirava, fazia com que acreditássemos em nós mesmos.

Lágrimas surgiram nesse momento em seus olhos, e então ele pareceu recuperar o autocontrole e continuou:

— E qual é o resultado? A FEMMI, *Herr McKenna*, Far East Mining and Minerals Incorporated. Crescemos e prosperamos. De nossos escritórios em Cingapura controlamos projetos em onze países. Óleo, níquel, estanho, bauxita, urânio. Temos de tudo. Mas temos mais, temos amor, companheirismo, comunidade, e o poder de fazermos nossos sonhos se realizarem. — Com isso interrompeu-se e estendeu a mão para colocá-la na coxa da mulher. Olhei para o lado.

Quanto voltei ao seu olhar azul profundo seu humor havia mudado.

— Mas e quanto ao senhor, *Herr McKenna*? Está claro que o senhor está levando uma vida cigana. E nós ciganos sempre temos histórias para contar. E quanto ao senhor?

Engoli em seco. Ele não parecia o tipo de pessoa capaz de apreciar minha história sobre as lutas contra a polícia nas barricadas de Berkeley, ombro a ombro com grupos de afinidade como os Fodedores Persas e os Anarquistas do Ácido. Tampouco minha participação no Human Be-In ou nas orgias do Verão do Amor no Haight-Ashbury pareciam apropriadas para mencionar. E minha recente detenção como contrabandista de haxixe na Índia e o subsequente disfarce para evitar ser capturado pela Interpol também pareceriam deslocados nessa conversa em particular.

Decidi ir em frente com a meia verdade reservada aos caretas.

— Sou um historiador que virou biólogo. Fui ao Nepal estudar tibetano, mas descobri que não sou lingüista quando se trata de línguas asiáticas. Voltei para a biologia, meu primeiro amor. Especificamente sou entomólogo. Estou coletando borboletas aqui na Indonésia, retrçando a rota de Alfred Russel Wallace. Wallace foi o verdadeiro descobridor da teoria da Seleção Natural, mas Darwin recebeu todo o crédito. Eu me identifico com seu *status* injustiçado. Wallace foi desconsiderado pela ciência vitoriana porque pertencia à classe errada e não sabia fazer política como Darwin. Wallace também explorou a bacia amazônica, e se tudo der certo espero viajar para coletar lá também. Eventualmente irei escrever uma monografia sobre o processo de formação das espécies entre as borboletas da Amazônia e do leste da Indonésia, o que deve me render um mestrado. Depois, quem sabe? Talvez ensinar. Difícil dizer.

— Então você é um verdadeiro cigano. E um *outsider*, pelo cabelo e pela barba. Gosto disso. Gostamos deste jovem, não é, Rani? — Foi a primeira vez em que se dirigiu à companheira durante toda a conversa. Ela respondeu assentindo, jamais tirando

os olhos de mim. — *Ja*, bom. Então agora vamos comer. E amanhã conversaremos mais. Espero que você se junte a nós aqui, para o desjejum. — E com isso atacou com intensidade feroz seu bife de búfalo.

Mais tarde voltamos juntos ao hotel, mas a eletricidade havia sido desligada naquela parte da cidade e tivemos de concentrar nossa atenção ligeiramente ébria para encontrar o caminho nas ruas enlameadas. Não houve mais conversa séria. Ao nos separarmos no átrio do hotel ele virou-se para mim:

— Você deve me chamar de Karl. *Jetzt wir sind freunden*. Compreende? — Eu assenti e nos separamos.

* * *

O desjejum foi outra história. Qualquer que tivesse sido a contribuição dada à conversa da noite pela cerveja que bebemos, deve ter sido mínima, porque depois de alguns minutos ele já estava completamente envolvido.

— A noite passada você falou sobre suas ambições de visitar a Amazônia. É um sonho louvável. Mas, creia-me, conheço bem a Amazônia, uma selva do tamanho de um continente, não é como estas ilhas aqui. Aqui você está certo em ficar com os padres e fazer suas expedições, uma semana, duas semanas na floresta. Mas na Amazônia, para fazer um trabalho sério, você precisa se manter no campo durante meses, talvez. Vai precisar de um barco, equipamentos, carregadores. Creia-me, eu sei. Não é para um pé-rapado. Portanto, eu lhe faço uma proposta. Você disse que seu trabalho aqui está quase terminado, que logo vai para o Japão ganhar dinheiro para ir à América do Sul. Desista deste plano e faça o seguinte. A FEMMI tem um interesse profundo na Amazônia brasileira. Há dois anos participei de uma equipe para levantamento de recursos que fez algumas descobertas interessantes. Estamos mandando nosso pessoal de novo para uma segunda olhada. Nossas equipes são organizadas em grupos de treze, e alguns deles são

naturalistas, como você. A nova equipe está praticamente formada, mas Bockermann, se ele aprová-lo, irá aceitar minha recomendação de que você entre para a equipe como o décimo terceiro membro. Você será bem pago e nossas expectativas são apenas de que complete a monografia que já planejou. Você vê, tendo cientistas conosco podemos deduzir parte dos impostos, e de qualquer modo acreditamos no valor da ciência pura. Este plano pode ser resolvido com Cingapura, mas se eles concordarem você deve ir imediatamente para lá. Estamos reunindo a equipe em Cingapura. Você encontraria Bockermann. Nós lhe providenciamos *check-up* dentário, físico, novos óculos, duas semanas de tênis para deixá-lo em forma. O navio *Rotterdam* estará em Cingapura dentro de um mês. Iremos embarcar três lanchas especialmente desenhadas, todo o nosso equipamento e a equipe. No Rio você continuará treinando durante duas semanas no Hotel Krosnopolski, onde eles têm excelentes quadras de tênis. E lhe digo mais, o antigo cozinheiro do meu pai é o *chef* lá! Nós engordamos você um pouco e lhe damos seu sonho na Amazônia. Bom, o que diz? — Ele recostou-se, evidentemente deliciado consigo próprio.

Fui pego completamente desprevenido. Ele estava certo quanto à Amazônia ser difícil para uma pessoa sozinha. O próprio Wallace dissera isso. Em sua expedição amazônica ele fora com o botânico Richard Spruce e o descobridor do mimetismo animal, Walter Henry Bates. Mas eu não era o que aparentava a Heintz, não era um acadêmico. Era um fugitivo internacional com a cabeça a prêmio. E, além disso, havia também minha namorada *hippie* estudando dança em Bali e achando que iríamos juntos para o Japão. Mencionar um compromisso com outra pessoa pareceria quase uma ingratidão nas circunstâncias. E quanto à ligação nazista? Será que eu realmente queria sair com um bando de SS para a floresta amazônica? Por outro lado, eu estava ficando sem dinheiro. E minha amiga tinha uma propensão a casos tórridos em minha ausência. Quanto à questão nazista, eu estava confuso. Sabia que Max Planck fora supostamente a única pessoa a enfrentar Hitler. Disse-lhe para

manter as mãos longe da ciência pura do instituto. Heintz chegara ao ponto de me contar que seu irmão, também fazendo parte da FEMMI, havia-se casado com o que ele descreveu como “uma mulher nigeriana tão negra a ponto de ser quase azul”, e sua própria escolha de mulher era definitivamente não-nórdica.

Pensei comigo mesmo: “aqui estão o destino e a oportunidade batendo na minha porta. E agora, McKenna?” Olhei do rosto dele para o dela. Ambos pareciam verdadeiramente na expectativa.

— É uma oferta generosa, realmente extraordinária.

— Então você aceita.

— Aceito.

— Excelente. Escolheu bem. Você não é um pé-rapado. Gosto disso.

— Sim. Obrigado. Como você sabe, estou voltando para Bali esta tarde. Tenho coleções e compromissos aos quais preciso atender. E também confesso que estou sem muito dinheiro.

— Isso não é problema. Ponha suas coisas em ordem em Bali. Irei passar um cabograma para Cingapura e arranjar dinheiro para sua passagem aérea de Bali até o escritório central. Só há uma coisa. — E nesse ponto seu olhar de aço ficou ainda mais duro e ele fixou-me com olhos de gelo. — Você deve ser entrevistado pelo próprio Bockermann. Ele pode ver dentro da alma de um ser humano. Se houver um pingo de falsidade em seu caráter ou em sua história ele irá detectar. E aí não há acordo. Isso é terrivelmente importante, nós não devemos ter nenhum pé-rapado. — Mais uma vez a *schmiss* se tornara uma linha irada.

Essa última fala foi realmente desanimadora.

— Não há acordo. Entendo. — Mas eu estava pensando: “Merda, onde foi que eu me meti!” Apertamos as mãos e deixei-os terminando o desjejum enquanto eu voltava ao hotel para arrumar minhas coisas e correr para o aeroporto.

No vôo de volta a Bali minha mente estava um tumulto. Uma a uma as Pequenas Ilhas Sunda passaram sob mim — ao mesmo tempo passavam minhas dúvidas e objeções quanto às ofertas de

Heintz. "Isso tem cara de destino", pensei. "Vai fundo, experimente e veja o que acontece."

Durante a semana seguinte fiz meus arranjos. Conte a história aos doidões de Kuta Beach, e a maioria do pessoal me encorajou. Minha namorada até mesmo me apoiou. Tínhamos concordado há meses que Bali poderia ser a separação de nossos caminhos, e se eu fosse ou não para a Amazônia, ou meramente para Ambon como havia planejado, não fazia muita diferença para nosso relacionamento que esfriava rapidamente. Todo dia eu andava até a post restante em Denpasar, esperando encontrar minhas passagens e os quinhentos dólares em cheques de viagem que Heintz havia prometido. Três dias se passaram, depois cinco, e depois sete.

Na manhã do sétimo dia acordei com a convicção de que já estava farto. Fora tudo uma espécie de gozação. Foi o que decidi. Heintz deve ser pirado, um sujeito esquisito cuja idéia de diversão era levar *freaks* americanos a entrar em sua fantasia de uma megacorporação secreta nazista e em seguida fazê-los cair na real só para ver como seria. Claro que havia outra possibilidade: a de que, de algum modo, tenham podido me checar e descoberto minha história falsa. Estou certo de que isso me colocaria na classe dos pés-rapados e efetivamente acabaria com meus planos. De qualquer modo eu tinha me feito de idiota contando a todo mundo em Bali que estava para embarcar no *Rotterdam* para uma viagem patrocinada à Amazônia.

Tive de suportar um monte de gozação bem-humorada pelas duas semanas seguintes, enquanto voltava ao meu plano original e me preparava para a expedição final de coleta na Indonésia, indo para Ambon, para Ceram e para as Molucas.

E a coisa ficou nisso. Enterrei todo o episódio numa tumba no fundo de minha mente, com uma lápide escrita: "Gente Estranha que Você Encontra na Estrada." Mas era um túmulo inquieto. Um ano mais tarde, de volta aos Estados Unidos logo depois de chegar de La Chorrera, pude arranjar uma nova teoria. Aquilo tinha sido, eu disse a mim mesmo, um reflexo precursivo da verdadeira loucura

que finalmente me encontrou na Amazônia. Fora uma antecipação, um tremular no campo temporal, uma espécie de sonho profético vivo, uma demonstração do Riso Cósmico. Mas não seria a última vez em que eu veria *Herr Heinz*.

* * *

Na primavera de 1972, um ano depois dos eventos em La Chorrera e dois anos depois de minha visita a Timor, eu estava em Boulder, Colorado. Tinha voltado da América do Sul querendo ajeitar minha situação legal e deixar para trás a vida de estrada. Dennis e eu estávamos trabalhando no manuscrito de *The Invisible Landscape* e passávamos muito tempo na biblioteca da universidade estudando as várias disciplinas que precisavam ser dominadas para que nossas idéias tivessem alguma chance de ser levadas a sério.

Um dia eu estava folheando o jornal estudantil quando vi um anúncio que me chamou a atenção. Uma página inteira havia sido reservada para anunciar que a Universidade do Colorado, em associação com o Instituto Max Planck de Neurofisiologia, iria patrocinar a próxima reunião do Congresso Mundial de Neurociências. Ao ver as palavras "Instituto Max Planck" redobrei a atenção e li. Setecentos cientistas de todo o mundo viriam a Boulder para dez dias de encontros e seminários. Todos os grandes estariam presentes: Sir John Eccles, John Smythies, Solomon Snyder, e todo o resto, os deuses do próprio Valhalla que sonhávamos conquistar. O problema é que todas as reuniões estariam fechadas ao público comum, com a única exceção da palestra de abertura, intitulada "Hiperciclos Autocatalíticos", que seria dada pela então estrela máxima no mundo da neurociência, Manfred Eigen, do Instituto Max Planck.

Eu estava familiarizado com as linhas gerais das idéias de Eigen. Os hiperciclos autocatalíticos me pareciam um correlativo obviamente necessário às idéias em que eu estava trabalhando,

relativas à onda temporal e ao modo como ela é expressa e refletida em organismos vivos. Era uma coisa a que Ev, Dennis e eu simplesmente precisávamos comparecer. Entretanto não pensei muito a respeito do Instituto Max Planck, já que é o maior núcleo de pesquisa em ciência pura na Alemanha, com centenas de pesquisadores em sua folha de pagamento.

A palestra seria feita no *campus*, no auditório de ciências físicas, um espaço em forma de barril que deixava o palestrante no fundo de um poço cercado em três lados por filas de cadeiras, meio ao estilo de um antigo teatro de operações. Aparentemente houvera um jantar a rigor para os palestrantes convidados e, enquanto entrávamos na fila para ocupar nossos lugares, fiquei impressionado ao ver que o pessoal da área de ciência, geralmente mal-ajambrado, estava vestido nos trinques para o acontecimento. Havia uma babel de línguas. De onde eu estava sentado podia ouvir alemão, italiano, japonês, russo, e um pouco de hindi, espanhol e chinês.

Quando meus olhos passaram sobre a multidão senti algo muito próximo de um abalo físico. A menos de quinze metros, do outro lado do espaço aberto, estava o Dr. Karl Heintz! Senti um espanto absoluto. Heintz! Aqui! Poderia ser? De algum modo eu devia ter traído minha agitação porque, enquanto eu olhava incrédulo ele levou a mão ao bolso da jaqueta e, com um movimento suavíssimo, tirou o crachá com o seu nome e colocou-o no bolso. Nem mesmo interrompeu a animada conversa em alemão que estava tendo com a pessoa sentada à direita. Olhei para outro lado, fingindo não tê-lo percebido. As luzes diminuíram e Manfred Eigen, magnífico com seus longos cabelos brancos penteados para trás, começou a palestra.

Minha mente entrou em parafuso. Era tudo verdade, então? Ali estava ele! Esse era um evento do Instituto Max Planck. Ele me reconheceu! E teve a intenção de esconder a identidade! Eu me sentia completamente esquisito enquanto rabiscava um bilhete resumindo a situação e entregava-o a Dennis e Ev. Ambos responderam com olhares que diziam simplesmente: "Você está pirando

ou isso é uma piada?" Fiquei sentado ali no escuro, pensando na situação. O que quer que Eigen estivesse dizendo, eu só saberia ouvindo mais tarde no gravador de Dennis. Finalmente decidi: quem não arrisca não petisca. Sabia que haveria uma oportunidade de abordá-lo imediatamente depois da palestra. Então faria minha jogada.

Enquanto Eigen levava sua palestra a uma conclusão brilhante, fui ficando irrequieto. Assim que os aplausos morreram e as luzes se acenderam as pessoas começaram a se dirigir às saídas. Heintz estava a uns quinze metros, conversando animado com um casal de colegas de aparência insignificante. Mas pude ver que ele estava me observando, e quando comecei a me aproximar ele se desculpou e veio na minha direção. Para mim ficou transparente que essa manobra era executada para assegurar que ficaríamos sozinhos e que nossa conversa não seria ouvida. Fui direto até ele.

— Dr. Heintz. Creio que nos encontramos em Timor. — E estendi minha mão.

Ignorando minha mão estendida, ele abriu um sorriso, mas a *schmiss* avermelhou perceptivelmente.

— Heintz? Heintz? Meu nome não é Heintz. E nunca estive em Kupang. — Em seguida virou-se rapidamente e voltou a se juntar com os colegas que saíam, avaliando animados o desempenho de Eigen. A palavra "Kupang" ressoou em meus ouvidos. O filho da mãe estava gozando com a minha cara!

Como o rei disse a Mozart: "Nada mais há a fazer." Um louco, uma criatura de minha imaginação febril, um charlatão, ou a ponta de um *iceberg* de nazistas sonhando planos? Não tenho resposta. Com o Riso Cósmico a coisa é assim. Veja só!





Capítulo 18

DIGA O QUE ISSO SIGNIFICA?

Onde tento ligar nossas experiências à ciência que é qualquer coisa, menos normal.

APESAR DE TER SAÍDO DA AMAZÔNIA, essa história estranha e enrolada continua por mais um pouco. Ainda é tempo de destilar algumas conclusões das idéias que foram geradas em La Chorrera.

Um modelo do mundo é um modo de ver, e assimilar a teoria da onda temporal que nos foi forçada é ver o mundo de um jeito diferente. Minha abordagem tem sido a de garantir a possibilidade da teoria ser verdadeira, uma vez que não foi refutada. Pode ser que algum dia a refutem; mas até então devo acreditar nela, ainda que com uma ponta de ironia. Talvez outros reforcem e contextualizem a idéia caso se dignem a ouvi-la. Muitas boas idéias simplesmente morrem por falta de um contexto. Mas esta idéia propõe uma reconstrução fundamental no modo como vemos a realidade. E pode ser ensinada. Ela preenche minhas aspirações espirituais porque é feita de compreensão: simples e puramente compreensão.

A teoria elaborada no início da experiência em La Chorrera não nega nenhuma classe de conhecimentos; ela os aumenta. Há um argumento para isso ao nível físico, se bem que a idéia é muito complicada, tocando, como toca, áreas envolvendo física quântica, biologia submolecular e estrutura do DNA. Essas são as noções que espero ter delineado com cuidado e atenção em *The Invisible Landscape*.

Apesar da idéia que desenvolvi poder não ter sido causada pelo que Dennis fez na Amazônia, tenho a forte intuição de que o foi. No início da experiência minhas preocupações particulares foram substituídas por pensamentos tão absolutamente estranhos que não pude reconhecê-los como produtos de minha personalidade. Ele realizou sua experiência e eu tive uma espécie de retroalimentação informativa a partir do meu DNA ou de alguma outra armazenagem molecular de informação. Isso aconteceu precisamente porque as moléculas psicodélicas ligaram-se ao DNA e em seguida se comportaram do modo que havíamos previsto; elas realmente irradiaram um símbolo da totalidade, cuja estrutura profunda reflete os princípios organizacionais das moléculas da própria vida. Essa totalidade entrou no tempo linear — na presença da consciência comum — disfarçada em um diálogo com o *Logos*. O *Logos* proporcionou uma voz narrativa capaz de estruturar e dar coerência à torrente de novas percepções que, de outra forma, teriam me esmagado. Minha tarefa tornou-se desencavar e replicar a estrutura simbólica que havia por trás da voz, e descobrir se ela tinha algum significado fora de mim e de meu pequeno círculo de conhecidos. Era como criar um sistema de arquivos para um mundo recém-revelado de infinita variedade. A onda temporal é uma espécie de mandala matemática descrevendo a organização do tempo e do espaço. É uma representação dos padrões de energia e de intenções dentro do DNA. O DNA desdobra esses mistérios através do tempo como uma gravação ou uma canção. Essa canção é a nossa vida, e é toda a vida. Mas sem uma visão conceitual não podemos entender

a melodia que ele toca. A teoria da onda temporal é como a partitura da sinfonia biocósmica.

Estou interessado em refutar a teoria. Uma boa idéia não é frágil, e pode suportar grande pressão. O que aconteceu em La Chorrera não pode ser atenuado com palavras, ao contrário, aquilo pede simplesmente para ser explicado. Se não é o que eu digo que é, então o que é a concreção, a centelha, o encontro com o totalmente Outro? O que isso realmente representa?

É, como parece ser, o ingresso de uma época pertencente a uma dimensão mais elevada, que reverbera através da história? É uma onda de choque sendo gerada por um evento escatológico no fim dos tempos? As leis naturais são mais fáceis de entender se assumirmos que não existem constantes universais; e sim fenômenos de fluxo que se desenvolvem lentamente. Afinal de contas a velocidade da luz, que é vista como uma constante universal, só foi medida nos últimos cem anos. É um pensamento puramente indutivo extrapolar o princípio da não-variação da velocidade da luz a todos tempos e lugares. Qualquer bom cientista sabe que a indução é um salto de fé. Ainda assim a ciência é baseada no princípio da indução. É esse princípio que esta teoria desafia. A indução presume que se fazemos A, e disso resultar B, significa que sempre que fizermos A, B será o resultado. O fato é que no mundo real não acontece nenhum A ou B no vácuo. Outros fatores podem se intrometer em qualquer situação real, mandando-a para uma conclusão diferente ou incomum.

Antes de Einstein o espaço era visto como uma dimensão onde colocamos coisas. O espaço era visualizado como uma analogia para o vazio. Mas então Einstein mostrou que o espaço é uma coisa que tem torque, e que é afetada pela matéria e pelos campos gravitacionais. A luz passando através de um campo gravitacional no espaço será curvada porque o espaço através do qual ela viaja está curvado. Em outras palavras, o espaço é uma coisa, e não um lugar onde você põe coisas.

O que proponho, em síntese, é que o tempo — que também foi

previamente considerado uma abstração necessária — também é uma coisa. O tempo não apenas muda, como também há diversos tipos de tempo. Enquanto esses tipos de tempo vêm e vão em progressão cíclica em muitos níveis, as situações se desenvolvem à medida que a matéria responde às condições de tempo e espaço. Esses dois *padrões* condicionam a matéria. Há muito tempo a ciência está consciente dos padrões de espaço, chamamos isso de “leis naturais”, mas e quanto aos padrões de tempo? Essa é uma consideração completamente diferente.

A matéria, que sempre foi considerada a epítome da realidade, tem algumas características mais próximas do pensamento. A matéria passa por mudanças definidas por dois agentes padronizadores que estão correlacionados: espaço e tempo. Essa idéia implica em axiomas. Um dos maiores é tirado do filósofo Gottfried Wilhelm von Leibnitz. Leibnitz imaginava as mônadas como partículas minúsculas que são infinitamente replicadas em todos os pontos do universo e que contêm em si todos os lugares. As mônadas não estão meramente aqui e agora. Estão em todos os lugares o tempo todo. Ou têm dentro de si todo o espaço e todo o tempo, dependendo do ponto de vista. Todas as mônadas são idênticas, mas dependendo do modo como se interconectam elas constroem um *continuum* mais amplo enquanto ao mesmo tempo mantêm suas perspectivas individualmente únicas. Essas idéias liebnitzianas anteciparam o novo campo da matemática fractal, do qual minha idéia de um padrão temporal é um exemplo exótico.

Idéias como essa oferecem uma explicação possível para os mecanismos da memória que, de outro modo, seriam misteriosos. A destruição de noventa e cinco por cento do cérebro não danifica a função de memória. Parece que a memória não está guardada em lugar nenhum; a memória parece permear o cérebro. Como um holograma, toda a memória está em cada parte. Podemos pegar uma prancha holográfica do monte Fuji e cortá-la ao meio; quando uma metade é iluminada, toda a imagem está presente. Podemos fazer isso de novo e de novo; o holograma é feito de um número quase

infinito de minúsculas imagens, cada uma, em combinação com as outras, apresenta uma imagem inteira.

O aspecto "holográfico" da memória foi visto como de importância central por pensadores como David Bohm e Karl Pribram. Mas foi Dennis e eu quem chegamos ao ponto de sugerir que essa forma de organização poderia ser estendida para além do cérebro, para incluir o cosmo inteiro.

A física quântica faz afirmações semelhantes dizendo que o elétron não está em algum lugar ou em algum tempo, o elétron é uma nuvem de probabilidades, e isso é tudo que podemos dizer dele. Uma característica semelhante liga-se a esta idéia do tempo e da comparação do tempo com um objeto. A pergunta óbvia a ser feita é: qual a menor duração relevante para os processos físicos? A abordagem científica seria dividir o tempo até sua menor parte, para descobrir se há uma unidade. O que estamos procurando é um *crônon*, ou uma partícula de tempo. Acredito na existência do *crônon*, mas não como uma coisa distinta do átomo. Os sistemas atômicos são *crônons*; os átomos *são* muito mais complicados do que se suspeitava. Acredito que os átomos têm propriedades ainda não descritas, que podem responder não apenas pelas propriedades da matéria, mas também pelo comportamento do espaço/tempo.

Os *crônons* podem *não* ser redutíveis a átomos, mas suspeito de que o que estamos procurando seja uma onda/partícula que compõe a matéria, o espaço/tempo e a energia. O *crônon* é mais complicado do que a descrição clássica dos sistemas atômicos feita por Heisenberg e Bohr. O *crônon* tem propriedades que o tornam capaz de funcionar como constituinte fundamental de um universo no qual surgem mentes e organismos. Até agora fomos incapazes de definir as propriedades dinâmicas que permitiriam uma partícula atuar como parte necessária de um organismo vivo ou de um organismo pensante. Até mesmo uma bactéria como *E. coli* é um feito estonteante para o átomo de Heisenberg e Bohr.

O modelo de Heisenberg/Bohr permite-nos simular o universo físico de estrelas, galáxias e quasars; mas não explica os organismos

ou a mente. Temos de sobrepor diferentes características àquele modelo atômico para modelar fenômenos mais complexos. Devemos imaginar um átomo com novos parâmetros caso desejemos compreender como podemos existir, como os seres humanos pensantes, usuários de ferramentas, puderam surgir do substrato universal.

Não afirmo que já tenha feito isso. Mas realmente creio que tropecei numa avenida intelectual que poderia ser seguida para chegar a essa compreensão. A chave está em ciclos de variáveis temporais aninhadas em estruturas hierárquicas que geram vários tipos de relacionamentos fractais se desdobrando em direção a conclusões que são, com frequência, surpreendentes.

A pessoa que estabeleceu a base mais firme para compreender filosoficamente este tipo de noção é Alfred North Whitehead. Nada do que sugerimos está além do poder de seu método de previsão. O formalismo de Whitehead responde pelas mentes, pelos organismos e por uma quantidade de fenômenos mal resolvidos pela abordagem cartesiana.

Outros pensadores visionários estão sondando essas áreas; a Dinâmica do Atrator Caótico é a idéia de que qualquer processo pode ser relacionado a qualquer outro através de uma equação matemática, simplesmente em virtude de todos os processos fazerem parte de uma classe comum. A derrubada de um ditador, a explosão de uma estrela, a fertilização de um ovo; tudo deveria ser descrito através de um conjunto de termos.

O desenvolvimento mais promissor nessa área foi o surgimento do novo paradigma evolucionário de Ilya Prigogine e Erich Jantsch. Seu trabalho chegou a nada menos do que um novo princípio ordenador na natureza. É a descoberta e a descrição matemática da auto-organização dissipativa como um princípio criativo subjacente à dinâmica de uma realidade aberta e de múltiplos níveis. As estruturas dissipativas fazem o milagre de gerar e preservar a ordem através de flutuações — flutuações cuja base, em última instância, está na indeterminação da mecânica quântica.

Se alguém tivesse um perfeito espelho filosófico do universo, poderia dizer a uma pessoa, aplicando seu método filosófico, quanto dinheiro ela tem no bolso. Como é um fato, essa quantia deveria, pelo menos em princípio, ser possível de se calcular. O importante é compreender as verdadeiras fronteiras da realidade, e não os limites prováveis de possíveis eventos futuros. Se bem que condições limites operem no futuro, elas são restrições probabilísticas, e não fatos absolutamente determinados. Presumimos que daqui a dez minutos o cômodo em que estamos continuará a existir. É uma condição limite que irá definir os próximos dez minutos em nossa coordenada espaço-temporal. Mas não podemos saber quem estará no cômodo daqui a dez minutos; isso está livre para ser determinado.

Pode-se perguntar se realmente podemos saber que o cômodo ainda existirá em qualquer momento futuro. Aí é que entra a indução no quadro geral, já que na verdade não podemos saber com certeza. Não há um modo absolutamente rigoroso de estabelecer isso. Mas podemos fazer o salto indutivo de fé, que tem a ver com a experiência acumulada. Projetamos a idéia de que a existência do cômodo irá seguir como condição limite mas, em princípio, poderia haver um terremoto nos próximos dez minutos e esse prédio poderia não ficar de pé. Entretanto, para que isso aconteça, a condição limite teria de ser radicalmente rompida de algum modo inesperado e improvável.

O curioso é que esse tipo de coisa *poderia* acontecer. É isso que a onda temporal nos permite prever: que há condições em que podem ocorrer eventos de grande novidade. Entretanto há um problema. Como sugerimos um modelo de tempo cuja matemática dita uma construção em estrutura espiral, os eventos vão-se reunindo em espirais cada vez mais apertadas, que levam inevitavelmente a um tempo final. Como o centro de um buraco negro, o tempo final é necessariamente uma singularidade, um local ou um evento em que as leis comuns da física não funcionam. Em princípio é impossível imaginar o que acontece numa singularidade e, naturalmente,

a ciência tem evitado essa idéia. A singularidade definitiva é o Big Bang, que os físicos acreditam ter sido responsável pelo nascimento do universo. A ciência pede que acreditemos que o universo inteiro explodiu do nada, num único ponto e sem motivo discernível. Essa noção é o caso limite para a credulidade. Em outras palavras, se você acredita nisso, pode acreditar em qualquer coisa. Uma noção que é, de fato, absolutamente absurda, e mesmo assim terrivelmente importante para todas as suposições racionais que a ciência deseja preservar. Essas suposições partem daquela situação inicial impossível.

A religião ocidental tem sua própria singularidade na forma do Apocalipse. Esse evento é localizado não no princípio do universo, mas no fim. Isso parece uma posição mais lógica do que a da ciência. Se existem as singularidades, parece mais fácil supor que elas possam surgir de um cosmo antigo e altamente complexo como o nosso do que de um megavácuo sem forma e sem dimensões.

A ciência olha de cima de seu nariz empinado para as fantasias apocalípticas da religião. A visão da ciência é de que o tempo final pode apenas significar um tempo entrópico de não-mudança. A visão da ciência é de que todos os processos terminam por se esgotar, e que a entropia é maximizada apenas num futuro muitíssimo distante. A idéia da entropia cria uma suposição de que as leis do *continuum* espaço-tempo são infinita e linearmente expansíveis para o futuro. No esquema de tempo espiral da onda temporal não se faz essa suposição. Ao invés disso, o tempo final significa passar de um conjunto de leis que estão condicionando a existência para outro conjunto de leis radicalmente diverso. O universo é visto como uma série de eras compartimentalizadas, tendo leis bastante diferentes umas das outras, com transições de uma época para outra ocorrendo com inesperada subitaneidade.

Ver através dessa teoria é ver nosso lugar no esquema espiral e antecipar quando irá ocorrer a transição para uma nova época. Vemos isso no mundo físico. O planeta tem cinco ou seis bilhões de anos. A formação do universo inorgânico ocupa a primeira volta

da espiral. Então surge a vida. Se examinarmos este planeta, o único planeta que podemos examinar em profundidade, descobrimos que os processos vão sempre acelerando em velocidade e complexidade.

Um planeta gira através do espaço dois bilhões de anos antes de aparecer a vida. A vida representa uma nova qualidade emergente. No instante em que a vida inicia, começa uma corrida louca. Espécies aparecem e desaparecem. Isso acontece durante um bilhão e meio de anos e, subitamente, uma nova propriedade nascente assume o palco; surgem espécies pensantes. Essa nova época da mente é breve em comparação com a que a precedeu; do confronto silencioso com a pedra lascada até a nave estelar passam-se cem mil anos. O que poderia ser essa era a não ser o ingresso de um novo conjunto de leis? Uma nova psicofísica permite nossa espécie manifestar propriedades peculiares: linguagem, escrita, sonho, e o tecer da filosofia.

Como as cascavéis e os álamos, os seres humanos são feitos de DNA. Ainda assim nós detonamos as mesmas energias que iluminam as estrelas. Fazemos isso na superfície de nosso planeta. Ou podemos criar uma temperatura de zero absoluto. Fazemos essas coisas porque, apesar de sermos criados do barro, nossas mentes nos ensinaram a aumentar nosso alcance através do uso de ferramentas. Com ferramentas podemos liberar energias que normalmente só ocorrem sob condições muito diferentes. O centro das estrelas é o lugar normal para os processos de fusão.

Fazemos essas coisas usando a mente. E o que é a mente? Não temos qualquer pista. Vinte mil anos para passar da caça e da coleta nômade para a cibernética e a viagem espacial. E continuamos acelerando. Ainda há mais espirais à frente. Do Ford modelo T até a nave espacial. Cem anos. Do homem mais rápido na terra, capaz de mover-se a quarenta e cinco quilômetros por hora, ao homem mais rápido movendo-se a quatorze quilômetros por segundo. Sessenta anos.

Mais desconcertantes são as previsões que a teoria faz das

próximas mudanças de eras, tornadas necessárias pela congruência da onda temporal com os dados históricos. A onda temporal parece dar uma melhor configuração dos dados históricos quando se supõe que um ingresso máximo de novidades irá ocorrer em 21 de dezembro de 2012. Estranhamente, essa é a data final que os maias puseram em seu calendário. Bom, o que é isso que dá a um indivíduo do século XX e a uma antiga civilização mesoamericana a mesma data para a transformação do mundo? Será porque ambos usaram cogumelos psicodélicos? Poderia a resposta ser tão simples? Não creio. Ao invés disso suspeito de que, quando inspecionamos a estrutura de nosso inconsciente profundo, fazemos a descoberta inesperada de que ele está ordenado sob o mesmo princípio do universo mais amplo, do qual emergiu. Esta noção, a princípio surpreendente, logo passa a ser vista como óbvia, natural e inevitável.

Uma analogia que explica por que isso pode ser assim é dada ao se olhar dunas de areia. A coisa interessante com essas dunas é que elas guardam uma semelhança com a força que as criou, o vento. É como se cada grão de areia fosse um bit na memória de um computador natural. O vento é o sinal de entrada que arranja os grãos de areia de modo que se tornem um reflexo em dimensão inferior do fenômeno que ocorre na dimensão mais elevada, neste caso o vento. Não há nada de mágico com isso, e não nos parece misterioso: o vento, uma pressão que é variável com o tempo, cria uma duna ondeada que é uma estrutura variando regularmente no espaço. Em meu modo de pensar, os organismos são grãos de areia arranjados pelo fluxo e refluxo dos ventos do tempo. Nesse caso os organismos têm naturalmente a marca das variáveis inerentes ao meio temporal em que surgem. O DNA é o meio virgem em que as variáveis temporais têm sua seqüência e suas diferenças relativas gravadas. Qualquer técnica que penetre os relacionamentos energéticos dentro de um organismo vivo, como a yoga ou o uso de plantas psicodélicas, também dará uma percepção profunda sobre

a natureza variável do tempo. A seqüência rei Wen do *I Ching* é o produto desse tipo de percepção.

A cultura humana é uma curva de potencialidade em expansão. Em nosso século atormentado ela alcançou uma verticalidade. Os seres humanos ameaçam todas as espécies do planeta. Empilhamos materiais radiativos em todo canto, e todas as espécies da terra podem ver isso. O planeta, como entidade inteligente, pode reagir a esse tipo de pressão. Ele tem três bilhões de anos, e tem muitas opções.

A conversa dualística sobre a humanidade não fazer parte da ordem natural é bobagem. Nós não poderíamos ter surgido a não ser que servíssemos a um propósito que se ajustasse à ecologia planetária. Não está claro qual é esse propósito, mas parece ter a ver com nossa enorme capacidade de investigação. E com nossas crises! Acumulando armas atômicas afirmamos a capacidade de destruir a terra como uma banana de dinamite enfiada numa maçã podre. Por quê? Não sabemos. Certamente não pelos motivos políticos e sociais que são apresentados. Somos simplesmente uma espécie construtora de ferramentas; ela mesma uma ferramenta da ecologia planetária que é uma inteligência superior. Essa inteligência sabe quais são os perigos e limitações na escala cósmica e organiza furiosamente a vida para se preservar e se transformar.

Minha história é peculiar. É difícil saber o que achar dela. A noção de algum tipo de revelação visionária fantasticamente complicada que nos põe no centro da ação é um sintoma de doença mental. Esta teoria faz isso; assim como a experiência direta, e também as ontologias do judaísmo, do islamismo e do cristianismo. Minha teoria pode ser clinicamente patológica, mas, diferentemente desses sistemas religiosos, tenho humor suficiente para perceber isso. É importante apreciar a comédia intrínseca ao conhecimento privilegiado. Também é importante ter acesso ao método científico, sempre que for apropriado. A maioria das teorias científicas pode ser refutada nos calmos limites do laboratório, a evolução não.

Para sentir empatia com as visões de La Chorrera, precisamos

imaginar o que *podemos* imaginar. Imagine se os desejos fossem cavalos, *como* os mendigos cavalgariam! As idéias desenvolvidas em La Chorrera eram tão envolventes porque prometiam novas dimensões à liberdade humana. Os rumores ouvidos na Amazônia sobre fluidos mágicos relacionados com o tempo, autogerados a partir dos próprios corpos pelos mestres xamãs, são nada menos do que sugestões da metamorfose do corpo/alma humano para um estado dimensional mais elevado. Caso essa transformação da matéria fosse possível poderíamos fazer qualquer coisa com ela. Poderíamos espalhá-la, subir em cima e levá-la a qualquer altitude, adicionando oxigênio à vontade. É a imagem assombrosa do disco voador voltando outra vez. Podemos entrar na substância: usando-a como um traje de mergulho mental. O disco voador é uma imagem da mente humana aperfeiçoada; ele espera zumbindo quente no fim da história humana neste planeta. Quando ela estiver perfeita, haverá uma mutação ontológica da forma humana, nada menos do que o corpo ressurreto que o Cristianismo prevê.

É função do gênio da tecnologia humana dominar e servir às energias da vida e da morte, do tempo e do espaço. O OVNI guarda a possibilidade da mente tornar-se objeto, uma nave que pode cruzar o universo no tempo necessário para se pensar a respeito. Porque ela é como o universo: um pensamento. Quando a mente tornada objeto móvel for aperfeiçoada, a humanidade — noviça no domínio do pensamento — irá começar a partir.

Claro que podemos descobrir que não vamos embora; o futuro pode revelar, ao invés disso, que há algo lá fora chamando-nos para casa. Então será nossa tecnologia e o chamamento do Outro que irão mover-se na direção de um encontro. O disco é uma excelente metáfora para isso. Quando Jung sugeriu que o disco era a alma humana, ele estava mais correto do que pode ter suposto. E isso não está muito distante de acontecer. Essa é a outra coisa; a última virada de épocas nos deu a teoria da relatividade e a mecânica quântica. Outra mudança de época se aproxima, mas é difícil dizer se será a

época final. Nossos papéis como partes do processo introduzem um princípio de incerteza que impede a previsão.

Todos esses temas foram tecidos ao redor da DMT, possivelmente porque a DMT cria um microcosmo desta mudança de épocas na experiência de um único indivíduo. Parece difícil elevar a mente perceptível acima dos confins do espaço comum e ter um vislumbre da maior estrutura possível do Ser. Quando Platão disse que "O tempo é a imagem móvel da Eternidade", fez uma afirmação que é reforçada a cada viagem para o espaço da DMT. Como a mudança de época chamada Apocalipse, antecipada por históricos religiosos, a DMT parece iluminar a região após a morte. E qual é a dimensão além da vida, que a DMT ilumina? Se pudermos confiar em nossas percepções, é um lugar no qual existe uma ecologia de almas cujo estado de ser é mais sintático do que material. Parece ser um reino próximo, habitado por intelectos élficos eternos, feitos inteiramente de informação e de alegre auto-expressão. O depois da vida é mais um país das fadas céltico do que uma não-entidade existencial, pelo menos isto é evidenciado na experiência com DMT.

Nós, seres humanos, devemos admitir que nossa situação é peculiar: tendo nascido, somos sistemas químicos abertos e autônomos que se mantêm num ponto distante do equilíbrio metabólico. E somos criaturas pensantes. O que é isso? O que são as três dimensões? O que é a energia? Encontramo-nos na estranha posição de estarmos vivos. Tendo nascido, sabemos que vamos morrer. Um monte de pensadores diz que isso não é tão estranho, que acontece no universo — as coisas vivas surgem. E no entanto a nossa física, que pode acender o fogo das estrelas em nossos desertos, não pode explicar a estranheza do fenômeno de estarmos vivos.

No ponto em que a ciência está hoje em dia os organismos se encontram completamente fora do âmbito da explicação física. Então de que ela serve? Spencer e Shakespeare, a teoria quântica e as pinturas de cavernas em Altamira. Quem somos nós? O que é a

história? E para onde ela vai? Agora liberamos processos potencialmente fatais ao planeta. Disparamos a crise final para toda a vida. Fizemos isso, mas não temos controle. Nenhum de nós. Nenhum líder e nenhum Estado pode mandar parar o fato de estarmos presos à história. Estamos nos movendo em direção ao inimaginável enquanto se empilham as informações sobre a natureza real da situação que enfrentamos. Para parafrasear J. B. S. Haldane: nossa situação pode não apenas ser mais estranha do que supomos; pode ser mais estranha do que *podemos* supor.





Capítulo 19

A CHEGADA DO STROFARIÁDA

Onde Ev e eu nos separamos e o cogumelo faz um discurso enquanto se transforma numa indústria de crescimento subterrâneo.

ESSAS FORAM AS PREOCUPAÇÕES COM AS quais naveguei daqueles anos até o presente. Mas nos quase dois anos após minha segunda volta de La Chorrera, antes da publicação de *The Invisible Landscape*, não fiquei parado.

Meu irmão e eu concluímos que o elemento realmente novo, o candidato a agente causal na situação ocorrida em La Chorrera, foram os cogumelos. Era o *Stropharia cubensis* que estava por trás de todos os efeitos que experimentamos. Enquanto crescia essa percepção, também cresceu a compreensão de que só poderiam ser feitas novas expedições ao inimaginável caso pudesse ser assegurado um suprimento de cogumelos. Só que na segunda viagem a La Chorrera os cogumelos haviam sido muito menos abundantes do que anteriormente. Essa escassez me havia impelido a guardar uma

quantidade de esporos dos poucos espécimes que pudemos encontrar. Esses esporos foram mantidos refrigerados durante os anos enquanto meu irmão e eu seguíamos carreiras acadêmicas e escrevíamos nosso livro.

Durante aqueles anos pensamos superficialmente em cultivar *Stropharia cubensis*, mas o único trabalho sobre o tema era o de Wasson e Heims, em francês, e parecia uma coisa remota e tecnicamente difícil de ser tentada. Na primavera de 1972 já havíamos isolado o micélio do cogumelo e o tínhamos crescendo sobre ágar-ágar em placas de Petri. Mas não conseguimos fazer com que nada acontecesse. Então, no início da primavera de 1975, encontramos um artigo detalhando um método de cultivar cogumelos comerciais em canteiro, em vidros de conserva sob condições cuidadosamente controladas. Perguntamo-nos se esse método também funcionaria para o *Stropharia cubensis* e para colocar de novo em movimento nossa exploração do mundo invisível.

Eu e Ev tínhamos nos separado no início de 1975. Nosso relacionamento de conveniência, formado na estrada, não floresceu depois de voltarmos às carreiras e à faculdade. Ev conseguiu trabalho rapidamente, e eu não. Mais tarde ela entrou no curso de secretariado e voltei à Califórnia para terminar meu curso de Conservação de Recursos Naturais. Como parecíamos estar longe das visões reveladas em La Chorrera! Nossas vidas iam mal financeiramente, estavam restringidas intelectualmente, e nossos compromissos e interesses terminaram por se apartar. Quando enfim o rompimento aconteceu, foi feio e dilacerante. Podíamos ter olhado dentro do coração dos Mistérios, mas isso não significava que éramos mais sábios do que as pessoas comuns, quando o assunto era os nossos corações. Ev partiu da minha vida na companhia de um velho amigo meu, dos tempos do Experimental College, e fui deixado profundamente confuso e defensivo pelo que me pareceu uma traição dupla.

O fim horroroso de nosso longo relacionamento me deixou atormentado com enxaquecas e com o fato de viver sozinho. Eu

estava terminando um curso universitário que tinha durado demais, contando os sete anos de viagens pelo mundo. Foi um tempo de solidão, auto-exame e pressão de trabalho. Durante as semanas em que estivemos continuamente lutando para encontrar algum tipo de equilíbrio interno, eu me atirara num estado de atividade hipermaníaca centrada no esforço de cultivar cogumelos. E então, quando finalmente nos separamos, parece que fiquei semanas sentado, olhando as paredes ou andando durante horas nos morros de Berkeley e no Strawberry Canyon.

Um dia, voltando de uma de minhas longas caminhadas introspectivas, pensei nas experiências sobre um novo método de cultivar cogumelos. Sem dúvida os canteiros de esterco esterilizado deviam estar secos ou apodrecendo na pequena estufa abandonada, no quintal dos fundos. "Eu devia ir limpar a estufa e esvaziar os canteiros experimentais." Achei que isso talvez pudesse ser o início de uma limpeza de minha vida psíquica, agora excessivamente confusa e infeliz. Eu nem mesmo tinha olhado para a estufa durante duas semanas. A porta do recinto havia inchado e estava quase travada; só abriu com um guincho de protesto.

E lá estavam eles! Às dúzias, às centenas, imensos espécimes de *Stropharia*, perfeitos como pinturas. A noite negra da alma havia levado minha atenção para outro lado, e naquele momento eles tinham se aperfeiçoado. Eu estava imerso até o pescoço em ouro alquímico! As legiões élficas do hiperespaço tinham voltado para me resgatar. Eu estava salvo! Enquanto ajoelhava para examinar espécime perfeito após espécime perfeito, havia lágrimas de alegria correndo por meu rosto. Então soube que o pacto não fora rompido, a maior aventura ainda estava por vir.

Trabalhei sempre consultando Dennis, que tinha voltado para Boulder. Determinamos em questão de semanas que o resistente *Stropharia* não apenas crescia e frutificava com o novo método, como era menos frágil e mais fácil de cultivar do que a espécie *Agaricus* vendida como alimento. As implicações disso eram um tópico constante em nossas intermináveis consultas telefônicas.

A partir da primavera de 1975 não deixei de ter um suprimento contínuo de *Stropharia*. Em meu mundo de lamentação tediosa apareceu subitamente o método perfeito de cultivar o mesmo organismo que abriera a dimensão de contato há quatro anos. Os mesmos esporos colhidos em La Chorrera agora produziam furiosamente cogumelos com psilocibina em minha casa. Durante a primavera experimentei várias vezes dosagens pequenas. A sensação de paz e leveza que eu associava aos dias tranqüilos em La Chorrera estava definitivamente ali; assim como a impressão de uma voz que ensinava, e a volta às consultas com uma entidade cósmica que tinha intenções complexas.

Durante toda a primavera e o verão de 1975 tomei o cogumelo em doses de cinco gramas desidratado, ou de cinquenta gramas fresco, com a frequência que eu achava prudente, o que terminou sendo cerca de uma vez a cada duas semanas. Cada uma dessas experiências era uma lição — um mergulho arrepiante e alegre num oceano de imagens especulativas. Descobri minha mente como um conjunto de conexões topológicas, diante de mim, convidando-me a percorrer e esquadrihar o nó reflexivo de passado e futuro formado por cada um de nós. Presenças alienígenas e elfos translingüísticos vinham para junto de mim durante aqueles transes. O cogumelo reafirmava sua idade, seu vasto conhecimento do fluxo e refluxo das forças históricas em muitas civilizações com as quais se associou através dos milênios. Imagens do passado e do futuro abundavam.

Uma vez me vi num morro com uma multidão. Dava para ver uma planície curva. Era o interior de uma colônia espacial cilíndrica medindo quilômetros de extensão, com vastas linhas de janelas se alternando com terras cultivadas e cidades espalhadas ao longo dos vales entre cada conjunto de janelas. Eu soube que, no futuro que estava vendo, centenas de milhões de pessoas viviam nesses mundos cilíndricos. Os mundos que povoavam a galáxia nas mentes de nossos escritores de ficção científica haviam sido recriados dentro de uma esfera de apenas doze horas-luz de diâmetro, com o sol em

seu centro. Dentro dessa esfera milhares de sociedades independentes seguiam seus destinos e sua evolução; milhares de mundos cilíndricos independentes enxameando ao redor da vasta fornalha de energia do sol. Que força rica e interminavelmente criativa se tornara a humanidade ao escapar dos confins do planeta! Através das vastas janelas eu podia ver máquinas mais avançadas sendo prontadas; máquinas de brilho obsidiano construídas para desafiar as mentes perturbadoras que se encontravam entre nós e os sóis de Centauro. Diante de mim era realizado o espetáculo dos preparativos de partida de uma nave estelar. Em minha mente a *Fanfare For the Common Man*, de Copeland, estava sendo tocada.

Em outras ocasiões vi futuros alternativos onde o conhecimento do cogumelo não estava fundido ao expansionismo incansável da humanidade. Vi um planeta coberto por uma sociedade de simbioses de escravos com máquinas trabalhadoras. Vi a vida da sociedade norte-americana passando por várias centenas de anos de levantes e mudanças políticas, uma imagem como de um grande mapa de planejamento bélico. O dualismo entre fascismo e democracia agarrava-se ao pescoço da América do Norte como um albatroz. Repetidamente o pesadelo de um Estado fascista policial varreria como um maremoto as aspirações do povo, e repetidamente a argúcia do povo se organizaria contra a estupidez do opressor. As pessoas se ergueriam em revoltas selvagens e sangrentas para assegurar o espaço de algumas gerações em que fosse possível inaugurar tentativas de uma reforma social democrática.

O cogumelo sempre voltava ao tema de que conhecia os processos evolutivos e que portanto era simpático à união simbiótica com o que ele se referia como "os seres humanos". Ele estava ansioso por compartilhar seu sentimento de saber como as coisas são, sentimento desenvolvido em milhões de anos de experiências conscientes como organismo inteligente irradiando através da galáxia. De seu ponto de vista, o cogumelo é uma forma de vida antiga, e como tal oferece sua experiência serena para uma raça vibrante porém ingênua que está pela primeira vez em vias de viajar às

estrelas. Enquanto nossa imaginação lutava para tentar abarcar a possibilidade do Outro inteligente em algum ponto da galáxia estrelada, o Outro, observando isso, agora se revela entre nós, como um aspecto de nós mesmos quando estamos no transe da psilocibina. No fenômeno da *Stropharia cubensis* somos confrontados com uma forma de vida inteligente e aparentemente alienígena, não como comumente imaginamos, mas mesmo assim uma vida alienígena inteligente. No seu modo freqüentemente burlesco a cultura popular antecipou até mesmo essa estranha virada nos acontecimentos. *A Invasão do Povo Cogumelo*, um filme classe B de ficção científica, feito pelas mesmas boas pessoas que nos deram *Godzilla*, contém uma cena final onde uma equipe de exploradores japoneses é transformada, além da possibilidade de identificação pela platéia, num grupo de cogumelos cantando numa floresta tropical da Ásia.

Somente uma falta anacrônica de auto-reflexão levaria qualquer pessoa que pensa no assunto da vida extraterrestre a supor que qualquer alienígena inteligente seria até mesmo remotamente parecido conosco. A evolução é um rio incessante de formas e de soluções adaptativas a condições especiais, e a cultura mais ainda. É muito mais provável que um alienígena mal seja reconhecível como tal, ao invés de nos suplantar com similaridades como a forma humanóide e um conhecimento íntimo de nossa grande capacidade industrial. Pode-se presumir que as espécies que viajam entre as estrelas tenham um conhecimento sofisticado sobre genética e funções do DNA, e que portanto não guardem necessariamente a forma que a evolução em seu planeta nativo lhes deu. Podem muito bem ter a forma que *desejem*. O cogumelo, com seu hábito de viver de matéria orgânica não-viva e sua rede subterrânea frágil de micélios efêmeros, parece um organismo programado tendo em vista valores budistas de não-interferência e baixo impacto ambiental.

No fim do verão de 1975 Dennis e eu decidimos que o mundo que estávamos explorando requeria audiência mais ampla. Esperamos estabelecer uma comunidade de consenso quanto ao que estava

acontecendo. Com esse objetivo escrevemos e publicamos um guia sobre o método que havíamos desenvolvido para cultivar o *Stropharia*. Na introdução daquele livrinho escrevi o que havíamos pessoalmente aprendido sobre o mundo do cogumelo:

O cogumelo fala, e nossas opiniões se baseiam no que ele diz com eloqüência sobre si próprio na fria noite da mente:

“Sou velho, mais velho do que o pensamento em sua espécie, que é cinqüenta vezes mais antigo do que sua história. Apesar de estar na terra há eras, venho das estrelas. Meu lar não é nenhum planeta, já que muitos mundos espalhados através do disco brilhante da galáxia têm condições que permitem aos meus esporos uma oportunidade de viver. O cogumelo que vocês vêem é a parte de meu corpo ligada às emoções do sexo e da luz do sol. Meu corpo verdadeiro é uma fina rede de fibras crescendo através do solo. Essas redes podem cobrir acres e podem ter muito mais conexões do que as que existem num cérebro humano. Minha rede micélica é quase imortal — apenas a súbita intoxicação de um planeta ou a explosão de sua estrela pode me varrer. Por meios impossíveis de serem explicados por causa de algumas concepções errôneas em seu modelo de realidade, todas as minhas redes micélicas na galáxia estão em comunicação acima da velocidade da luz através do espaço e do tempo. O corpo micelial é frágil como uma teia de aranha, mas a hipermente coletiva e sua memória são um gigantesco arquivo da inteligência evoluindo em muitos mundos na nossa colmeia de estrelas em redemoinho. O espaço, vocês vêem, é um vasto oceano para essas resistentes formas de vida que têm a habilidade de se reproduzir a partir de esporos, já que os esporos são cobertos com a substância orgânica mais dura que se conhece. Através de eras de tempo e espaço muitas formas de vida que se reproduzem com esporos vagueiam em animação suspensa durante milhões de anos, até que é feito contato com um ambiente adequado. Poucas dessas espécies são inteligentes, apenas eu e meus parentes recém-desenvolvidos alcançamos o modo de hipercomunicação e a capacidade de memória que nos torna líderes na comunidade da inteligência galática. A maneira como a hipercomunicação opera é um segredo que não será facilmente dado ao homem. Mas os meios deveriam ser óbvios: é a ocorrência da psilocibina e da psilocina nos caminhos biossintéticos de meu corpo vivo que me abre a aos meus simbioses as telas de visão para muitos mundos. Você, como um indivíduo, e a humanidade como espécie estão em vias de formar um relacionamento

simbiótico com meu material genético que eventualmente irá levar a humanidade e a terra à corrente galáxia das grandes civilizações.

Como não é fácil para vocês reconhecerem outras variedades de inteligência ao seu redor, suas teorias mais avançadas sobre política e sociedade avançaram apenas até a noção de coletivismo. Mas além da coesão dos membros de uma espécie num único organismo social, há possibilidades evolucionárias mais ricas e ainda mais barrocas. A simbiose é uma delas. A simbiose é um relacionamento de dependência mútua e de benefícios positivos para ambas as espécies envolvidas. Os relacionamentos simbióticos entre mim e formas civilizadas de animais elevados foram estabelecidos muitas vezes e em muitos lugares através das longas eras de meu desenvolvimento. Esses relacionamentos foram mutuamente úteis; dentro de minha memória está o conhecimento de um bilhete grátis de entrada para novos mundos ao redor de sóis menos abandonados e mais perto do centro da galáxia. Para assegurar uma vida eterna no longo rio da existência cósmica, eu repetidamente ofereço este acordo a seres elevados, e assim me espalhei através da galáxia ao longo dos milênios. Uma rede micélica não tem órgãos para mover o mundo, não tem mãos; mas animais mais elevados, com habilidades manipulativas, podem tornar-se parceiros do conhecimento estelar que há dentro de mim, e se agirem de boa-fé poderão voltar junto com seu humilde professor cogumelo aos milhões de mundos dos quais todos os cidadãos de sua colmeia estelar são herdeiros.

Uma coisa que refere a si mesma como frágil e diáfana como uma teia de aranha — pois isso é a rede micélica do cogumelo — era não apenas capaz de se comunicar comigo como podia produzir uma visão de maior grandeza e de maior esperança transcendente do que eu jamais sonhara ser possível. Aquilo estava vivo, mas seria verdade?

Minha reação às afirmações do cogumelo quanto à origem extraterrestre dos alucinógenos triptamínicos e das visões que eles provocam havia tomado várias formas. Acho que é possível que certos desses compostos pudessem ser “genes semeados”, injetados há eras na ecologia planetária por uma sonda espacial automática vinda de uma civilização de outro ponto da galáxia. Esses genes poderiam ter sido implantados no genoma de um cogumelo ou de outra planta, esperando apenas o advento de alguma inteligência e

a descoberta de que eles existem, para começar a ler uma mensagem que abre com a dimensão exótica familiar aos xamãs de toda parte. O sentido dessa mensagem só poderia ser clareado quando aqueles para quem a ela era dirigida tivessem alcançado um nível técnico suficiente para apreciá-la. O crescimento exponencial das ferramentas e dos métodos analíticos no último século indicam que agora estamos nos aproximando desse nível. Especulo que o conteúdo final da mensagem seja feito de instruções — será chamado de “descoberta” — sobre como construir um transmissor de matéria ou algum outro dispositivo que nos permita contato direto com a civilização que mandou os genes alucinógenos portando mensagens para a terra há tantas eras. Os transes deixam implícito que essa civilização tem uma tecnologia mais rápida do que a luz para transmitir informação, se é que não para a transmitir a própria matéria, mas é necessário um receptor no ponto de chegada, de outro modo a presença alienígena dentro do cogumelo estará, como nós, presa nos limites da relatividade geral.

Alguma coisa, alguém, semeou o espaço intragaláctico com sondas automáticas biomecânicas. Essas sondas são imensamente sofisticadas pelos nossos padrões, capazes de modelar alucinógenos portadores de mensagens para as condições ecológicas especiais que a sonda pode encontrar, e de liberar pseudorganismos como vírus, capazes de levar os genes artificiais ao nucleoplasma das espécies-alvo e implantá-los lá. Essa é uma forma muito mais duradoura de mensagem do que um monólito de estado sólido na lua, ou um monitor em órbita. Os genes artificiais podem ser transportados ao longo da corrente evolutiva por literalmente centenas de milhões de anos sem degradação substancial da mensagem. A informação levada pela sonda e transmitida pelos alucinógenos é modulada pelas necessidades da inteligência que se desenvolve no planeta que foi contactado. Gradualmente muda a ênfase da informação disponível a partir da sonda. Previsões sobre boas caçadas, resultados divinatórios simples, como encontrar objetos perdidos e conselhos médicos, são lentamente substituídos

pela revelação sobre a fonte extraterrestre dessa informação e sobre o objetivo que há por trás: a construção da antena estelar e a entrada no *Logos* da civilização galáctica que ela trará.

Realmente são idéias especulativas! Mas, estranhamente, a maioria dos cálculos e das idéias mais comuns sobre a densidade de vida e de inteligência na galáxia confrontam os exobiólogos com o dilema de por que nós ainda não fomos contactados. A coletânea de ensaios *Scientific Perspectives On Extraterrestrial Communication*, de Cyril Ponnampuruma e A. G. W. Cameron, nos dá uma visão excelente do que se pensa hoje em dia sobre esse tema. O artigo de R. N. Bracewell publicado na mesma obra foi a base para minhas idéias sobre sondas interestelares.

Vou resumir em que ponto a coisa está: o pensamento atual conclui que o pico de surgimento de inteligência na galáxia foi alcançado entre dez e cem milhões de anos atrás, que a maioria das raças na galáxia é velha e sofisticada. Não podemos esperar que essas raças apareçam com toques de clarim em cada cidade da terra. Uma entrada dessas na história é equivalente a despencar sobre uma casa sem qualquer aviso — dificilmente o tipo de coisa que esperaríamos de uma civilização galáctica sutil e antiga. Talvez tenham sempre estado aqui, ou talvez sua presença tenha sempre estado aqui nos alucinógenos — quando compreendermos isso por nós mesmos, estaremos sinalizando a eles que estamos prontos para o contato.

Só podemos mandar esse sinal seguindo as instruções contidas nos genes semeados e construindo o aparato, o sistema social ou o veículo necessário. Quando isso for feito, em algum lugar da galáxia irão piscar as luzes da mensagem dizendo que outro dos milhões e milhões de planetas semeados chegou aos portais da cidadania galáctica. As estimativas atuais são de que, mesmo numa galáxia apinhada de inteligência, esse portal é atravessado por uma espécie inteligente apenas a cada cem ou mil anos. É um momento de alegria, mesmo para os seres galácticos. Se essa especulação tiver alguma validade, apenas sua articulação já significa o momen-

to final da fase pré-contato — e significa também a necessidade premente de tentar explorar o transe da psilocibina e compreender o papel que ele representa na psicologia da espécie humana.*



*Recentemente foram lançadas novas luzes sobre o fenômeno das vozes ouvidas dentro da cabeça, e do papel que elas podem representar na evolução da consciência. Em 1977 Julian Jaynes, da Universidade de Princeton, publicou um livro provocador, *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*. Jaynes usa 445 páginas para mostrar suas idéias relativas ao papel que as alucinações, principalmente as alucinações auditivas, representaram na estruturação da mente. Jaynes acredita que até mais ou menos o tempo da *Ilíada*, por volta de 1400 a.C., não existia nada como a consciência moderna, egocentrada e individualizada. Ao invés disso, ele argumenta, as pessoas se comportavam como autômatos ou insetos sociais, realizando inconscientemente as tarefas da colmeia. Apenas em momentos de grande tensão e perigo pessoal esse regime era rompido. Nesses momentos uma mente impessoal, fora da experiência usual do mundo, manifesta-se como uma voz. De acordo com a teoria de Jaynes essas vozes foram as luzes-guia da sociedade humana, talvez durante milênios, fossem elas entendidas como a voz de um rei ausente porém vivo, ou de um rei morto, de um deus onipresente ou de uma deidade pessoal. As migrações e o rompimento da insularidade cultural das primeiras civilizações humanas trouxeram o fim das relações do homem com a mente bicameral, o termo que Jaynes usa para a presença cibernética, aparentemente divina, sentida por trás das vozes surgidas nas alucinações. Os preconceitos sociais contra um relacionamento com a mente bicameral nos tempos modernos transformou "ouvir vozes" num fenômeno místico ou numa séria aberração — de qualquer modo algo muito raro.

O leitor interessado deve ler atentamente a obra de Jaynes, se bem que seu livro seja exasperante, já que, num tratado sobre o papel das alucinações na história humana, ele deixa de oferecer qualquer discussão séria sobre o uso de plantas alucinógenas. Essa é uma falha significativa, especialmente se o efeito disparado pela psilocibina não for, como sugeri, um contato com uma inteligência inteiramente distinta de nós mesmos. A teoria de Jaynes abre a possibilidade de que a psilocibina nos ponha de novo em contato com o Outro transpessoal de um modo que duplica em algum nível o estado mental característico das primeiras populações humanas. É razoável sugerir que uma voz dentro da cabeça, interpretada pelos antigos como um deus, possa ser interpretada por uma pessoa ingênua nos tempos atuais como um contato telepático com extraterrestres. Quaisquer que sejam os "fatos" eventualmente conhecidos, a psilocibina oferece uma ferramenta que permite a experiência direta com essa voz que explica todas as coisas, esse *Logos* do Outro.



Capítulo 20

A CONEXÃO HAVAIANA

*Onde piratas louva-deuses do hiperespaço me atacam e à
minha nova amante na aridez vulcânica de Kau, no Havai,
e pronuncio minhas últimas palavras sobre o Indizível.*

O OUTONO DE 1975 FOI UMA ÉPOCA de mudança e consolidação pessoal. Kat, uma velha amiga que eu conhecera anos antes em Jerusalém, durante minha fase de ópio e Cabala, finalmente tornou-se minha amante. Oito anos tinham-se passado desde que havíamos circulado a mesquita de Omar. Ela era uma viajante solitária, uma pessoa introspectiva. O cogumelo realizara sua promessa de mandar uma companheira para compartilhar a jornada futura através do mundo interior. Em outubro fomos ao Havai para escrever e planejar uma viagem à Amazônia peruana no início de 1976. E para enlanguescer de amor.

Havíamos alugado uma casa no distrito distante e isolado de Kau, na grande ilha de Havai. Era uma área cheia de torrentes retorcidas de lava depositada em todas as épocas. As *kapukas*, áreas ilhadas de floresta antiga, eram a única vegetação, rodeadas por mares espumantes de rochas endurecidas que haviam matado toda

a vida menos afortunada que estivera por baixo. Devagar, quase imperceptivelmente, o volume suave do Mauna Loa subia até quatro mil metros na distância atrás de nós. Estávamos aproximadamente a setecentos e cinquenta metros acima do nível do mar. Nossa casinha dava de frente para os vastos e proibitivos campos de lava, mas o quintal dos fundos ia até uma *kapuka* cuja sombra e cujos muitos pássaros e insetos faziam um contraste agradável com a devastação primal que se espalhava por quilômetros em todas as direções. Nossa vida era preguiçosa. Eu escrevia e fazia algumas experiências com aspectos mais arcanos do cultivo de cogumelos. Kat estava mergulhada no trabalho de criar os desenhos para o livro que eu e Dennis havíamos escrito sobre o cultivo de *Stropharia cubensis*. Um sonho erótico e cheio de sol desdobrava-se ao nosso redor.

Estávamos isolados, como adorávamos ficar, e freqüentemente consumíamos cogumelos juntos. Foi durante aquele idílio havaiano que decidi voltar à bacia amazônica procurar o *Banisteriopsis caapi* em seu ambiente nativo, com o objetivo de descobrir o papel que ele e seus alucinógenos betacarbolínicos representaram na experiência de La Chorrera. Estava especialmente interessado em saber se outros alucinógenos aborígenes quimicamente diferentes provocavam as mesmas experiências da psilocibina do cogumelo. Queria determinar se nossas experiências tinham feito parte da fenomenologia geral dos alucinógenos ou se eram resultado apenas da psilocibina.

A intervalos de uma semana ou de dez dias, durante aquele outubro e novembro no Havai, tomamos os *Stropharia* que havíamos cultivado. Tivemos uma série espantosa de experiências. A psilocibina definitivamente provoca a impressão de que algumas vezes outras pessoas podem ver com igual clareza as alucinações que estamos experimentando. Kat e eu nos certificamos de que isso era verdade descrevendo alternadamente as imagens em que estávamos imersos. Nesses momentos, quando o fluxo de imagens tinha uma certa intensidade elétrica, não havia dúvida de que estávamos

vendo as mesmas coisas. A relação da psique com a superfície do corpo, a pele, é sinestética e emocionalmente complexa sob a influência da psilocibina. As cores e os sentimentos têm uma qualidade tátil que a experiência comum jamais sugere. Fazendo contato através de grandes áreas de pele, nós parecíamos de algum modo anular a individualidade psíquica e a integridade do corpo, e fundíamos as mentes num clímax tântrico que era imensamente agradável e cheio de um potencial absurdo e histérico para o crescimento humano e os estudos psicológicos.

Eu e eu não tínhamos consumido cogumelos desde que voltáramos aos Estados Unidos. Era maravilhoso ter alguém com quem compartilhar os cogumelos, já que, até Kat juntar-se a mim, a maioria de minhas viagens de cogumelo tinham sido inteiramente solitárias, uma alma à deriva no oceano cósmico. Felizmente agora havia dois de nós navegando juntos através de bilhões de geometrias adornadas de jóias demoniacamente cintilantes.

Dois daquelas ocasiões com cogumelos foram especialmente memoráveis. A primeira ocorreu numa noite no fim de novembro. Cada um de nós comeu cinco gramas de *Stropharia* desidratado, e depois ficamos sentados em frente à lareira olhando o lento desenrolar das alucinações por trás das pálpebras fechadas. Eu parecia ver imagens rápidas porém proféticas da viagem que estávamos planejando à Amazônia. Fogueiras de acampamento e trilhas enchiam minha cabeça. O som dos grilos ali perto parecia se transformar no rugir da selva noturna que nos esperava no Peru. Falamos sobre nossos planos e sobre o futuro. O futuro parecia enorme e aberto à nossa frente. Foi naquela noite que nos comprometemos a formar uma família e uma vida juntos. Para mim foi uma virada fundamental, não tenho dúvida. Saímos de casa e ficamos sob as estrelas, junto aos canteiros onde diariamente tentávamos um cultivo ainda mais perfeito do *Stropharia*. A noite estava excepcionalmente calma e o céu chamejava com estrelas.

Olhando para o céu ao sul, pensei: "Vocês estão lá. Se aprovam o curso que programamos para nossas vidas, se o mistério é

verdadeiro, mandem-nos um sinal.” Dei um passo na direção de Kat, que andava na minha frente, para dizer: “Pedi a eles um sinal.” Mas, antes de poder falar, o céu foi rasgado do zênite ao horizonte por uma tira carmesim de fogo meteórico. A afinação da psique com o mundo deveria ser profunda demais para que ocorresse um sincronismo daquele.

“Essas queimas de meteoro acontecem apenas de vez em quando”, veio o comentário do cogumelo, claro e solto em minha mente.

Sentamo-nos na terra cálida e receptiva e nos abandonamos às ondas de visões e de paisagens. Num determinado momento um vento revolteante sacudiu as folhas das árvores que estavam completamente imóveis. Aquele era um distrito remoto, mas trazidos de quilômetros de distância pelo ar parado, vindo de vizinhos e de sítios espalhados a distância, podíamos ouvir o uivo lamentoso de cada cachorro em toda aquela parte da ilha. Durante horas eles gemeram e uivaram numa ululação misteriosa. Não podíamos imaginar o que aquilo significava, mas achamos uma coincidência tão inexplicável quanto o sinal do céu a respeito de nosso futuro.

Bem mais tarde, no momento do falso alvorecer — às 4:49, hora local, de acordo com instrumentos sísmicos espalhados pelo planeta — houve um terremoto. Um rugido baixo e áspero atravessou os campos de lava que se espalhavam por quilômetros ao redor e embaixo de nós. Ondas de choque e atividade vulcânica no Kilauea, perto do epicentro e a uns cinquenta quilômetros de onde estávamos, vieram logo depois do primeiro choque. Uma hora depois houve outra onda de choque. Agora estavam claramente explicadas as horas de uivos. Portanto é um fato que sinais meteóricos e um grande terremoto — o mais intenso no Havai em cem anos — vieram juntar-se à nossa viagem de cogumelo e à nossa exploração intensificada das profundezas da psilocibina, assim como nós juntamo-nos a eles.

A outra grande experiência com cogumelo que tivemos no Havai, e muito mais perturbadora, pôs um fim a qualquer explora-

ção da psilocibina até depois de nossa volta da Amazônia peruana. Foi a 23 de dezembro, véspera do dia em que Dennis chegaria para passar os feriados de Natal conosco. Kat e eu tomamos cada um cinco gramas de cogumelo desidratado e sentamo-nos diante da lareira para esperar a primeira onda de imagens. Logo nos encontramos imersos nelas. O cogumelo estava me mostrando um planeta aquático verde-azulado e sem nenhuma terra, a não ser um arquipélago que rodeava o globo no equador — uma espécie de super-Indonésia. Acompanhando as visões do planeta havia uma narração explicando que aquele mundo rico em oxigênio estava a cem anos luz da terra e era totalmente desabitado por animais superiores. À medida que as implicações desses últimos dados chegavam, eu sentia uma onda de posse que parecia vir direto de minhas gônadas primatas, de um milhão de anos de nomadismo e do aumento incansável das populações humanas. A narração explicava que, quando fosse completada a fusão simbiótica da humanidade com o *Stropharia*, “os seres humanos” estariam livres para exigir esses planetas para o Strofariada.

A narração tinha-se personificado na voz interior que atende ao transe do cogumelo. Comecei uma discussão com ela sobre a visão do planeta aquático e sobre a tecnologia implícita nessas visões. Pensei sobre a tecnologia da viagem estelar e das imagens a distância. Perguntei ao cogumelo se, por todas as imagens extravagantes que era capaz de presentear, ele poderia produzir algum efeito no *continuum* normal.

Eu tinha a idéia de que, caso saíssemos de casa, como geralmente fazíamos em algum ponto de nossas jornadas, poderíamos ver alguma continuação do fenômeno da nuvem que fora parte da experiência em La Chorrera. Kat disse que sentia muito calor, e resolvemos sair. Estávamos muito tontos e, apesar de Kat falar pouca coisa, eu me sentia alarmado por ela. Entretanto presumi que sair de casa seria o suficiente para refrescá-la.

Do lado de fora ficamos de pé, vacilantes, no quintal da frente; era uma noite nublada. Kat parecia estar entrando e saindo de um

estado consciente. Era cada vez mais difícil mantê-la desperta. Ela ficava dizendo que a estavam queimando, mas que achava que podia segurá-los a distância. Por fim desmaiou, e eu não conseguia obter qualquer reação. Estávamos tão isolados que teria sido impossível qualquer ajuda externa. Demoraria horas para fazer alguém chegar ali, e sem dúvida não havia ninguém na ilha que soubesse mais do que nós a respeito de psilocibina. Além do mais, a *gestalt* avassaladora da situação era que alguma coisa nos havia colocado no limite entre a vida e a morte, e o que tivesse de ser feito deveria ser feito apenas por nós, e nos próximos minutos.

Então me lembrei de que atrás da casa, perto de onde costumávamos tomar banho de sol, havia uma grande banheira que recebia a água que transbordava de nossos sistemas de coleta de chuva. Mesmo diante da ameaça mortal que eu estava reconhecendo era necessária uma completa organização de minha consciência para pensar em jogar aquela água em cima de Kat. Mas assim que pensei nisso o redemoinho do mundo pareceu assumir uma direção. Peguei-a num movimento único e carreguei-a, me arrastando pela escuridão, passando pelas palmas espinhentas que pareciam fantásticas no escuro. O momento era terrivelmente grotesco; minhas calças amarradas com cadarço haviam caído quase até os tornozelos, de modo que eu andava de bunda de fora e com as pernas rígidas como o monstro de Frankenstein, carregando Kat inconsciente.

Deitei-a no chão e esvaziei lata após lata de água negra e prateada sobre cada centímetro de seu corpo. Ficou imediatamente claro que havíamos encontrado o fator que limitava aquilo que a fazia sentir uma sensação de queimadura arrastando-a para a inconsciência. Abraçamo-nos com lágrimas de alegria, no meio da água e da lama, ambos sentindo que aquele efeito nem um pouco característico do cogumelo fora um alerta. Enquanto nos ajoelhávamos juntos, com a sensação de que havíamos enfrentado a dificuldade que viera ao nosso encontro, um som fantasmagórico e selvagem — um riso uivante — cortou o ar vindo da direção dos bosques antigos atrás da casa. Esse riso foi o grito de um deus

indutor de pânico. Antigo, amoral, louco — a gargalhada gutural de batalha do inimigo solto. Saímos correndo.

Voltamos tropeçando para a casa e eu fiz um chá enquanto Kat falava comigo e candidamente confienciava que aquilo que estava experimentando “devia ser como ficar louco”. Descreveu alucinações muito claras, com os olhos abertos, estranhas samambaias “tangíveis” e formas como orquídeas crescendo e se retorcendo sobre cada superfície disponível. A sensação anterior de calor agora se resumira a um campo de energia potencial de um branco incandescente, que podia ser mantido afastado de seu corpo deixando a energia alucinógena desgastar-se num caos de imagens estranhas e explícitas. Apenas com muita concentração ela podia manter o plasma incandescente a alguma distância, onde ele se tornava uma pele de visão que abarcava tudo. Depois de alguns minutos Kat pareceu estar desmaiando de novo, de modo que preparamos um banho frio e ela ficou dentro da água até os sintomas novamente diminuírem.

Quando conversamos mais tarde, ficou claro que sua experiência tivera dimensões que não ficaram aparentes para mim. No momento em que havíamos saído de casa ela descobriu que a sensação de calor não havia diminuído, e sim ficado mais forte. Então percebeu que diretamente acima dela havia um disco de luz e cor — um brinquedo de montar gigantesco, com eixos de luz girando suaves e conectores parecendo jóias emanando todas as cores.

— Compreendi — disse ela — que os relacionamentos entre lugares, seus tamanhos, seus ângulos, era infinitamente complexo e ao mesmo tempo a corporificação da verdade perfeita. Vendo aquilo, eu compreendia tudo... mas havia criaturas dentro do veículo, parecendo louva-deuses feitos de luz, que não queriam que eu soubesse. Curvados sobre os painéis de instrumentos, quanto mais eu entendia, mais eles me queimavam com seu raio. Eu não podia parar de olhar, mas estava sendo vaporizada. Senti você me pegar e, enquanto você me carregava, pensei: “espero que ele ande

depressa. Estou virando uma nuvem..." Por um momento eu estava fluando lá em cima e olhando nós dois cá embaixo — pessoas maiores do que a vida, fora do tempo. Então senti a água na pele redefinindo os limites de meu corpo e me condensando de novo.

A impressão que Kat tivera é que aquilo não fora uma ameaça feita pelo cogumelo, mas uma força dentro do *continuum* que o cogumelo torna disponível — uma força aparentemente ambígua em termos morais: piratas no hiperespaço? Kat estava tendo uma experiência de contato imediato com um OVNI, enquanto eu não via nada. Era um contato cheio de perigo e da ameaça de extinção. E que terminara abruptamente quando eu a levei para a água.

Ficamos a noite inteira discutindo aquilo. Serviu para acentuar as coisas estranhas que havíamos percebido ao tomar psilocibina naquele ambiente remoto. Particularmente havíamos percebido pequenos sons arranhando e raspando na periferia dos sentidos e da visão durante as viagens, não muito diferente da ativação de um fenômeno clássico de *poltergeist*. Esses pequenos movimentos e ruídos eram uma característica tão regular daquelas experiências que passei simplesmente a aceitá-los. Também percebemos ondas de atividade que pareciam varrer a matéria animada e inanimada durante as viagens de cogumelo. Por exemplo, depois de um período prolongado de um quase-transe contemplando as visões, se nos afastássemos delas num movimento conjunto para espreguiçar ou falar, o fogo da lareira subitamente soltava fagulhas, queimava mais forte e aumentava os ruídos periféricos.

Estávamos definitivamente na borda da mesma dimensão na qual eu mergulhara em La Chorrera, novamente levados pelo cogumelo. Dessa vez, entretanto, tomamos nosso contato ameaçador com a coisa como um aviso para dar um tempo. Decidimos ir ao Peru e tomar *ayahuasca*, cuja química e reputação poderíamos, pensávamos, ajudar a dar alguma perspectiva sobre a natureza da psilocibina com relação a outras plantas alucinógenas visionárias.

Nossas caminhadas pelas florestas úmidas do Havaí eram um eco pálido porém real das trilhas amazônicas percorridas no passa-

do, e por onde viajaríamos de novo dentro de alguns meses. Foi durante uma dessas caminhadas, refletindo sobre o contato que ela tivera com os seres louva-deuses e suas máquinas de luz, que Kat observou que uma lente é o resultado natural da sobreposição de duas esferas. Haverá algo mais do que um trocadilho envolvido na aplicação dessa idéia ao OVNI em forma de lente? Talvez alguma verdade topológica esteja implicada na idéia de que a lente é causada pela sobreposição de um *continuum* sobre outro. Nuvens lenticulares fizeram parte do contato com OVNI que tive em La Chorrera em 1971. Esse tema ressurgiu durante aquelas experiências com psilocibina nas paisagens desoladas do Havaí rural.

Em ainda outra viagem de cogumelo, quando Kat e eu saímos de casa tarde da noite, ficamos olhando as estrelas através dos interstícios móveis num rendado de nuvens altas. E, pairando a apenas algumas dezenas de metros acima, e ligeiramente diante de nós, havia uma nuvem muito escura, densa e lenticular. Ela foi ficando cada vez mais sólida enquanto olhávamos; de súbito essa tendência se reverteu e a nuvem começou a ficar mais rala, desaparecendo rapidamente.

Os anos passam e tem havido pouca intrusão do peculiar dentro da vida cotidiana. E subitamente ele está conosco outra vez, criando coincidências e parecendo canalizar o fluxo de eventos na direção de algum objetivo sentido mas impossível de prever. A pátina de paranóia que se formou sobre a sociedade moderna torna difícil avaliar as respostas da cultura. Vista sob certa perspectiva a humanidade é sempre uma criatura em transformação, compartilhando a cada momento o mistério profundo do futuro que ainda não se realizou. Será que a situação atual é realmente diferente de muitas outras no passado?

A novidade está sempre emergindo, mas será que sempre emerge explicitamente, subitamente, a partir dos eventos em que estava mergulhada? E o que devemos fazer quando ela emerge rápido o suficiente para que a reconheçamos como um verdadeiro fluxo do *continuum* temporal? Creio em milagres, no êxtase e em

situações em que “forças” não descritas pela física atual são vistas em funcionamento. Senti que era necessário retrair esses fios familiares de minha vida e de meu pensamento. Caso não tivesse feito isso não haveria nenhum registro dos passos que demos em La Chorrera, passos que nos levaram a compreender a psilocibina e sua relação com a alma humana — esse nó de preciosa anomalia e sentimento frágil que assombra nosso planeta como um fantasma.



EPÍLOGO

Onde retorno ao presente, apresento meus companheiros exploradores como são hoje em dia e me ajoelho diante da estranheza de tudo.

E ONDE ISSO TUDO NOS DEIXA hoje em dia? O Riso Cósmico continua atuando? Serei como um arqueólogo, condenado agora a trabalhar com escovas de dentes e palitos, tentando exumar e remontar os cacos de sonhos e visões obtidas em lugares e tempos esquecidos? Foi fácil olhar para trás e contar essa história como se fosse um ciclo fechado, uma coisa terminada e resplandecente em sua completude. O problema com essa abordagem é que a história é verdadeira, seus atores são pessoas reais, suas vidas continuam. Os grandes mistérios da experiência em La Chorrera continuam sendo apenas isso, mistérios até hoje.

Meus colegas, meus amigos, minhas amantes, modificaram-se e mudaram para outros lugares. Destinos diferentes nos chamaram. Dave continuou na América do Sul, tendo voltado aos Estados Unidos apenas uma vez nos últimos vinte anos, numa visita brevíssima. Não o vejo desde 1971. Sei que viveu na maioria dos países da América andina. Durante anos manteve-se fiel às suas raízes *hippies* itinerantes, viajando de uma aldeia a outra no topo das montanhas, ensinando crochê às mulheres locais. Agora imagino

que essa arte menor esteja bem estabelecida em lugares onde, antes de suas visitas prolongadas, devia ser absolutamente desconhecida. Durante sua breve visita aos Estados Unidos ele não veio à Costa Oeste, mas me telefonou e conversamos longamente. O mesmo velho Dave, pelo que pude perceber.

Ev casou-se com o amigo pelo qual me abandonou em 1975, e ainda estavam casados na última vez em que verifiquei, com um filho em idade de ir para a universidade. Não a vi nem ao seu marido desde que partiram em 1975. Conversamos uma vez por telefone, há anos. Murmurei algo sobre como seria bom jantarmos juntos qualquer dia, mas eu é que teria de marcar, e nunca o fiz. Não foi uma coisa casual ou desconsiderada. Ainda há relutância de minha parte, e uma dor que penetra fundo e me confunde — mas não é fácil ir contra ela.

Vanessa retornou da Amazônia para os Estados Unidos e seguiu a tradição de seu pai e sua irmã, formando-se em medicina. Hoje mora em Berkeley, assim como Ev, e é uma psiquiatra próspera. Vemo-nos raramente, e quando estamos juntos sinto relutância em falar no assunto de La Chorrera por dois motivos. O primeiro é que estávamos em extremos opostos no julgamento que fizemos sobre aqueles eventos. E o segundo é que não desejo ver nossa amizade transformada, como seria fácil acontecer, numa revisão do que poderia ser pensado como o meu "caso". Vanessa é inteligente e justa, e não tem motivos para me julgar duramente. Nossas diferenças surgiram de sua crença de que minha indisposição em tratar a condição de Dennis em La Chorrera como uma crise médica era resultado de minha insensibilidade, meu egoísmo, minha falta de caráter ou simplesmente piração.

A única pessoa que fez parte do grupo original e com quem sinto que ainda posso falar aos borbotões sobre a experiência de La Chorrera é Dennis. Ele se formou em botânica, biologia molecular e neuroquímica há anos. Agora é o cientista que, em La Chorrera, só podia aspirar a ser. Está casado e tem um filho, e trabalha como farmacologista pesquisador para uma empresa do Vale do Silício

chamada Shaman Pharmaceuticals. Ele tolera meus desvarios, mas tem o cuidado de nunca me encorajar. Acho que essa atitude ainda é muito parecida com a que ele tinha alguns meses após a experiência, achando que o que lhe ocorreu foi grande demais. Ele pode querer ficar com o argumento fácil de que o que aconteceu foi apenas uma *folie a deux*, uma ilusão de dois irmãos lamentando a mãe recém-falecida e obcecados com a conquista do hiperespaço. Quando enfileiro meus argumentos contra esse ponto de vista e mostro a evidência de que muito mais do que isso estava se passando, ele apenas balança a cabeça e se afasta. Até hoje recorda muito pouco do que realmente aconteceu entre os dias 4 e 20 de março de 1971, e prefere deixar desse modo.

Assim, sem rancor ou surpresa, posso dizer que a coisa está por minha conta. Na manhã em que saímos de La Chorrera no pequeno avião de Tsalikas eu tinha vinte e quatro anos, estava sem um tostão, sem planos, era considerado louco por meus amigos mais íntimos e tinha a cabeça a prêmio. Nos anos que se seguiram fiz tudo que pude para impedir que a experiência em La Chorrera fosse esquecida.

Juntos, durante os anos 70, Dennis e eu desenvolvemos e promulgamos as técnicas para cultivo dos cogumelos. Apesar de outros nos seguirem nesse campo, fomos os primeiros e os a pregar em voz mais alta o cultivo doméstico de cogumelos psicodélicos. Essa tecnologia trouxe a dezenas de milhares de interessados, dedicados e curiosos, a opção de explorar o que, de outra forma, teria sido um alucinógeno triptamínico obscuro e difícil de se obter. O consumo de psilocibina nos anos 70 foi o principal fator para criar e sustentar um pequeno mas dedicado público seguindo idéias como as que foram desenvolvidas em La Chorrera. Com os anos, a história de La Chorrera e as idéias que surgiram naquele lugar chegaram ao conhecimento do público através de meus livros, e está sendo planejado um filme a respeito delas.

Minha posição é interessante, porém não invejável. Como a principal idéia que emergiu dessa experiência é a onda temporal e

o programa de computador que a sustenta — uma teoria que pode ser provada ou refutada — estou na posição absurda de ser um Newton não-celebrado ou um doido varrido. Há muito pouco espaço de manobra entre essas duas posições. A onda temporal pinta um quadro radical de como o tempo funciona e do que é a história. Ela dá um mapa do fluxo e refluxo global de novidades pelos próximos vinte anos, e também faz uma previsão de um grande evento transformador em 2012. Isso só está tão longe no futuro quanto La Chorrera está no passado. Não demora.

Esses desenvolvimentos pessoais aconteceram contra um pano de fundo de problemas cada vez maiores no mundo real e de um interesse crescente na experiência psicodélica por parte dos jovens. Sou, pelo que dizem, um pequeno ícone na cultura *underground*. Será que isso tudo se deve simplesmente à minha tenacidade esquizofrênica em promulgar o que, em última instância, são apenas minhas idéias? Ou será que tenho os ventos da história soprando às minhas costas e que realmente fiquei amigo do *Logos* e aprendi o segredo do universo, ou pelo menos um de seus muitos segredos, no caos em La Chorrera?

Honestamente confesso que não sei. Enquanto escrevo essas palavras meu casamento de quase dezesseis anos com Kat parece preso num processo de transformação doloroso para nós dois. Isso a despeito de nossos dois filhos, da casa que construímos juntos, e de nossos esforços de sermos pessoas decentes. Aparentemente a presença do *Logos* não fez nada para mitigar nem afastar as vicissitudes da vida comum. Como a Alma no poema de Yeats, ainda sou uma coisa eterna amarrada ao corpo de um animal moribundo.

Ainda que seja ilusória a sensação que tenho de um destino especial e de um modo de salvar o mundo de suas partes mais perigosas e vulgares, é uma grande ilusão, uma ilusão que morre em mim apenas lentamente, centímetro a centímetro. As pessoas ao redor me asseguram — editores, agentes, especialistas em *marketing* — obviamente pessoas que não foram informadas das promessas de um destino especial sussurradas pelos elfos do

hiperespaço — que vou ser grande, ter influência, e mudar o modo das pessoas pensarem.

Talvez isso seja verdade. Espero que sim. Alguma coisa aconteceu em La Chorrera, algo extraordinário. Tive a sorte extraordinária de vislumbrar um mundo estranhamente belo e melhor, e de fazer um pacto com os deuses alienígenas que moram lá. A onda temporal, criada em anos de trabalho, é ao mesmo tempo uma profecia e um mapa daquele mundo melhor. Tenho certeza de que sou um receptáculo indigno para o trabalho dessa mente superior. Tentei fazer tudo voltar ao normal e assumir seus lugares na visão de mundo mundana e agonizante da qual estamos todos prisioneiros pela cultura do final do século XX. Mas esse é um trabalho maior do que o que eu poderia realizar.

Meu medo é de que, se essas idéias são menos do que verdadeiras, nosso mundo está destinado a uma morte definitiva e comum, já que a razão ficou muito frágil para salvar-nos dos demônios que deixamos à solta. Minha esperança é poder testemunhar o fato de que há um grande mistério chamando-nos, acenando na paisagem de nossa história, prometendo realizar-se e dar significado real ao que é apenas a confusão de nossas vidas e de nosso passado coletivo. Vinte anos após a experiência em La Chorrera ainda não posso dizer que não será assim.





AGRADECIMENTOS

O AUTOR DESEJA EXPRESSAR SEU reconhecimento aos muitos amigos que o encorajaram a escrever este livro. Os vinte anos que demorou para ser escrito indicam que esses nomes formam uma legião, mas especialmente importantes são Ernest Waugh e Kat Harrison McKenna, que leram e criticaram o manuscrito em vários estágios. Agradeço também a Dennis McKenna, que me encorajou a contar nossas aventuras, e aos outros membros de nossa expedição, que não objetaram à revelação pública de nossa história. Agradecimentos especiais e muitos profundos a Dan Levy, que acreditou nesse projeto desde o primeiro instante em que tomou contato com meu trabalho, e que fez um trabalho soberbo organizando e criticando estas páginas. Sem sua ajuda essa narrativa continuaria como um manuscrito embrionário. Agradecimentos especiais também a Tom Grady, meu editor na Harper San Francisco, a Jeff Campbell, que fez a editoria de texto, a Leslie Rossman, minha infatigável divulgadora e a Jaime Robles, que supervisionou o projeto gráfico do livro. Também agradeço ao meu agente, John Brockman, e à sua assistente, Katinka Matson. Agradecimentos sinceros também a Sara Hartley, que permitiu o uso de sua foto no frontispício. E finalmente agradeço a todos os fãs, amigos e colegas que, durante todos esses anos insistiram em que a história de La Chorrera alcançasse a todos que sentem a importância da experiência psicodélica e das estranhas dimensões que ela torna acessível.



OUTRAS LEITURAS

- ABRAHAM, Ralph, Terence McKenna e Rupert Sheldrake. *Dialogues at the Edge of the West*. Albuquerque: Bear & Co., 1992.
- BURROUGHS, William e GINSBERG, Allen. *The Yagé Letters*. San Francisco: City Lights, 1963.
- DEE, John. *The Hieroglyphic Monad*. Trad. J. W. Hamilton-Jones. Londres: Stuart & Watkins, 1947.
- DICK, Phillip K. *The Three Stigmata of Palmer Eldritch*. Londres: Triad Panther, 1964.
- . *Valis*. Nova York, Bantam Books, 1979.
- . *The Transmigration of Timothy Archer*. Nova York: Simon & Schuster, 1982.
- ELIADE, Mircea. *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy*. Nova York: Pantheon Books, 1964.
- EVANS-WENTZ, W. E. *The Fairy Faith in Celtic Countries*. Nova York: University Books, 1966.
- GHOSAL, S.; DUTTA, S. SANYAL, A. K. e BHATTACHARYA, "Arundo donex L. (Graminae), Phytochemical and Pharmacological Evaluation" in *The Journal of Medical Chemistry*, vol. 12 (1969), p. 480.
- GIBSON, William. *Burning Chrome*. Nova York: Arbor House, 1986.
- . *Count Zero*. Nova York: Arbor House, 1986.
- . *Neuromancer*. Nova York: Ave Books, 1985.
- GRAVES, Robert. *Difficult Questions, Easy Answers*. Nova York: Doubleday, 1964.
- . *Food for Centaurs*. Nova York: Doubleday, 1960.
- . *The White Goddess*. Nova York: Creative Age, 1948.
- GUENTHER, Herbert V. *Tibetan Buddhism Without Mystification*, Leiden: E. J. Brill, 1966.
- HARDENBURG, W. E. *The Putumayo: The Devil's Paradise*. Londres: T. Fisher Unwin, 1912.

- HARNER, Michael. "The Sound of Rushing Water" in *Natural History*, julho de 1968.
- HUXLEY, Aldous. *The Doors of Perception*. Nova York: Harper & Brothers, 1954.
- JAYNES, Julian. *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*. Boston: Houghton Mifflin, 1977.
- JOYCE, James. *Finnegans Wake*. Londres: Faber & Faber, 1939.
- JOYCE, James. *Ulysses*. Nova York: Random House, 1922.
- JANTSCH, Erich. *The Self Organizing Universe*. Nova York: Pergamon Press, 1980.
- JUNG, C. G. *Flying Saucers: A Modern Myth of Things Seen In The Sky*. Nova York: Pantheon, 1954.
- . *Mysterium Coniunctionis*. Nova York: Pantheon, 1963.
- LIEBNITZ, Gottfried Wilhelm von. "Monadology". In *Philosophical Works of Leibnitz*, Duncan, G. Martin, Trad. New Haven, CT: Tuttle, Morehouse & Taylor, 1980.
- LEWIS, Wyndham. *The Human Age*. Londres: Methuen, 1928.
- LUDLOW, Fitz Hugh. *The Hashish Eater*. Nova York: Harper & Brothers, 1857.
- MAIER, Michael. *Atlanta Fugiens. hoc est. emblemata nova de secretis naturae chymica*. Oppenheim, 1618.
- MCKENNA, Dennis e Terence. *The Invisible Landscape*. Nova York: Seabury Press, 1975.
- MCKENNA, Terence. *The Archaic Revival*. San Francisco: Harper San Francisco, 1992.
- . *Food of the Gods*. Nova York: Bantam Books, 1992.
- . *Synesthesia*. Nova York: Grannary Books, 1992.
- MUNN, Henry. "The Mushrooms of Language", no livro, editado por Michael Harner, *Shamanism and Hallucinogens*. Londres: Oxford Univ. Press, 1973.
- NABOKOV, Vladimir. *Ada*. Nova York: McGraw-Hill, 1969.
- . *Pale Fire*. Nova York: Lancer, 1963.
- OSS, O. T. e OERIC, O. N. (1975, 1985) *Psilocybin: Magic Mushroom Grower's Guide*, Berkeley, CA: And/Or Press, 1975, rev. 1985.
- PONNAMPERUMA, Cyril e CAMERON A. G. W. (1974) *Scientific Perspectives on Extraterrestrial Communication*, Boston: MIT Press, 1974.
- PRIGOGINE, Ilya. *From Being to Becoming*. San Francisco: Freeman, 1980.
- . *Self-Organization in Nonequilibrium Systems*. Nova York: Wiley Interscience, 1977.
- PYNCHON, Thomas. *Gravity's Rainbow*. Nova York: Viking, 1974.
- . *V*. Nova York: Bantam Books, 1963.
- RILKE, Rainer Maria. *The Duino Elegies*. Nova York: Norton, 1939.

- SCHULTES, R. E. "Virola as an Orally Administered Hallucinogen", in *Botanical Museum Leaflets of Harvard University*, vol. 22 n° 6, pp. 229-240.
- SHELDRAKE, Rupert. *A New Science of Life*. Los Angeles: Tarcher, 1981.
- . Rupert. *The Presence of The Past*. Nova York: Times Books, 1988.
- STAPLETON, Olaf. *The Starmaker*. Londres, 1937.
- TAUSSIG, Michael. *Shamanism, Colonialism and the Wildman*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1987.
- TEMPLETON, Alex. *The Sirius Mystery*. Nova York: St. Martin's Press, 1976.
- VALENTINE, Basil. *The Triumphal Chariot of Antimony*. Londres, 1685.
- VALLEE, Jacques. *The Invisible College*. Nova York: Dutton, 1975.
- WASSON, R. Gordon. *Soma: Divine Mushroom of Immortality*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1978.
- WASSON, R. G., HOFFMAN, Albert e RUCK, Carl. *The Road to Eleusis*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1985.
- WELLS, H. G. *The Time Machine*. Londres, 1895.
- WHIFFEN, Col. *Explorations of the Upper Amazon*. Londres: Constable, 1915.
- WHITEHEAD, A. N. *Process and Reality*. Nova York: Macmillan, 1929.
- WILSON, Robert Anton. *Cosmic Trigger*. Berkeley, CA: And/Or Press, 1977.

OBRAS DE DENNIS MCKENNA

- Dennis J. McKenna. "DMT: Nature's Ubiquitous Hallucinogen." *Interdependences*, no prelo.
- Dennis J. McKenna. "Tryptamine Hallucinogens of the New World: An Ethnopharmacological Survey." *Interdependences*, no prelo.
- Constantino M. Torres, David B. Repke, Kelvin Chan, Dennis McKenna, Augustin Llagostera e Richard D. Schultes. "Botanical, chemical, and contextual analysis of archaeological snuff powders from San Pedro de Atacama, Northern Chile." *Current Anthropology* 32 (1992):640-49.
- Dennis J. McKenna, X.-M. Guan e A. T. Shulgin, "3,4-methylenedioxyamphetamine (MDA) analogues exhibit differential effects on synaptosomal release of ³H-dopamine and ³H-5-hydroxytryptamine." *Pharmacology, Biochemistry, and Behavior* 39 (1991):505-12.
- Chester A. Mathis, John M. Gerdes, Joel D. Enas, John M. Whitney, Yi Zhang, Scott E. Taylor, Dennis J. McKenna, Sona Havlick e Stephen J. Peroutka. "Binding potency of paroxetine analogues for the serotonin uptake complex." *Journal of Pharmacy and Pharmacology*. Apresentado.
- David E. Nichols, Robert Oberlender e Dennis J. McKenna. "Stereochemical Aspects of Hallucinogenesis," in *Biochemistry and Physiology of Substance*

- Abuse*, vol. III, editado por R. R. Watson, pp. 1-39. Boca Raton, FL: CRC Press, 1991.
- Dennis J. McKenna e Stephen J. Peroutka, "Serotonin neurotoxins: Focus on MDMA (3,4-methylenedioxymethamphetamine, 'Ecstasy')." In *Serotonin Receptor Subtypes: Basic and Clinical Aspects*, editado por S. J. Peroutka, pp. 127-48. Nova York: Alan R. Liss Publishers, 1990.
- Dennis J. McKenna e Stephen J. Peroutka. "The neurochemistry and neurotoxicity of 3,4-methylenedioxymethamphetamine (MDMA 'Ecstasy')." *Journal of Neurochemistry* 54 (1990):14-22.
- Dennis J. McKenna e Stephen J. Peroutka. "Differentiation of 5-hydroxytryptamine₂ receptor subtypes using ¹²⁵I-R-(-)2,5,-dimethoxyphenylisopropylamine (¹²⁵I-R-(-)DOI) e ³H-ketanserin." *Journal of Neuroscience* 9 (1989):3482-90.
- Dennis J. McKenna, David F. Repke, Leland Lo e Stephen J. Peroutka. "Differential interactions of indolealkylamines with 5-hydroxytryptamine receptor subtypes." *Neuropharmacology* 29(1990):193-98.
- Dennis J. McKenna. "It's a Jungle Out There: Biochemical Conflict and Co-operation in the Ecosphere." *Whole Earth Review* 64 (1989):40-47.
- Dennis J. McKenna. "Plant Wisdom Resources." *Whole Earth Review* 64 (1989):48-49.
- Cameron R. Hekmatpanath, Dennis J. McKenna e Stephen J. Peroutka. "Reserpine does not prevent 3,4-methylenedioxymethamphetamine-induced neurotoxicity." *Neuroscience Letters* 104 (1989):178-82.
- Dennis J. McKenna, David F. Repke e Stephen J. Peroutka. "Hallucinogenic indolealkylamines are selective for 5HT_{2A} binding sites." *Neuroscience Abstract* 15 (1989):485.
- Dennis J. McKenna, Adil J. Nazarali, Andrew J. Hoffman, David E. Nichols, C. A. Mathis e Juan M. Saavedra. "Common receptors for Hallucinogens in rat brain: a comparative autoradiographic study using [¹²⁵I]LSD e [¹²⁵I]-DOI, a new psychotomimetic radioligand." *Brain Research* 476 (1989):45-56.
- Dennis J. McKenna, Adil J. Nazarali, Akihiko Himeno e Juan M. Saavedra. "Chronic treatment with (+)-DOI, a psychotomimetic 5HT₂ agonist down-regulates 5HT₂ receptors in rat brain." *Neuropsychopharmacology* 2 (1989):81-87.
- Adil J. Nazarali, Dennis J. McKenna e Juan M. Saavedra. "Autoradiographic localization of 5HT₂ receptors in rat brain using [¹²⁵I]-DOI a selective psychotomimetic radioligand." *Progressive Neuropsychopharmacology and Biological Psychiatry* 13 (1989): 573-81.
- Dennis J. McKenna, C. A. Mathis e Stephen J. Peroutka. "Characterization of ¹²⁵I-DOI binding sites in rat brain." *Neuroscience Abstracts* 14 (1988), nº 247.12.
- Akihiko Himeno, Dennis J. McKenna, Adil J. Nazarali e Juan M. Saavedra. "(+)-DOI, a hallucinogenic phenylalkylamine, downregulates 5HT₂ receptors in rat brain." *Neuroscience Abstracts* 14 (1988), nº 229.2.
- Dennis J. McKenna e Juan M. Saavedra. "Autoradiography of LSD and 2,5-dimethoxyphenylisopropylamine psychotomimetics demonstrates regional, specific cross-displacement in the rat brain." *European Journal of Pharmacology* 142 (1987):313-15.
- Dennis J. McKenna, C. A. Mathis, A. T. Shulgin e J. M. Saavedra. "Hallucinogens bind to common receptors in the rat forebrain: a comparative study using ¹²⁵I-LSD e ¹²⁵I-DOI, a new psychotomimetic radioligand." *Neuroscience Abstracts* 13 (1987), nº 311.14.
- Dennis J. McKenna, C. A. Mathis, A. T. Shulgin, Thornton Sargent III, e J. M. Saavedra. "Autoradiographic localization of binding sites for ¹²⁵I-DOI, a new psychotomimetic radioligand in the rat brain." *European Journal of Pharmacology* 137 (1987):289-90.
- Dennis J. McKenna, L. E. Luna e G. H. N. Towers. "Biodynamic constituents in Ayahuasca admixture plants: an uninvestigated folk pharmacopoeia." *America Indigena* 46 (1986):73-101.
- Dennis J. McKenna e G. H. N. Towers. "On the comparative ethnopharmacology of the Malpighiaceae and Myristicaceae hallucinogens." *Journal of Psychoactive Drugs* 17 (1985):35-39.
- Dennis J. McKenna e G. H. N. Towers. "Biochemistry and pharmacology of tryptamine and B-carboline derivatives: A minireview." *Journal of Psychoactive Drugs* 16 (1984):347-58.
- Dennis J. McKenna, G. H. N. Towers e F. S. Abbott. "Monoamine oxidase inhibitors in South American hallucinogenic plants: Tryptamine and B-carboline constituents of Ayahuasca." *Journal of Ethnopharmacology* 10 (1984):347-58.
- Dennis J. McKenna, G. H. N. Towers e F. S. Abbott. "Monoamine oxidase inhibitors in South American hallucinogenic plants, Part II: Constituents of orally active Myristicaceae hallucinogens." *Journal of Ethnopharmacology* 12 (1984):179-211.
- Dennis J. McKenna e G. H. N. Towers. "Ultra-violet mediated cytotoxic activity of B-carboline alkaloids." *Phytochemistry* 20 (1981):1001-1004.
- Dennis J. McKenna e T. K. McKenna. *The Invisible Landscape*. Nova York: Seabury Press, 1975.